

The background of the book cover is a vibrant, stylized illustration. It features a large, dark blue mountain peak in the center, set against a bright red sky. The sky is filled with white, cloud-like shapes outlined in red and blue. In the foreground, there are several stylized human figures with faces in shades of yellow and red, wearing patterned clothing and hats. The overall style is reminiscent of modernist or folk art influences.

—  
literatura  
livre

# Pássaros sem ninho

CLORINDA MATTO  
DE TURNER

*Aves sin nido* (1889)

Tradução: Nina Rizzi

Edição bilingue: POR/ESP-QUE

Distribuição gratuita

sesc



— •  
literatura  
**livre**

# Pássaros sem ninho

Clorinda Matto de Turner

Edição bilingue

 



# **Pássaros sem ninho**

Clorinda Matto de Turner

*Tradução:*  
Nina Rizzi



# PREFÁCIO

Se a história é o espelho no qual as gerações futuras contemplarão a imagem das gerações passadas, o romance deve ser a fotografia que registra os vícios e as virtudes de um povo, com a conseqüente moral corretiva para os primeiros e a homenagem de admiração para as segundas.

Daí a importância do romance de costumes, que em suas páginas contém muitas vezes o segredo da reforma de alguns padrões, quando não sua extinção.

Nos países em que, como o nosso, a literatura se encontra em seu berço, o romance precisa exercer maior influência na edificação dos costumes e, portanto, quando se apresenta uma obra com tendências direcionadas às regiões superiores àquelas em que nasce e vive o romance cuja trama é puramente amorosa ou recreativa, bem pode implorar a atenção de seu público para que, estendendo-lhe a mão, a entregue ao seu povo.

Quem sabe se depois de virar a última página deste livro se conhecerá a importância de observar atentamente

as autoridades, tanto eclesiásticas quanto civis, que regem os destinos daqueles que vivem nas apartadas populações do interior do Peru?

Quem sabe se será reconhecida a necessidade do matrimônio dos padres como uma exigência social?

Para manifestar essa esperança me inspiro na exatidão com que tomei os quadros, do natural, apresentando ao leitor uma cópia dos mesmos, para que ele julgue e decida.

Amo com amor de ternura a raça indígena, razão pela qual observei de perto seus costumes — encantadores por sua simplicidade — e a torpeza à qual submetem essa raça os mandatários das aldeias, que mudam de nome porém não perdem o epíteto de tiranos. Não são outra coisa, no geral, os padres, governadores, caciques e prefeitos.

Levada por esse carinho, observei durante quinze anos múltiplos episódios que, se ocorridos na Suíça, em Provença ou Saboia, haveria cantores, romancistas ou historiadores a imortalizá-los com a lira ou a pena, mas que, no interior de minha pátria, apenas alcançam o descolorido lápis de uma irmã.

Repito que, ao submeter minha obra ao julgamento do leitor, o faço com a esperança de que esse julgamento seja com o intuito de melhorar a condição dos povos nativos do Peru; e ainda que esse romance atinja apenas a simples co-



miserção do leitor, a autora destas páginas haverá atingido seu propósito, recordando que no país existem irmãos que sofrem, explorados na noite da ignorância, martirizados nessas trevas que pedem luz; assinalando pontos de não pouca importância para os progressos nacionais e fazendo, ao mesmo tempo, literatura peruana.

Clorinda Matto de Turner



# **PRIMEIRA PARTE**



# CAPÍTULO I

**E**ra uma manhã sem nuvens, em que a Natureza, sorrindo de felicidade, lançava o hino de adoração ao Autor de sua beleza.

O coração, tranquilo como o ninho de uma pomba, se entregava à contemplação do magnífico quadro.

A única praça do povoado de Kíllac<sup>1</sup> mede trezentos e quatorze metros quadrados, e o casario se destaca confundindo o telhado de telha vermelha, cozida no forno, e o simples de palha com beiral de madeira rústica, distinguindo seus habitantes e estabelecendo o nome de “casa” para os notáveis e “choça” para os nativos.

Na calçada esquerda se vê a sala comum do cristão, o templo, ladeado por cercas de pedra, e no antigo campanário de adobes, onde o bronze chora pelos que morrem e ri pelos que nascem. Também ali fazem ninho as rolinhas cinzentas de olhos de rubi, conhecidas pelo gracioso nome de *cullcu*. O

---

1 O nome significa “Iluminado com a luz da Lua”.

cemitério da igreja é o lugar onde aos domingos se conhecem todos os habitantes, solícitos concorrentes à missa paroquial. É ali que se mente e se murmura sobre a vida do próximo, como na tenda e na gleba, onde se trilha a colheita em meio à algazarra e à bebedeira.

Caminhando meia milha ao sul, imprecisamente medida, encontra-se uma linda casa de campo, notável por sua construção elegante que contrasta com a simplicidade do lugar; chama-se *Manzanares*, foi propriedade do antigo padre da doutrina, don Pedro de Miranda y Claro, depois bispo da diocese, de quem a gente linguaruda faz referências nada santas, comentando feitos realizados durante os vinte anos em que don Pedro esteve à frente da congregação, época em que construiu *Manzanares*, a qual foi transformada, posteriormente, em residência de veraneio de vossa ilustríssima senhoria.

O alegre local, rodeado de hortas, regado por canais que conduzem águas murmurantes e cristalinas, as cultivadas pradarias que a circundam e o rio que lhe banha, fazem de Kíllac uma localidade fartamente poética.

Na noite anterior, uma chuva acompanhada de grânizo e relâmpagos deu à atmosfera o cheiro peculiar de terra molhada em estado de evaporação: o sol, risonho e radiante, erguia-se no horizonte lançando seus raios oblíquos sobre

as plantas que, trêmulas, luziam a gota cristalina que não conseguiu cair de suas folhas. Os pardais e os tordos, esses alegres moradores de todo clima frio, saltavam da ramagem para o telhado, entonando notas variadas e refletindo a luz em suas plumas.

Auroras de dezembro, esplêndidas e risonhas, que convidam ao viver: elas, sem dúvida, inspiram pintores e poetas da pátria peruana.

## CAPÍTULO II

**N**aquela manhã descrita, quando mal havia se levantado o sol de seu tenebroso leito, fazendo brincar ao mesmo tempo o pássaro e a flor, que o saudavam com a vassalagem de seu amor e gratidão, cruzava a praça um lavrador pastoreando seus bois, carregado dos arreios de lavoura e da provisão alimentícia do dia. Um cabresto, um agulhão e uma correia de couro para o trabalho, a tradicional bolsa peruana tecida de cores, contendo as folhas de coca e os bolos de *llipta*<sup>2</sup> para o café da manhã.

Ao passar pela porta do templo, retirou com reverência seu gorro de lã, murmurando algo semelhante a uma invocação. Depois, seguiu seu caminho, voltando a cabeça de trecho em trecho, olhando entristecido a choça da qual se afastava.

Era o temor ou a dúvida, o amor ou a esperança, o que agitava sua alma naqueles momentos?

---

2 Substância rica em cálcio, preparada com a mistura de cinzas dos talos de quinoa e canihua com água para formar uma pasta que é seca ao sol em pequenos bolos. .



Claramente se notava um profundo sentimento.

Do muro de pedras que se erguia ao lado sul da praça, espreitou uma cabeça que, com a ligeireza da raposa, voltou a se esconder detrás das pedras, embora não sem revelar sua figura bem modelada de mulher, cujos cabelos negros, longos e soltos, estavam separados em duas tranças, servindo de moldura ao busto formoso de tez morena, onde ressaltavam as bochechas pintadas de vermelho, sobressaindo ainda mais nos lugares em que as madeixas eram abundantes.

Foi o tempo de se perder de vista o lavrador na distante ladeira de Cañas, a cabeça escondida atrás dos muros tomou corpo saltando para este lado. Era uma mulher radiante para sua idade e notável por sua beleza peruana. Bem contados teria trinta anos, porém seu frescor ostentava vinte e oito primaveras no máximo. Estava vestida com uma larga saia de lã azul escuro, e um corpete de veludo café apertava sua cintura, adornado na gola e nos pulsos com franjas de prata falsa e botões de osso.

Sacudiu o melhor que pôde a terra barrenta que caiu sobre sua roupa ao passar pelo muro e em seguida dirigiu-se a uma casinha branca com telhados, em cuja porta encontrava-se uma jovem, graciosamente vestida com uma bata de granadina cor de chumbo, com rendas de seda, fechada por abotoadeiras de concha e pérolas. Não era outra senão

a senhora Lucía, esposa de don Fernando Marín, casal que havia se mudado temporariamente para aqueles campos.

A recém-chegada falou sem preâmbulos a Lucía:

— Em nome da Virgem, senhora, ampare no dia de hoje toda uma família desgraçada. Esse que foi ao campo carregado com as tralhas do trabalho, e que passou perto da senhora, é Juan Yupanqui, meu marido, pai de duas meninhas. Ai, senhora! Ele saiu levando o coração abalado pois sabe que hoje será a visita do fiscal de rendas e, como é o cacique faz o serviço do plantio de cevada, não tem como se livrar porque, além de ser preso, sofreria a multa de oito reales pelo delito, e nós não temos dinheiro. Eu estava chorando ao lado de Rosacha, que dorme junto ao fogão da choça, e de repente meu coração me disse que você é boa; e sem que Juan saiba venho implorar seu socorro, pela Virgem, senhora, ai, ai!

As lágrimas concluíram o pedido, que deixou Lucía confusa, a qual, residindo há poucos meses no lugar, ignorava os costumes e não entendia em toda sua extensão a gravidade das queixas da pobre mulher, que naturalmente despertava sua curiosidade.

Era preciso ver de perto aquelas deserddadas criaturas. Escutar de seus lábios, em seu expressivo idioma, o relato de suas realidades. Só assim se explica a simpatia que brota naturalmente nos corações nobres, e como sua dor é tomada

para si, mesmo quando só o interesse do estudo motiva a observação de costumes que a maioria dos peruanos simplesmente ignora, dor que compadece apenas um reduzido número de pessoas.

Em Lucía era habitual e grandiosa a bondade, sentimento que só fez crescer, desde o primeiro momento, o interesse despertado pelas palavras que acabara de ouvir. Ela então perguntou:

— E quem é a senhora?

— Sou Marcela, senhora, a mulher de Juan Yupanqui, pobre e desamparada — respondeu a mulher, enxugando os olhos com as mangas do corpete.

Lucía pôs a mão sobre seu ombro com um gesto carinhoso, convidando-a para entrar e descansar no assento de pedras do jardim da casa branca.

— Sente-se, Marcela, enxugue as lágrimas que turvam o céu do seu olhar e falemos com calma — disse Lucía, vivamente interessada em conhecer a fundo os costumes indígenas.

Marcela acalmou sua dor e, talvez com a esperança de sua salvação, respondeu com minucioso afã ao interrogatório de Lucía. Foi ganhando confiança tal que contou até suas ações repreensíveis, até esses maus pensamentos que na humanidade são a exalação dos germes viciosos. Por isso, em simpática expansão, lhe disse:

— Como a senhora não é daqui, madame, não sabe os martírios que passamos com o cobrador, o cacique e o reverendo padre, ai, ai! Por que a peste não levou todos nós?

— E por que tanta confusão, pobre Marcela? — interrompeu Lucía. — Haverá remédio; a senhora é mãe e o coração das mães vive, pelos filhos, tantas vidas em uma só.

— Sim, madame — replicou Marcela —, a senhora tem a cara da Virgem a quem rezamos o Louvado e por isso venho lhe pedir. Eu quero salvar meu marido. Ele me disse ao sair: “Um dia desses hei de me jogar no rio porque já não suporto minha vida, e gostaria de matá-la antes de entregar meu corpo à água”. Veja, senhora, o tamanho do desvario.

— É pensamento transtornado, é loucura, pobre Juan! — penalizou-se Lucía. — E o que é mais urgente hoje? Marcela, fale como se estivesse pensando alto — pediu, dirigindo um olhar penetrante à interlocutora.

— Ano passado — contou a indígena com palavra franca —, nos deixaram na choça dez pesos para dois quilos de lã. Esse dinheiro gastamos na feira comprando essas coisas que levo comigo, porque Juan disse que pagaríamos a lã ao longo do ano, novelo a novelo, mas isso não foi possível mesmo trabalhando de sol a sol; e como minha sogra morreu no Natal, o reverendo padre embargou nossa colheita de batatas

para o enterro e as rezas. Agora tenho que trabalhar de *mita*<sup>3</sup> na casa paroquial, deixando minha choça e minhas filhas e, enquanto vou, quem sabe se Juan delira e morre? Quem sabe também a sorte que me espera, porque as mulheres que entram de *mita* saem... olhando pro chão!

— Basta! Não me conte mais — interrompeu Lucía, espantada pela gravidade que ia tomando o relato de Marcela, cujas últimas palavras alarmaram aquela alma inocente, que nos seres civilizados não encontrava mais que monstros de ganância e luxúria.

— Hoje mesmo falarei com o governador e com o padre. Talvez amanhã a senhora fique contente — prometeu a esposa de don Fernando. — Agora vá cuidar das suas filhas. Quando Juan voltar, tranquilize-o, conte que falou comigo e peça para vir me ver — acrescentou, despedindo-se de Marcela.

A indígena, por sua vez, suspirava aliviada pela primeira vez em sua vida.

É tão solene a situação de quem na suprema desgraça encontra uma mão generosa que lhe preste apoio, que o co-

---

3 Serviço forçado e sem compensação que as indígenas no Peru faziam nas casas dos párocos e das autoridades; no caso dos homens, o trabalho era feito em obras públicas. Nesse sistema, herdado dos Incas e amplamente empregado na extração e beneficiamento de minérios, os índios eram escalados por sorteio para uma temporada de serviços compulsórios

ração não sabe se banha de lágrimas ou cobre de beijos essa mão carinhosa ou apenas irrompe em gritos de bênção. Era o que se passava naqueles momentos no coração de Marcela.

Os que exercitam o bem e auxiliam os miseráveis não podem medir nunca a magnitude de uma palavra bondosa ou um sorriso doce. Ambos, para o caído, para o infeliz, são como o raio de sol que devolve a vida aos membros endurecidos pelo gelo da desgraça.

## CAPÍTULO III

**N**as províncias onde se cria a alpaca o comércio de lã é a principal fonte de renda e, com poucas exceções, existe o costume do adiantamento<sup>4</sup> feito pelos comerciantes poderosos e os laneiros, as gentes mais ricas do lugar.

Esses adiantamentos, feitos à força pelos laneiros, fixam o quilo da lã a um preço tão ínfimo que o rendimento necessário para atingir o capital empregado excede os quinhentos por cento; usura que, agregada às extorsões que a acompanha, quase torna necessária a existência de um inferno exclusivo para esses bárbaros. Os indígenas proprietários de alpacas migram de suas choças nas épocas dos adiantamentos para

---

4 Prática que obrigava os índios a receberem adiantamentos antes do período de tosquia. Depois, no momento da tosquia, a negociação, sempre feita sob a supervisão de homens armados, era concluída. Os valores finais recebidos pelos indígenas eram invariavelmente desvantajosos em razão da soma dos preços finais e dos adiantamentos serem sempre muito abaixo do valor real da lã.

não ter de receber esse dinheiro adiantado, que chega a ser para eles tão amaldiçoado quanto as trinta moedas de Judas. Mas o abandono de seus lares, somado à errância nas solidões das montanhas, os põe a salvo? Não, ao contrário...

O cobrador, que é o mesmo que faz os adiantamentos, invade a choça desses pobres proprietários de alpacas. Na maioria das vezes, suas moradias possuem fechaduras frágeis em portas feitas de couro. Logo, não oferecem resistência alguma. O cobrador deixa então sobre a mesa de argila o dinheiro e parte imediatamente, para retornar no ano seguinte com a lista executória. Ele é o juiz e a testemunha que decide o futuro daqueles desventurados, tornados devedores à força.

Cumprido o ano, o cobrador se apresenta com seu séquito de dez ou doze mestiços, às vezes disfarçados de soldados; e extrai, em romana especial com contrapesos de pedra, cinquenta libras de lã por vinte cinco. E se o indígena esconde sua parca produção, ou se protesta e maldiz, é submetido a torturas que a pena resiste em narrar, apesar de pedir permissão para os casos em que a tinta varie de cor.

A pastoral de um dos mais ilustrados bispos que a Igreja peruana teve faz mérito desses excessos, mas não se atreveu a falar das lavagens com água fria que em alguns lugares se emprega para fazer falar os indígenas que ocultam seus bens. O indígena as teme ainda mais que a erupção do chicote e,



os inumanos que tomam pela forma o sentido da lei alegam que a flagelação está proibida no Peru, mas não a barbaridade que praticam com seus irmãos nascidos no infortúnio.

Ah! Queira Deus um dia, em sua bondade, decretar a extinção da raça indígena, que depois de haver ostentado a grandeza imperial, bebe o lodo do opróbrio. Queira Deus sua extinção, já que não é possível que recupere sua dignidade, nem lhe faça valer seus direitos!

O amargo pranto e o desespero de Marcela ao pensar na próxima chegada do cobrador eram, pois, a justa explosão angustiosa de quem via em sua presença todo um mundo de pobreza e dor infame.

## CAPÍTULO IV

**L**ucía não era uma mulher comum.

Havia recebido excelente educação e sua perspicácia e inteligência alcançavam a luz da verdade quando fazia comparações.

De alta estatura e cor medianamente bronzeada — o que se chama no país de “branco pérola” —, olhos bonitos, sombreados por espessos cílios e sobancelhas aveludadas; tinha, além do mais, esse grande encanto feminino, a cabeleira abundante e longa que, quando desfeita, caía sobre suas costas como um casco de tartaruga, ondulada e brilhante. Não passava ainda dos vinte anos, porém o matrimônio havia deixado em sua fisionomia esse semblante de grande senhora que tão bem se assenta na mulher jovem quando consegue harmonizar a amabilidade de caráter com a seriedade de suas maneiras. Estabelecida há um ano com seu esposo na “casa branca” de Kíllac, onde uma companhia na qual don Fernando era acionista principal e, na atualidade, gerente, havia implantado uma oficina para o tratamento dos minérios de prata que explorava na província fronteira.

Kíllac oferece ao mineiro e comerciante do interior a vantagem de ocupar um ponto central para as operações mercantis com as capitais dos distritos; e seus bons caminhos são um alívio para os peões que transitam carregados com os cestos do mineral bruto e para as lhamas utilizadas no transporte lento.

Depois de sua conversa com Marcela, Lucía decidiu-se a encontrar um plano que aliviasse a situação tão grave da pobre mulher.

A primeira coisa que pensou foi em falar com o padre e o governador, e com tal propósito enviou para ambos um bilhete pedindo que o visitassem.

A palavra de don Fernando nesses momentos poderia ser eficaz para realizar os planos que deviam ser postos em prática imediatamente, mas ele estava viajando a trabalho e só voltaria depois de muitas semanas.

Uma vez que Lucía resolveu chamar à sua casa os personagens de cujo favor necessitava, pôs-se a meditar, aflita, sobre qual seria a maneira mais persuasiva de falar com aqueles notáveis da província.

— E se ninguém aparecer? Então eu irei pessoalmente! — perguntou-se e respondeu a si mesma simultaneamente, com a rapidez do pensamento que envolve em seus giros a intenção e a execução. Imediatamente passou a espanar os

móveis, arrumando essa e aquela cadeira, até que, chegando junto a um sofá, sentou-se e repassou em sua mente as possíveis combinações de discurso mais interessantes, ainda que sem os volteios de retórica que teria necessitado para um cavalheiro da cidade.

Entregue a esse tece-e-destece de pensamentos, ela sentia o peso de cada minuto, quando bateram à porta. Ao abrir suavemente a porta de vidro, viu adentrarem na casa o padre e o governador do poético povoado de Kíllac.

## CAPÍTULO V

**E** statura pequena, cabeça chata, cor parda, narinas pronunciadamente abertas, lábios grossos, olhos escuros e diminutos; pescoço curto envolvido por um cordão de contas negras e brancas, barba rala e mal desenhada; vestido com uma imitação de batina preta, lustrosa, mal costurada e que há muito não era lavada, um chapéu de palha de Guayaquil na mão direita; tal era o aspecto do primeiro personagem, que se adiantou e a quem Lucía saudou com marcadas manifestações de respeito.

— Deus lhe dê santas tardes, padre Pascual — cumprimentou ela.

O padre Pascual Vargas, sucessor de don Pedro Miranda y Claro na paróquia de Kíllac, inspirava sérias dúvidas de que, no seminário, tivesse cursado e aprendido Teologia ou Latim, idioma que muito mal se hospedava em sua boca resguardada por duas muralhas de dentes muito grandes e brancos. Sua idade se aproximava dos cinquenta anos e suas maneiras agravavam os temores que Marcela manifestou

ao mencionar trabalho forçado na casa paroquial, de onde, segundo a expressão da indígena, as mulheres saíam olhando pro chão.

Para um observador fisiológico, a figura do padre Pascual podia se definir por um ninho de serpentes luxuriosas, prontas para despertar ao menor sussurro vindo de uma mulher.

Pela mente de Lucía também passou, enérgica, a dúvida de como um personagem tão pouco agraciado havia chegado ao mais augusto dos ministérios; pois em suas convicções religiosas estava a sublimidade do sacerdócio que na terra desempenha a tutela do homem, recebendo-o no berço com as águas do batismo, depositando seus restos na sepultura com a chuva da água lustral e, durante sua peregrinação no vale da dor, dulcificando suas amarguras com a palavra sã do conselho e a suave voz da esperança.

Esquecia Lucía que, sendo uma missão dependente da vontade humana, estava explicada sua propensão ao erro. Ela não sabia como eram, geralmente, os padres dos ministérios longínquos.

O outro personagem, que chegou após o padre Pascual, envolto em uma larga capa espanhola, cuja menção consta em cláusula do décimo quarto testamento, o qual podia constituir seus títulos de antiguidade, quando não sua árvore genealó-

gica de senhor de posses, era don Sebastián Pancorbo, nome que recebeu sua senhoria em batismo solene, de cruz alta, capa nova, saleiro de prata e toque de órgão, administrado aos três dias de nascido.

Don Sebastián, sujeito bem peculiar, a julgar inicialmente por suas vestimentas, era alto e ossudo; em seu rosto nunca se via os incômodos masculinos em forma de barba ou bigode; seus olhos negros, vivos e ávidos, denunciavam em um olhar sempre voltado à esquerda que não é indiferente ao som metálico ou aos encantos de uma voz feminina. O dedo mindinho da mão direita fora torcido quando jovem, ao dar uma bofetada em um amigo, e desde então usava uma meia-luva de vicunha, embora movesse com graça peculiar aquela mão. O homem não tinha um átomo de nitroglicerina em seu sangue: parecia feito todo para a paz, mas seu gênio fraco o colocava com frequência em cenas ridículas que exasperavam seus comensais. Rasgava o violão com falta de ouvido e de execução tal que lhe traziam certa má fama, ainda que bebesse como um músico de exército.

Don Sebastián recebeu instrução primária tão elementar quanto lhe permitiram os três anos em que esteve em uma escola na cidade; depois, ao regressar ao seu povoado, foi chaveiro em Jueves Santo; casou-se com dona Petronila Hinojosa, filha de notável, e em seguida lhe fizeram gover-

nador, ou seja, chegou assim ao posto mais elevado que se conhece e se aspira em um vilarejo.

Os dois personagens arrastaram cada qual sua respectiva poltrona, apontadas por Lucía, onde tomaram cómodo assento.

A senhora Marín uniu gentileza e raciocínio na tentativa de orientar seus interlocutores em favor de Marcela.

— Em nome da religião cristã, que é puro amor, ternura e esperança, em nome de vosso Mestre, que nos mandou dar a todos os pobres, lhe peço, senhor padre, que dê por terminada essa dívida que pesa sobre a família de Juan Yupanqui. Ah, terá em troca dobrados tesouros no céu... — pediu ela ao se dirigir ao padre.

— Senhorita minha... — respondeu o padre Pascual escorregando no assento e apoiando ambas as mãos nos braços da poltrona —, isso tudo é de fato uma bela bobagem, valha-me Deus! Quem vive sem rendas? Hoje, com o aumento das contribuições eclesiásticas e a civilização errante que virá com as ferrovias, terminarão as remunerações; e... e... afinal de contas, dona Lucía, o que será dos padres? Morreremos de fome!

— Isso veio do índio Yupanqui? — acrescentou o governador, em apoio ao padre e enfatizando sua seguinte frase para Lucía, em tom de triunfo:



— Francamente, a senhorita sabe que os costumes são leis, e ninguém tem o direito de interferir em nossos costumes. O que...

— Senhores, a caridade também é uma lei do coração — interrompeu Lucía.

— Mas esse Juan, hein? Francamente, vamos ver se esse índio ladino continua com histórias... — continuou Sebastián, ignorando as palavras de Lucía com certo sarcasmo ameaçador que não passou despercebido para a esposa de don Fernando, cujo coração tremeu. As curtas frases trocadas entre eles haviam deixado claro o fundo moral daqueles homens, de quem nada se devia esperar e tudo temer.

Seu plano foi desfeito em absoluto, mas seu coração seguiu verdadeiramente ao lado da família de Marcela. Lucía estava resolvida a protegê-la contra todo abuso. Seu coração inocente sentiu seu amor-próprio ferido e seu rosto ficou pálido.

Naquele momento era preciso uma saída decisiva e Lucía a encontrou na energia com que respondeu:

— Triste realidade, senhores! Muito bem, acredito que o vil interesse dissecou também as mais formosas flores dos sentimentos de humanidade nestas comarcas, onde julguei que encontraria famílias patriarcais com clamor de irmão para irmão. Portanto, vamos combinar que aqui nada foi dito.

Saibam os senhores que a família do índio Juan não solicitará nunca nem vossos favores, nem vosso amparo. — Ao dizer essas últimas palavras, Lucía fixou seu belo olhar na porta de entrada, como quem dá uma ordem.

Os dois potentados de Kíllac ficaram desorientados com tão inesperada atitude. Não vendo nenhuma possibilidade de retomar aquela discussão — da qual, na verdade, ambos tinham apenas o interesse de fugir —, pegaram seus chapéus.

— Senhora Lucía, não se ofenda com isso. Conte sempre com seu capelão — disse o padre, girando o chapéu de palha que tinha nas mãos.

Don Sebastián, por sua vez, apressou-se em dizer secamente:

— Boa tarde, senhora Lucía.

Lucía encurtou as fórmulas de despedida apenas acenando a cabeça. Ao ver aqueles homens saírem, depois de deixarem a mais funda impressão em sua alma de anjo, disse a si mesma, temerosa e veemente:

— Não, não. Esse homem insulta o sacerdócio católico. Eu já vi na cidade seres superiores, com a cabeça coberta de cabelos brancos, irem em silêncio, sem alarde, buscar a pobreza e a orfandade para socorrê-las e consolá-las; eu já contemplei o sacerdote católico abnegado ao lado do leito do moribundo; puro ante o altar do sacrifício; choroso e humilde na casa

da viúva e do órfão; vi-o entregar o único pão de sua mesa para o pobre, privando-se do alimento e louvando a Deus pela misericórdia que lhe dera. E é esse o padre Pascual?... Ah! Padre das aldeias! O outro, o governador, possui a alma fundida no molde estreito da avareza. Tampouco merece a dignidade que na terra recebe um homem honrado. Vão em boa hora, que eu sozinha me basto para rogar a meu Fernando e para levar as flores da satisfação a nosso lar!

Cinco badaladas tangidas pelo sino da família anunciaram as horas transcorridas e notificaram Lucía de que a comida estava servida.

A esposa do senhor Marín, com as bochechas acesas pelo calor da conversa com o padre e o governador, atravessou vários corredores e chegou à sala de jantar, onde tomou seu assento de costume.

A sala de jantar da casa branca era toda pintada na cor carvalho; das paredes pendiam luxuosos quadros em tinta óleo, um representando uma perdiz meio desplumada; outro, um coelho de Castilho pronto para ser jogado na caçarola de ervilhas. Na fachada esquerda havia um aparador de cedro com espelhos compridos que duplicavam os objetos de uso colocados com simetria. À direita se viam duas pequenas mesinhas, uma com um tabuleiro de xadrez e outra com uma roleta; indicando que ali era onde os empregados dos minérios

passavam suas horas de lazer. A mesa de jantar, ao centro da sala e coberta com toalhas bem brancas e engomadas, luzia com uma louça azul com detalhes vermelhos.

A comida exalava um espesso vapor que, com sua fragrância, indicava ser um caldo de lombo moído com especiarias, acompanhado com pão. Após o caldo foi servido um saboroso *locro colorado*, típico ensopado peruano.

Depois veio um café de Carabaya quente e forte. A bebida exalava seu aroma inspirador do fundo de pequenas xícaras de porcelana quando alguém se apresentou com uma carta para Lucía, que a pegou com interesse e, conhecendo a letra de don Fernando, rasgou o lacre e começou a ler rapidamente. As impressões de seu semblante podiam revelar ao observador o conteúdo daquela missiva, na qual dizia o senhor Marín que na madrugada do dia seguinte estaria em casa, pois os desmoronamentos ocasionados pelas repetidas nevascas na região andina haviam paralisado temporariamente os trabalhos nas minas. Solicitava também que lhe enviassem um cavalo novo, pois o que o conduzia estava sem ferraduras.

## CAPÍTULO VI

**Q**uando Marcela voltou para sua choça levando um mundo de esperanças em seu coração, suas filhas já estavam acordadas. A menorzinha chorava desconsolada por estar sem sua mãe. Foram suficientes alguns carinhos e adulações para acalmar a inocente predeterminada que, nascida entre os farrapos da choça, chorava. Não obstante, eram as mesmas lágrimas salgadas e cristalinas que vertem os filhos dos reis.

Marcela pegou com ansiedade os *tacarpus*<sup>5</sup> onde se coloca o tear portátil que, ajudada por sua filha mais velha, armou no centro da sala, deixando preparados os fios do fundo e a trama para continuar o tecido de um bonito poncho listrado com todas as cores que usam os indígenas, mediante a combinação do pau-brasil, da cochonilha, do urucum e das flores de quico.

---

5 Tacape; estaca.

Jamais fez o trabalho cotidiano com mais alegria e ânimo, nem nunca fez a pobre mulher mais castelos de areia sobre como contar a Juan as boas novas que lhe esperavam.

As horas, por essa mesma razão, se faziam longas; mas ao fim chegou o crepúsculo, abarcando com suas sombras tênues o vale e a população, despedindo dos campos as pombas cantoras que voavam em distintas direções em busca de sua árvore benfeitora. Nesse momento voltou Juan. Marcela nem bem sentiu os passos de seu esposo e já correu em sua direção; ajudou-o a prender os bois no cercado, fechou a silagem no cocho e, quando seu marido se sentou em uma bancada na casinha, ela começou a falar com certa timidez, sem certeza de que Juan receberia com agrado as notícias.

— Você conhece, Juanuco, a senhora Lucía? — indagou a mulher.

— Como não? Se vou à missa e ali conhecemos todo mundo, Marluca — respondeu Juan com indiferença.

— Pois eu falei com ela hoje.

— Você? E para quê? — perguntou surpreso o indígena, olhando atento para sua esposa.

— Estou aflita com tudo o que estamos passando; você me fez ver claramente que a vida lhe desespera...

— O cobrador veio? — perguntou Juan.

— Graças ao céu que não veio — tornou ela. — Mas ouça, Juanuco, eu acredito que essa senhora poderá nos ajudar, ela me disse que vai nos socorrer, que você vai...

— Pobre flor do deserto, Marluca — interrompeu o indígena, movendo a cabeça e pegando a pequena Rosalía que abraçava seus joelhos —, seu coração é como uma bananeira: arranca um cacho e brota outro sem nem precisar plantar. Eu sou mais velho que você e choro sem esperanças.

— Eu não, ainda que me diga que sou como um cacto de pera espinhosa, mas garanto, melhor assim que ser como você, a pobre flor do agrião, que tocada pela mão se machuca e não se levanta. Alguma mão de bruxo lhe tocou; mas eu vi a cara da Virgem, a mesminha que a cara da senhora Lucía — disse a indígena, e riu como uma menina.

— Pode até ser — continuou Juan, melancólico —, mas eu chego cansado do trabalho sem trazer um pão para você que é minha virgem e para essas pequeninas. — E apontou as duas crianças.

— Você se queixa mais do que é preciso, homem. Por acaso não se lembra quando o reverendo padre chegou em casa com os bolsos cheios de dinheiro dos responsos de Todos os Santos? Não tem quem lhe espere como eu lhe espero, com os braços abertos, nem com os beijos de amor com que lhe aguardam esses anjinhos... Ingrato!... Pensa no

pão; aqui temos *mote*<sup>6</sup> frio e *chunho*<sup>7</sup> cozido, com um cheiro que abre o apetite... Vamos, coma seu ingrato!

Marcela estava perturbada; as esperanças que Lucía lhe infundiu a fizeram outra. Sua razão, misturada à voz da intuição, que é inerente ao coração da mulher, era de tal modo irresistível que convenceu Juan, que nesse momento pegava dois potes sobre no fogão. E todos no grupo compartilharam um jantar agradável e frugal.

Terminado o jantar e a choça já envolta nas tenebrosas sombras da noite e sem outra luz senão a tênue chama dos paus de aroeira que de vez em quando se levantava das brasas, descansaram em uma cama comum colocada em uma larga bancada de adobes; duro leito que para o amor e a resignação dos esposos Yupanqui tinha a brandura confortável das plumas que o amor deslizou de suas brancas asas.

Leito de rosas onde o amor, como o primitivo sentimento de ternura, vive sem as agonias e sem os mistérios da meia-noite que a cidade comenta em voz baixa, embora não sejam segredos.

Quando esta história chegar à cidade mais opulenta do Peru, para onde os protagonistas se dirigem, talvez tenhamos

---

6 Milho.

7 Fécula de batata.



a oportunidade de acompanhar o despertar do campo e a noite da capital...

Nem bem amanheceu, a família de Juan deixou o humilde *chuze*<sup>8</sup> com motivos florais; rezou os Louvores, benzeu-se e começou os trabalhos do novo dia.

Marcela, em cuja mente buliam as ideias, foi a primeira dizer:

— Juanico, eu vou logo até a senhora Lucía. Você está calado e desconfiado, mas meu coração me fala sem parar desde ontem.

— Então vai, Marcela, anda. E de qualquer jeito, hoje o cobrador vem, eu sonhei; e não nos resta outra saída — respondeu o indígena, em cujo ânimo parecia haver operado uma transição notável, sob a influência das palavras de sua esposa e a superstição avivada por seu sonho.

---

8 Cobertor grosso.

## CAPÍTULO VII

**N**aquela manhã a casa branca respirava felicidade, porque a volta de don Fernando trouxe alegria infinita ao seu lar, onde era amado e respeitado.

Empenhada em descobrir os meios eficazes para levar a cabo seus propósitos de socorrer a família de Juan Yupanqui, Lucía pensou desde cedo em explorar a poesia e a doçura que têm os maridos no primeiro encontro depois de uma ausência. Ela, que horas antes parecia lânguida e triste como as flores sem sol e sem orvalho, tornou-se viçosa e desperta nos braços do homem que a confiou o santuário de seu lar e de seu nome, a santa arca de sua honra ao chamá-la esposa.

A cadeia de flores que fez duas vontades uma só uniu de novo o casal Marín.

— Fernando, alma de minha alma — disse Lucía, colocando as mãos sobre os ombros de seu marido e reclinando o rosto com certo charme em sua barba —, vou lhe cobrar uma dívida, mas... executivamente.

— Hoje você está muito faladeira, querida: fale, mas tenha em conta que se a dívida não consta legalmente, você então me pagará... multa — brincou don Fernando, com sorriso largo.

— Multa! Se é a que cobra sempre, guloso, pagarei essa multa. O que devo lembrar é uma solene oferta que me tem feita para o 28 de julho.

— Para 28 de julho?

— Está se fazendo de esquecido? Não se lembra de que me ofereceu um vestido de veludo que usarei na cidade?

— Certo, meu amor. Eu cumprirei, hei de encomendá-lo pelo próximo correio. E, céus!, que linda ficará nesse vestido!

— Não, não, Fernando. O que quero é que me deixe dispor do valor do vestido, com a condição de que no dia 28 de julho eu prometo me apresentar tão elegante como jamais me viu desde nosso casamento.

— O quê?

— Nada, querido, não admito interrogatório: diga sim ou não. — E os lábios de Lucía selaram os lábios de don Fernando, que satisfeito e feliz respondeu:

— Mulher! Que posso lhe negar se me fala assim? Quanto precisa para esse capricho?

— Pouca coisa, duzentos soles.

— Pois — concordou don Fernando pegando sua carteira, tirando uma folha e escrevendo com lápis umas linhas —,

aí tem a ordem para que o caixa da companhia lhe entregue os duzentos soles. E agora me deixe ir trabalhar para recuperar os dias que perdi na viagem.

— Obrigada, obrigada, Fernando — agradeceu ela, pegando o papel contente como uma menina.

Quando don Fernando saiu para seu escritório, ia com o pensamento submerso em um mar de meditações doces, despertadas por aquele pedido infantil de sua esposa, comparando-o com o desperdício que outras mulheres vitimam seus maridos em seus afãs por gastos com luxo: e essa comparação não podia deixar outro convencimento que o da influência dos hábitos que se dão à menina no lar paterno, sem o corretivo de uma educação madura, pois a mulher peruana, por regra geral, é dócil e virtuosa.

Poucos momentos depois dessas cenas, Marcela cruzava o pátio da casa branca acompanhada de uma terna menina que a seguia. Aquela menina era o presságio de beleza e vivacidade que desde o primeiro momento preocupou Lucía, fazendo nascer nela a curiosidade de conhecer de perto o pai, pois sua beleza era a cópia dessa mistura do espanhol e da peruana que tantas belezas notáveis produziu no país.

Olhando de perto a menina, disse para si mesma a esposa de don Fernando:

— Esta será, indubitavelmente, o anjo bom de Marcela em sua vida; porque Deus colocou um brilho peculiar nos semblantes por onde respira uma alma privilegiada.

## CAPÍTULO VIII

**Q**uando o padre e o governador saíram da casa da senhora Marín, depois da conversa na tarde em que os chamou para advogar em favor da família Yupanqui, conversa cujos detalhes nos inteiramos no capítulo V, ambos os personagens se foram conversando pela rua nesses termos:

— Mas que ideia! O que lhe parecem, meu caro don Sebastián, as pretensões dessa senhora? — disse o padre tirando um charuto da cigarreira e desdobrando suas extremidades.

— Não faltava mais nada, francamente, meu caro padre, que uns forasteiros viessem aqui a nos ditar regras, modificando costumes que existem desde nossos antepassados, francamente — respondeu o governador detendo um pouco o passo para cobrir-se com sua grande capa.

— Se dermos corda a esses índios, amanhã já não teremos quem pegue um pouco de água para lavar os potes. Precisamos afastar esses forasteiros, francamente.

— Jesus! — apressou-se em dizer o padre. — Era exatamente o que ia insinuar ao senhor, meu governador. Aqui

entre nós, em família, nos divertimos muito, e esses forasteiros vêm reparar até nossa maneira de comer, se temos toalha de mesa limpa e se comemos com colher ou com *topos*<sup>9</sup> — concluiu o padre Pascual, lançando uma baforada de fumaça.

— Não se preocupe, meu caro padre, pois nisso estamos unidos. A ocasião do botá-los para fora de nossa cidade não vai demorar — retorquiu Pancorbo com equilíbrio.

— Mas muito sigilo nessas coisas, caro don Sebastián. Temos de ser cuidadosos, eles são bem relacionados e poderíamos dar um passo em falso.

— Conte com isso, caro padre. Francamente, eles estão procurando chifre em cabeça de cavalo. O senhor se lembra o que disse um dia don Fernando?

— Como não! Querer que se suprimam as distribuições, dizendo que é injustiça! Ha! Ha! Ha! — respondeu o padre, rindo com sarcasmo e jogando a ponta do charuto que havia consumido em poucas tragadas.

— Querer que se enterre de graça, alegando serem pobres e doentes, e ainda que se perdoem dívidas... bonitos estão os tempos para enterros gratuitos! Francamente,

---

9 Pinos cuja alça tem a forma de uma colher e termina em um alfinete.

senhor padre! — disse don Sebastián, cujo eterno chavão de “francamente” o denunciava como um hipócrita ou como um tonto; e tendo chegado ambos os amigos à porta da casa de governo ou prefeitura, o governador convidou o padre a entrar. Ao chegar na recepção, encontraram ali reunidos vários vizinhos comentando, cada qual à sua maneira, a chamada do pároco e do governador à casa do senhor Marín, pois a notícia já era sabida em toda cidade.

Quando os recém-chegados entraram, todos se puseram de pé para trocar cumprimentos e o governador pediu imediatamente uma garrafa de pura aguardente de Majes.

— Francamente, caro senhor padre, é preciso que afoguemos as mágoas com um traguinho — disse com sarcasmo o governador e tirou a capa que, dobrada em quatro, colocou sobre uma cadeira da sala.

— Certo, meu don Sebastián, e bebe do bom — respondeu o padre esfregando as mãos.

— Sim, meu senhor padre, é do bom. Dona Rufa me envia antes de batizá-lo.

— Então brindemos com morito<sup>10</sup>?

---

10 Aguardente pura, sem adulteração.



— Morito! — repetiram todos os presentes. Nesse instante apareceu um *pongo*<sup>11</sup> com uma garrafa verde de aguardente e um copo de vidro riscado.

A mobília da sala, típica do lugar, era composta por dois sofás forrados com oleado preto, pregados com tachinhas amarelas de cabeça redonda; alguns banquinhos de madeira de Paucartambo com pinturas no espaldar, figurando ramos de flores e cachos de frutas. No centro, uma mesa redonda sobre um tapete grande e felpudo de lã verde claro e, sobre ela, destacando-se com ares de civilização, uma bandeja reluzente com tinteiro, pluma e mata-borrão.

As paredes, decoradas com diversas ilustrações, ofereciam um raro conjunto de personagens, animais e paisagens de campinas europeias.

Ali estavam gravuras de Espartero e do Rei Humberto, junto à garça que escutou os sermões de São Francisco de Assis; mais adiante, Pio IX e o campo da Suíça, onde uma alegre camponesa e uma vaca com um sino ao pescoço lhe faziam companhia na bucólica paisagem.

---

11 Indígena que trabalha como criado pessoal.

O chão era completamente coberto com esteiras tecidas em Capana e Capachica, e a cor de palha nova dava um ar agradável ao ambiente.

Oito pessoas estavam presentes na reunião: o padre e o governador, Estéfano Benites, um rapazinho vivo e educado que, tendo aproveitado a escola mais que os colegas, já era figura importante na política do vilarejo; e mais cinco indivíduos pertencentes a famílias distintas do lugar, todos homens de estado, por terem contraído matrimônio aos dezenove anos, idade em que se casa nessas cidades.

Estéfano Benites contava vinte e dois anos debaixo do sol; é alto e sua magreza singular, unida à palidez da cera que tem seu semblante, coisa rara no clima onde nasceu, lembra a tuberculose que consome o organismo nos vales tropicais.

O rapaz pegou a garrafa deixada pelo pongo na mesa de centro e serviu o copo de aguardente a cada um dos homens, que foram tomando rotativamente.

Doses de dois copos por estômago: ao segundo se abriu o apetite da bebedeira e as garrafas foram chegando uma atrás da outra a pedido de don Sebastián.

O padre e o governador, que se sentaram juntos no sofá da direita, falavam em segredo, e o “francamente” de Pancorbo se deixava ouvir muitas vezes, enquanto os outros conversavam. Mas como a confiança reside no fundo da

garrafa, esta não tardou em saltar à língua, molhada pelo puro de Majes, e a falar claramente.

— Não devemos consentir, por nada, francamente, meu senhor padre: e aliás, que digam esses cavalheiros! — disse don Sebastián levantando a voz e golpeando a mesa com o fundo do copo que acabara de esvaziar.

O padre, por sua vez, tirou um lenço xadrez em preto e branco e assoou o nariz mais por dissimulação do que por necessidade.

— De que se trata, senhores? — quis saber Estéfano e todos se voltaram com interesse para o pároco.

O pároco Pascual tomou então certo ar de gravidade e respondeu:

— Se trata... de que a senhora Lucía nos chamou para advogar por uns índios matreiros, trapaceiros, que não querem pagar o que devem; e para isso usou palavras que, francamente, como diz don Sebastián, se forem entendidas pelos índios, destruirão nossos costumes de distribuições, mitas, pongos e tudo mais...

— Não consentiremos, ora! — gritaram Estéfano e todos os ouvintes. Don Sebastián acrescentou com refinada malícia:

— E até propôs enterro gratuito para os pobres e assim, francamente, como fica nosso pároco, sem pecúlio?

A declaração não teve o mesmo efeito que o discurso do padre Pascual; o que é fácil de se explicar, considerando que no fundo havia conveniências que atendiam a um egoísmo fatal e pragmático. No entanto, Estéfano, em nome de todos, concretizou:

— Fora com as pretensões desses forasteiros!

— De uma vez por todas devemos pôr remédio nesses maus ensinamentos. Devemos enxotar daqui todo forasteiro que venha com intenções de reprovar nossos costumes, porque nós, francamente, somos filhos da cidade — disse don Sebastián, levantando a voz com altivez e se aproximando da mesa para servir mais um copo ao padre.

— Sim, senhor, nós estamos em nossa cidade.

— Certo!

— Nossa terra natal.

— Donos da terra.

— Peruanos legítimos.

Foram assim dizendo os demais, porém a ninguém ocorreu perguntar se o casal Marín não era também peruano, já que nasceram na capital.

— No mais, cuidado, muito cuidado; para que não desconfiem e... ao trabalho — acrescentou o padre, marcando a doutrina hipócrita que engana o irmão e desorienta o pai.

E naquela tarde se compactuou na sala da autoridade civil, na presença da autoridade eclesiástica, o ódio que ia envolver o honrado don Fernando na onda de sangue causada por um pedido amigável e caridoso de sua esposa.

## CAPÍTULO IX

**D**epois que Marcela se aproximou de Lucía, esta não pode conter sua surpresa e perguntou:

— Esta é sua filha?

— Sim, madame — respondeu a indígena —, tem catorze anos, chama-se Margarita e eu decidi que ela será sua afilhada.

A resposta ia acompanhada de tal satisfação, que qualquer pessoa a interpretaria assim: essa mulher se banha no aroma do santo orgulho em que submergem as mães quando compreendem que suas filhas são admiradas.

Santa vaidade maternal que ornamenta o rosto da mulher, seja na cidade alumbrada por luzes elétricas, seja na aldeia iluminada pela melancólica viajante da noite.

— Bem, Marcela, fez bem em vir com esta linda menina. Eu gosto muito das jovens, são tão inocentes e puras — acrescentou a senhora Marín.

— Madame, é que sua alma floresce para o céu — respondeu a mulher de Yupanqui, cada vez mais encantada por haver encontrado o amparo daquele anjo de bondade.

— Falou com Juan? Quanto dinheiro precisam para pagar tudo e viver em paz? — perguntou com interesse.

— Oh, senhora! Nem mesmo consigo contar isso direito; sem dúvida vai ser muito, muito dinheiro, porque o cobrador, caso concorde em ter a distribuição devolvida em dinheiro, vai pedir sessenta pesos por cada quinto de lâ e dois são... — E começou a contar nos dedos, mas Lucía, apressando a operação aritmética, disse:

— Dá cento e vinte.

— Isso, senhora, cento e vinte! Ah, é muito dinheiro...

— E quanto disse que eles adiantaram?

— Dez pesos, madame.

— E pelos dez do adiantamento agora cobram cento e vinte? Desumanos!

Dizia isso quando chegou o marido de Marcela, confuso e suado.

Entrou sem qualquer etiqueta e foi se jogar aos pés de Lucía. Marcela, ao vê-lo, levantou-se sobressaltada da cadeira onde estava sentada, e Lucía disse:

— O que aconteceu? O que houve? Fale!

E o pobre indígena, entre soluços e cansaço, apenas conseguiu dizer:

— Minha filha, madame! O cobrador...

Marcela então, fora de si, explodiu em gritos quase selvagens e avançou para os pés de Lucía, dizendo:

— Misericórdia, madame! O cobrador levou minha filha mais nova por não ter encontrado a lã. Ai! Ai!

— Desgraçados! — bradou Lucía sem poder compreender o grau de desumanidade daqueles mercadores servos da usura, e, apertando a mão desses infelizes pais, procurava acalmá-los dizendo com voz amorosa:

— Mas se eles acabaram de levar a garota, por que se desesperam assim? Logo a devolverão. Vocês levam o dinheiro e tudo ficará em paz, ou vamos louvar a Deus por consentir o mal para que melhor apreciemos o bem. Acalme-se!

— Não, senhora, não — respondeu o indígena, um pouco refeito de sua agitação —, porque se nos atrasarmos, não voltaremos a ver nossa filha. Aqui eles vendem as crianças para os *majeños*<sup>12</sup> e os levam para Arequipa!

— É possível, grande Deus? — exclamou Lucía, juntando as mãos ao céu, quando a simpática figura de don Fernando apareceu à porta, chegando a ouvir as palavras de sua esposa e um tanto indeciso em continuar seus passos ao ver os semblante dos indígenas que cercavam Lucía, a qual, ao vê-lo, jogou-se em seus braços.

---

12 Pessoa natural do vale de Majes, Arequipa.



— Fernando, meu Fernando! — disse ela. — Nós não podemos viver aqui! E se você insistir, viveremos lutando a sangrenta batalha do bem contra o mal. Ah, vamos salvá-los! Olhe para esses pais desafortunados. Foi para ajudá-los que lhe pedi os duzentos soles. Porém, eles sequer puderam usá-los, pois os desgraçados pegaram sua filha mais nova e levaram a criança para vendê-la! Ah! Fernando! Ajude-me! Você acredita em Deus, e Deus nos ordena a caridade antes de tudo.

— Senhor!

— *Wiracocha*<sup>13</sup>! — Juan e Marcela suplicaram, apertando os dedos, enquanto Margarita chorava em silêncio.

— O senhor sabe para onde o cobrador levou sua filha? — perguntou don Fernando dirigindo-se a Juan, escondendo as emoções em seu semblante, já que não ignorava os meios que frequentemente aquelas pessoas notáveis usavam.

— Sim, senhor! Para onde foi o governador — disse Juan.

---

13 *Wiracocha*, *Viracocha* ou *Huiracocha* (em quéchuá: *Apu Kun Tiqsi Wiraqutra*) é a divindade invisível criadora de toda a cosmovisão inca, considerado o esplendor original, o Senhor, Mestre do Mundo, sendo o primeiro deus dos antigos tiahuanacos, que provinham do lago Titicaca. É o arquétipo da ordem do universo no ser humano. Antigamente também era usado, em algumas regiões do Peru, como pronome de tratamento a pessoas importantes.

— Pois, vamos lá, sigam-me — ordenou don Fernando, com resolução manifesta e seguido por Juan.

Marcela também ia correr atrás deles com Margarita, mas Lucía a impediu, pegando sua mão.

— Mãe desventurada, não vá; ofereça sua dor ao Autor da resignação. Seus assuntos devem ser resolvidos hoje. Eu lhe ajudarei, em memória de minha mãe abençoada. Sente-se. Quanto a senhora deve ao padre? — perguntou Lucía.

— Pelo funeral da minha sogra, quarenta pesos, madame.

— E por essa quantia lhe embargou a colheita da batata?

— Não, madame, pelos adiantamentos.

— Se fiz as contas corretamente, vocês teriam ficado eternamente devedores! — disse a senhora Marín com um gesto expansivo.

— Isso é certo, madame, mas a morte também pode jogar *chaco*<sup>14</sup> com o reverendo padre. Já vimos muitos padres que dormem no campo sagrado morrerem sem cobrar suas dívidas — afirmou Marcela, recuperando gradualmente sua atitude pacífica.

---

14 Estratégia utilizada pelos indígenas da América do Sul em que estreitavam com o olhar a caça em um círculo para enfim pegá-la.

A filosofia simples da mulher indígena, com ares de desforra, fez Lucía sorrir. Ela então chamou o criado e entregou-lhe uma ordem escrita para que o dinheiro fosse trazido imediatamente.

Enquanto isso, ofereceu a Marcela um copo de gim, para reparar suas forças. Pegou uma fatia de pão que estava em uma cesta de arame e a ofereceu a Margarita.

— Você gosta de doce? — perguntou a dona da casa. — Este é um pão doce com canela e gergelim. É muito gostoso.

A menina pegou o presente com um gesto melancólico e agradecido e todas ficaram ali esperando o retorno do criado, de don Fernando e Juan.

O criado foi o primeiro a retornar, trazendo o dinheiro. Lucía pegou quarenta soles e os entregou à indígena.

— Tome, Marcela — disse ela —, estes quarenta soles valem cinquenta pesos. Vá, pague a dívida com o padre. Não fale nada sobre o que aconteceu com o cobrador. Se ele perguntar onde conseguiu este dinheiro, responda que um cristão lhe deu em nome de Deus, nada mais. Tente voltar logo, não pare para nada.

As emoções da pobre Marcela faziam suas mãos tremem tanto que ela mal conseguiu contar o dinheiro, deixando cair as moedas várias vezes.

## CAPÍTULO X

**B**asta atacar os costumes cruéis de um povo sem ter posto antes o cimento da instrução, baseado na crença de um ser superior, e veremos levantar-se uma parede impenetrável de resistência egoísta. Depois, contemplaremos os gentis cordeiros da véspera transformados em lobos raivosos.

Digamos aos canibais e aos *huachipairis*<sup>15</sup> que não comam a carne de seus prisioneiros, sem primeiro dar-lhes as noções de humanidade, do amor fraternal e da dignidade que o homem respeita nos direitos de outro homem, e logo também seremos reduzidos ao repasto daqueles antropófagos, espalhados em tribos nas montanhas incultas de Ucayali e de Madre de Dios.

Julgamos que é apenas uma variante dessa selvageria o que acontece em Kíllac, como em todas as pequenas cidades do interior do Peru, onde a inexistência de escolas, a falta

---

15 Tribu selvagem dos vales do Pacartampu.

de boa fé dos padres e a depravação manifesta dos poucos que lucram com a ignorância e a consequente submissão das massas afastam, cada vez mais, os povos da verdadeira civilização, a qual, se construída, daria ao país elementos importantes para o seu engrandecimento.

Don Fernando apareceu em companhia de Juan na casa do governador, que estava cercado de pessoas, despachando assuntos que ele julgava de grande importância. Enquanto isso, inúmeras pessoas desfilavam sem qualquer cerimônia pela casa. Levou algum tempo para deixarem a sós Pancorbo e o senhor Marín.

Quase na entrada da casa estava agachada uma menina de quatro anos que, vendo Juan, correu até ele como se fugisse de um bando de mastins.

Don Fernando entrou sério e pensativo.

Ele usava um terno cinza de tecido feito nas fábricas de caxemira de Lucre<sup>16</sup>, confeccionado com toda a arte pelo alfaiate mais famoso de Arequipa.

A figura de don Fernando Marín se destacava nos centros sociais da capital peruana. Sua fisionomia revelava um homem justo, altamente instruído e tão prudente quanto

---

16 Nome de uma aldeia onde existia, à época da publicação da obra, a única fábrica de caxemira do Peru.

sagaz. Mais alto do que baixo, branco e de feições suaves, usava costeletas cuidadosamente penteadas e perfumadas com loção. Tinha olhos verdes claros, nariz reto, rosto expressivo e cabelos levemente encaracolados e cuidadosamente penteados.

Quando entrou na sala do governador, deu de cara com o mundo da política. Estendeu a mão direita a Pancorbo, enquanto segurava o chapéu de tecido preto na mão esquerda.

— Desculpe-me, don Sebastián, se interrompo seu trabalho, mas o cumprimento de um dever de humanidade leva-me a pedir-lhe que devolva a este homem a filhinha que foi levada em razão de uma dívida. Peço também que seja castigado o autor desse crime — disse don Fernando.

— Sente-se, caro don Fernando, e vamos conversar com calma. Esses índios, francamente, não devem ouvir tais coisas — disse don Sebastián, trocando de lugar e sentando-se quase ao lado de don Fernando. — É verdade que trouxeram a filhinha, aí está ela, mas isso, francamente, é apenas uma forma de forçá-lo a pagar cerca de noventa quilos de lã de alpaca que deve já faz um ano — completou em voz muito baixa.

— Bem, ele me assegurou, senhor governador, que essa dívida resulta de cerca de dez pesos que lhe deixaram forçadamente em sua choça no ano passado. Agora o obrigam a

pagar noventa quilos de lã, cujo valor aproximado é cento e vinte pesos — replicou don Fernando com seriedade.

— O senhor não sabe que esse costume e esse tipo de negociação são lícitos? Francamente, aconselho-o a não apoiar esses índios — argumentou Pancorbo.

— Mas don Sebastián...

— E finalmente, para esclarecer tudo, francamente, caro don Fernando, esse dinheiro é de don Claudio Paz.

— O senhor don Claudio é meu amigo, falarei com ele...

— Isso é já outro assunto, por isso, francamente, não temos mais o que discutir — disse don Sebastián, levantando-se da cadeira.

— Discordo, senhor Pancorbo, porque quero que a filha volte para o pai. O senhor aceita minha garantia pelo dinheiro...

— Claro, caro don Fernando. Juan leva a menininha e você assina uma garantia — respondeu don Sebastián, aproximando-se da mesa de onde pegou uma folha de papel.

— Essas coisas não são por desconfiança, meu amigo; mas, francamente, são necessárias, afinal, segundo o ditado, conta e razão mantêm a amizade.

Don Fernando trouxe a cadeira para a mesa, escreveu algumas linhas e, depois de assiná-las, passou o papel para don Sebastián.

— Onde estão meus óculos? — disse, após bater as mãos no bolso da jaqueta.

Estavam na borda de uma bandeja de estanho, don Sebastián os viu, colocou e leu a promissória, depois, dobrou o papel e colocou-o no bolso.

— Muito bem, francamente, estamos resolvidos, senhor Marín, meus respeitos à senhora Lucía — disse, voltando-se a don Fernando.

— Obrigado, adeus — respondeu don Fernando, que gentilmente estendeu a mão ao governador e saiu sacudindo a poeira daquela fábrica de abusos. Com ele saiu Juan, levando em seus braços a pequena Rosalía.

Assim que don Fernando saiu da sala do governador, entrou a esposa deste e, pegando em seu braço com alguma dureza, lhe disse:

— Eu não posso mais com você, Sebastián! Você vai me tornar tão infeliz quanto a esposa de Pilatos, condenando tanto a honestidade e colocando seus rabiscos em papéis que você não deveria sequer pôr os olhos.

— Mulher! — respondeu asperamente don Sebastián; mas sua esposa continuou:

— Estou a par de tudo que vocês tramam contra esse pobre don Fernando e sua família, e eu peço que você pare.



Afaste-se disso, pelo amor de Deus, Sebastián! Lembre-se de... nosso filho, isso poderá envergonhá-lo muito no futuro.

— Chega, mulher, você está sempre com essas ladinhas. Francamente, as mulheres nunca devem se meter nas coisas dos homens, mas cuidar da agulha, das meias e dos *tamalitos*<sup>17</sup>, ouviu? — respondeu Pancorbo com raiva; mas a senhora Petronila insistiu na réplica.

— Sim, é isso o que dizem para silenciar a voz do coração e do bom conselho, descartam nossas sensatas advertências. Lembre-se disso, *Chapaco*<sup>18</sup>! — acrescentou, batendo na mesa intencionalmente com a palma da mão e fazendo uma cara desdenhosa ao sair.

Don Sebastián lançou um *ugh!* e começou a enrolar tranquilamente um charuto.

---

17 Iguaria semelhante à pamonha.

18 Diminutivo de Sebastián.

## CAPÍTULO XI

**D**ona Petronila Hinojosa, casada segundo o ritual romano com don Sebastián Pancorbo, tocava nos limiares dos quarenta anos, idade em que adquiriu um corpo robusto e bem distribuído, farto sem atingir os limites da obesidade.

Sua fisionomia revelava, ao primeiro exame, uma alma bem-humorada que no curso de sua vida e em um meio melhor do que o que teve a sorte de nascer, poderia ser uma nobre de aspirações elevadas.

Seu vestido é do mais distinto que se encontra em Kíllac e arredores.

Leva nos dedos anéis de pouco valor; de suas orelhas pendem enormes brincos de ouro em círculo de finos diamantes. Sua saia de lã castanho-claro ostenta cinco fileiras de babados minúsculos; e seu xale de caxemira xadrez escarlata e preto, com franjas longas e encaracoladas, está preso à direita com um alfinete de prata em forma de águia.

Com esse conjunto, dona Petronila é a típica serrana da província, com seu coração tão bom quanto generoso, ela trata bem a todos e derrama lágrimas por aqueles que morrem, conheça-os ou não. Tipo desconhecido na costa peruana, onde a elegância no vestir e o refinamento dos costumes não nos permitem dar uma ideia completa desse tipo de mulher, tem um coração de ouro e alma de anjo dentro de um busto de barro mal modelado.

Dona Petronila, com uma educação primorosa, teria sido uma notoriedade social, pois era uma joia valiosa perdida nos penhascos de Kíllac.

Se a mulher, em regra, é um diamante bruto, cabendo ao homem e à educação convertê-lo em brilhante, dando quilate à satisfação, também a Natureza é encarregada de extrair seus melhores sentimentos quando ela se torna mãe. Dona Petronila tinha um jovem filho que revelava uma inteligência notável e que certamente seria o herdeiro das virtudes da mãe; pois, seja pela graça da predestinação, seja por seu anjo da guarda ter vencido a batalha do bem contra o mal, ele se livrou de ser contaminado pelo fluxo de depravação opressora existente nas pequenas cidades, as quais são comumente chamadas, com razão bem fundamentada, de grandes infernos.

## CAPÍTULO XII

**M**arcela, que foi à casa do padre seguida por sua graciosa Margarita e levando os quarenta soles em dinheiro, encontrou o padre Pascual sentado junto à porta de seu pequeno gabinete, perto de uma mesa de pinho, áspera e velha, coberta com um pano que aparentava ter sido azul em seus tempos de estreia. Tinha o breviário na mão esquerda, com o dedo indicador na metade do volume entre uma folha e outra, e recitava mecanicamente a oração do dia.

Marcela chegou timidamente e o cumprimentou:

— Ave Maria Puríssima, meu reverendo padre. —

E inclinou-se para beijar a mão do sacerdote, ensinando Margarita a fazer o mesmo.

O padre, olhando para a garota e sem desviar o olhar, respondeu:

— Sem pecado concebida. — E depois acrescentou: —

De onde tiraste, malandra, essa garota tão linda e tão roliça?

— Então, é minha filha, meu reverendo padre — respondeu Marcela.

— E como eu não a conheço? — perguntou o padre Pascual, agarrando com três dedos a bochecha esquerda da menina.

— É que venho pouco a esta casa por não ter cumprido a nossa dívida, por isso o senhor não reconhece a menininha, meu reverendo padre.

— E quantos anos tem?

— Eu... contei catorze anos desde seu batismo, senhor.

— Ah! Então não lhe derramei eu a água, porque há apenas seis anos que aqui cheguei. Bem, este ano você vai colocá-la a serviço da igreja, certo? Já pode lavar as louças e as meias.

— Padre...!

— E você, malandra, quando faz a *mita*? Não está na sua hora? — perguntou o padre, cravando os olhos em Marcela e dando um tapinha nas costas dela com um gesto confiante.

— Sim, padre — a mulher respondeu trêmula.

— Ou já veio para ficar? — insistiu o padre Pascual.

— Ainda não, senhor. Vim pagar os quarenta pesos do funeral da minha sogra, para que assim fique livre a colheita de batatas...

— Ora, ora! Que dinheiro temos, hein? Quem dormiu na noite passada em sua casa?

— Ninguém, meu reverendo padre.

— Ninguém, hein? Você fez alguma sujeira ao seu marido? Eu vou lhe ensinar a fazer travessuras com esses bandidos... dando um mau exemplo a essa menina...

— Não fale assim, meu reverendo padre — a mulher implorou, baixando os olhos, ruborizada e colocando os quarenta soles na mesa. O padre, vendo o dinheiro, esqueceu-se de sua primeira intenção, soltou o breviário, que colocara distraidamente sob o braço, e começou a contar e examinar as moedas.

Depois de certificar-se da quantidade e autenticidade do dinheiro, ele abriu uma enorme vitrine de madeira com uma placa deslizante, onde o guardou. Depois, voltando-se imediatamente para Marcela, disse:

— Bem, são quarenta soles e agora me diga, filha. Quem lhe deu esse dinheiro? Quem foi à sua casa ontem à noite?

— Não fale assim, meu reverendo padre. O julgamento imprudente, quando sai dos lábios, pressiona o peito como pedra.

— Índia faladeira, quem lhe ensinou essas gramáticas? Conte-me tudo.

— Ninguém, meu reverendo padre, minha alma está limpa.

— E onde você conseguiu esse dinheiro? Você não me engana, eu quero saber.

— Um cristão, meu reverendo padre — Marcela respondeu, baixando os olhos e simulando tosse.

— Cristão! Não está vendo? Nesse mato tem cachorro! Fale... porque eu... vou lhe devolver esse dinheiro.

— A senhora Lucía me emprestou, me dê o troco para eu ir embora — disse a mãe de Margarita, envergonhada por quebrar o primeiro pedido de sua benfeitora com aquela revelação.

— Troco? Que troco? — disse padre Pascual, que ao ouvir o nome da esposa de Marín ficou picado pela víbora do despeito. — Outro dia eu lhe dou o troco. — E mordendo os lábios com paixão reprimida, murmurou: — Lucía! Lucía!

O padre voltou a sentar-se, preocupado e sem dar atenção à submissa despedida de Marcela e Margarita, a quem viu afastarem-se resmungando frases quebradas. Talvez ele tenha retomado o fio de suas orações interrompidas pela esposa de Juan Yupanqui.

## CAPÍTULO XIII

O retorno de don Fernando em sua casa foi motivo de alegria. Ele voltava triunfante com Juan e Rosalía: recebeu todas as manifestações de gratidão de sua esposa; saboreou satisfação pelo bem praticado, sorveu o aroma edênico que perfuma as horas seguintes a uma desgraça consolada ou a uma lágrima enxugada.

Lucía chorava de alegria.

Seu choro era a chuva benevolente que dá paz aos corações nobres.

Juan se ajoelhou diante da senhora Marín e mandou Rosalía beijar as mãos de seus salvadores.

Don Fernando contemplou por um segundo o quadro à sua frente, com o coração enternecido.

— Poucas vezes eu me engano, querida: eu acho que don Sebastián ficou profundamente ferido em seu amor-próprio pela minha intervenção em favor deles — disse à esposa.



— Não duvido disso, Fernando, mas o que ele pode fazer em represália? — Lucía perguntou enquanto acariciava os cabelos do marido.

— Muito meu anjo, muito. Estou verdadeiramente arrependido de ter investido capital nesta sociedade mineira, na esperança de que seria coisa de, no máximo, um ano.

— Sim, meu Fernando, mas lembre-se de que estamos do lado dos bons — tornou Lucía com simplicidade.

— Vou encontrar uma maneira de consertar tudo — afirmou o senhor Marín, quando Marcela e Margarita apareceram estampando a alegria nos rostos. Ambas se entregaram a vivas trocas de afeto com Juan e com Rosalía, que acreditavam vendida e já em outra cidade.

— Senhor, senhora, Deus lhes pague! — agradeceu Margarita, dirigindo-se ao casal Marín.

— Juanuco! Rosaco! Ai! Ah, aonde eles teriam levado você, minha filha, sem a caridade desta senhora e este Wiracocha — disse a mãe com ternura, tomando a filha nos braços e cobrindo-a de beijos.

— Como foi lá? E por que estão contentes? — perguntou Lucía, ansiosa para saber o resultado de sua comissão.

— Senhora, o reverendo padre tem sua alma vendida para *Rochino*! — exclamou Marcela numa atitude respeitosa.

— E quem é esse Rochino? — perguntou Lucía interessada e interrompendo a mulher.

— Rochino, madame, é o feiticeiro verde que dizem viver no desfiladeiro dos suspiros. Tem cheiro de enxofre e compra almas para vender a um preço melhor no *Manchay puito*<sup>19</sup> — Juan respondeu sorrindo.

— Jesus, que feiticeiro! Me dá medo — disse Lucía rindo. — Você sabe, Fernando, o que é o Manchay puito? — perguntou ela ao esposo.

— Inferno aterrorizante — respondeu Fernando, cuja curiosidade também foi picada pela introdução de Marcela. — E por que a senhora diz que o padre vendeu sua alma para Rochino? — perguntou ele.

— Ah, Wiracocha! Quando eu disse que ia pagar, ele começou a perguntar quem tinha dormido ontem à noite na minha casa, se era um bandido com quem sujei o nome de Juan... — explicou Marcela.

— O padre lhe disse isso? — interrompeu Lucía, espantada.

---

19 *Los Hechos de Manchay Puito*, literalmente traduzido como *Inferno Aterrorizante*, formam uma lenda peruana que relata uma epidemia de peste negra na cidade de Huamanmarca entre 1640 e 1650 e os casos de amor entre o dr. Gaspar Angulo Valdivieso e a bela dama Anita Sielles. A lenda de Manchay puito foi traduzida no livro de Ricardo Palma, *Tradições Peruanas*.

— Sim, madame, e disse outras coisas para me fazer confessar — falou a índia.

— E então?

— Eu tive que dizer.

— Dizer o quê? — Juan perguntou, interessado, de maneira que fez don Fernando e Lucía rirem.

— A verdade, claro.

— E que verdade era essa? Fale! — insistiu Yupanqui.

— Que a senhora Lucía nos emprestou o dinheiro.

— Contou a ele? — perguntou a senhora Marín com raiva, levantando do chão um lenço que havia deixado cair.

— Sim, madame. Perdoe a minha desobediência, mas, de outro jeito, o reverendo padre não me deixava sair de sua casa — Marcela respondeu com um gesto suplicante.

— Isso não é bom, não é nada bom — disse Lucía, aborrecida e sacudindo a cabeça.

— É pior do que o que aconteceu na casa do governador, querida, pois don Pascual concordou com o pagamento. E tem mais: o que importa se ele sabe quem é a dona do dinheiro? — afirmou don Fernando.

— Isso é verdade, senhor, até o troco ele disse que me daria outro dia; e ele se encantou com Margarita, disse que terei de colocá-la a serviço da igreja — explicou Marcela com pureza.

— Margarita? Jesus! — assustou-se Lucía, sem esconder sua contrariedade.

— Sim, madame — respondeu Marcela, pegando Margarita pela mão e apresentando-a para don Fernando e sua esposa.

Don Fernando deteve o olhar insistentemente sobre o rosto e o porte da moça.

— Você notou a rara beleza desta criatura? — disse ele a Lucía.

— E como não, Fernando? Desde que a vi, estou profundamente interessada nela.

— Esta menina deve ser educada com esmero — declarou don Fernando, tomando carinhosamente a mão de Margarita que, silenciosa como um cravo, mostrava sua beleza e espalhava o aroma de seus encantos.

— Será nossa afilhada, Fernando; Marcela falou comigo sobre isso, certo? — Lucía dirigiu a pergunta à mãe de Margarita.

— Sim — responderam Juan e Marcela a uma só voz.

— Vamos conversar sobre isso amanhã: para hoje, vão descansar tranquilos — acrescentou don Fernando, levantando-se e dando dois suaves tapinhas nas bochechas de Margarita e Rosalía simultaneamente. E assim toda a família Yupanqui saiu renovando sua gratidão com sublimes frases como: “Deus lhes pague!” e “Deus os abençoe!”.

— Adeus, venham quando quiser — despediu-se Lucía com um gesto amigável.

— Quantos anos terá Margarita? — perguntou Fernando ao fechar a porta depois do casal Yupanqui e suas filhas saírem.

— Sua mãe diz que tem catorze anos, mas seu tamanho, sua beleza, o fogo de seus olhos negros, tudo revela nela as cores que a mulher adquire já nos limites da puberdade — respondeu Lucía.

— Não me admira, querida. Este clima é exuberante. Mas agora devemos pensar em outra coisa. Lembre-se de que devemos várias visitas à senhora Petronila. Vamos esta noite, assim amenizamos a impressão que don Sebastián possa lhe causar se contar o que houve hoje.

— Como queira, Fernando. Dona Petronila é uma excelente dama. Sobre a questão do dinheiro, peço que você a resolva com o governador, pagando-o. Esse tipo não deixa por menos sequer um centavo que lhe escape das mãos.

— Você os conhece bem, meu amor.

— Não vê como o padre ficou em paz? Eu tenho o restante dos duzentos soles que lhe pedi.

— Não se preocupe, eu resolverei isso e não haverá nenhum desconforto pela falta de entrega.

— Fernando, você é tão bom! É o que vou dizer a dona Petronila, que você se oferece a pagar. E a propósito, me disseram que o filho deles está prestes a chegar.

— Sinto muito por ele, porque um jovem aqui se estraga.

— Então vou mudar de roupa — disse Lucía —, e não vou lhe fazer esperar séculos.

## CAPÍTULO XIV

**A**ssim que Marcela saiu da casa paroquial e o padre terminou suas orações, este chamou o pongo e lhe disse:

— Corra até don Sebastián e diga a ele que preciso muito que venha me ver agora; e para vir com os amigos.

— Sim, meu reverendo padre.

— E depois passe na casa de don Estéfano e diga que venha também; e coloque o aquecedor no fogão e a cafeteira nas brasas, e diga a Manuela e Bernarda para atiçarem o fogo.

— Sim, meu reverendo padre — disse o pongo e saiu com passo apressado.

Don Sebastián saía tranquilamente de sua casa, coberto por sua eterna capa, quando o enviado do padre se aproximou.

— Pode voltar para casa; eu darei o recado aos amigos — disse ele ao pongo após escutar atentamente a mensagem.

Em seguida, caminhou em direção à casa de Estéfano.

No entanto, o pongo, para cumprir exatamente as ordens de seu patrão, foi até a casa de Estéfano, e com sua ligeira ca-

minhada voltou em dois tempos à casa paroquial, indo direto para a cozinha, onde cumpriria a segunda parte da ordem.

Quando Pancorbo entrou na casa de Estéfano Benites, encontrou-o em uma sala, sentado à uma mesa pequena coberta com um poncho de vicunha, jogando pôquer na companhia dos mesmos sujeitos que conhecemos brindando com morito na casa do governador.

Depois de ouvir a mensagem do padre Pascual, Estéfano jogou as cartas sobre a mesa e disse:

— Vamos, compadres, a igreja nos chama.

— Logo agora que eu estava com uma mão boa — murmurou um, chamado Escobedo, coçando a cabeça com a mão esquerda e acariciando as cartas abertas em sua mão direita.

— Quem estava com o dois? — perguntaram os outros, levantando-se ao mesmo tempo, prontos para sair.

— O dois ainda não tinha saído — respondeu Estéfano ajeitando o chapéu que tinha escorregado na nuca. Quando o grupo estava prestes a sair, apareceu don Sebastián, que os cumprimentou dizendo:

— Falando no diabo...

— Aparece o rabo! — completaram todos em unísono, e don Sebastián, rindo jovialmente, respondeu:

— Ah, que prazer encontrar todos vocês reunidos, francamente, nosso padre precisa de nós.



— Vamos então compadres, que talvez falte um ajudante para um *Dominus vobiscum*<sup>20</sup> — acrescentou Benites com um gesto brincalhão. E todos, rindo da piada, continuaram o caminho.

A influência exercida pelos sacerdotes é tal nesses lugares que suas palavras tocam os limites da ordem sagrada; e é tamanha a docilidade do caráter do índio que, apesar de criticar certos atos dos párocos com palavras veladas na intimidade do interior das cabanas, o poder da superstição conservado por eles avassala toda razão e faz da voz dos párocos a lei para os paroquianos.

A casa de Estéfano Benites ficava a apenas três quarteirões da paróquia; portanto o padre não teve que esperar por muito tempo e, quando ouviu o tropel, foi até a porta receber seus visitantes.

— Santas tardes, cavalheiros. É assim que eu gosto das pessoas — elogiou o padre, estendendo a mão para uns e outros.

— Estamos aqui para servi-lo, meu senhor padre — responderam todos em coro, tirando os chapéus.

— Sentem-se... Por aqui, caro don Sebastián... Don Estéfano, acomodem-se, senhores — disse o padre Pascual, apontando para os assentos com gestos corteses.

---

20 "O Senhor esteja convosco". Saudação litúrgica, frequentemente usada na missa, no ofício divino e no ritual católico romano, cuja resposta é *Et cum spiritu tuo* ("E com o teu espírito").

— Obrigado, estamos bem.

— Meu padre, francamente, o senhor é muito amável.

— Bem, senhores, as coisas desmoronaram e eu tive que aborrecê-los — continuou o padre, dando uma volta como se procurasse algo.

— Não é aborrecimento nenhum, senhor padre — responderam todos com esse jeito de falar em coro que se usa entre a gente de província.

— Sim, senhores, mas não devemos falar às secas — disse don Pascual, tirando uma série de chaves do bolso direito da batina, abrindo a vitrine onde também estavam os quarenta soles de Marcela. Tirou duas garrafas com algumas taças, colocou-as sobre a mesa, e acrescentou:

— Este é um licorzinho com escorcioneira e anis; não nos causará mal algum para o estômago.

— É muito gentil, meu padre, mas francamente, não se aborreça; esses jovens servirão a bebida — disse don Sebastián, então Estéfano correu para apanhar do padre a garrafa com a qual começou a servir, dizendo:

— Dê-me, senhor, farei isso.

— Aqui está — disse o padre, dando-lhe a garrafa, e foi sentar-se em sua poltrona de couro, ao lado de don Sebastián.

— À saúde dos senhores.

— À vossa saúde, senhor Padre.

Os brindes foram feitos e a primeira taça foi passada.

Don Sebastián, fazendo o respectivo gesto e limpando a garganta, disse:

— Como desce macio, francamente, isto é... ótimo!

— Gosto bom o da escorcioneira.

— Eu sinto apenas o anis.

— Deve estar com um resfriado, bah!

Tais foram as palavras que simultaneamente se deixaram ouvir. Don Pascual, alcançando sua taça vazia, disse:

— Bem, filhos, eu fui humilhado como um qualquer, jogaram-me nas barbas os reales que o índio Yupanqui me devia, que os senhores já têm notícias pelo que conversamos na outra tarde.

— Como?

— O quê?

— Isso já está insuportável, meu padre, francamente.

A mesma coisa aconteceu comigo hoje — respondeu don Sebastián; e Estéfano, sempre atento, disse:

— É um ataque direto ao nosso padre e ao nosso governador, mas...

— Não vamos permitir! — responderam todos.

— Devemos puni-los, francamente — disse don Sebastián e, batendo o salto da bota no chão, acrescentou:

— E enquanto as coisas estão quentes...

— Sim, filhos, não podemos deixar que interfiram em nossos costumes — apoiou o padre.

— Vamos resolver imediatamente: digam o que podemos fazer — disse Escobedo, aproximando-se para servir uma bebida, sem se importar com o comedimento e dizendo baixinho a Estéfano:

— Que descuido! Você deixou a garrafa sem tampa.

— Eu vou liderar a campanha, diabos! — gritou Estéfano ardendo de entusiasmo.

— Se quiserem, eu também, francamente, estou pronto — retorqui o governador.

— Vamos por partes — esclareceu o padre, pegando o copo que Escobedo lhe oferecia. A partir daquele momento todos beberam à vontade, fazendo com que a vitrine tivesse de ser aberta novamente, para tirarem mais garrafas.

O ânimo exaltado pelo licor começou a produzir discursos inflamados, e o padre Pascual, chamando o pongo, perguntou-lhe discretamente:

— A água já ferveu?

— Sim, meu reverendo padre; e a senhora também já chegou.

— Bom, diga-lhe, então, para ir ao quarto me esperar, e você prepara tudo e traz aqui.

O pongo, ágil e acostumado a esse tipo de serviço, logo colocou na mesa as xícaras e uma chaleira de louça branca com chá; permanecendo à porta as duas *mitayas*<sup>21</sup> que trabalhavam na casa paroquial, Manuela e Bernarda.

— Vamos tomar uma xícara de chá, senhores — ofereceu o padre Pascual.

— Todo esse trabalho — vários responderam.

— Deixa que eu cuido disso — disse Escobedo, pegando a chaleira.

— E com uma boa dose de aguardente, hein? Faz um friozinho, francamente — observou don Sebastián, esfregando as mãos e fingindo tossir.

— Agora vamos tratar de coisas sérias, fizemos muito mal de virmos todos juntos — alertou Estéfano.

— Certamente. É necessário disfarçar — observou Escobedo.

— É conveniente chamar o sineiro e inventar uma história para enganá-lo — disse o padre, tomando dois goles de chá e colocando a xícara no pires.

— O bom é dar... francamente, um golpe final e decisivo.

— Então a culpa foi da má organização.

---

21 *Mitayas* e *mitayos* eram os índios que trabalhavam sob o sistema *mita* (termo que em quéchua significa "turno").

— Sem que nos saia o tiro pela culatra como da vez em que atacamos o francês.

— A coisa é atacar e deixar sem saída don Fernando e dona Lucía e...

— Matá-los!

— Bravo!

O som de várias xícaras colocadas sobre os pires formou um coro com a última voz daquele diálogo criminoso, de onde vinha a sentença de morte para don Fernando Marín e sua esposa.

— Esse engodo ao sineiro é indispensável para que eu não apareça, hein? — disse o pároco.

— Sim, senhor padre. Nós lhe diremos que alguns salteadores pretendem atacar a igreja e que ele deve estar pronto para soar o alarme no momento necessário — disse Benites.

— Muito bem. Eu me encarrego do sinal — disse Escobedo, dando um salto.

— Convém espalhar a notícia por toda a cidade, de várias maneiras; francamente, devemos tomar todas as precauções para que não sejamos implicados em investigações posteriores — disse Pancorbo; ao que se seguiram estas frases:

— Eu direi que planejam roubar a casa paroquial.

— Eu, que um batalhão rebelde nos ataca.

— Tontos! É melhor dizer que alguns arequipenhos querem levar nossa Virgem Milagrosa.

— Magnífico! Mas, francamente, isso fará com que as pessoas se juntem na igreja — disse Pancorbo.

— Não, senhor. Isto é para reuni-las, depois diremos que os assaltantes se refugiaram onde está don Fernando e *cataplum!* — esclareceu Estéfano Benites.

— Sim, está bem assim: o resto se arruma, porque o povo exaltado não raciocina — refletiu o padre Pascual, estendendo uma taça para Estéfano e outra para Escobedo.

— Não nos esqueçamos de persuadir o juiz de paz.

— Francamente, isso não deve ser negligenciado.

— O juiz de paz tem uma amante em Quiquijana, eu irei lá agora e o ludibrio — ofereceu Benites.

— Agora vamos — disseram todos e começaram a cumprimentar o padre, que se despediu dizendo:

— Prudência, então, filhos. — E partiram um por um, tomando diferentes direções.

O padre continuou conversando secretamente com o governador, não sem um pouquinho do licor oferecido antes.

— Esse menino Benites vale prata! Ousado e prevenido — disse o padre.

— Sim. Francamente, esse negócio do juiz de paz estava me escapulindo.

— Sim, bem dizem que os jovens deste tempo sabem muito.

— E certamente o encontra agora em Quiquijana, francamente, que mulherengo e bom faceiro ele é! Creio que o senhor também, meu padre, estava rondando por esses bairros, francamente — disse don Sebastián com um ar de gracejo.

— Ô, meu governador! — disse o padre sorrindo após dar um tapinha no ombro de seu interlocutor.

— Adeus, meu padre, é hora de me retirar e, francamente, a noite está friazinha como em Puna<sup>22</sup>.

— Antes de contar o primeiro carneirinho, já vai estar roncando — disse o padre Pascual, servindo dois copos cheios e estendendo um para Pancorbo.

— Roncar, nada! Francamente, eu nem vou à minha casa, ficarei por aí, lá na Rufa, para ver melhor como os rapazes se comportam.

— Bom, bom, meu don Sebastián. Então, até loguinho — respondeu o padre, apertando a mão do amigo.

Um quarto de hora depois, em todas as vendas onde havia aguardente podia se ouvir algazarra, disputas, glosas de marinheiros acompanhados de violão e bandolim e danças animadas, como se corresse abundantemente o sumo da videira.

---

22 Planalto próximo à Cordilheira dos Andes.



E as vítimas assinaladas para o sacrifício, com paz na alma e felicidade em seus corações amorosos, iam a essas mesmas horas à casa de don Sebastián, seu carrasco oculto, visitar sua esposa.

## CAPÍTULO XV

**O** sol da felicidade alumbrava a casa de dona Petronila com os mais puros raios.

Dona Petronila era uma mãe afortunada porque havia apertado em seus braços, depois de uma longa ausência, seu amado Manuel, o sonho de suas horas de sono, o delírio de seus dias tristes, o filho de seu coração.

Manuel, que saiu criança de Kíllac, voltou um bom homem, não tendo perdido um dia dos trabalhos escolares.

Manuel estava sentado ao lado de sua mãe, segurando as mãos dela entre as suas, contemplando-a, encantado e satisfeito, compartilhando confidências de família.

Don Fernando e Lucía apareceram à porta e, quando os viram, a senhora Petronila e Manuel se levantaram, este foi apresentado naquela linguagem inventada pelas boas mães.

— Senhora Lucía, senhor Marín, este é Manuelito, meu filho, tão pequeno como quando partiu... — disse ela.

— Senhora Petronila.

— Senhor don Manuel — cumprimentou o casal Marín.

— Senhora, aos seus pés... cavalheiro — respondeu Manuel.

— Vocês não o conhecem. Bem, acaba de chegar depois de sete anos e oito dias. Sentem-se — convidou a senhora Petronila, apontando para o sofá.

— Que jovem simpático é seu filho, dona Petronila — elogiou Lucía.

— Dê-me seu chapéu, don Fernando — disse Manuel, apanhando o chapéu e colocando-o sobre a mesa. Todos sentaram um ao lado do outro e a conversa começou expansiva e franca.

Manuel era um jovem de vinte anos, de estatura competente, isto é, nem alto nem baixo, de semblante adocicado e com uma voz cujo timbre atraía a simpatia de seus ouvintes. Seus lábios vermelhos e finos estavam sombreados por um bigode muito preto e seus grandes olhos se destacavam por um círculo escuro em volta deles. Sua palavra fácil e seu porte educado completavam o conjunto de um jovem interessante.

— Já escolheu uma profissão? — perguntou don Fernando, dirigindo-se a Manuel.

— Sim, senhor Marín, estudo o segundo ano de Direito. Vou ser advogado, se a sorte me ajudar — respondeu modestamente o filho de dona Petronila.

— Eu o parabenizo, meu amigo, o vasto campo da jurisprudência oferece encantos à inteligência — tornou don Fernando.

— Alguma das outras profissões também oferecem, senhor, quando se lhes consagra amor e vontade... — dizia Manuel quando ouviu a detonação de uma arma de fogo, que fez as damas pularem e sobressaltou os homens.

Lucía, como atingida por um raio, pegou o braço do marido e disse:

— Vamos, venha, Fernando!

— Sim, senhorita. Vão rápido e fechem bem as entradas de sua casa — disse confusa dona Petronila.

— E o que pode ser? — perguntou Manuel sem dar muita importância.

— É estranho isso por aqui — respondeu don Fernando.

— Sim, serão ladrões? — Lucía voltou-se ao marido.

— Vamos! — pediu don Fernando, oferecendo o braço a Lucía, mas Manuel se interpôs nesse momento, pedindo que lhe permitisse acompanhá-los e dando o braço a ela, com um sorriso galante. Saíram os três.

Dona Petronila disse a si mesma:

— Meu coração de mãe não pode permanecer calmo enquanto meu Manuelito está fora de casa. — E foi seguindo o grupo a certa distância, com passo cauteloso.

Manuel, que desde o princípio simpatizara fortemente com o casal Marín, disse a Lucía:

— Senhora, quando cheguei em Kíllac, achei que morreria de tristeza nesta aldeia, mas a encontrei embelezada pela sua presença e a de seu esposo.

— Obrigado, cavalheiro. Bem se aproveitou das frases galantes da cidade — respondeu Lucía com um sorriso gentil.

— Não, senhora, minhas palavras não têm essa fórmula de galanteio: sem vocês e sem minha mãe, com quem eu poderia lidar aqui? — respondeu Manuel. — Esta tarde encontrei os vizinhos da cidade e eles me deram pena — acrescentou com tristeza.

— Isso é verdade, don Manuel, mas tem a seus pais e nos terá como amigos.

— Sim, don Manuel, para um jovem que vem da cidade, é muito triste, eu concordo — apontou don Fernando, como o marido ciumento que indicava prestar atenção ao que conversava sua esposa.

— Eu sinto que talvez nós não permaneceremos aqui por muito tempo, porque os negócios de Fernando se resolverão em breve — comentou Lucía.

— Muito pior para mim se tivesse que prolongar minha estada, que só deve ser de quatro ou seis meses — disse Manuel.

Don Fernando deu dois passos à frente do par para abrir a porta da rua, pois já haviam chegado em sua casa.

— Agora vá descansar, Manuel — despediu-se Lucía, soltando o braço de seu acompanhante.

— Obrigado, senhora. Minha mãe ficaria preocupada se me demorasse e quero poupar esses inconvenientes — respondeu Manuel, tirando o chapéu num gesto de despedida.

— Mas a casa é sua, amigo — ofereceu don Fernando.

— Sim, obrigado, eu sei, e logo lhes farei uma visita. Boa noite — tornou Manuel, apertando a mão dos amigos, antes de desaparecer nas ruas escuras da vila, transitadas por um ou outro bêbado.

Lucía e don Fernando tomaram algumas medidas de segurança, como advertira dona Petronila; mas vendo que tudo estava quieto, foram dormir.

A superfície de um lago cristalino, onde a imagem das gaivotas é refletida, não é tão pacífica quanto o sonho de amor que entorpeceu o casal, batendo suas asas peroladas na testa de Lucía e don Fernando. Seus corações, estreitados sob a atmosfera de uma só respiração, também batiam compassados e felizes.

Mas esse descanso não foi como o eterno torpor da matéria.

O espírito, que não dorme e se agita, sobressaltou-se com a força do mau presságio, esse misterioso aviso que chega

às boas almas. Sacudindo o organismo de Lucía, a acordou. Assim ela ficou: tomada pela hesitação, medo, dúvida e toda a complicada engrenagem de sensações que aparecem nas noites de insônia.

Lucía sentia tremores nervosos, que não conseguia explicar. Diante de um perigo desconhecido, seus pensamentos voaram para a lembrança daqueles ruídos da meia-noite que, semelhantes ao roçar de asas ou ranger de portas, levam primeiro ao medo e depois à lembrança dos seres mais queridos, estejam eles ausentes ou apertando nosso corpo com o abraço de seus afetos.

Ela vigiava.

O velho e único relógio da cidade deu a décima segunda badalada, marcando a meia-noite. Naquele momento, o timbre alto do sino do templo vibrou nos espaços. Seu toque de bronze não incitava à oração pacífica e ao retiro da alma; convocava a vizinhança para a batalha e agressão, era o terrível sinal combinado entre Estéfano e Benites, e o sineiro que aguardava na torre.

E como o granizo que as nuvens negras lançam no meio das tempestades elétricas, começou a chover pedras e balas na casa desamparada de don Fernando e Lucía.

Mil sombras cruzavam em diferentes direções e a algazarra, feito uma onda gigante que a tormenta ergue no seio

dos mares, começou a se levantar entre as ruas para rebentar na praça com um berro rouco e formidável.

O motim era aterrador.

As vozes de comando eram em castelhano e quéchuá, bárbaras e contraditórias, apesar do barulho das pedras e da artilharia.

— Forasteiros!

— Ladrões!

— *Suhua!* *Suhua*<sup>23</sup>!

— Intrometidos! — gritavam uns e outros.

— Morram! Morram!

— *Huañuchiy*<sup>24</sup>!

— Matem! — repetiam as vozes.

E a compassada vibração do sino foi o eco para todo o alarido.

Lucía e don Fernando deixaram a cama cobertos com as poucas roupas de dormir que vestiam e o pouco que conseguiram pegar para fugir das mãos de seus implacáveis carcosos, uma multidão ébria de álcool e ira na qual certamente encontrariam a morte cruel e prematura.

---

23 Termo que em quéchuá significa "ladrão".

24 Termo que em quéchuá significa "morra".



## CAPÍTULO XVI

**J**uan Yupanqui e Marcela, depois dos acontecimentos que acompanhamos, saíram da residência de Lucía em direção à casa onde viviam com Margarita e Rosalía, aquelas duas estrelas risonhas da choça, cujos destinos estavam assinalados com a marca que Deus coloca em cada predestinado no mapa das evoluções sociais.

Na cabeça de Juan Yupanqui, não se abrigavam mais os pensamentos criminosos da véspera. Ele não tocaria o limiar sombrio do suicídio, cuja ação cobre de luto o coração dos que permanecem e mata as esperanças dos que têm fé.

Deus usou Lucía para renovar a confiança de Juan na Divina Providência, arrancada de seu coração pelo padre Pascual, o governador e o cobrador (ou cacique), uma trindade aterrorizante que personificava uma única injustiça.

Juan acreditava novamente na bondade, foi reabilitado e ia entrar na tarefa da vida com novo zelo, para demonstrar gratidão eterna aos seus benfeitores.

Marcela não seria mais a viúva de um suicida, de um desertor da vida, cujo cadáver, enterrado às margens de um rio ou à beira de uma estrada solitária, não clamaria aos seus a paz, suspiros ou orações.

Sentado na cabana, Juan disse à sua esposa:

— Oremos o Louvado. Agora eu juro entregar minhas forças e minha vida aos nossos protetores.

— Juanuco! Eu não lhe disse? Também os servirei até que esteja velhinha.

— E eu também, mamãe — acrescentou Margarita.

E os três começaram a instruir Rosália, explicando que os homens não a levaram embora graças aos esforços do Wiracocha Fernando e da senhora Lucía, da casa branca. E fazendo-a se ajoelhar no fundo da casa, com as mãozinhas unidas ao céu, pediram que ela repetisse as sublimes frases do Abençoado e do Louvado.

— Agora acenda o fogão — pediu Juan a Margarita.

— Assaremos algumas batatas, temos pimenta também — disse Marcela, puxando um embrulho de palhas de milho amarrado com um pedaço de lã.

— Amanhã vou matar uma galinha, Marcela. Estou muito feliz e acredito que nosso compadre deve nos emprestar uns dois pesos — disse Juan alegremente.

— Boa ideia, tata. Ou pediremos o troco ao padre — respondeu a mulher, colocando dois pratos de barro ao lado do marido.

— Que troco! Para que tanto? — disse Yupanqui.

— Que linda ficará nossa Margarita quando for afilhada da senhora, hein? — disse a mulher mudando o rumo da conversa.

— Sem dúvida. Ela vai vesti-la com as roupas que eles usam.

— Mas meu coração dói quando lembro que Margarita não olhará para nós como agora, enquanto ainda é menina — Marcela suspirou e se aproximou para colocar lenha no fogão.

— Por que está pensando nisso? A senhora Lucía vai ensiná-la a nos respeitar — disse o indígena.

— Que *Pachacamac*<sup>25</sup> a abençoe! — Marcela acrescentou, com gratidão.

— Mamãe, se a senhora Lucía for minha madrinha, eu irei morar com ela? — perguntou Margarita.

— Sim, filha — respondeu a mãe.

— E você, e meu pai e minha irmã? — insistiu Margarita.

---

25 Antigo deus pré-hispânico Pacha Kamaq, a quem era atribuída a criação do universo e tudo o que ele contém. Pachacámac é ainda um oráculo que acreditavam ser capaz de prever o futuro e controlar os movimentos da Terra. A palavra Pachacámac significa alma da terra, aquele que anima o mundo.

— Iremos vê-la todos os dias — respondeu Marcela, sem deixar de cuidar do que estava preparando. Juan acariciava Rosália entre os joelhos e disse:

— Parece que soltou a língua.

— Parece que sim — concordou Marcela, virando as batatas que assavam; Margarita perguntou novamente:

— E vocês vão me levar os frutos da amora e os ninhos dos pardais?

— Sim. Vamos levar tudo isso se você aprender com a senhora Lucía a costurar e a tecer — afirmou Marcela, pegando as batatas e colocando-as nos pratos que estavam ao lado do marido.

O jantar foi apetitoso e frugal; e a oração de Rosália chegou ao céu, alcançando um sonho tranquilo para a família de Juan Yupanqui, que descansou sem o gemido das dúvidas no humilde leito das satisfações.

Um profundo bocejo de Juan fez com que Marcela notasse que seu marido estava completamente adormecido e que as filhas haviam seguido seu exemplo, deixando a choça em absoluto silêncio.

E enquanto aqui dormem as almas da Quietude, vamos ver o que acontece na casa paroquial.

## CAPÍTULO XVII

**U**ma sombra negra, assustada e impaciente, passeava de um extremo a outro na sala completamente escura, pois não tinha coragem de acender a lâmparina de óleo de linhaça comumente usada, ou a vela de sebo feita pelo veleiro local com seus arranjos de murta e alecrim fervido, o que torna a gordura animal branca e consistente.

O crime sempre se acomoda com a escuridão da noite.

Em frente a uma pequena janela com balaústres e folhas de madeira pintadas com terra amarela, foi colocada uma cunha velha feita de *zumbaillo*<sup>26</sup> que suportava um dossel feito com cortinas de seda adamascada, tão antigas quanto o próprio lugar.

A cama larga e confortável, com sua colcha curiosa feita de mil retalhos de caxemira de cores diferentes, engenhosamente tecida pela paciência de uma mulher zelosa ou pela mão de alguma beata da cidade, estava um tanto desfeita, dando

---

26 Madeira peruana muito valiosa e estimada.

sinais de desordem. Em um banco de madeira ao lado da cama, um tanto reclinada sobre os travesseiros, estava uma mulher clandestinamente recebida, anunciada pelo pongo desde as primeiras horas da noite, quando o padre ainda participava do conselho.

No escuro, para não lançar a menor suspeita sobre si mesmo, o padre Pascual esperava o resultado dos grandes ardis tramados por ele. Encontrava-se acordado nas altas horas daquela noite; e de tempos em tempos colocava o ouvido nas fendas da janela.

— O que há de errado com você, homem de Deus? Nunca lhe vi tão desconfortável como agora — aventurou-se a dizer a mulher.

— Você não ouviu o tiro? — balbuciou o padre, porque o licor de escorcioneira ainda fazia efeito e a palavra não era exata.

— Que tiro? Já se passaram tantas horas, tudo está em paz — disse a mulher.

— Podem roubar a igreja. Más notícias me foram trazidas esta tarde pelos vizinhos — respondeu o padre secamente, com o objetivo de desorientar completamente a malícia da mulher, porque a ideia de parecer inocente bulia em seu cérebro.

— Ladrões em Kíllac? Ladrões aqui na igreja? Ha! Ha! Ha! — riu alto a mulher.

— Cale-se, mulher dos meus pecados! — respondeu o padre com raiva manifesta, batendo o pé no chão.

— Mas, homem, venha cá. Deite-se por um momento...

— Cale a boca, demônio! — interrompeu o padre Pascual.

— Não seja bruto de novo, depois das torpezas que fez — replicou a mulher como se quisesse arrumar confusão.

E o padre, sem outra maneira de impedi-la de falar em voz alta e acusadora, deitou-se ao lado dela, tirando do bolso um lenço de seda que amarrou em sua cabeça.

Uma coruja atravessou os telhados da casa paroquial, com seu adejar sinistro e grunhido sombrio que proclamavam o mau presságio que é o terror das pessoas simples.

Don Sebastián não havia voltado para sua casa.

Dona Petronila chamou dois criados e os enviou em busca de seu marido, para que lhe servissem de companhia.

— Eu irei, mãe — disse Manuel pegando seu chapéu e uma bengala *huarango*.<sup>27</sup>

— De forma alguma vou consentir. Oh, filho, eu não sei o que meu coração anuncia. Aquele tiro de espingarda, a ausência prolongada de seu pai, as andanças de Estéfano, tudo me preocupou — disse a Senhora Petronila com tris-

---

27 Madeira peruana muito valiosa e estimada.

teza. Manuel, entretanto, inspirado pela nobreza de seus sentimentos e talvez com segundas intenções, respondeu:

— Por isso mesmo, mãe, tenho que ir à procura de don Sebastián para afastá-lo dos perigos e de implicações...

— Seria inútil, meu filho. Você não sabe como ele é teimoso. Ah! Eu imploro, Manuel! — dona Petronila acrescentou, abraçando o filho com carinho, que permaneceu pensativo e taciturno por alguns segundos. E aproveitando o silêncio, insistiu suplicante:

— Seu dever é cuidar de mim, Manuel. Eu sou sua mãe, não me deixe sozinha! Eu lhe imploro, em nome de Deus!

— Não sairei, mãe — respondeu Manuel com energia, apoiando na parede a bengala e tirando o chapéu.

— Agora sim, agora sim, Manuelito! Talvez eu consiga dormir. Vamos.

— Sim, deite-se, mãe: a noite está muito fria e já é muito tarde.

— Recolha-se, então, ao seu quarto, e até amanhã — despediu-se dona Petronila, olhando com satisfação para o filho.



## CAPÍTULO XVIII

**A**s primeiras badaladas e disparos de armas, os capatazes de don Fernando fugiram aterrorizados em busca de refúgio, porque entenderam que havia um ataque.

Don Fernando pegou um rifle de caça bem abastecido de munição e preparava-se para a defesa, mas Lucía interveio suplicante e angustiada:

— Não, meu Fernando, não! Salve-se, salve-me, vamos nos salvar!

— E fazer o quê, meu amor? Não há outra escolha, do contrário vamos morrer desamparados — insistiu don Fernando, tentando acalmar as impressões da esposa.

— Vamos fugir, Fernando! — suplicou Lucía, aproveitando as últimas palavras do marido.

— Para onde, Lucía querida? Já ganharam as entradas da casa — respondeu don Fernando, pegando uma caixa de cápsulas Remington e jogando-a no bolso da calça.

As vozes se repetiam na rua, cada vez mais assustadoras e implacáveis.

- Bandoleiros!
- Estrangeiros!
- Forasteiros!
- Sim, morte! Morte!

Eram as palavras que se percebiam nesse torvelinho do motim. De repente, uma nova voz foi ouvida, fresca, sem os gases do álcool, que, com toda a arrogância e serenidade da coragem, disse:

— Para trás, miseráveis! Aqui não se assassina!

E outra voz apoiou a anterior, dizendo:

— Nós fomos enganados! Miseráveis!

— Não há ladrão nenhum — observou a mesma voz que sustentava a primeira.

— Aqui vivem pessoas honradas! — gritou alguém com coragem.

— Venham por este lado! — a primeira voz ordenou e naquele momento uma mulher chegou com uma lanterna de vidro provida de uma vela de sebo que emitia uma luz fraca.

Os tiros e os sinos cessaram.

A multidão começou a se espalhar em direções diferentes, até que se dispersou completamente.

A entrada da casa de don Fernando estava totalmente destruída, grandes pilhas de pedras formadas ao acaso estavam ao lado das portas, transformadas em lascas.

— Traga essa lanterna aqui! — gritou um homem atravessando a multidão. E com a luz fraca da vela, Manuel reconheceu a senhora Petronila.

— Mãe, você está aqui? — surpreendeu-se ele.

— Filho, estou ao seu lado! — respondeu dona Petronila com o semblante cheio de pavor, mirando a lanterna no filho; e juntos começaram a reconhecer os mortos e feridos.

O primeiro cadáver que encontraram foi o de um indígena, e a seu lado estava uma mulher também banhada em sangue e lágrimas, gritando em desespero:

— Oh! Eles mataram meu marido! Também mataram meus protetores!

Eram Juan e Marcela. Ambos correram para a casa de don Fernando desde que ouviram os primeiros tiros. Juan caiu trespassado por uma bala que, entrando pelo pulmão direito, saiu rompendo a segunda costela e roçando o fígado.

Marcela, ferida por um tiro no ombro, jorrava uma torrente de sangue e, ao lado, jaziam três cadáveres de indígenas indefesos.

— Mãe! — gritou Manuel chamando a atenção da senhora Petronila. — Esta índia irá sucumbir em poucos minutos, se não tiver assistência imediata.

— Vamos tirá-la daqui, levá-la a algum médico — respondeu a senhora Petronila.

— Precisamos de alguns homens! — exclamou Manuel e vários se ofereceram para conduzir Marcela.

O jovem intrépido que, desafiando a ira de uma população bêbada, abriu passo e conteve o motim, disse a si mesmo ao ver a solicitude de todos para pegar os mortos e cuidar dos feridos:

— É notório! O motim é o resultado de um erro mais digno de perdão do que de punição.

Vários homens levantaram Marcela, completamente fraca, para levá-la a um médico.

— Devagar, com cuidado, um pouco mais — pedia dona Petronila.

— Oh! Para onde estão me levando? — Marcela perguntou, apertando a ferida com a mão e acrescentando com pesar:

— Minhas filhas...! Rosacha! Margarita!

— O que aconteceu com don Fernando e Lucía? — perguntou Manuel com crescente aflição.

E naquele momento a aurora de um novo dia apareceu para iluminar as faces dos culpados.

## CAPÍTULO XIX

**H**avia outra pessoa tão interessada quanto Manuel em saber o destino do casal Marín. Era o padre Pascual, que prodigiosamente inventava explicações para dona Melitona, a mulher que o acompanhou nessa noite sinistra.

Depois que os sinos ficaram em silêncio e o tiroteio cessou, o padre Pascual disse para si mesmo:

— A esta hora, o que tinha que acontecer já aconteceu.

— E dirigindo-se a Melitona, acrescentou dissimuladamente:

— Parece que todo o barulho acabou, né?

— Sim, acho que passou, padre, e que sustos os que tive! — Melitona respondeu fazendo espalhafato.

— E os meus não foram poucos desde o momento em que ouvi o primeiro disparo, acreditando que atacassem a igreja, e você que teimava... — disse o padre.

— Felizmente percebemos logo de que era em outro lugar. E pensar que você queria sair?

— Jesus me ajude! Ainda bem que você me impediu, Melitonita; embora digam que as mulheres...

— O que será que aconteceu, padre? — perguntou inocentemente a mulher.

— Devem ser coisas de política. Graças a Deus que não saí, obrigado, obrigado — repetia o padre em cujo coração a ansiedade para conhecer o resultado aumentava, embora conseguisse dominar suas emoções e aparentar calma.

Melitona adormeceu sem necessitar de maiores explicações, mas o padre esperou ansiosamente a chegada do amanhecer.

Mal o dia havia raiado e já se ouviam passos de pessoas que transitavam pelas ruas. O padre tossiu fortemente, despreendeu o lenço que tinha amarrado em sua cabeça e colocou-o debaixo do travesseiro.

— Vá, Melitonita. Você, que é mulher, tem o direito de ser curiosa. Descubra o que realmente aconteceu ontem à noite neste bairro, que, como calculamos, foi... me parece... na direção da casa de don Fernando. Vou me preparar para a missa. — disse o padre.

— Agorinha, padre — respondeu Melitona, dando-se por satisfeita com o pedido. Benzeu-se três vezes, vestiu-se, prendeu o xale de caxemira roxo com franjas pretas e saiu.

As primeiras pessoas com quem se encontrou deram informações quase exatas do ataque à casa de don Fernando Marín; mas ansiosa para levar notícias comprovadas por

seus olhos para a casa paroquial, Melitona se introduziu na cena do evento.

— Jesus! Que imprudência! Que hereges terão feito isso! Oh, veja todos esses destroços! — dizia ela, andando pelas ruínas e contemplando os despojos.

Lucía e don Fernando estavam sãos e salvos, cercados de pessoas na sala de sua casa. Manuel, com toda a indignação de seu coração puro e com todo o fogo de sua idade, estava inconformado.

— É inconcebível iniquidade igual, senhor don Fernando. Este povo é um povo bárbaro e vocês se salvaram por milagre. Conte-nos, como escaparam? — perguntou Manuel.

— O milagre é de Lucía — respondeu don Fernando secamente, dando um nó na gravata que por distração havia se soltado, e caminhando a passos largos pela sala.

— Senhora Lucía! — disse Manuel, voltando o olhar até o sofá, onde ela estava recostada, profundamente emocionada e aspirando de vez em quando saís de um frasquinho de vidro da Bohemia, cuja tampa entreabria com cuidado.

Don Fernando, seguindo o curso de suas ideias, disse:

— Que horror! Muitos sabem o que é acordar com o barulho da desordem, com o tiroteio e a matança, porque neste país se suportam e se presenciam com frequência essas revoltas e lutas civis, nas quais, em nome de Pezet, Prado ou

Piérola<sup>28</sup>, se espalha o terror e a confusão, seja no calor de uma revolução, seja nos fortes de uma resistência! Mas o que talvez poucos conheçam é o despertar do sonho da felicidade entre o chumbo assassino e a voz do massacre lançados às paredes de seu próprio quarto!

— Basta, don Fernando! Basta! — gritaram várias vozes em coro.

— Que atrocidade! — Manuel acrescentou, passando a mão pelos cabelos, e don Fernando, respondendo à primeira pergunta de Manuel, ainda sem resposta por conta daquele tumulto natural de pensamentos, disse:

— Eu estava decidido, Manuel, a me oferecer ao sacrifício e morrer matando. Mas as lágrimas da minha boa e santa esposa me fizeram pensar em me salvar para salvá-la também. Nós dois fugimos pela parede à esquerda e fomos nos refugiar atrás de algumas cercas de pedra, na fronteira justamente com o local do ataque, e de lá testemunhamos tudo: o ataque à nossa casa, seu heroísmo, a abnegação maternal de dona Petronila, o fim do nosso pobre Juan e a desgraça da infeliz Marcela.

— Pobre Juan! Pobre Marcela! Agora que a infelicidade nos uniu, meus cuidados serão para ela e suas filhas — disse Lucía, interrompendo o marido e suspirando com profunda compaixão.

---

28 Os três foram políticos e presidentes do Peru.



— Oh sim! Margarita, Rosalía, a partir de hoje essas pombinhas sem ninho encontrarão a sombra do pai nesta casa — prometeu don Fernando.

— Vamos trazer Marcela aqui para medicá-la com cuidado — pediu Lucía, enternecida. Depois, dirigindo-se particularmente ao jovem, acrescentou:

— Manuel, eu lhe imploro em nome da amizade. Cuide disso.

— Agora mesmo, Senhora. Anjo do bem, curará as feridas de uma mãe e nós, don Fernando, acertaremos as contas com os culpados — respondeu Manuel com veemência juvenil.

Ao dizer essa última frase, uma palidez mortal banhou sua fisionomia, porque o nome de don Sebastián passou pela sua cabeça; don Sebastián, o marido de sua mãe, o homem a quem chamava de pai.

Pegou o chapéu mecanicamente, fez uma reverência e saiu apressado, cruzando com dona Melitona na rua, que ouvia tudo da porta, sem perder uma palavra.

Don Fernando sentou-se ao lado de Lucía e pegou um cigarro.

Como dona Melitona achava que já havia descoberto o suficiente, refez os passos para informar o padre, que esperava impacientemente a chegada de sua amante para ir à igreja.

Melitona disse, ao entrar e soltar o xale:

— Trago notícias quentinhas, padre.

— Sim, Melitonita, como foi o ocorrido? — perguntou o padre Pascual.

— Dizem que don Fernando teve não sei que acerto de contas com uns laneiros, e que don Sebastián se meteu na história em favor de não sei quem. Depois disso, veio o desagrado, armou-se a confusão. Pessoas do povoado acharam que eram ladrões e tocaram os sinos — relatou Melitona com gestos e movimentos de cabeça.

— Então eram assuntos privados? Bom chacoalhão tenho que dar no sineiro para que não seja tão afoito com os toques! — respondeu o padre, dissimulado.

— Foi o que disseram, padre, mas o filho de don Sebastián, um jovem recém-chegado, está lá, junto de don Fernando, dizendo que vai punir os culpados — contou Melitona.

— Ele disse isso? — perguntou o padre e, mordendo o lábio e sussurrando para si mesmo, completou: — Jovem imberbe! Seu pai há de te calar. Além disso, quem vive mais sabe mais....

Pouco depois, o sino da cidade soou, chamando à missa.

## CAPÍTULO XX

**A** chegada de Marcela, conduzida em uma maca, ferida, viúva e seguida pelas duas órfãs, na mesma casa de onde no dia anterior ela saiu contente e feliz, impressionou muito Lucía. Sozinha naquele momento, não conseguiu segurar as lágrimas e foi chorando em direção à amiga.

Fez colocar a maca em um quarto arrumado; pegou Rosalía nos braços, acariciou Margarita e disse às duas:

— Filhas, pobrezinhas, preciosas.

Depois foi falar com Marcela.

— Ah, minha querida! Quanta resignação você precisa! Lhe rogo para que se acalme, seja paciente... — disse ela sentando-se ao lado da mulher ferida.

— Madame, não teve medo de nos proteger? — perguntou a indígena com voz e olhar lânguidos, mas Lucía, sem responder a essa pergunta, continuou:

— Como está fraca! — E dirigindo-se a duas criadas que estavam na porta, ordenou: — Preparem um caldo de galinha

com algumas fatias de torrada e um ovo batido. Cuidem dela com todo zelo.

O semblante de Marcela revelava seus terríveis sofrimentos, mas as palavras de Lucía pareciam ter-lhe aliviado. Tal era a influência benéfica que exercia aquela mulher tão cheia de bondade que, apesar de o enfermeiro de Kíllac ter declarado que o ferimento era fatal e imediato, pois a bala permanecia alojada na omoplata após atravessar o ombro esquerdo, e a febre já invadisse o corpo, Marcela foi se alentando.

Assim, dois dias se passaram, com pequenas mostras de que a enferma se salvaria.

Don Fernando acabara de chegar da rua e Lucía perguntou com grande interesse:

— Fernando, e os restos mortais de Juan?

— Já foram levados ao cemitério com todas as honras que pude pagar. Colocaram-no em uma cova provisória — respondeu don Fernando, satisfazendo a pergunta de Lucía, que disse:

— E por que provisória?

— Porque é provável que os juízes façam um novo reconhecimento, duvidando do que eu mandei fazer — respondeu don Fernando tirando um papel do bolso.

— Que fórmulas, meu Deus! E o que esse certificado diz? Deixe-me ver?

— Aqui está — continuou don Fernando, desdobrando o jornal e lendo: — “Juan Yupanqui sucumbiu instantaneamente pela ação do projétil lançado de uma certa distância e que, quebrando a escápula direita, cruzou obliquamente os dois pulmões, destruindo as artérias grossas do mediastino.”

— Esse relatório ajudará na investigação para que se descubra o assassino? — perguntou Lucía.

— Oh, querida! Temos poucas esperanças de conseguir alguma coisa — lamentou-se don Fernando, dobrando e guardando o papel novamente.

— E o padre Pascual, o que diz?

— Pst! Ele não teve nenhum problema em fazer a oração de corpo presente na tumba de Juan Yupanqui, como eu não tive para colocar sua humilde cruz de madeira — respondeu don Fernando, torcendo o bigode.

— E por acaso ignorará os pormenores do ataque que sofremos?

— Não acho possível que ele os ignore!

— Mesmo? Não falta pecado a esses homens! E os juízes? — insistiu Lucía, indignada.

— Os juízes e as autoridades tomaram algumas medidas, como a de depositar as pedras amontoadas em nossas portas como provas do crime — respondeu don Fernando, rindo e imediatamente assumindo uma expressão de tristeza que

revelou sua profunda decepção; talvez todos esses eventos tivessem feito nascer o ceticismo em seu coração nobre e justo.

Conversando assim, o casal Marín atravessou a passagem que leva de um cômodo ao outro e chegaram ao quarto de Lucía, onde sentaram-se próximos. Ela no sofá; ele em uma poltrona.

— Vou incomodá-la, querida. Acho que tem um pouco de *chicha*<sup>29</sup> de quinoa com arroz, me dê um copo, por favor — pediu Fernando.

— Um momento, meu amor — disse Lucía, levantando-se e saindo do quarto.

Um minuto depois, a senhora Marín voltou com um copo de vidro em uma louça, contendo um leite grosso polvilhado com canela em pó, bastante atraente pela aparência e pelo aroma, e o entregou ao marido.

Don Fernando tomou a *chicha* com avidez, colocou o copo sobre a mesa, limpou os bigodes com um lenço perfumado e voltou ao seu humor habitual.

— Que bebida reconfortante. Não sei como existem pessoas que preferem a cerveja — comentou.

---

29 Bebida de fabricação artesanal, originária dos povos pré-colombianos da América Andina, obtida pela fermentação de determinados cereais, raízes, sementes ou frutas. Ainda hoje os peruanos produzem a *chicha* da mesma maneira que seus ancestrais.

— Verdade. Não posso nem ver a cerveja que fazem em Silva e Picado — ela respondeu.

— E voltando a lembrar do pobre Juan, você sabe, querida, que o índio me despertou ainda mais interesse depois de sua morte? Dizem que os índios são ingratos, mas Juan Yupanqui morreu por gratidão.

— Para mim, os princípios de retidão e nobreza dessa raça peruana se mantém os mesmos desde os fundadores do império conquistado por Pizarro. Outra coisa é que todos os da laia dos notáveis daqui colocaram o índio na mesma esfera dos animais produtores — respondeu Lucía.

— Há algo mais — continuou don Fernando. — Está provado que o regime de alimentação imposto degenerou as funções cerebrais dos índios. Como você já notou, esses deserdados raramente comem carne, e os avanços na ciência moderna provam que a atividade cerebral está relacionada à boa nutrição. Condenado o índio a uma dieta vegetal das mais pobres, vivendo de nabos, favas cozidas e folhas de quinoa, sem albuminoides ou sais orgânicos, seu cérebro não tem de onde retirar fosfatos e lecitina, e sua capacidade psíquica fica comprometida. Isso fortalece o cérebro, o que, somado à falta de estímulos intelectuais, os faz viver no mesmo nível que os animais da fazenda.

— Penso como você, querido Fernando, e o parabênico por sua dissertação, embora não a compreenda. Se fosse

dita em inglês, lhe valeria o título de doutor e até mesmo especialista em qualquer universidade do mundo — brincou Lucía, rindo.

— Marota! Mas só o seu riso já me valeu — disse don Fernando, corando levemente, pois as palavras de sua esposa o fizeram perceber que ele havia feito um parágrafo científico, talvez pedante ou deslocado.

— Não, querido, se eu ri, é só... em razão da formalidade com a qual falamos a respeito dessas coisas sobre o túmulo de um índio tão raro quanto Juan.

— Raro não, Lucía. Se algum dia raiar a aurora da verdadeira autonomia do índio, pelo Evangelho de Jesus, testemunharíamos a evolução regeneradora da raça hoje oprimida e humilhada — respondeu don Fernando, voltando à sua expansão de palavra.

— Eu não discordo, mas discutindo aqui sobre os mortos, estamos esquecendo dos vivos. Vou ver se alimentaram Marcela — disse Lucía, e saiu com passo rápido.



## CAPÍTULO XXI

**M**anuel não teve nem uma hora de descanso desde o início dos funestos eventos que comoveram a população de Killac.

Depois de ordenar a transferência de Marcela para a casa de Lucía e testemunhá-la parcialmente, dedicou-se a praticar investigações prudentes, usando a sagacidade, patrimônio que a boa educação de uma escola sistêmica e zelosa dá aos alunos. Por essa mesma prudência, não pediu uma explicação imediata a don Sebastián, e se impôs uma ausência temporária da casa do senhor Marín.

Porém, tudo tem hora para acabar.

Algum tempo depois, quando voltou para casa, taciturno e sombrio, absorvido por uma ideia fixa, encontrou sua mãe preparando alguns *suches*.<sup>30</sup> Estavam abertos ao meio e temperados com pimenta, cebola picada, sal, alho e manteiga,

---

30 Peixes muito grandes encontrados nos rios e lagos do sul do Peru e estimados por seu sabor exótico.

dispostos em uma assadeira de barro. Aguardavam apenas ir ao forno para cozinhar.

Ao ver o filho, a senhora Petronila disse:

— Manuelito, como você gostava dos suches assados ao forno! Você se lembra, querido? É por isso que eu mesma os estou preparando. Quem iria cozinhar para o meu filho?

— Obrigado, mãe. Mande essa delícia para o forno e vamos conversar no seu quarto — pediu Manuel, para cujo coração foi um bálsamo aquela cena familiar simples. Em seguida, ele caminhou até o quarto da senhora Petronila:

— Benditas sejam as mães! Quem não sentiu os mimos e carícias de sua mãe, nem recebeu os beijos de quem nos levou em seu seio, ah, não sabe o que é o amor.

Entrando no quarto, ele arrastou uma cadeira até a escrivaninha, sentou-se pesadamente, apoiou os cotovelos e deixou cair a cabeça na palma das mãos em uma atitude pensativa.

Que articulações as que fazia!

Todos os fios que juntou nas investigações realizadas com as pessoas que a ele se associaram o levaram a vislumbrar os verdadeiros autores do assalto à casa de don Fernando Marín. Entre os principais suspeitos se destacavam as figuras de don Sebastián, o padre Pascual e Estéfano Benites.

Dona Petronila chegou e, batendo no ombro de Manuel, disse:

— Você dormiu, Manuelito?

Manuel deixou cair os braços sobressaltado, ergueu os olhos e fixou-os na mãe com uma expressão afetuosa.

— Nada disso, mãe; o espírito inquieto só vai para a vigília. Sente-se, vamos conversar.

E arrastando outra cadeira ao lado da sua a ofereceu à mãe.

— Não, filho, vou me sentar neste banquinho; estou mais confortável aqui — disse a senhora Petronila, rejeitando a cadeira e sentou-se no banco com almofada de sua escolha, ajeitando as saias do vestido.

— Como quiser — concordou Manuel.

— Eu já sei o que você quer falar. Jesus, que coisas as que aconteceram, não? Até agora minha alma não voltou ao corpo, ainda vejo os rostos dos índios mortos, banhados em sangue, cobertos de terra! Jesus! Jesus!

— Ah, minha mãe! Com qual estrela fatal eu voltei para testemunhar esses eventos! Mas são lamentações inúteis, vamos fazer das tripas coração para remediar isso e tratar que don Sebastián se salve — respondeu Manuel, iniciando as confidências entre mãe e filho.

— Ah, meu filho! Para que eu lhe contaria tudo? Desde que eles fizeram seu pai governador, ele se tornou outro e... eu não posso mais com ele...

— Sim, eu sei. Eu entendi tudo, mãe, desde o primeiro momento.

— Fale você com ele. Ele vai lhe ouvir.

— Temo que não! Se eu fosse seu filho de verdade, falaria nele a voz do amor paterno, mas... você... você sabe...

— E por que você traz à tona essas coisas? — retrucou a senhora Petronila com raiva.

— Desculpe mãe, mas vamos direto ao ponto. Você precisa me ajudar, mas com amor. Sem palavras amargas, sem acusações, nada disso, simplesmente temos que fazer com que ele deixe o governo e, de resto, jogarei os resultados nos meus ombros; tenho meditado. Agora vou falar com o padre malandro.

— Não fale assim de um padre, Jesus! O excomungado se desgraça!

— Mãe, o homem que prostitui seu ministério merece desprezo. Mas não falemos dele, tratemos de don Sebastián. Vá vê-lo em seu quarto e tente falar com ele, prepare-o para me receber mais tarde.

— Agora mesmo? — perguntou a senhora Petronila, levantando-se.

— Sim, mãe, não há tempo a perder — respondeu Manuel, abotoando o casaco.

Dona Petronila saiu devagar. Chegando à porta do quarto de don Sebastián, parou alguns segundos, benzeu a testa e entrou.

Manuel ficou dando voltas no quarto de sua mãe, entregue às suas reflexões; sabia que a conversa com don Sebastián seria difícil.

No decorrer de suas voltas, ele repentinamente fixou os olhos em um vaso de barro colocado em um canto, que chamou sua atenção com tanta vivacidade e, examinando-o, disse:

— Este deve ser um *huaco*<sup>31</sup> de grande importância: que terra tão fina... e esses desenhos tão admiravelmente executados, que bem-feitos os trabalhos da *Lliclla*<sup>32</sup> da *Coya*<sup>33</sup> e das sombras do manto esvoaçante do índio, que é possivelmente um cacique.

— Manuelito, parece que Chapaco está no seu melhor momento — disse dona Petronila, entrando alegremente.

— O que você comentou sobre o assunto? — perguntou Manuel com interesse, colocando o huaco no mesmo lugar.

---

31 Antiguidade extraída geralmente dos sepulcros dos incas.

32 Manto feminino que cobre ombros e costas, como um xale.

33 Coya é o nome que recebia a esposa principal do Sapa Inca ou Imperador Supremo dos incas, que também era sua irmã, para distinguir das esposas secundárias. A Coya podia dirigir, na ausência do imperador, o governo da capital Cuzco e também ajudar vítimas, em caso de grandes catástrofes. A Coya era uma das únicas pessoas que podiam ver o Inca e, embora recebessem uma educação inferior à dos homens, era uma educação privilegiada.

— Eu nada quis discutir, como você mesmo pediu; mas disse que era conveniente que ele deixasse o governo, porque há de ter desgostos por causa da outra noite e assim por diante.

— Você não disse que ele é mencionado como participante?

— Para que diria isso? Jesus! Ele teria pulado de raiva. Eu não me atrevo!

— Mas, o que ele respondeu, enfim?

— “Eu sei o que fazer”, respondeu ele, como se tivesse truques na manga. Anda, sem mais — disse dona Petronila, pegando a mão do filho.

Manuel beijou a testa de sua mãe e foi para o quarto de don Sebastián Pancorbo, governador de Kíllac.

## CAPÍTULO XXII

**D**on Sebastián estava deitado em uma poltrona, envolto em um poncho felpudo, tinha enrolado na cabeça um lenço vermelho de seda, cujas pontas, formando um nó, estavam voltadas para a testa. Estava visivelmente preocupado.

— Bom dia, senhor — disse Manuel ao entrar.

— Bom Dia. Como está, Manuel? Francamente, desde que chegou, não nos vimos mais que três vezes — respondeu don Sebastián, dissimulando preocupação.

— Não é minha culpa, senhor, não tem estado em casa.

— Francamente, são esses amigos e a posição que ocupo; já não me pertencem mais. Tem razão, Manuelito — concordou o governador.

E, como buscando uma maneira de validar seu comportamento, acrescentou:

— Na outra noite, francamente, filho, estive em grande perigo, incapaz de conter a desordem que houve. O que um governo pode fazer sem força armada? Mas você se com-

portou muito bem... e, francamente, esse don Fernando também tem culpa.

— Vim falar com o senhor seriamente sobre o que aconteceu na outra noite. Não consigo manter meus braços cruzados quando vejo que lhe acusam.

— A mim? — espantou-se Pancorbo, pulando.

— Sim! Ao senhor.

— E quem me acusa? Vamos ver, quem? Francamente, eu quero conhecê-lo.

— Não se exalte, senhor. Acalme-se e conversaremos entre pai e filho: aqui ninguém nos ouve — respondeu Manuel, mordendo os lábios.

— E você, o que acha? Vamos, fale! Também. Francamente, essa é boa.

— De todas as investigações que fiz, ficou evidente que o padre Pascual, o senhor e Estéfano Benites conspiraram e dirigiram isso contra don Fernando, por devoluções de dinheiro de adiantamentos e do enterro.

Don Sebastián foi mudando de cor a cada palavra de Manuel. Pálido ao final, vítima de um tremor nervoso, sem poder dominar-se, disse:

— Dizem isso? Francamente, eles nos venderam!

— Não eram somente os senhores; outros indivíduos estavam no complô; e as tramas que são feitas entre



copos não levam o selo do sigilo — continuou Manuel calmamente.

— Será o Escobedito? Francamente, aquele garotinho me dá um mau pressentimento.

— Haverá sido alguém, don Sebastián; porém já não é hora de conjecturas, mas de colocá-lo em segurança.

— E o que tem em mente, filho? — perguntou don Sebastián, mudando de tom.

— Que o senhor deixe o governo imediatamente — respondeu o jovem.

— Isso não, francamente, isso não! Deixar de ser uma autoridade na cidade onde nasci? Não, não, nem me proponha uma coisa dessas, Manuel — respondeu don Sebastián com raiva.

— Mas terá que fazer isso antes que o destituam, é um pedido e um conselho. O senhor foi levado pela corrente; o principal autor é o padre, eu me entenderei com ele enquanto o senhor renuncia, don Sebastián. Desde a infância eu lhe chamo de pai, todos me creem seu filho, e o senhor não pode duvidar do meu interesse, nem desconsiderar meu conselho. Faço tudo por amor à minha mãe, por gratidão ao senhor — disse Manuel, esgotando seu arsenal persuasivo e secando a testa, onde escorria o suor da discussão em que teve que mencionar novamente sua paternidade desconhecida pela sociedade.

Don Sebastián ficou comovido. Abraçou Manuel, dizendo-lhe:

— Faça, então, como queira, francamente... mas, o padre que não fique sem sua ração.

— Tudo se resolverá da melhor maneira possível para o senhor. Depois iremos juntos a don Fernando, porque é conveniente que estejam de acordo. Agora vou ao padre Pascual, até mais — disse Manuel, pegando seu chapéu.

E partiu na direção da casa paroquial, enquanto don Sebastián repetia entre os dentes, balançando a cabeça:

— Escobedito, ou Benites... moleques...!

O padre Pascual tomava seu café da manhã tranquilamente naquelas horas, cercado por dois gatos, um preto e um amarelo com branco; um cachorro peludo cochilava com a cabeça entre as duas patas dianteiras, estirado no limiar da sala, e o pongo, de braços cruzados, em atitude humilde, esperava em pé ao lado do cachorro pelas ordens de seu amo.

Quando sentiu passos e viu Manuel, o padre ergueu um prato fundo e, virando-o, cobriu outro prato em que havia um pombo temperado à crioula, com dois tomates partidos sobre as asas e um ramo de salsa no bico.

— Senhor padre — cumprimentou Manuel ao entrar, tirando o chapéu educadamente.

— Jovenzinho Manuel, a que feliz casualidade devo o prazer de vê-lo aqui? —perguntou o padre.

— A causa da minha vinda não lhe deve ser desconhecida, senhor padre — respondeu Manuel secamente e com raiva, pois estava preparado a não usar de diplomacia com o padre Pascual.

— Senhorzinho, você me surpreende — disse o padre, variando o tom e levantando distraidamente um garfo da mesa.

Manuel, que permaneceu em pé, se adiantou e respondeu:

— Sem preâmbulos, senhor padre; o motim da noite retrasada que cobriu de vergonha e luto esta cidade é obra sua...

— O que você diz, insolente? — retorquiu o padre se movendo em seu assento, surpreso ao ouvir pela primeira vez lhe falarem de igual para igual e em tom acusador.

— Nada de xingamentos, senhor padre; lembre-se de que não é a batina que faz respeitar ao homem, mas o homem que dignifica esse hábito que cobre bons sacerdotes e também ministros indignos — replicou Manuel.

— E que provas terá para tal acusação?

— Todas as que um homem precisa para acusar outro homem — respondeu o jovem categoricamente.

— E se em meu lugar você encontrasse uma pessoa cuja presença o faria abaixar a cabeça envergonhado? — disse

o padre Pascual, jogando sobre a mesa o garfo que ainda segurava na mão e acreditando ter dado um golpe decisivo em Manuel.

Mas ele, sem perder a serenidade, respondeu com calma:

— A pessoa a quem se refere, senhor padre, tem sido uma infeliz ferramenta em suas mãos, como outras...

— O que diz, colegial? — disse colérico o padre, em cuja mente passou uma dúvida: “Terá o altivo Pancorbo lhe revelado algo?”...

— Ouviu muito bem, senhor padre. E sejamos breves — acrescentou Manuel.

— Mais breve será você partindo — respondeu o padre, zangado.

— Não espere por isso antes do tempo, antes de cumprir meus propósitos, senhor padre.

— E o que você pretende? — perguntou o pároco, mudando o tom de sua voz e dominando seus ímpetos de raiva.

— Que o senhor e don Sebastián reparem os danos que causaram, antes que a justiça reivindique os criminosos.

— O que eu ouço? Santo céu! Don Sebastián, fraco e sensível, me vendeu... — exclamou o padre totalmente derrotado por Manuel, que acabara de mencionar seu pai.

Mas como alguém que encontra uma nova fortaleza de defesa, disse:

— Você vai fazer o papel do filho desnaturado que acusa o próprio pai?

— Claro que não, já que busco uma reparação prudente e ponderada para atenuar a falta, a qual haverá de ser feita, porque nossas crenças religiosas nos ensinam que, sem a prévia remissão do mal, não encontraremos as portas do céu abertas.

— Ah! Isso lhe ensinaram seus mestres, a não reparar a acusação de seu pai? —perguntou o padre ironicamente, empenhado em seu trabalho de sabotador.

— Mais que isso, senhor padre: fui ensinado que, sem a justiça da ação, não há cidadão, nem haverá país, nem família; e repito que não acuso don Sebastián, busco apenas atenuar sua falta...

O jovem ia continuar quando um empregado da casa de don Fernando apareceu, todo horrorizado e descomposto, gritando da porta:

— Senhor, ajuda para um moribundo!

— Vá, senhor padre, cumprir os deveres do sacerdote... depois conversaremos — disse Manuel, que saiu assim que surgiu uma testemunha.

O padre foi pegar o chapéu e, vendo Manuel partir, disse com desprezo:

— Maçom de meia tigela!

Depois foi descobrir o prato que preservara do ar e, sentindo o cheiro, murmurou em voz baixa:

—Esfriou meu pombo... bem, na volta eu como.

## CAPÍTULO XXIII

O casal Marín não poupou esforços nem assistência cuidadosa para salvar Marcela, mas, desgraçadamente, ela piorava cada vez mais, encurtando os momentos de sua vida.

— Que mistérios são esses, Fernando? Marcela chegou em nossa casa calma e feliz em busca de um amparo que encontrou em nome da caridade; nos alegramos no bem, e dessas boas ações, elevadas e santas, resultou o infortúnio de todos! — disse Lucía a seu marido.

— Lembre-se de que a tarefa da vida é de luta e que a cova do bem é cavada pela ignorância. O triunfo consiste em não se deixar enterrar! — respondeu Fernando.

Margarita apareceu na porta rápida como um meteoro, gritando:

— Madrinha, madrinha, minha mãe lhe chama!

— Já vou! — atendeu Lucía, e dirigindo-se ao marido com um tapinha no ombro:

— Até logo, meu querido. — E rumou em direção ao quarto de Marcela.

Marcela se encontrava recostada, apoiada por vários almofadões de cotim rosado. Quando viu Lucía, seus olhos se encheram de lágrimas e com uma voz desfalecente e entrecortada, exclamou:

— Senhora... eu vou... morrer...! Ah... minhas filhas...! Pombas sem ninho ... sem árvore... e sem... mãe ...! Ai!

— Pobre Marcela, você está muito fraca, não se agite! Não vou repetir discursos agora para provar a você os mistérios de Deus, mas você é boa, você... é cristã — disse Lucía, ajeitando as cobertas da cama.

— Sim... senhora...!

— Se chegou a sua hora, Marcela, parta tranquila! Suas filhas não são pássaros sem ninho; esta é a casa delas; eu serei a mãe delas...!

— Deus... lhe pague...! Quero... lhe revelar... um segredo... para que... se perca em seu coração... até a hora certa — disse a enferma, lutando para conseguir falar.

— O quê? — perguntou Lucía, aproximando-se mais.

E Marcela, colocando os lábios quase gelados nos ouvidos da esposa de don Fernando, murmurou frases que fizeram Lucía fixar seus olhos com espanto à mulher doente.

— Promete... senhora?



— Sim, juro por Cristo, nosso Senhor, morto na cruz  
— disse Lucía, emocionada.

E a pobre mártir, para quem as horas de agonia se aproximavam, acrescentou o que seria seu adeus aos assuntos do mundo:

— Deus lhe pague...! Agora... quero me confessar... depois... a morte já... me espera!

Anunciaram a chegada do padre Pascual, cuja saudação Lucía recebeu friamente, pegando Rosalía e Margarita pela mão, a quem ela iria distrair para que não testemunhassem a partida eterna de sua mãe.

O pároco, alcançando o leito da moribunda, escutava as confidências sacramentais de sua vítima.

Margarita não podia mais se deixar enganar.

Seus olhos estavam vermelhos de lágrimas.

Teria que chorar ainda, quando viessem carregar a mãe ombros estranhos, para deixá-la para sempre no chão úmido do cemitério.

Pobre Margarita!

No entanto, em sua dor, ela não media a magnitude de seu infortúnio.

Lucía, ao pegar as meninas e entregá-las a uma criada para que colocasse os vestidos que lhes estavam costurando na máquina Davis, disse a si mesma:

— Adorável inocência das crianças! Ah! A infância tudo doura no calor de um sol brilhante, enquanto a velhice congela tudo com o frio do ceticismo. Têm razão os velhos em serem céticos conhecendo a humanidade? Meninas — acrescentou ela em voz alta —, vão com Manuela, ela lhes dará biscoitos e roupas bonitas.

E foi procurar don Fernando, que estava ocupado em seu escritório. Quase ao mesmo tempo, Manuel e don Sebastián chegaram. Quando Lucía os viu, apertando os dedos entrelaçados, perguntou-se admirada:

— O que vai acontecer hoje nesta casa, palco há poucos dias de eventos trágicos e cuja extensão ainda não é possível medir? Que novo drama será apresentado em minha casa, onde uma mão invisível agora reúne os principais atores, perseguidores e perseguidos, culpados e inocentes, na presença de uma mãe que está à beira do sepulcro aberto por esses notáveis, os quais na defesa de um suposto ataque aos seus costumes só buscam fins particulares, sem ignorar os meios mais perversos? Meu Deus...!

— A seus pés, senhora Lucía — cumprimentou Manuel, encontrando a esposa do senhor Marín quase na porta do escritório, por onde entrou, seguido de don Sebastián.

— Senhores — Lucía respondeu com manifesto desagrado para don Sebastián, que, tirando o chapéu, disse:

— Muito bom dia, senhora... senhor...

— Olá, don Manuel, don Sebastián — respondeu don Fernando, dominando o mau efeito que a presença do segundo lhe produziu.

Mas Manuel, calculando esse efeito antecipadamente e mitigando as coisas, foi o primeiro a iniciar a conversa:

— Don Fernando, viemos para encontrar um acordo sobre como o senhor poderá receber a mais explícita reparação de um povo que o ofendeu com a mesma ignorância com que ofende um cão raivoso.

— Reparar a mim, don Manuel, não é realmente uma coisa difícil. Eu, mais ou menos, estudei o caráter desse povo, que se desenvolve sem os estímulos de bons exemplos e bons conselhos; que à custa de sua própria dignidade, conserva o que chama de costume secular. Mas como reparar os danos causados em tantas vítimas? — respondeu o senhor Marín, enfatizando em suas palavras severamente a verdade e a censura.

— E, francamente, quantas mortes houve? — don Sebastián ousou perguntar com uma voz trêmula.

— O quê? O senhor ignora, don Sebastián? O senhor, a autoridade local? Coisa estranha, muito estranha! — disse don Fernando, dando um passo em direção ao assento que sua esposa ocupava.

— Sua estranheza é natural — Manuel se apressou a dizer. — Ficará satisfeito, don Fernando, em saber que meu pai não saiu de casa depois dos eventos que tive a sorte de conter, tendo assumido o cargo de tenente-governador, conforme convocado pela lei.

— Essa diligência cautelosa e muito bem pensada não o coloca a salvo de responsabilidades — Lucía observou com sua natural vivacidade feminina.

Mas Manuel, sempre pronto, respondeu:

— Senhora, eu que vim em momentos tão trágicos para Kíllac, para esta cidade em que nasci, não podia permanecer indiferente; devia buscar reparos, evitar novos males, e convenci meu pai a renunciar do posto que ele... falhou em exercer. Estou buscando alguma reparação.

— E entrará em conflito com vícios arraigados daqueles que gozam de inúmeros privilégios? Com erros que frutificam sob a árvore dos costumes, sem modelos, sem estímulos que despertem as almas da atonia em que os abusos mergulharam o desejo de lucro imoderado e a ignorância preservada pela especulação? Acho difícil, don Manuel — questionou o senhor Marín.

Manuel não foi derrotado nem convencido, e respondeu:

— Isso, precisamente; é essa a luta da juventude peruana desterrada nestas regiões. Tenho a esperança, don Fernando,

de que a civilização que se persegue tremulando a bandeira do puro cristianismo não tardará muito a se manifestar, constituindo a felicidade da família e, como consequência lógica, a felicidade social.

— E sua força será suficiente, jovem Manuel? O senhor tem outros apoios além do que oferece sua mãe e lhe brindamos nós, seus amigos? — perguntou don Fernando, detendo o passo que estava dando nesse momento e jogando um pedaço de papel que apertava durante a discussão.

Lucía cruzou os braços, cansada, e don Sebastián permanecia firme sob sua capa histórica.

— Acredito que este povo ainda não tocou na torpeza; suas massas são dóceis, o próprio evento de que lamentamos me provou isso, e me parece fácil guiá-lo pelo bom caminho — Manuel respondeu calorosamente.

— Não lhe contradigo, Manuel, mas...

— O erro também é possível de ser remediado, francamente, meu senhor — aventurou-se a dizer don Sebastián.

— Sim, se erro não tivesse cruzado os umbrais da eternidade, don Sebastián; temos sete feridos, quatro mortos e a infeliz Marcela próxima de morrer, deixando suas filhas; enfim, órfãos, viúvas, famílias destruídas...

— Como o senhor vai corrigir esses erros? — perguntou Lucía, endireitando os pés e saindo em apoio ao marido.

Don Sebastián cobriu o rosto com as duas mãos, como uma criança. Manuel empalideceu, limpando o suor abundante que invadiu sua testa, e a voz desesperada de Margarita chegou a todos:

— Misericórdia! Madrinha, padrinho, por favor...

—Vamos! — disse Lucía, levantando-se com a velocidade do pensamento e ordenando os presentes com os olhos.

Todos correram junto ao leito da esposa mártir, cuja vida se extinguiu em um suspiro, deslizando por suas bochechas a última lágrima esbranquiçada com que se dá adeus ao vale da dor.

Marcela acabara de voar para as regiões serenas da paz duradoura, deixando sua roupa mortal, para que o homem pudesse discutir em sua presença a teoria da decomposição orgânica que proclama o Nada e os princípios da perfeição mecânica movidos por um Algo, cujo começo e a cessação de funções reivindica uma mão construtora, revelando ao Autor da Natureza.

Ali estava o cadáver!

E don Sebastián e o padre Pascual, os únicos responsáveis pelas calamidades que ocorreram em Kíllac, presentes diante dos despojos da morta.

## CAPÍTULO XXIV

**A**s fofocas e os comentários correram de boca em boca, alguns corretos, outros deturpados, e os indígenas, envergonhados pela docilidade com que chegaram ao apelo dos sinos e caíram na armadilha ao atacar o pacífico lar de don Fernando Marín, vagaram pelos arredores da cidade, taciturnos e medrosos.

Estéfano Benites reuniu seu pessoal no mesmo escritório, em sua casa, onde os encontramos jogando cartas e, quando percebeu que seus cúmplices estavam hesitando, disse para animá-los:

— Compadres, o que está feito, está.

— Não achei que o tiro tivesse saído pela culatra — respondeu Escobedo, sacudindo de leve o *lloqqe*<sup>34</sup> que tinha nas mãos.

— Se a justiça vier, já sabem os senhores o que precisa ser feito — instruiu Estéfano.

---

34 Haste flexível, cresce em varas tão longas e retas que dele são feitas pontes suspensas e bastões.

— Sim? E se eles nos levarem a testemunhar sob juramento? — perguntou Escobedo.

— Não sabemos nada, compadre... isso combinaremos bem quando as coisas começarem; vale lembrar que sou o secretário do juiz de paz.

— Vamos colocar a culpa nos índios mortos — opinou um deles.

— Entregaremos o sineiro; esse índio tem vacas e pode litigar — disse outro.

— Rapaz, você falou com Rajita naquela noite? — perguntou Escobedo ao primeiro dos opinantes.

— Eu não; quem falou foi don Estéfano — respondeu.

— Sim, eu falei com ele — confirmou Benites.

— E como foi isso? Pretendo citar Rajita, porque é meu amigo e porque temos pendente um negócio de moagem de trigo — afirmou Escobedo com interesse.

— Bem, o que eu falei foi: “Santiago, esteja de sobrevivo que, segundo alguns jornais, sei que alguns bandidos chegaram pelas redondezas, assaltando igrejas e, como o ostensório da cidade é valioso, deve ser guardado”.

— Tudo bem: Rajita gosta muito de mim. Ele é capaz de me seguir até o purgatório — disse Escobedo, sorrindo e batendo nos pés com o lloque.



— Não deixem, então, de averiguar o que acontece, certo? Vou falar com don Sebastián, para que possamos nos planejar. — E com isso Benites despediu-se de seus colegas.

E cada um foi ao seu “canto da mentira”, que assim se chamam as esquinas da praça, nome dado por eles em um momento de inspiração.

O motim aconteceu exatamente como tramado na casa paroquial, embora sem os resultados almejados por aqueles cegos conservadores de seus costumes viciados.

Reunido o povo, a casa de don Fernando foi apontada como refúgio dos supostos bandidos, e como os momentos de excitação da população nunca são de reflexões, acreditaram e atacaram. Assim se deu a tragédia.

Depois, a palavra corajosa de um jovem quase desconhecido na cidade, seguida por uma mulher tão respeitável e querida como a senhora Petronila, impôs a trégua que foi seguida pela calma. Então, com essa rápida mudança de sentimentos populares veio o arrependimento e o horror ao que havia sido executado, que com as iridescentes tempestades da aurora se contemplou como a farsa mais perversa.

A autoridade judicial apareceu no local do incidente e dois especialistas nomeados *ad hoc* emitiram um relatório em termos tão técnicos quanto obscuros para se chegar à investigação da verdade.

Don Fernando, Lucía, don Sebastián e Manuel entraram no quarto de Marcela, que acabara de morrer, o cadáver ainda quente jazia estendido em um catre de ferro sem cabeceira, coberto com um lençol branco de listas azuis e vermelhas, tecido ali mesmo. Seus braços estendidos sobre a cama deixavam uma parte do ombro descoberta.

Ajoelhado junto ao leito mortuário, com o rosto escondido entre as mãos, estava o padre Pascual.

Margarita, quase completamente transformada, com uma batinha preta de percal, os cabelos soltos e os olhos trêmulos com as lágrimas que brotavam de seu coração, agarrou uma das mãos da morta.

Lucía tirou do bolso de sua bata um lenço branco e com ele cobriu o rosto da falecida, com o respeito que lhe inspirava aquela mulher que a gratidão, a fé e o amor de mãe haviam tornado mártir.

No cérebro de Lucía buliam as revelações que Marcela lhe confiou em seus últimos momentos. Don Fernando e don Sebastián ficaram no meio do quarto e Manuel, olhando para Margarita, sentiu que todo o sangue de suas veias corria para seu coração.

Adentrava aquele quarto o momento psicológico no qual são despertadas as grandes paixões do coração humano? Será porque Manuel conhecia Margarita em uma situação

tão solene, quando sua alma estava predisposta por tantas sensações encontradas no estalido das maiores paixões? Foi a confusão de sentimentos ou a notável beleza de Margarita que subjogou o coração do estudante do segundo ano de Direito?

Não sabemos, mas o cupido infiltrou a alma de Margarita no coração de Manuel; e junto àquele leito de morte nascia o amor que, rodeado por uma cerca intransponível, levaria aquele jovem, aparentemente nascido em uma esfera superior à de Margarita, ao limiar da felicidade.

Na sala funerária, a conversa nunca é animada.

Frases ditas à meia voz, passos cautelosos e sussurros, como se ainda se velasse um enfermo; tal é o quadro em que todos imitam o silêncio sepulcral.

Nesse momento foi que padre Pascual, deixando sua atitude de recolhimento, com um olhar vago e voz clara, disse:

— Louvem todos a Deus, porque ao oferecer hoje a glória a uma santa no céu, Ele redime um pecador na terra. Meus filhos! Meus filhos! Perdão! Pois eu prometo neste templo augusto, aqui, diante das relíquias de uma mártir, que para este pecador uma nova era começará...

Todos ficaram estupefatos e olharam para o padre Pascual, acreditando que ele estava louco.

Mas ele, sem se abater, continuou:

— Não creiam que em mim tenha morrido a semente do bem que deposita no coração do homem a palavra da mãe cristã. Infeliz é o homem jogado no deserto do ministério sem o amparo da família! Perdão! Perdão...!

E voltou a cair de joelhos, entrelaçando as mãos em atitude suplicante.

— Endoidou — disse um deles.

— Ele ficou louco — completaram outros.

Don Fernando, dando vários passos, pegou o braço do padre Pascual, levantou-o e o conduziu ao seu escritório para descansar.

Lucía, dirigindo-se aos presentes, disse:

— Meu Deus! Vamos! Deixemos em paz quem já não é mais daqui.

E apontou para o cadáver de Marcela.

Manuel, segurando o braço de Margarita, respondeu com uma voz doce:

— Senhora, se Marcela partiu para o céu arrancando lágrimas, esta menina vem de lá instilando esperanças!

— Manuel diz bem, Margarita, se eu não pude alegrar os dias de sua mãe, farei os anos de sua existência cheios de alegria: você será minha filha! — declarou Lucía, dirigindo-se a órfã.

Aquelas palavras caíram como chuva vivificante sobre o jovem que, olhando para Margarita, repetiu interiormente:

— Que linda! É um anjo! Ah, eu também trabalharei por ela.

— Vamos! — repetiu Lucía, segurando o braço de don Sebastián, que parecia uma estátua de sal, tirando-o dali. — Temos que cumprir os últimos deveres com Marcela.

Deixou que Manuel levasse a órfã, que, por uma combinação misteriosa, saía da casa mortuária de sua mãe conduzida pelo homem que tanto amaria na vida.

## CAPÍTULO XXV

**P**ositiva é a influência simpática que exerce em seus semelhantes a pessoa que, reconhecendo o mau caminho, se detém para refazê-lo e pede amparo ao bem.

Por mais cruel e egoísta que seja o século atual, não é verdade que o arrependimento não inspire interesse e mereça respeito.

As palavras do padre Pascual tocaram os nobres sentimentos de don Fernando Marín em tal grau que ele adquiriu uma disposição completa para apoiar, ou melhor, defender o pároco das complicações que sobreviessem no decorrer dos eventos iniciados com a intervenção do tribunal. Apesar disso, o senhor Marín era um homem do mundo, conhecedor do coração humano e, na atitude do padre Pascal, viu um rosto diferente do que viam as pessoas comuns e disse a si mesmo:

— Esta é a explosão do susto, o tremor nervoso produzido pelo medo; eu não posso ter fé nas palavras deste homem.

Enquanto isso, o padre Pascual, como que adivinhando por intuição o pensamento do senhor Marín, disse-lhe:

— Não quero me deter, don Fernando. As resoluções acompanhadas de hesitação se desvirtuam. Eu tenho sido mais miserável do que criminoso. Mentem aqueles que, assentados em uma teoria ilusória, procuram a virtude dos padres longe da família, jogados no centro das cabanas, quando a prática e a experiência, como dois ponteiros de relógio que mostram a implacabilidade do tempo, marcam-nos que é impossível negar a natureza do homem.

— O senhor poderia ter sido um padre exemplar, padre Pascual — respondeu o marido de Lucía, quase apoiando as últimas palavras de seu interlocutor.

— Sim, no seio da família, don Fernando, mas hoje posso falar diante do senhor! Sozinho, no apartado ministério, sou um péssimo pai de filhos que não irão me conhecer, a lembrança de mulheres que nunca me amaram, um exemplo triste para meus paroquianos, ah!

A voz do pároco se embargava; gotas grossas de suor escorriam por sua testa e seu olhar infundia, mais que respeito, medo.

— Calma, padre Pascual, para que tanta exaltação? — disse don Fernando com gesto compassivo, ao mesmo tempo que tinha a fisionomia surpresa, porque aquele que estava à

sua frente não era o padre Pascual que viu e conversou tantas vezes; era o leão desperto da letargia com a dor de uma ferida mortal, rasgando suas próprias entranhas.

— A revelação de Marcela... — disse o padre, cobrindo o rosto com as duas mãos e redescobrimdo para erguê-las ao céu como se sobrecarregado de horror.

Eram horríveis as palavras de revelação sacramental, talvez em magnitude e transcendência? Indubitavelmente.

Quaisquer que fossem elas, caindo sobre um ânimo já abalado pelo terror, resultado do motim e da superexcitação cerebral gerada pelo licor e pelos prazeres infundidos nos braços de Melitona, acrescentando a isso as palavras que Manuel lançou como tremendo desafio, causaram no padre essa explosão.

Em tais situações, se chega aos dois extremos da vida social: a virtude ou o crime.

Mas o pobre organismo do padre estava totalmente desgastado. Portanto, a reação direcionada para o bem não poderia ser um indício de perseverança. Aquele era o *delirium tremens* que assalta o cérebro, mostrando fantasmas que falam e ameaçam. Seus lábios estavam secos, sua respiração entrecortada; mas o padre, continuando seu discurso interrompido por uma luta interior, disse:

— A mulher é como mel: tomada em quantidade exagerada esgota a saúde... Estou decidido, don Fernando!



O padre Pascual delirava e caiu no chão completamente privado de seus sentidos, de onde o levantaram já tomado por uma febre tifoide. Foi necessário levá-lo para casa, onde não contaria com afetos e cuidados de família, nem qualquer auxílio.

O infeliz não tinha quem o ajudasse além de seu pongo e as mulheres que trabalhavam forçadas para cumprir suas mitas; nenhum carinho que não fosse o de seu cachorro.

## CAPÍTULO XXVI

**T**odos os altos picos das montanhas que cercam Kíllac estavam cobertos com aquela palidez que às vezes derrama o astro rei, ao fundir-se no ocaso, e que no Peru se convencionou chamar o sol dos pagãos.

A tarde estava calma e as cigarras começaram a atravessar o espaço, anunciando a chegada da noite com seu zumbido, *qués-qués-qués*.

Lucía e Manuel, na presença de don Sebastián, trataram dos últimos arranjos para o funeral de Marcela, quando don Fernando entrou, para quem sua esposa disse:

— Fernando! Que coisa, hein!? O pobre padre continua arrependido?

— Querida, o padre Pascual está morrendo de febre e, em delírio, diz coisas que estremecem a alma — respondeu don Fernando passando a mão sobre a testa.

— Deus me proteja e me abençoe! Agora só falta virem os juízes, francamente, isto é horrível! — repetia don Sebastián, batendo na testa com a palma da mão.

— Acalme-se, don Sebastián, não vá também o senhor ficar doente — acalmou don Fernando, levando a mão ao ombro do governador.

Naquele momento, soou seu primeiro clamor o sino do templo, dobrando pela morta e pedindo em seu duplo badalar uma oração por Marcela, esposa de Yupanqui...

Lucía, que estava perto de Margarita, a trouxe até seu coração, apertou-a contra o peito e disse:

— Vamos buscar sua irmãzinha Rosalía; faz tempo que não a vemos...

E dirigindo-se ao marido, acrescentou:

— Fernando, você se entende com eles. Vou preparar o abrigo para as duas... pássaros sem ninho.

— Margarita! Margarita! — Manuel murmurou no ouvido da garota. — Lucía é sua mãe, eu serei... seu irmão!

E uma lágrima escorregou pelo rosto do jovem, como a pérola valiosa com que seu coração pagava a Lucía o carinho pela órfã, cujo altar de adoração já estava elevado em sua alma com os lírios virginais do primeiro amor.

Amar é viver!



## **SEGUNDA PARTE**



# CAPÍTULO I

O coração do homem é como o céu carregado de nuvens: infinito em seus fenômenos e igual no curso de sua agitação tempestuosa.

Depois da noite de tormenta, clareia o dia de luz e sol.

Após os tristes eventos que narramos na primeira parte desta história, a população de Kíllac entrou em um período de calma semelhante ao desmaio que se segue ao trabalho imoderado, embora a tempestade criada no coração de Manuel tenha tomado proporções consideráveis, impulsionada pela solidão e pela falta de ocupação.

Transcorreram assim meses e meses.

Uma vez estabelecido o respectivo julgamento para descobrir os verdadeiros culpados do ataque, as diligências preparatórias, com sua tecnicidade jurídica, não foram capazes de apontar nem descobrir nada do que nós sabemos, seguindo o processo com uma lentidão animadora para qualquer réu; lentidão que no Peru continua deixando o crime impune e talvez ameace a inocência.

No entanto, o processo engrossava: todos os dias, folhas de papel não lacradas eram adicionadas com a respectiva cobrança de reembolso oportuno, consistindo em extensos registros de declarações de testemunhas que não eram convincentes nem ao expressar idade, estado e religião.

Convocaram o senhor Marín ao tribunal para dar uma declaração como prejudicado e, apesar do propósito que lhe assistia de não se empenhar nesse julgamento, ele se apresentou, obedecendo à convocação, ao tribunal de paz, comissionado pela primeira instância para instruir a acusação.

O juiz de paz, que era don Hilarión Verdejo, um homem já entrado em anos, viúvo de três mulheres, alto e com marcas de varíola, atual proprietário de Manzanares, que comprou em testamento do bispo don Pedro Miranda y Claro, estava sentado com semblante sério diante de uma mesa de pinho, em uma poltrona de couro e madeira daquelas fabricadas em Cochabamba (Bolívia), há quarenta anos, e que hoje são, nas cidades do Peru, uma raridade de museu.

Acompanhavam Verdejo dois escrivães, que serviam como testemunhas de ação, e logo chegou o senhor Marín, a quem o juiz recebeu estendendo a mão e dizendo:

— Ocê perdoa, meu senhor don Fernando, que o tenha feito vir pacá; eu teria ido palá; mas o senhor juiz de instâncias...



— Nada de desculpas, senhor juiz, está tudo em ordem — respondeu o senhor Marín, e don Hilarión começou a ler alguns documentos que convenceram don Fernando, mais uma vez, de que seria ridículo de sua parte continuar aquele julgamento, digno de ser tratado apenas por gente séria.

— Vamos aos autos, senhor juiz? — pediu don Fernando.

— Espere outro pouquinho, meu senhor; não vai demorar muito pro escrivão escrever — respondeu Verdejo, um tanto perturbado, colocando o chapéu em um canto da mesa e olhando ansiosamente para a porta onde, finalmente, Estéfano Benites apareceu carregando a caneta sobre a orelha direita. Ele cumprimentou a todos muito rapidamente e, arrastando uma cadeira, disse:

— Acabei me atrasando muito, senhor; perdão. — disse enquanto pegava a caneta e colocava-a no tinteiro, pronto para transferir para o papel o ditado de don Hilarión, que disse:

— Coloque ocê o cabeçalho, senhor Estéfano, com boa caligrafia, já que é coisa do nosso amigo, o senhor Marín.

Benites, depois de preencher algumas linhas, respondeu:

— Está feito, senhor.

Então don Hilarión tossiu para aguçar a voz e, com um tom magistral, ou melhor, como um estudante que repete sua lição de memória, começou assim:

— Perguntado se ele sabe e lhe consta que houve desordens com armas de fogo nesta cidade na noite do cinco do mês corrente, respondeu...

— Que sim, sabe, e lhe consta, por ter sido sua a casa atacada — apressou-se don Fernando em responder, ansioso por salvar alguns problemas de redação do juiz.

— Cum essa declaração ocê mata seus inimigos, meu don Fernando — disse Verdejo, fazendo parênteses no ditado.

Don Fernando ficou calado, e o juiz continuou:

— Perguntado se sabe quem atacou a casa ou se conhece os autores do ataque...

— Sim, sabe — disse don Fernando com firmeza.

Ao ouvir essa resposta, Estéfano ergueu o rosto com a surpresa conseguinte a golpe tão inesperado, observando o semblante do senhor Marín e, embora não pudesse descobrir nada que o fizesse suspeitar que estava a par de sua participação, a partir daquele momento, variou o formato de sua letra, o que mostrava que seu pulso não ia firme.

As testemunhas entreolharam-se e o juiz não deixou de observar:

— Sendo assim, teremos os condenados — e acrescentou, acreditando já ter trabalhado o bastante. — Por hoje, don Fernando, é suficiente, amanhã nós continua, se Deus quiser, porque estão me esperando pra uma demarcação.

Jesus! Como vive ocupado um juiz... e ainda sem... — disse coçando a palma da mão esquerda com os dedos direitos.

— Como quiser, senhor juiz, não tenho pressa — respondeu don Fernando Marín, pegando o chapéu e despedindo-se.

Ele estava prestes a sair, quando Estéfano o procurou com um ar misterioso e disse em voz baixa:

— Senhor Marín, desculpe-me, quem pagará meus serviços como... escrivão?

— Não sei, meu amigo — disse don Fernando, sacudindo a cabeça e deixando o santuário da lei.

Depois de se verem sozinhos, Verdejo, dirigindo-se ao seu escrivão, disse:

— Ele disse que os conhece, hein?

— Sim, don Hilarión; mas nem todo vestígio é evidência, como dizem — respondeu Benites, limpando a caneta com um pedaço de papel.

— Eu também pensei isso, don Estéfano, afinal, tantos anos no judiciário fazem a gente ganhar experiência.

— E agora que me lembro, senhor, para que tudo corra bem, é preciso primeiramente decretar o embargo do gado do sineiro; porque até o presente fólio, é o único envolvido nisso — instruiu Benites, obedecendo a um plano já preconcebido.

— Ah, já ia me esquecendo; ocê ponha um forte decreto.

Após a autorização do juiz, Benites imediatamente escreveu uma espécie de ordem de apreensão das vacas, ovelhas e alpacas de Isidro Champí, sineiro de Kíllac, para quem aquele gado representava a soma de sacrifícios sem nome, suportados por ele e sua família durante toda sua vida. Depois de escrever, Estéfano consultou o juiz e disse:

— O depositário exigido por lei pode ser nosso amigo Escobedo. Ele é uma pessoa abonada, honrada e toda nossa, senhor juiz.

— Escobedo? — repetiu don Hilarión, coçando a orelha, e depois de uma pequena pausa. — Sim, está bom, ponha Escobedo — respondeu Verdejo, arrumando os papéis esparramados sobre a mesa e pegando seu chapéu para sair.

## CAPÍTULO II

**A** situação de Manuel era das mais complicadas. Trancado em seu quarto por longas horas, quase o dia e a noite inteiros, ele dizia em frequentes solilóquios:

— Por mais que o nome de don Sebastián ainda não esteja nos autos, ele é repetido de boca em boca, marcado por acusações e provas. As explicações do meu comportamento, dadas a estranhos que me veem frequentando a casa de don Fernando Marín, podem não ser satisfatórias no momento, nem honrosos para mim os comentários que se fazem. Será, portanto, necessário me fortalecer. Eu também irei ao sacrifício para um dia ser digno dela. Deixarei de visitar a casa; mas em que momento imponho essa distância! Meu Deus! Quando meu coração pertence a Margarita, quando meu desejo é poder participar dos arranjos que a senhora Lucía projeta para a boa educação da órfã. Dor da alma! Você se chama Fatalidade e eu sou seu filho!

Ao dizer essas últimas palavras, Manuel caiu no sofá de seu pequeno quarto e, com a cabeça apoiada nas palmas das

mãos e os cotovelos nos joelhos, permaneceu como quem se abisma nos mares sem margem da dúvida e da meditação.

Manuel, sem dúvida, tinha um plano concebido em seu cérebro, talvez ditado pelo coração, e executá-lo era exigência inelutável.

Começou a preparar o campo para realizar tal plano.

Um dia, após fortes hesitações, o sentimento endossou a vontade e o fez dizer para si mesmo:

— É hora de enfrentar todos os comentários, e esta noite eu vou.

E pela primeira vez, desde a sua chegada, ele cuidou do seu penteado e vestimentas. Tirou as luvas que estavam no fundo do baú e que havia estreado nos exames da universidade; preparou suas botas de couro e foi fazer hora no jardim de sua casa.

O pensamento de Margarita luziu vivo entre as flores, e o jovem, absorvido por sonhos ilusórios, colheu uma porção de lindas violetas abertas, que cresciam em abundância sob os ramos de murta. Ele formou um buquê perfumado e o colocou no bolso interno do casaco, dizendo:

— As violetas são as flores que representam a modéstia, e a modéstia é uma virtude que se destaca mais em uma mulher bonita; porque a feia já é modesta. Para a minha Margarita, as violetas! Quando na minha idade elas são arrancadas, no meio

dos raios de luz que iluminam o coração apaixonado, involuntariamente um pedaço da alma é deixado em cada flor para que toda ela volte a se juntar com a alma do ser amado. Os vinte anos, dizem, são a poesia da existência, as flores suas rimas e o amor a própria vida. Oh, eu sinto, sei que vivo desde que amo!

Finalmente chegara a tão esperada hora e Manuel, vestindo as luvas e perfumando as roupas, lançou-se pelas ruas escuras de Kíllac, cujo calçamento irregular devorou com passos de gigante. Chegou à casa de don Fernando com o coração palpitante de emoções, que para ele exalavam ambrosia.

Ao entrar no salão de recepção, encontrou Lucía dando os últimos pontos em uma bolsa porta-relógios de cetim azul, na qual bordara com sedas coloridas uma flor amor-perfeito com as iniciais do marido em um dos cantos.

Perto dela estava Margarita, mais bonita do que nunca, com sua cabeleira solta e uma fita de seda na testa. Ela se ocupava em acomodar em uma caixa de papelão as fichas do tabuleiro do alfabeto, do qual já sabia todas as letras.

Rosalía, junto com uma garotinha da idade dela, ria de uma boneca de pano a quem acabavam de lavar o rosto com um pouco de chá de uma xícara. Era a cena mais alegre do mundo.

Manuel ficou em êxtase por alguns segundos, contemplando aquela bela pintura de família, onde Margarita representava para seu coração o Anjo da Felicidade.

Lucía virou a cabeça pensando encontrar don Fernando, mas quando viu Manuel, disse surpresa, deixando o trabalho:

— Ah! É o senhor, Manuel?!

— Boa noite, senhora Lucía. E como está surpresa com a minha presença! Achou que eu tivesse morrido? — Manuel respondeu alegremente, apertando a mão da senhora Marín.

— Não diga isso. Se fiquei surpresa, é porque o senhor sumiu por tantos dias — respondeu gentilmente a esposa de don Fernando, correspondendo à saudação de Manuel e convidando-o a sentar-se.

— Mais uma razão para que vocês tenham vivido o tempo todo em minha memória e em meu coração — respondeu o jovem, encarando Margarita, a quem cumprimentou dizendo: — E como está a abençoada afilhada?

E ele pegou a mãozinha, que, roçando a sua, produziu em ambos o efeito do contato das almas.

— Bem, Manuel. Eu já conheço todas as letras do tabuleiro — disse a garota, sorrindo alegremente.

— Bravíssimo!



— Parece exagero, mas a cada dia me sinto mais orgulhosa de minha afilhada, não é? — comentou Lucía, olhando para a órfã.

— Vamos ver? Quero fazer um teste — pediu Manuel, pegando a caixa.

E, esvaziando as fichas, começou a escolher as letras, mostrando-as para Margarita.

— A, X, D, M — recitou a garota com uma vivacidade encantadora.

— Aprovada — declarou Lucía, rindo.

— Agora deve fazer combinações; eu serei seu professor — propôs Manuel, pegando seis cartas e depois nove e colocando-as em ordem.

— Olha...! — ele disse.

E a fez soletrar:

— Margarita, Manuel.

Lucía entendeu a intenção de Manuel e, com um tom amável, acompanhada de um sorriso, disse:

— Bem, mestre, não ignoro seus interesses; quer gravar seu nome na memória das discípulas.

— A minha audácia chega além, senhora; gostaria de gravá-lo em seu coração — respondeu Manuel, brincando.

Margarita não desviava o olhar do tabuleiro. Sem arriscar uma aposta, parece que poderíamos garantir que já sabia como combinar aqueles dois nomes. Manuel estava emocionado com o rumo que as coisas tomavam e, como quem dissimula, perguntou:

— Senhora, don Fernando não está em casa?

— Sim, está chegando. Quando o senhor chegou, achei que fosse ele, que não deve demorar. Mas por que ausentou-se tanto tempo desta casa? — perguntou Lucía.

— Senhora, eu não quero lhe enfadar com explicações dolorosas; mas pensei que seria sensato fazê-lo enquanto duram esses assuntos judiciais.

— O senhor é cauteloso, Manuel, mas nós estamos cientes de que nos salvou...

— Vocês estão, mas os outros... — Manuel apressou-se em dizer, notando o interesse que Margarita expressou ao ouvir as palavras de sua madrinha.

Nesse momento, don Fernando entrou, colocou o chapéu em uma cadeira e estendeu a mão para Manuel, que se levantou para recebê-lo.

## CAPÍTULO III

**A** caridade de muitas pessoas salvou milagrosamente o padre Pascual do ataque de febre tifoide que o manteve sete dias acamado.

Sua convalescença tardava, apesar do clima ameno e da abundância de leite e alimentos nutritivos. Seu cérebro precisava de uma mudança de lugar, de objetos e costumes para ser despossuído das imagens que nele viviam com todo aquele remorso. Decidiu então ir à cidade em busca de um médico e algum conforto, deixando temporariamente a paróquia a um frade enclausurado dos antigos franciscanos, que chegou a Kíllac quase ao mesmo tempo que a nova autoridade designada pelo Governo Supremo para governar a província. Eleito foi o coronel Bruno de Paredes, um homem conhecidíssimo em todos os partidos do Peru, tanto por desfrutar de influências conquistadas em campeonatos de “quem come mais” ou banquetes, como por servir-se frequentemente do prato da Justiça. Paredes era também antigo camarada de don Sebastián, de quem foi companheiro

de armas em uma revolta em prol de don Ramón Castilla ou don Manuel Ignacio Vivanco, não sabemos assegurar qual dos dois.

A idade de don Bruno passava os cinquenta e oito anos; no entanto, estava conservado e moço com a ajuda de um pouco de tintura Barry para cabelo e os trabalhos do dentista Christian Dam para a boca, novidades que ele buscou em Lima na primeira vez em que foi para a capital como deputado pelos Sacramentos.

Alto e forte, com feições comuns e cor mais do que modesta, quando ria, a gargalhada descomposta deixava ver a dentadura solta debaixo dos lábios, abrigados pelo bigode em forma de pincel. Vestia calça preta, colete azul fechado até o pescoço por botões amarelos da pátria, que também faziam parte, embora maiores, do casaco marrom escuro com enormes presilhas de coronel; e usava um chapéu de abas pretas, com uma ferradura de cavalo em miniatura, e um rebite na fita listrada e larga. Nunca fez nenhum tipo de estudo militar, é verdade, mas as circunstâncias lhe deram os galões quando menos esperava e ele não cometeu a inocência de desprezá-los. Sua instrução era menos que medíocre e seu discurso não tinha qualquer esmero.

Ao chegar a Kíllac, pôs-se em contato imediatamente com seu antigo camarada don Sebastián, à cuja casa se dirigiu.

Soube dos acontecimentos na cidade e manteve o seguinte diálogo, onde inspirava a confiança de outros tempos:

— Que diabos! O senhor, meu don Sebastián, um homem que honra as próprias calças, se deixar manipular por um colegial como Manuelito? Pois não falta mais nada!

— Meu coronel, francamente, não pôde ser de outra maneira. Esse garoto me fez refletir como um livro, e Petruca bateu o martelo com seus choros...

— A coisa vai bem! Deixe-se levar pelos choros das mulheres e veremos como anda a pátria. Não, senhor. Firme sua posição que eu lhe sustento.

— É que minha renúncia já está tramitando na prefeitura, francamente, meu coronel...

— Diabos! O senhor parece um menino desmamado, don Sebastián! Não sabe que aquele que tem um padrinho é batizado? Onde está a bravura de outras épocas? Sim, senhor...

— E como consertaríamos isso? Pois, francamente, é sério — respondeu don Sebastián, revelando uma alegria inusitada.

— Vamos consertar isso rapidamente. Basta o senhor retirar sua renúncia que eu o nomeio governador de novo — afirmou o coronel, colocando as duas mãos nos bolsos da calça, puxando-a pela cintura e andando calmamente.

— Francamente... a Páscoa está próxima; não teremos problemas com a prefeitura; mas... francamente, e don Manuel, meu coronel? — observou don Sebastián, passando a mão pelos cabelos como quem procura ideias.

— Dane-se o Manuel. Não precisamos lhe dar satisfações de nada. E, usando nossa antiga franqueza, direi claramente, meu don Sebastián: preciso do seu braço; vim contando contigo. Esta subprefeitura está aqui para me livrar de certos problemas, sim, senhor; sabe muito bem o quanto tudo isso já me custou. Há cinco anos persigo essa posição e meus planos são bem pensados.

— Assim, francamente, a coisa muda de figura — respondeu don Sebastián, aproximando-se do interlocutor.

— Ora! Por acaso o senhor me considera um tolo, don Sebastián? Eu sei que quando uma vaca leiteira é alugada, ela volta bem espremida. Não foram poucos os meus esforços para conseguir isso.

— Isso é muito verdade, meu coronel; tantos tuberculosos, eles não engordam aqui...? Mas, com tudo isso, francamente, e o julgamento do tal motim...

— O julgamento? Ha! Ha! Ha! Como se vê, o senhor é também um novato, um serrano à direita! Temendo o julgamento, sim senhor, o arrastaremos até que seus tataranetos o anulem, e não vamos mais pensar nisso.

— Meu coronel, francamente, assim você me envaidece...!

— E o padre Pascual?

— Nosso padre, meu coronel, foi à cidade para convalescer; francamente, quase morreu.

— É uma pena, porque o padrezinho seria um bom suporte para nossos projetos. Temos de reunir uma boa quantidade de dinheiro este ano — disse don Bruno, tirando as mãos dos bolsos.

— Pois é, meu coronel! Francamente, o padre Pascual nos convinha, tão bom, tão condescendente que é.

— E segue apaixonado?

— Isso, meu coronel, é manha que leva para sepultura, e francamente, também é um homem...

— Sim, senhor; é um homem. E Estéfano Benites e os amigos daqui? — perguntou don Bruno com manifesto interesse.

— Todos bem, meu coronel, e francamente, eu realmente gosto de Benites.

— Pois, faça-os chamar, don Sebastián. Quero deixar todo o nosso plano administrativo acordado, para seguir minha viagem, porque creio que logo prestarei meu juramento.

— Nesse instante, meu coronel; embora, francamente, não tardarão em vir parabenizá-lo. Todos na cidade já sabem

que o senhor está aqui — disse don Sebastián, que se sentia totalmente revivido.

Todos os escrúpulos que as palavras de Manuel levantaram em sua alma haviam desaparecido sob a influência do coronel Paredes, tão rapidamente quanto mudam as nuvens douradas do verão ou as boas ideias ante a superioridade moral de quem as enfrenta.



## CAPÍTULO IV

**A** visita de Manuel à casa de don Fernando resolveu uma das questões mais importantes de sua vida, como veremos mais adiante.

Don Fernando Marín contou a Manuel os detalhes do que aconteceu no tribunal e terminou assim:

— E tudo isso não lhe dá a mais triste ideia do que são essas autoridades, don Manuel?

— Don Fernando! Eu tenho a alma ferida e cada novidade dessas coloca o dedo na chaga. Ah, se eu pudesse arrancar minha mãe daqui! — disse o jovem comovido, colocando sobre a mesa uma ficha do tabuleiro de Margarita, que por distração estava em suas mãos.

— Por causa disso, Manuel, resolvemos enviar as meninas para educá-las em outro lugar — disse Lucía, interessada na conversa.

— E que lugar escolheram? — perguntou Manuel vivamente interessado.

— Lima, é claro — respondeu don Fernando.

— Ah sim, Lima! Lá se educa o coração e se instrui a inteligência. Depois, acho que em alguns anos Margarita encontrará um bom marido. Com esse rosto e esses olhos, a solteirice não se prolonga — afirmou Lucía, rindo de satisfação.

Manuel, empalidecendo, perguntou novamente:

— E já resolveram a data da viagem das meninas?

— O dia ainda não está marcado, mas será este ano — respondeu don Fernando, levantando-se e dando voltas pela sala.

— Viajar para Lima é chegar à antecâmara do céu e ver de lá o trono da Glória e da Fortuna. Dizem que nossa bela capital é a cidade das fadas — continuou Manuel, escondendo suas emoções.

E a partir desse momento se fixou em sua mente a ideia de ir também para Lima, seguir Margarita.

Lucía fez um pequeno aparte com o marido que, ao se aproximar dela, ficou em pé ao seu lado; e Manuel aproveitou essa pequena distração para dar a Margarita seu buquê de violetas, dizendo com voz suave e muito ligeira:

— Margarita, estas flores se parecem com você. Gostaria de sempre lhe encontrar modesta, como elas. Guarde-as.

Margarita pegou rapidamente o buquê e escondeu-o no peito com a agilidade infantil de quem oculta um brinquedo cobiçado por outra criança.

Por que o amor começa com esse sigilo instintivo? Por que a flor da simpatia brota entre a vegetação rasteira do egoísmo, da dissimulação e da ficção? Quem poderia ter dito a Margarita que era proibido aceitar as flores de um jovem, oferecidas com o orvalho do afeto?

Esse é o mistério das almas!

Foi isso o que disse o fogo das pupilas de Manuel, que, partindo de seus olhos fosforescentes, foi incendiar o coração da menina, coração de virgem que começava a sentir aqueles ligeiros calafrios que, passando despercebidos a princípio, acabam por deixar tremer nos cílios a lágrima que arranca o amor.

Lágrima de felicidade!

Lágrima que anuncia ao coração a hora do sentir; chuva que aspira a flor das esperanças.

O coração da mulher é o coração de uma menina, desde o nascimento até a morte, exceto quando as únicas duas tempestades terríveis, a descrença e a depravação, o congelam.

Lucía, mudando completamente o assunto da conversa, disse ao marido:

— Você sabe, Fernando, que Manuel tem mil escrúpulos para continuar nos visitando?

— Perante nós, minha querida, ele não tem motivo, mas perante os outros, é certo; de qualquer forma — disse ele, dirigindo-se ao jovem —, o senhor pode vir durante as noites.

— Obrigado, senhor Marín.

— Disseram-me que a nova autoridade chegou hoje. Sabe onde vai alojar-se? — perguntou don Fernando, a quem Manuel respondeu:

— Sim, senhor, ele estava em casa hoje, mas continuou seu caminho em seguida. Eu o vi e o cumprimentei muito rapidamente; acho que não simpatizamos. Ele me conheceu garoto...

— Sinto muito. Um jovem como você vale por vinte dos velhos dessa laia. Não o lisonjeio, mas acredito que a autoridade ganharia mais com sua amizade.

— Muito obrigado por tanta bondade, don Fernando! Mas quem nos conheceu nas fraldas raramente quer nos ver de outra maneira — respondeu Manuel, sorrindo e pegando seu chapéu para sair.

— Boa noite, senhora, senhor Marín, Margarita — despediu-se Manuel.

— Boa noite — repetiram os outros, e Margarita acrescentou com uma vozinha suplicante:

— Manuel, vai voltar, certo?

Pouco depois Manuel estava rendido aos seus pensamentos em meio às lúgubres ruas de Kíllac, cujo silêncio aterrorizava o espírito daqueles que se lembravam das cenas trágicas de 5 de agosto e da imagem da morte de Juan

Yupanqui. Mas Manuel estava profundamente preocupado com os eflúvios que, partindo de seu coração, invadiam sua cabeça. Por essa razão a única coisa na qual ele pensava era em seu amor. Falava consigo mesmo e, em voz alta, dizia:

— Sim! Eu irei para Lima! Em três anos já serei advogado e Margarita, uma linda mulher de dezesseis ou dezessete primaveras, risonhas e floridas... Que linda Margarita ficará com aquele clima suave e puro de Lima, onde as flores brotam reluzentes e perfumadas!... E então! Ela saberá pagar meu amor? Ah! Me verá como o filho do agressor de seus pais? Obrigado, meu Deus, obrigado!... Pela primeira vez na minha vida, sinto-me satisfeito com meu verdadeiro pai. Mas... por que não posso carregar o sobrenome dele, aquele sobrenome que todos respeitam e veneram? Não é a lei de Deus, é aberração humana, é uma lei cruel, é uma lei fatal!... Margarita, minha Margarita... eu... não terei problema em declarar isso a Don Fernando, e então você será minha esposa! O amor estimula minhas aspirações. Quero ser advogado o mais rápido possível!... Vou a Lima atrás dela; na famosa Universidade de San Marcos, estudarei com afinco, sem trégua! Sim, a vontade pode tudo!... Mas ela tem de me amar!... Ah! Talvez eu esteja sonhando!... Ela me ama porque recebeu minhas violetas com todo o entusiasmo do amor e, quando se despediu, pediu que eu voltasse!... Talvez

eu esteja delirando!... Se já fosse uma mulher, poderia revelar todos os meus pensamentos, mas Margarita ainda é uma criança e essa garota roubou minha alma. Sim! Serei digno da afilhada daquela angélica senhora, de Lucía!

Manuel parecia um louco; falava tão tomado pela emoção que só deu conta de si no momento em que o latido de um cachorro que ameaçava devorar suas panturrilhas o tirou de sua abstração. Percebeu então estar às portas abertas de sua casa, as quais indicavam que o amor supremo de mãe da senhora Petronila, que não se curva diante da vigília ou do sacrifício, aguardava seu retorno.

Aquela casa não estava tranquila. Assim que Manuel deu primeiros passos no corredor, notou uma enorme algazarra.

## CAPÍTULO V

**A** reunião dos vizinhos na casa de don Sebastián aconteceu rapidamente, como ele presumia, calculando o tempo necessário para que as notícias da chegada da nova autoridade a Kíllac se espalhassem.

O subprefeito esperava, muito sério, no escritório de don Sebastián. Os vizinhos que iam chegando dirigiam-se a ele nos seguintes termos:

— Ficamos muito felizes ao saber que vossa excelência vinha, meu coronel — disse um deles.

— Sim, excelência, estamos juntos — acrescentaram vários.

— Nós, os vizinhos notáveis da cidade, o felicitamos, excelência — completou um outro.

O coronel lhes respondeu, apurando o chapéu de abas:

— Venho com as melhores intenções, trazendo o firme propósito de apoiar a população local em tudo.

— É isso o que queremos — gritaram.

Nesse momento, chegou Estéfano Benites.

O subprefeito acrescentou:

— Quanto a mim, espero que também me apoiem, senhores... Olá, amigo Benites! — concluiu don Bruno reparando no recém-chegado.

— Conte conosco, excelência e tenha uma santa tarde!  
— respondeu Estéfano, alegre como uma canção de Natal.

— Eu deixarei minhas instruções ao governador. Espero que meus amigos o apoiem e fortaleçam — declarou o coronel, apontando para don Sebastián.

— Vossa excelência apoia don Sebastián como governador? — perguntaram em coro.

— Sim, senhores; parece-me que não ficarão descontentes — respondeu o subprefeito.

— Agora sim! Eu também disse a eles que era a coisa certa — afirmou Estéfano, olhando de um lado para o outro.

— Pois bem, devemos aproveitar o momento para fazer nosso acordo moderado, certo? No campo legal, não gosto de abusos — disse o coronel, velando sua intenção e olhando para os papéis de parede.

— Sim, isso é justo, francamente, e é assim que agem todos os bons subprefeitos, meu coronel — apoiou don Sebastián.

— Sim, mas qual é o problema? Isso já é costume. Além do mais, os índios são protegidos por comprarem aqui mesmo — disse Escobedo, que estava presente.



— E vossa excelência sabe do alvoroço com don Fernando Marín? — perguntou Estéfano Benites, como se quisesse garantir um ponto de partida de acordo com a resposta.

— Sei; mas os senhores têm sido muito mal... aconselhados! Essas coisas não se fazem assim. Da próxima vez será preciso... ter prudência — disse o subprefeito, variando a primeira forma de seu pensamento, pois ele entendeu que diria algo inconveniente.

— Isso eu mesmo disse, excelência; mas a culpa é daquele mandrião do sineiro, que tocou os sinos e perturbou a população — objetou Estéfano, conquistando a admiração de seus colegas, que disseram:

— Essa é a verdade, como já consta em juízo.

— Isso já está comprovado no processo? — perguntou o subprefeito com grande interesse.

— Sim, excelência, e até agora não se tomou nenhuma medida com o índio sineiro, e apenas os nomes de pessoas respeitáveis estão comprometidos — queixou-se Estéfano.

E don Sebastián prontamente acrescentou:

— Meu coronel, francamente, sem a ocorrência do sineiro, não teria havido nada; porque também, francamente, don Fernando é um homem bom e nada mais.

— E quem é o sineiro? — perguntou don Bruno.

— Um índio, Isidro Champí, sujeito muito insolente e metido a gente, só porque tem muito gado — acusou Escobedo.

— Pois, meu governador, agora mesmo faça um ofício ao juiz, incite sua diligência. Ordene a captura de Isidro Champí e coloque-o na prisão à disposição do tribunal, e... no meu retorno, resolveremos — disse o coronel.

— Ou seja, devemos prosseguir com energia e com justiça — observou Estéfano.

— Magnífico, meu coronel, francamente, o índio Champí deve pagar sua culpa — apoiou don Sebastián.

— Bem! E agora, às ordens dos senhores. Meu cavalo? — concluiu o coronel, saindo pela porta da sala.

Durante esses acordos, os agentes e comissários de don Sebastián haviam preparado uma grande comitiva para a partida do novo subprefeito; no pátio da casa aguardavam muitos cavalos selados e uma banda de música com bateria, clarins, corneta e clarinete. O prefeito, vestido com seu chapéu de vicunha, sol prateado no peito, capa preta, vara alta com argolas de prata e a trança de seus cabelos enrolada em fios de vicunha, apareceu puxando as rédeas de um brilhante alazão em que cavalgou o coronel don Bruno de Paredes.

Na rua, uma equipe de *wifalas*<sup>35</sup>, índios vestidos com anáguas e lenço colorido no ombro, levando outro lenço amarrado a um caniço, tremulavam ao som do tambor dançando para a autoridade e seguindo o passo dos cavalos.

— Viva o subprefeito, coronel Paredes...

— Vivaaa! — gritaram inúmeras vozes.

O subprefeito ouviu seu nome aplaudido por aquela multidão de miseráveis, inchado como o sapo da fábula, envaidecido como todo ser que chega a uma posição que não merece; e com tão brilhante cortejo, tomou a margem esquerda do rio para seguir o caminho águas abaixo.

Don Sebastián fez sinal para Estéfano ficar. Depois, ambos passaram a combinar os meios para cumprir as ordens do subprefeito.

— Bem, meu don Estéfano, francamente, o senhor se superou desta vez — disse don Sebastián, apertando a mão de Benites.

---

35 A palavra que vem do quéchua, cujo significado é "ensinar ou bandeira", também pode significar alegria, é típica de diversas localidades como Ayaviri, Muñani, Azangaro, Condesuyos, e da comunidade camponesa de Ispacas. É uma dança realizada sobretudo nas celebrações de carnavais, casamentos e algumas outras festividades e provavelmente teve origem nos tempos coloniais, como um tributo às autoridades como prefeitos, governadores, inspetores, padres, juízes etc.

— Estou feliz que conseguimos tirar mais esse coelho da cartola — respondeu Estéfano satisfeito.

— Agora sim nos salvamos, francamente; uma vez que o índio Champí estiver preso e sem seu rebanho, não haverá mais ninguém para nos contestar!

— Certamente. Vamos então escrever o ofício.

— Mas que história de ofício e adulações, don Estéfano! Francamente, vá imediatamente com dois oficiais de justiça e ponha logo aquele índio na cadeia, todos ouviram a ordem do senhor subprefeito — ordenou o governador, e Estéfano saiu ansioso e contente em busca dos oficiais de justiça.

Don Sebastián ficou sozinho, mas ele não estava feliz, porque imediatamente pensou que teria de enfrentar uma nova batalha doméstica. Sua esposa e filho logo usariam as armas da razão e terminariam por desvanecer o novo fantasma da ambição, em cujos braços dormia o sonho de ilusões gratificantes, alargando o coração do ex-governador com as promessas alentadoras do coronel Paredes e a oportuna saída de Estéfano Benites.

Cairia derrotado outra vez, tristemente derrotado?

Era necessário se armar, levantar trincheiras, fazer redutos e esperar resoluto. Para isso, don Sebastián apelou ao esforço supremo dos covardes e, golpeando a mesa com um tom altivo, disse:

— Que inferno! Francamente, eu não sou mais uma criancinha! Pongo? — gritou com toda a empáfia de um homem que possuía algum dinheiro, voz à qual o conhecido índio obedeceu ao apresentar-se à porta. Don Sebastián ordenou:

— Anda, vá rápido e diga a dona Rufa para me enviar... francamente, uma garrafa da melhor.

O indígena saiu e voltou em um piscar de olhos, com uma garrafa de vidro verde e um copo.

Don Sebastián serviu-se de uma dose respeitável e a apurou, murmurando a frase sacramental daqueles que rendem culto à vida:

— “Punhadinho de canela, em meu peito lhe guardo.”  
— Ele levou o copo aos lábios, bebeu, fez um gesto de ligeiro desgosto, limpou a boca com um pedaço da toalha de mesa e continuou:

— Deixe que venham, francamente, nos veremos cara a cara...!

O que don Sebastián bebeu não era sequer licor de uva; era álcool de cana-de-açúcar ligeiramente destilado em água, o que dava ao líquido uma aparência esbranquiçada. Seus efeitos deviam ser instantâneos. É por isso que não demorou muito tempo para a mistura evaporar do corpo, invadindo a razão em seus asilos cerebrais e retirando o homem para deixar apenas o bruto.

Dona Petronila observava com atenção os acontecimentos em sua casa desde a chegada da nova autoridade, diante de quem ela não se apresentou; e quando viu o pongo entrar com a bebida no quarto do marido, ia ela se lançar sobre ele, pegar a garrafa e jogá-la ao chão. Mas uma onda de bom senso se abateu sobre seu espírito, moderando este impulso, e disse a si mesma:

— Não, querida, é melhor esperar por Manuelito, que ele tem modos. — E passou a andar pela casa, sem suspeitar que seu filho estivesse coletando todas as violetas do jardim, cultivado por ela, entregue ao abrigo dos deuses alados e com o coração impregnado dessa ambrosia suprema que exala o amor.

Essas são, então, as miragens da vida.

Enquanto dona Petronila tecia planos com todo o prosaísmo da terra para impedir que don Sebastián bebesse, Manuel sonhava sonhos de topázio.

Feliz é a juventude porque pode amar!

Idade venturosa que combina a rosa no botão com suas características de juventude, aroma e união, somadas em felicidade!

Feliz época em que a fortuna paira no toque de um vestido; na duração de uma flor colocada no cabelo; na doçura de um olhar que envia sua alma em busca de outra alma!

Se a mãe de Manuel tivesse conseguido distinguir a cor dos sonhos de seu filho, ela os teria observado sem ousar acordá-lo; e talvez seu peito tivesse afogado aquele suspiro terno que em seu vago murmúrio diz: amor de mãe, sacrifício de mulher.

Ia avançada a noite.

De repente, ouviu-se uma voz rouca:

— Que caralho! Francamente, ninguém manda em mim!

E, ao mesmo tempo, um golpe soou como uma cadeira derrubada com força.

Dona Petronila foi às pressas e, entrando na sala, observou don Sebastián, que continuava gritando como um louco:

— Sim, senhor! O quê! Francamente, ninguém... sim, ninguém manda em mim!

Sua língua relutava em expressar a palavra claramente e seus pés cambaleavam. Quando don Sebastián distinguiu dona Petronila, a primeira coisa que fez foi gritar:

— Aqui está a fera!... Fogo, senhor, francamente!...

E pegando uma cadeira, jogou na direção de sua esposa.

Dona Petronila, impassível, respondeu:

— Homem de Deus, parece que não me conhece... Vou levá-lo para sua cama... já está muito tarde.

E pegando seu braço, tentou guiá-lo; mas don Sebastián, tomando aquela ação por um ato despótico, deu um

forte puxão e agarrou a garrafa, já vazia, e tudo mais que conseguiu pegar e atirou contra dona Petronila com gritos e barulho infernal.

— Mulher dos demônios! Abutre, não... Francamente, ninguém me põe cabresto!

— Meu Deus, o que está acontecendo?

— Sou governador, quer queira, quer não! Francamente, que inferno!

— O que é isso? O que aconteceu nesta cidade? Sebastián, acalme-se pelo amor de Deus! — repetia suplicante dona Petronila.

Mas Pancorbo, com essa tenacidade dos crápulas, respondeu:

— Ninguém manda em mim! Ouviu?!

E outra cadeira caiu ao lado de dona Petronila, que fugia de um lado para o outro, enxugando as lágrimas com as mangas de sua camisola.

Alguns vizinhos vieram por causa do barulho, e nesse momento chegou também Manuel que, entrando apressadamente, como nós vimos, pegou don Sebastián pela cintura, levantando-o tão alto quanto pôde e o levou para o quarto.



## CAPÍTULO VI

**E**stéfano Benites não levou muito tempo nem teve muito trabalho para encontrar os oficiais de justiça. Logo foi com sua gente à choça de Isidro Champí, que se despedia de sua família, pois deveria ir à torre e estar pronto para o toque da Ave Maria, dado com o grande sino ao final da tarde.

Isidro Champí, conhecido pelo apelido de Tapara, era um homem alto, corpulento e ágil, com quarenta anos de idade, uma esposa e sete filhos, cinco homens e duas mulheres.

Naquela tarde, ele usava suas únicas peças de roupas, compostas por calças pretas com franjas vermelhas, um colete e camisa grená e uma jaqueta verde clara. Seus cabelos compridos e grossos caíam nas costas presos em uma trança cuja ponta era atada em um laço de fios de vicunha. Sua cabeça estava coberta pelo gracioso gorro de montanha andaluz trazido pelos conquistadores e mantido em uso pelo interesse que existe entre os índios por vestimentas extravagantes e de cores vivas.

O aparecimento de Estéfano e sua comitiva na casa de Isidro causou grande alarme em toda a família, já acostumada a ver esse tipo de visita como um presságio de fatalidades postas em execução imediata.

Estéfano falou primeiro:

— Pois bem, Isidro, você deve ir para a detenção, por ordem do novo subprefeito.

Um raio na choça não teria produzido o mesmo efeito que a palavra de Benites para os indígenas, receosos e desconfiados desde que o viram.

As mulheres ajoelharam-se aos pés de Estéfano, unindo as mãos em um gesto suplicante, inundadas de lágrimas; os filhos agarraram o pai e, no meio de tanta confusão, Isidro mal conseguiu dizer:

— Por que, meu senhor?

— Em vão são esses tumultos, vamos logo e não tenham medo — interrompeu Estéfano e, dirigindo-se à mulher, disse:

— E você também, que começa com esses gritos; não é nada: vamos esclarecer isso, e basta.

Ao ouvir isso, a consciência limpa de Isidro infundiu confiança nele e disse à esposa:

— Fique, então, e depois me leve os ponchos.

E adiantou-se resolutamente para o local aonde o conduziram os oficiais.

O coração da esposa de Isidro não podia se acalmar, porque era o coração de uma mulher, mãe e esposa amorosa, que tudo teme quando se trata dos seres que lhe são amados; e chamando seu filho mais velho, falou assim:

— Miguel, eu não lhe disse quando derramou o leite da panela que alguma desgraça se abateria sobre nós?

— Mamãe, eu também vi o falcão passar cinco vezes pelos telhados do celeiro — disse o indiozinho.

— De verdade? — perguntou a indígena, cujo rosto parecia velado pela palidez do terror.

— De verdade, mamãe. E que fazemos?

— Bem, vou até nosso compadre Escobedo; ele pode falar por nós — resolveu a mulher, pegando sua manta, e saiu de casa, seguida por dois cachorros peludos, a quem Miguel chamou, acompanhando cada nome com seu assovio particular.

— Zambito...! Desertor ...! *Is! Is!*

Zambito, dócil à voz de Miguel, voltou abanando o rabo com rapidez, e Desertor, desobediente, ou talvez mais leal, seguiu os passos de sua dona, mostrando a língua de vez em quando, com a respiração ofegante.

## CAPÍTULO VII

**D**on Fernando preocupava-se cada vez mais com o futuro que o aguardava em Kíllac, sem confiar na calma do momento, que ele considerava ilusória, porque contratava investigações secretas e sabia o que se passava na vizinhança, embora não comunicasse a Lucía, cujo estado era delicado.

A Providência iria abençoar aquele lar com a chegada de uma prole, uma circunstância que frequentemente fazia o futuro pai considerar a necessidade de uma resolução definitiva, e tais hesitações já duravam três meses desde que Manuel fez a visita da qual saiu levando um mundo de projetos.

— Os progressos de Margarita, a docilidade de Rosalía, que promete ser uma boa menina, o estado da minha Lucía, tudo me mostra um novo rosto encantador para a família. Sou chamado a aproveitar a ocasião e ser o mais feliz possível na vida com uma esposa como Lucía. Sim, preciso me resolver!

Naqueles dias, a nova autoridade, depois de prestar juramento e tomar posse, visitava as cidades de sua jurisdição

política, onde os subordinados ofereciam uma mesa succulenta à custa das contribuições de mantimentos impostas aos indígenas.

Na República, agitavam-se questões de grande importância: nada menos do que as eleições para Presidente e para outros representantes da nação.

Quando don Fernando soube que o sineiro de Kíllac estava encerrado na prisão, tremeu mais de indignação que de horror.

— Esse é o fraco, esse é o desamparado, e sobre ele cairá a faca preparada para os culpados — dizia, quando uma voz fatídica reverberou pela pátria, relatando a vitimização sangrenta dos irmãos Gutierrez, cobrindo o rosto da civilização com uma nuvem de cinzas humanas.

A história, portanto, sacudiu don Fernando, que tinha uma suspeita bem fundamentada de que um ataque semelhante ao da noite do dia 5 poderia se repetir, pois não lhe eram desconhecidas as palavras encorajadoras ditas em uma frase curta pelo coronel Paredes em sua conversa com don Sebastián. Depois, a atitude profundamente melancólica de Manuel, que permaneceu em uma reserva estudada, confirmou seu julgamento, porque adivinhou que havia uma luta tenaz entre o jovem estudante de Direito e don Sebastián, nascendo ao mesmo tempo na mente do senhor Marín as

suspeitas de que esse jovem honrado e consciente não podia ser filho do abusivo governador de Kíllac.

— Vou cortar esse nó górdio com o fio de uma vontade inabalável — disse don Fernando, batendo na testa com a palma da mão, e foi procurar Lucía para comunicar a resolução que acabara de adotar.

Quando don Fernando entrou no quarto de sua esposa, ela estava diante de um espelho de corpo inteiro que projetava sua superfície límpida da porta de um armário de mogno preto perfeitamente envernizado e em cuja claridade retratava sua figura esbelta, com um roupão largo de piquet e sua cabeleira solta sobre os ombros em graciosas ondas de seda.

Acabava de sair do banho.

Ao pisar no limiar do quarto, don Fernando também apareceu duplicado pelo espelho, e ao ver seu reflexo, Lucía sorriu, virando o rosto para receber o original que chegava para abraçá-la.

— Venho lhe dar uma boa notícia, meu amor — disse Marín, tomando Lucía em seus braços.

— Boas notícias em tempos tão calamitosos? De onde você as tira, meu Fernando? — perguntou, correspondendo ao abraço.

— De minha própria vontade — tornou ele indo ao centro da sala.

— Claro, mas explique-se melhor...

— Este lugar atrapalha nossa felicidade, querida Lucía; você vai ser mãe e não quero que o primeiro elo da nossa ventura encontre a vida aqui.

— Então?

— Vamos partir para sempre, dentro de vinte dias, sem falta.

— Tão rápido! E para onde, Fernando?

— Não discuta. Tenho tudo em mente e só venho dizer para preparar os poucos objetos que deve levar como bagagem.

— E para onde vamos, Fernando? — voltou a perguntar a esposa, cada vez mais surpresa com uma resolução tão repentina.

— Vou levá-la para uma região de flores, onde você possa respirar felicidade, colocando o berço de nosso filho na bela capital peruana — respondeu don Fernando aproximando-se de Lucía e tomando uma mecha dos cabelos soltos de sua esposa enquanto conversava, enroscando os dedos neles e liberando-os novamente.

— Para Lima! — Lucía gritou com entusiasmo.

— Sim, para Lima! E depois que o filho que esperamos tiver vigor suficiente para resistir à longa jornada, faremos uma viagem à Europa. Quero que você conheça Madri.

— E Margarita e Rosalía? O que será das órfãs sem nós? Temos que cuidar da sua existência por gratidão, querido Fernan...

— Elas são nossas filhas adotivas, irão conosco para Lima, e lá, como já tínhamos pensado e resolvido, as colocaremos no colégio ideal para formar esposas e mães, sem o puritanismo exagerado de uma reza sem fim, vazia de sentimentos — Marín respondeu categoricamente.

— Obrigada, meu Fernando, como você é bom! — alegrou-se Lucía, voltando a abraçar seu esposo.

Nesse momento, soaram dois golpes suaves e rítmicos na porta.

— Entre! — disse don Fernando afastando-se um pouco da esposa e apreciando a figura amistosa de Margarita, embelezada ainda mais pela estima e carinho.

— Madrinha — disse a garota —, Manuel está na sala e diz que quer conversar com meu padrinho.

— Faz tempo que espera?

— Sim, madrinha.

— Vou recebê-lo — disse don Fernando, deixando a madrinha e a afilhada juntas.

Lucía contemplou Margarita por alguns instantes, pensando: “Alguém disse que as mulheres respondem mais do que qualquer outro ser ao carinho e ao trato fino. Ah, minha Margarita é a realidade desse pensamento.”



De fato.

Queridas e estimadas, as mulheres ganham cem por cento em beleza e qualidades morais. Basta que nos recordemos daquelas mulheres infelizes, assediadas nos mistérios do lar por ciúmes infundados, consumidas pela gula dos maridos e reduzidas a respirar ar viciado e a consumir alimentos escassos; acabam por se tornar displicentes, pálidas e abatidas, em cujas mentes sempre atravessam pensamentos tristes e em cuja vontade de agir repousa o letárgico sonho de desmaiar.

## CAPÍTULO VIII

**P**ara preservar a coerência dos eventos desta história, precisamos voltar em busca dos personagens que deixamos para trás.

Os elevados sentimentos de padre Pascual quanto à reforma cristã, a confissão que fez ante o leito de morte de Marcela e o grave estado que o levou à sua casa deserta, tudo isso agiu naturalmente no generoso coração de Lucía, despertando um vivo interesse no destino daquele ser desamparado.

O médico de Kíllac, exímio combatente do tifo, doença endêmica do local, atendeu e salvou o paciente que, uma vez declarado em convalescença, pensou em deixar o interior e viajar para a cidade.

No entanto, nas naturezas carcomidas pelo vício, a duração exigida pela santidade moral é quase impossível. Assim, aquele que atolou sua juventude na lama das desordens, tão distantes dos prazeres moderados do amor casto; que gastou sua força nervosa nessas emoções materiais que vão afrouxando

as fontes do organismo até deixá-lo sem força ou harmonia para desempenhar as funções naturais com perfeito cálculo; quem não preserva o vigor de seu organismo, sujeitando-o à prática dessa lei moral que rege a natureza do homem; quem abusa apenas do instinto brutal, consome sua existência em devassidão, é um enfermo grave, que não consegue encontrar a saúde desejada no momento em que se propõe.

Todavia, a reabilitação de um homem exilado da tarefa do bem está no campo do possível quando em seu coração ainda não se paralisaram aquelas delicadas fibras que, em doce sensação, respondem aos nomes de Deus, Pátria e Família.

O padre Pascual deixou por alguns dias o consumo de bebidas e a companhia das mulheres; e essa abstenção abrupta excitou muito o seu sistema nervoso, dando mais elementos à fantasia, que durante sua jornada pelas encostas e pradarias apresentou quadros mais animados, que passaram diante de seus olhos com a rapidez mágica das representações.

Espectros voluptuosos, alguns com fisionomias risíveis, outros assustadores, carregando o selo da orgia; anjos de asas brancas segurando a palma verde do triunfo e a batendo sobre a face imaculada de uma mãe ou esposa, já ao lado do filho da sagrada união, e ao pé dos altares que tinham inscrito o nome de Deus! Ah!... Quanto estava passando por aquele cérebro próximo do desequilíbrio em luta tão fantasmagórica!

Se o padre Pascual estivesse sob um clima enervante e febril, teria sido levado a um manicômio; mas o ar gelado das cordilheiras andinas, emprestando tonicidade a seus órgãos encefálicos, livrou-o dos violentos e decisivos transtornos da loucura.

Esse homem sairia vitorioso da luta? Purificado ou mártir?

O padre estava aterrorizado com todos os eventos que testemunhou e nos quais estava diretamente implicado. Ouvia a todo momento a misteriosa revelação de Marcela; medindo e comparando seu próprio comportamento, estava desesperado e queria escapar desde o primeiro dia do teatro de suas tristes façanhas e, nesse momento em que determinamos seu estado mental, ele desejava fugir de si mesmo.

A consciência, esse grande argumento colocado na válvula chamada coração dos seres desgraçados que decifram o problema da vida em relação ao nada da morte, a consciência dorme tranquila às vezes, mas, ai!, ao despertar bate com marteladas incessantes na alma da gente.

O padre Pascual poderia fugir do teatro do crime, poderia viajar por todo o universo; mas seu juiz inexorável lhe falava todo o tempo na linguagem pavorosa do remorso, para a qual não há outra resposta senão mudança.

E nesse ânimo desolador estava o padre, tragando léguas e devorando distâncias à passagem plana de seu eu quando ,ao chegar à Encosta do Tigre, distinguiu a estalagem com a bela dona à porta.

Ele aplicou o esporão nos lombos do cavalo e em dez minutos apeava pedindo uma garrafa de refresco, que sedento apressou-se em beber, não sem convidar a estalajadeira.

E aí, adeus sonhos de mudança! As alegres palavras de outros dias brotaram de seus lábios e foram ferir os ouvidos da dona da estalagem; e o álcool tomou posse de sua antiga morada, e aos sonhos reflexivos seguiram os delírios do ébrio.

O marido da estalajadeira, que era carteiro, chegou e disse:

— Esse sujeito já se embriagou, vamos colocá-lo em seu pangaré.

— Sim, Leoncito, aliás mais sabe o pangaré que o homem, certamente o levará direto ao seu destino — concordou a estalajadeira.

Dito e feito.

Quando o padre Pascual viu-se acomodado em sua sela, endireitou o corpo e meteu as esporas e correias no cavalo, que seguiu a rota conhecida sem se desviar.

Aquela era a última estalagem; duas horas depois o viajante chegou à cidade esperada, cujas altas torres e mi-

naretes apareceram para ele como tantos outros fantasmas em gesto ameaçador, desafiando sua razão no claro-escuro da realidade e da ilusão, quando de repente seu cavalo deu um pinote e saiu a corcovos transtornados, empinando, pulando e escoiceando.

A primeira coisa que voou no ar foi o chapéu do padre Pascual, aumentando o nervosismo do homem, que se espantou com as lufadas de ventos cortantes que lhe castigavam. O cavaleiro cambaleou por alguns minutos e finalmente perdeu o equilíbrio, caindo no chão sem sentidos.

Isso aconteceu nas proximidades do convento dos Descalzos. Muitos curiosos se reuniram e a compaixão levou o desconhecido às portas do convento, onde foi recebido pela caridade dos frades.

O guardião era um frei, em cujo coração Deus sabe que mistérios de bondade se escondiam.

Ele conhecia o padre das várias vezes que passou por Kíllac; prestou-lhe assistência e, quando Pascual recuperou os sentidos, disse:

— A misericórdia de Deus é grande, irmão! — E apontou um quatinho para sua acomodação.

No silêncio do claustro, o padre Pascual voltou a se ver moralmente nu, sozinho, absolutamente sozinho no mundo. Melhor dizendo, não! Seus fantasmas o seguiam e

ele entrou num delírio excitado, resmungando entre soluços e frases quebradas:

— Sim, meu Deus! O senhor tornou o homem sociável; colocou em seu coração os laços de amor, fraternidade e família. Aquele que renuncia, que foge da tua obra, execra tua lei natural e... cai abandonado... como eu no apartado ministério... Quem? Quem se salvou sem falhas nessa fuga fatal? Aqui!... Na solidão, nestes claustros de pedra... Quantos?... Um?... Mil?... Cingiram sua fronte com o diadema virginal, são ou enfermos?... Não!... Não!... — E batia suas mãos.

As palavras do padre Pascual já eram inconsistentes.

Seus olhos estavam injetados de sangue, seus lábios estavam secos, sua respiração queimava como o vapor que emitem as brasas mergulhadas na água. As veias de suas têmporas erguiam-se visivelmente, e a sede que devorava seu peito o levou a tomar um copo de água que encontrou junto à mesa de cabeceira.

— Este será um trago que prolonga a vida — disse ele pegando o copo com as mãos trêmulas.

E trazendo-o aos lábios, mal pôde beber, no meio desse rangido que produz o movimento convulsivo dos dentes no vidro. Entornou a última gota e, incapaz de colocar o copo em seu lugar, caiu no chão, gritando. Todo seu comprido

corpo se agitou arfando e um gemido ténue e definitivo deixou em seu rosto a rigidez da morte.

Um monge que passava, ao ouvir a voz doentia do enfermo, entrou no aposento e, vendo o homem estirado no chão, tocou uma campainha na porta principal, com golpes tão acelerados que logo vieram vários frades, entre eles o guardião.

— Ele se flagelou! — disse um.

— Está gelado, santo Deus, absolvamo-lo! — acrescentou outro, repetindo as palavras sacramentais.

— Toquem à comunidade; talvez possamos prestar-lhe os últimos auxílios — ordenou o guardião enquanto os outros colocavam seu corpo sobre a cama.

— Ele já morreu? Deus misericordioso! — exclamou o guardião unindo as mãos e levantando os olhos para o céu.

— *Requiescat in pace!* — disse com gravidade o que havia repetido a fórmula da absolvição. Enquanto isso, a comunidade já estava reunida; a vigília apropriada foi cantada e a água lustral derramada sobre o morto.

O guardião, chamando um monge, disse:

— Irmão Pedro, prepare uma mortalha e vá com o irmão Cirilo organizar a sepultura.

E deixou a cela mortuária na companhia de outro frade, ambos falando assim:



— Por mais que o materialismo pregue o contrário em força e matéria, a verdade, reverendo padre, é que o tipo de morte do sujeito e os respeitos prestados a seus despojos formam um epílogo à vida e ao modo de ser do indivíduo.

— A respeito disso — respondeu o outro frade, cobrindo-se com o capuz —, o padre Pascual deve ter sido um bom cristão, pois morreu calmamente e encontrou mãos piedosas para o enterrar; e os comentários que se ouvem são tão diversos, frei guardião...

— Deus nos livre da morte súbita; mas, julgando com caridade cristã, o arrependimento sincero é a porta da salvação, e esse sacerdote talvez tenha expirado nas asas da contrição — observou o guardião, colocando as mãos cruzadas dentro das mangas de seu longo hábito.

— A morte súbita pode ser confortável para aqueles que não acreditam em um além, ou para os justos que estão dispostos a partir a qualquer momento; mas para aqueles de nós que não estão preparados, nem duvidamos que exista no homem um espírito imortal e móvel, também é uma verdade aterradora que se morre como se vive — refletiu o frade, ambos chegando à cela de guarda, em cuja porta se separaram.

Esses filósofos ignoraram os momentos cruéis que o padre Pascual passou antes de entregar seu espírito a Deus.

A tortura de sua alma, entendendo a possibilidade de ter sido um homem moral e útil, sem as aberrações das leis humanas contrárias à lei natural; suas angústias sem uma mão amiga que adoçasse tanta amargura, nem uma palavra que consolasse suas aflições, poderiam constituir as dores de uma prolongada agonia?

A morte repentina do padre Pascual foi uma verdadeira desgraça para nós, que esperávamos explorar muito o curso de sua vida. Tal é, no entanto, a realidade humana. A morte ataca de improviso e fere nos momentos em que a existência é mais necessária, quando os fios da vida são entregues à urdidura social; quando começava a se tecer a tela humana em suas várias formas.

A única frase que podemos pronunciar na sepultura solitária daquele padre infeliz, sem uma família legítima e sem os laços de afeto que a lei humana lhe arrancou, é a lacônica:

— Descanse em paz!

Voltemos a Killac.

## CAPÍTULO IX

**D**ada a fraqueza de caráter de don Sebastián, depois da conferência que teve com o subprefeito e as violências que ocorreram com a senhora Petronila, era natural que sua situação se complicasse.

Para Manuel, foram humilhantes as cenas que ocorreram no quarto de don Sebastián, de onde ele levou aquele homem à força para salvar sua mãe das torpezas de um bêbado.

No entanto, Manuel sabia que cenas familiares que acontecem sob o teto paterno não humilham. Desta forma, suportou com serenidade viril as ofensas do marido de sua mãe, não tardando o sono em fechar as pálpebras de don Sebastián e selar a paz entre pai e filho.

Quando Pancorbo adormeceu completamente, Manuel foi procurar sua mãe, a quem encontrou chorando. Beijou sua testa, enxugou suas lágrimas e disse:

— Coragem, mãe; guarde suas lágrimas para quando eu não estiver ao seu lado.

— Meu filho, é que sou muito desgraçada! — dona Petronila respondeu entre soluços.

— Desgraçada você, mãe? Blasfêmias! Ele não lhe deu um filho? Você não tem meu coração e o sangue das minhas veias, que derramarei por você? — respondeu o jovem calorosamente e com certo ar de ressentimento.

— Sim, sim, blasfemo, mas Deus me perdoará como você me perdoa por ter esquecido seu nome, Manuelito, meu filho. Sim, eu sou mãe! — bradou a senhora Petronila, pegando as mãos do filho e fazendo-o sentar-se ao seu lado.

— Pobre mãe! — consolou Manuel, suspirando e contradizendo seu primeiro pensamento.

— Pobres mulheres, você quer dizer, Manuelito! Porque, por mais felizes que pareçamos, para nós nunca falta um verme para roer nossa alma — refletiu dona Petronila, já um tanto calma, passando os dedos pela barra de sua calça.

— Mãezinha, deixemos essas queixas por enquanto e vamos conversar com calma.

— O que quer? Fale!

— Quero que vejamos quanto vale nossa casa. Neste mundo, não se pode dar um passo, mãe, sem bater em uma porta chamada “recursos e reservas”.

— O quê?! Por acaso quer voltar para a faculdade, me deixando perdida nesta Babilônia? — surpreendeu-se dona Petronila.

— Não se afobe, mãe. Você diz que sou um menino, mas lembre-se de que lidar com livros e com homens nos envelhece, nos dando experiência e nos ensinando a pensar. Eu acredito que sou um homem! — afirmou Manuel com ar arrogante.

— Ora, você é um homem! — concordou dona Petronila, fixando um olhar orgulhoso no rosto do filho.

— Sim, mãe. Quero dizer que, tendo pensado com maturidade, espero realizar o que planejo em benefício do seu futuro e do meu; o resto...

La dizer uma frase dura, mas o nome de Margarita passou por sua mente como o suave raio da lua refletido na superfície de um lago manso, deixando-o suspenso e arrancando-lhe um suspiro fundo.

— Fico feliz em ouvir você falar assim, meu filho! Sim, com razão don Fernando e a dona Lucía me parabenizaram tanto por você.

Manuel respirou fundo após uma ligeira hesitação e respondeu:

— Quero saber, mãe, quanto é nossa renda; mas... sem contar a de don Sebastián.

— Nossa renda? — repetiu a senhora Petronila, pegando de novo as barras da calça e brincando distraidamente com elas. — Como posso calcular nossa renda? Temos boas áreas de terra que produzem milho, trigo, cevada, *ocas*,<sup>36</sup> batatas e quinoa; temos algumas centenas de ovelhas, vacas, alpacas e éguas domésticas que nos ajudam na colheita. Cultivamos campos, produzimos e vendemos lã e grãos, e parte disso vai para você e a faculdade. Você acha que o cálculo está certo?

Manuel escutava a mãe atento e satisfeito e, ao término do relato, foi beijar-lhe a testa silencioso e pensativo, levando em seu coração a gratidão e adoração que a santa abnegação e o amor da mãe pediam. A conta, na verdade, não deixava números redondos para os cálculos que havia forjado e, com timidez, perguntou novamente:

— E você não tem nada guardado?

— O quê? Você acha que eu sou uma desperdiçadora? Que não sei o que tenho, filho? Que não tenho você para cuidar do seu futuro? E eu não sei que algum dia você vai querer assumir os negócios? Ha! Ha! Ha! Eu... eu economizei metade e escondi bem, cinco sacos com dois mil soles flamejantes cada. Você não terá a vergonha de casar-se sem nenhum patrimônio.

---

36 Tubérculo andino rico em carboidratos, cálcio, fósforo e ferro.

— Benditas sejam as mães como você! Para vocês, a felicidade está no bem dos filhos! Pegarei, então, os dez mil soles com base em meus cálculos. Quero agora lhe propor um plano e... não podemos perder tempo — disse Manuel resolutivo.

— É o que eu disse, você quer me deixar...

— Mãe, pense no que seria um ano perdido nos meus estudos. Talvez, a perda da profissão que eu abracei; mas não vou partir sozinho, nem vou para a Universidade de San Bernardo.

— Que seja, então, como você quiser; mas, antes de tudo, lembre-se de que sou a esposa de Sebastián, a quem... sou grata e a quem você deve respeitar como... um verdadeiro pai — replicou dona Petronila, baixando os olhos duas vezes.

— Não vou esquecer, minha mãe. E agora vamos descansar após um dia tão agitado — disse Manuel, beijando a mão da mãe como um adeus noturno.

## CAPÍTULO X

**U**ma vez que o sineiro Isidro Champí foi trancafiado na prisão, as portas não se abriram novamente para restaurar sua liberdade.

Saibamos o que aconteceu com sua esposa na tarde em que foi à casa de seu compadre Escobedo, em busca de apoio e conselhos.

— Então meu compadre está preso? — disse Escobedo, após as saudações e as notícias dadas pela indígena.

— Sim, compadre Wiracocha. E o que fazemos então? Nos ajude — disse a mulher, consternada.

Ao que Escobedo respondeu, dando-lhe uma suave palmada no ombro:

— Ah! Mas para pedir favor não se vem assim... com as mãos limpas... logo você, que tem tanto gado, né, comadre?

— Você tem razão, Wiracocha compadre, mas saí de casa soprada pelos bruxos, e amanhã, mais tarde... não serei mal-agradecida como a terra sem água.



— Bem, comadre, isso já é outra coisa. Mas para falar com o juiz e o governador, você deve me dizer o que oferecemos...

— Levo uma galinha?

— Que tonta! O que está falando? Você acha que por uma galinha despachariam tanto papel? Meu compadre já está nos expedientes por essas agitações em que Yupanqui e os outros morreram — disse Escobedo, maliciosamente.

— Jesus, compadre! O que está dizendo? — perguntou ela, apertando as mãos.

— Mas para tudo dá-se um jeito. Com esforços vamos retirá-lo de lá. Diga-me, quantas vacas você tem? Com umas quatro eu acho que...

— Com quatro vacas meu Isidro será liberado? — perguntou a mulher toda confusa.

— Como não, comadre? Uma daremos ao governador, outra ao juiz, outra ao subprefeito, e a última ficaria, então, para o seu compadre — disse Escobedo, caminhando de um extremo ao outro da sala, enquanto a indígena, atolada em uma noite de dúvidas e desolação, revisava o gado em sua mente, um por um, determinando-os por suas cores, idade e sinais particulares, às vezes confundindo os nomes de seus filhos com os de seus queridos bezerros.

— Caramba, no que você pensa tanto, sua manhosa? Parece que não ama seu marido — interrompeu Escobedo.

— Deus me livre, nem diga isso, compadre! Meu Isidro, com quem cresci quase junto, com quem tenho passado tanta coisa... Ai!... Mas...

— Bem, vamos parar com isso, eu tenho muito o que fazer — interrompeu Escobedo, apressando o desenlace.

— Perdoe minhas tolices, Wiracocha compadre... aceito, daremos as quatro vacas, mas... elas serão novilhas, né? Vou separar as duas marrons, uma preta e a outra malhada, mas o senhor faz um bom apelo para libertar meu Isidro? Agora...

— Mas é claro, como não? Loguinho me coloco às diligências e depois de três dias tudo estará resolvido. Olha, eu tenho que falar primeiro com esse don Fernando Marín, que é quem acompanha o processo.

Ao ouvir o nome de Marín, um raio de luz atravessou a escuridão da mente da mulher do sineiro e ela disse a si mesma:

“Por que eu não fui até ele primeiro? Talvez amanhã, quando o galo cantar, ainda dê tempo.” E saiu dizendo para Escobedo: — Compadre, vai então, sem demora; tenho que levar os casacos para Isidro e vou lhe dizer que o senhor vai nos salvar, tchau.

— Rata, você caiu na ratoeira — riu Escobedo, e imediatamente preparou-se para procurar Estéfano Benites, para lhe contar sobre os negócios que havia organizado, que dividiriam tudo meio a meio, deixando as quatro novilhas isentas do embargo decretado, pois apareceriam como propriedade de Escobedo ou Benites.

## CAPÍTULO XI

**O**s eventos políticos realizados na capital da República deviam influir poderosa e diretamente no resultado dos negócios de distribuição arquitetados com calor e entusiasmo pelas novas autoridades da província e de Kíllac.

O subprefeito Paredes visitava uma das pequenas cidades de sua jurisdição, quando se deparou com um par de olhos, situados no peregrino rosto de uma mulher, que lhe atingiram o âmago de seu coração. E como em matéria de batalhas travadas nos campos verdes do Cupido havia sido condecorado não apenas com cruces, mas também com feridas lembradas com orgulho em conversas de homens, e como sempre havia executores fiéis à sua autoridade, Paredes considerou a questão ganha sem muito esforço.

É de se advertir que lá em Kíllac, como nas aldeias limítrofes onde reina a simplicidade dos costumes, é absolutamente desconhecido o caruncho social que mina as bases

da família, afastando a juventude do casamento e apresentando-se sob a triste forma da mulher perdida.

As seduções artificiosas carregam o selo do infortúnio e depois de cada uma aparece, quase sempre, a figura de um potentado, cuja superioridade maliciosa vence a vítima e salva o vitimador.

Desta vez, a escolhida pelo coronel para aumentar a já longa lista de seu martirológico de homem empreendedor era, pois, uma jovem graciosa em cuja casa a nova autoridade recebeu hospitalidade sincera.

Teodora, já com vinte e poucos anos, era de pequena estatura, com olhos vivos e olhar calmo. Usava um traje gracioso de percal rosado com ramagens tingidas de marrom e um lenço de seda carmesim em forma de gola no pescoço, preso ao peito com um alfinete de bijuteria que imitavam topázio. Seus cabelos longos e cuidadosamente arrumados estavam trançados e presos com fitas pretas.

O coração de Teodora não estava deserto. Prometida em matrimônio, subiria ao altar assim que o noivo chegasse, obstinado na administração de uma fazenda, onde economizava parte de seus salários para custear um casamento decente, com padrinhos notáveis e três dias de farta comida e músicos.

Teodora nasceu com caráter impetuoso e viril. Passada a infância, suas paixões se manifestaram ardentes.

Amava seu noivo e a ausência dele talvez tenha aumentado o calor de suas ilusões virginais, fazendo-a suspirar pelas visitas diárias e pelas frases de amor sussurradas durante as horas do delicioso romantismo que serve de entrada para a fortaleza conjugal.

Cinco dias se contavam de farra contínua na casa de Teodora, promovida pelo subprefeito, que se dedicou completamente à beldade campestre, cuja resistência não diminuiu seu interesse, apenas aumentou ainda mais seus desejos.

Barris de vinho, caixas de cerveja, tudo correu profusamente. Os dois cegos violinistas da cidade manejavam o arco sem cessar, arrancando *mozamalas*<sup>37</sup> e *huaisinus*<sup>38</sup> às sonoras cordas do violino.

---

37 Estilo musical peruano de origem afro-indígena em que se usam, originalmente, alaúde, harpa, charango, quena (flauta peruana de cinco orifícios usada pelos indígenas andinos) e cajón. É também uma dança onde os parceiros dançam separados e representa o cerco amoroso de uma mulher por parte de um homem. Hoje é mais comum chamarem "zamacueca", ou simplesmente "cueca".

38 Possivelmente a autora se refere aos *huaynos*, dança folclórica mais representativa dos Andes. Combina origens pré-colombianas com influências tardias europeias, e é composta por diversas variações regionais. A dança é apresentada por casais que fazem movimentos e voltas com saltos e *zapateo* para marcar tempo. Os instrumentos usados para acompanhar o huayno incluem quena, charango, harpa e o violino.

O coronel chamou o tenente-governador de lado e, em voz baixa, disse algo em seu ouvido. Ele sorriu maliciosamente e respondeu baixinho:

— Agorinha, vamos caçar a rata, sim. Não se faz uma omelete sem quebrar uns ovos, minha senhoria.

Teodora, cujos ouvidos já doíam das repetidas palavras escusas ou intimidadoras do coronel, chamou o pai até a porta e, mais chateada que escrupulosa, disse:

— Pai, meu coração padece no purgatório!

— Por que motivo, Teoco? Em vez disso, devia estar contente, pois temos tantas visitas...

— Precisamente, essa é a causa, o subprefeito tem más intenções comigo, e se Mariano sabe...

— O que diz...? Ora, que diabos...! Então são desses tratos a senhoria? — disse Gaspar, passando a mão sobre a boca, que estava úmida.

— Sim, pai. Ele me disse que serei dele por bem ou mal... se necessário, ele me rouba — revelou a garota, corando e baixando os olhos.

— Hum! — O velho mordeu os lábios e, andando para inspecionar o campo, acrescentou:

— Assim você vai deixar doce cair da boca. Ora! Por acaso eu sou lá raposa morta?

— Pai!

— Entre na sala, seja dissimulada, deixe que ele gaste um pouco de dinheiro roubado das aldeias e... não tire seu noivo da cabeça, combinado? Não se preocupe, eu sei o que fazer depois — disse o pai de Teodora, empurrando-a para o centro da reunião.

Um dos convidados ouviu e disse entredentes:

— Velho matreiro! Vejam só como entrega a sua filha!

Logo chamaram para o jantar e todos sentaram-se à mesa, onde foi servida, em toalhas nem tão brancas nem tão escuras, uma refeição bem temperada com *cuy*<sup>39</sup> recheados, assados nas brasas, com amêndoas, batatas marinadas, feijão verde e o *locro*<sup>40</sup> acompanhado de queijo fresco.

O subprefeito foi colocado ao lado de Teodora e, com certo ar de triunfo, disse, erguendo as bordas da toalha sobre o colo:

— Sempre procuro meu conforto, senhores, ao lado de uma boa moça.

— Claro! E esse assento corresponde à senhoria — responderam vários.

— E quanto a don Gaspar, senhorita Teodora? — perguntou um dos convidados com ironia.

---

39 Roedor sul-americano, cuja carne é muito utilizada na culinária peruana.

40 Ensopado de abóbora, feijão e milho.



— Meu pai? Ele demora muito a chegar — disse a garota, olhando em volta.

Dois jovens segredaram com malícia; e outro disse em voz baixa:

— Se o velho souber... e for esperto... não vai atrapalhar...

Naquele momento apareceu don Gaspar esfregando as mãos. Pegou uma garrafa para servir e disse com alegria marcante:

— Um aperitivo, senhores.

— Opa! Em bom tempo faz as coisas este don Gaspar!  
— respondeu o subprefeito.

A refeição começou alegre e agitada, e a amabilidade de Teodora fez com que o coronel considerasse tomada a desejada fortaleza.

## CAPÍTULO XII

**M**anuel, depois da despedida de sua mãe, foi para o quarto e, perdido em pensamentos, esperou acordado pela chegada do novo dia.

Na hora devida, pegou seu chapéu e foi para a casa de don Fernando. Entrou na sala de recepção, onde encontrou Margarita sozinha, lendo um livro ilustrado com histórias do “Pequeno Polegar”. Quando a viu, Manuel disse a si mesmo com alegria:

— Que ocasião propícia para sondar seu coração e contar meu afeto!

Aproximou-se da garota e abraçando-a, disse:

— Que sozinha e tão bonita eu lhe encontro, Margarita!

— Manuel, como está? — respondeu a garota colocando o livro sobre a mesa.

— Linda Margarita! É a primeira vez que vou lhe falar sem testemunhas, talvez sejam minutos, porque estou procurando por don Fernando e, pelo mesmo motivo, peço que me escute, minha Margarita! — disse Manuel, pegando

a mão da garota para acariciá-la, refletindo as ilusões de sua alma em suas pupilas, que emitiam raios de ternura e amor em cada olhar.

— Manuel, que estranho você está! — disse Margarita, fixando seus lindos olhos nos de Manuel e baixando-os com inocência.

— Não me chame de estranho, Margarita, você é a alma de minh'alma. Desde que lhe conheço, lhe dei meu coração e... quero ser digno de você! — respondeu Manuel, acentuando as últimas frases, porque seu maior temor era que Margarita repudiasse o filho do carrasco de Marcela, ideia que não podia existir na menina de hoje, mas possivelmente na mulher de amanhã.

A órfã permaneceu muda e corada como a papoula que guarda dentro de si o ópio.

Manuel acariciava a mão minúscula de Margarita, que se perdia entre as suas.

Há momentos em que o silêncio diz mais que a palavra humana.

Ébrio de amor, Manuel seguiu contemplando a linda garota e voltou a dizer:

— Fale! Responda, minha Margarita! Sim, você ainda é menina, mas já sabe que eu a amo...! Lembre-se de que junto de sua abençoada mãe eu pedi para ser seu irmão...

— Sim, Manuel, eu também, desde aquele dia, vejo você em minhas alegrias, em minhas tristezas; então você será meu irmão — respondeu a garota.

Mas Manuel retificou calorosamente:

— Não, meu anjo, irmão é pouco, e eu a amo muito. Quero ser seu marido!

— Meu marido? — perguntou Margarita, atordoada, em cuja alma o véu das criações infantis acabara de se desfazer, sacudindo seu organismo, cavando em seu coração o dardo hipnótico da juventude que, na sublime sonolência das almas apaixonadas, a faria sonhar nesse mundo de poesia, temores e confianças, risos e lágrimas, luzes e sombras, em que vive a castidade de uma virgem.

Margarita soube a partir deste momento que era uma mulher. Sabia que amava.

Para Manuel, as impressões se sucediam com a rapidez do pensamento, embora com emoções distintas de Margarita, porque sua alma já havia perdido aquela virgindade que é a ignorância dos mistérios reais da vida.

Manuel amava com desejo.

Margarita, apenas com sentimento.

O primeiro ímpeto de Manuel foi selar com seus lábios a palavra “marido”, pronunciada pelos lábios da mulher

adorada, mas a prudência o conteve como o freio controla o cavalo na corrida e apenas disse:

— Sim, seu marido! — E beijou a testa de Margarita.

Essa não era a brasa do carvão queimando na folha fresca do lírio, mas sua impressão era indelével.

Margarita sentiu uma corrente desconhecida fluir por suas veias; suas bochechas se tingiram de grená e saiu correndo da sala, dizendo a Manuel:

— Vou chamar meu padrinho. — E foi até o quarto de Lucía, parando instintivamente quando chegou ao corredor, para acalmar sua perturbação.

Manuel continuava com a alma em êxtase, que de modo algum se assemelha ao sonho do corpo, e do qual apenas a palavra calma de don Fernando veio sacudi-lo.

Manuel era escravo de uma mulher. De uma mulher que é apenas, em suma:

Para um médico, aparelho de reprodução.

Para um botânico, planta frágil.

Para um gordo, boa cozinheira.

Para o Vício, prazer, sensação.

Para a Virtude, uma mãe.

Para um coração nobre e amoroso, alma da alma!

Ninguém contestará a precisão dessas definições que, sem dúvida, terão sua inspiração, mas a verdade é que a última correspondeu a Manuel com sentido legítimo, e por isso, ao ver Margarita partir, despediu-se com aquele suspiro que diz: a alma de minh'alma...

## CAPÍTULO XIII

Informada Lucía da resolução do marido e, estando sozinha com Margarita, ficou muito satisfeita com a ideia da viagem e disse à afilhada:

— Você ficará muito feliz, Margarita, com a notícia que tenho.

— Madrinha... — interrompeu a garota, fixando o olhar no rosto de Lucía.

— Você e Rosalía não farão a viagem a Lima sozinhas.

— Quem mais irá? A senhora? — perguntou a órfã animada, em cuja mente revoavam mil borboletas de ansiedade, entusiasmo e curiosidade.

— Eu, seu padrinho, toda a família — Lucía respondeu, enumerando com os dedos e balançando a cabeça.

— A senhora, meu padrinho, Rosalía! Oh, que glória! E Manuel vai? — perguntou entusiasmada Margarita.

Lucía fixou sua atenção nas feições de sua afilhada, para medir a impressão de sua resposta, e disse:

— Manuel não irá. Ele tem seus pais aqui.

Um breve silêncio se seguiu.

Os olhos de Margarita se encheram de lágrimas, que em vão ela tentou esconder, perguntando:

— Lima deve ser uma linda cidade, não?!

— É a mais bonita do Peru. Mas... por que você está chorando, filha? — perguntou Lucía, pegando as duas mãos de Margarita, sentando-se ao seu lado e dizendo: — Olha, minha filha, percebo que você é muito afeita a Manuel, e agora entendi que esse jovem impressionou seu coração de menina, por isso, me assaltam os temores de que amanhã lhe pertença o seu coração de mulher.

— Madrinha! É que Manuel é muito bom, nunca o vi fazer nada de mau — respondeu Margarita com indisfarçável timidez.

— Exatamente, filha, sua bondade me fez cair em uma rede, que precisa ser cortada para se libertar. Você não pode amar o filho do carrasco de seus pais. Ah, que horror! Pobre Manuel!

Ao terminar a frase, Lucía estava emocionada; o temor e a dúvida assaltaram seu coração e embargaram sua voz. Em sua mente passavam, um após o outro, pensamentos que torturavam seu peito, e interiormente perguntava-se:

— Cometi uma indiscrição ao falar de amor à minha afilhada? Joguei a eterna vergonha na direção de Manuel, a



quem Margarita verá, a partir deste momento, como o filho do carrasco de seus pais... E então, Manuel... Ah! Coração cheio de abismos!... Novelo de mistérios!... Coração humano!

Para Margarita, o silêncio da madrinha também dizia muito! Permanecia muda e trêmula, como um lírio em cujo caule o rouxinol tenta pousar sem dobrar as asas, pois a delicadeza da planta faz com que continue o voo em busca de melhor abrigo.

Depois da conversa que acabara de ter com Manuel, a declaração de sua madrinha era cruel, despedaçava sua alma, podava ao nascer as flores das esperanças de dois corações ligados pelos laços que constituem a felicidade humana, de dois corações que se amavam.

Por fim, a esposa de don Fernando conseguiu se refazer e, cortando o fio da conversa anterior, disse a Margarita:

— Então, trate de ter o baú pronto para quinta-feira e não se esqueça as coisas de sua irmãzinha, certo? Você é a mais velha e deve ajudá-la.

— Sim, madrinha — respondeu Margarita, erguendo mecanicamente um novelo de seda azul que viu no chão.

Colocou-o sobre a mesa e saiu. Lucía, vendo-se sozinha, tornou a dizer:

— Pobre Manuel! Cheio de privilégios, dotado de aspirações nobres! Não há dúvida de que ele ama Margarita,

de quem um abismo o separa... mas... é verdade, na vida prática, as aberrações do coração enxergam um o mundo insondável como a parte mais poética do amor. Existe um fogo comparável àquele alimentado por um amor impossível? Existe um desejo comparável ao que alimentam os amores impossíveis? Existe anseio semelhante ao de se aproximar do objeto amado rompendo laços, cruzando cadeias de montanhas escarpadas que ensanguentaram a planta; escalando cordilheiras íngremes onde a neve do impossível, derretida pelo sol do amor, formou uma abundância de lágrimas?

Heróis da dor, pobres desterrados do Paraíso de Ventura, não são compreendidos pelo mundo! Vítimas imoladas nos altares do infortúnio, as almas generosas talvez ofereçam o incenso de sua simpatia e continuarão amando na dor...

Lucía caiu no sofá ao final de seu solilóquio, levando a mão direita à testa, banhada em um suor pesado que escorria até as bochechas, iluminada com o tom das papoulas de maio. Então, entrelaçando os dedos e estralando até produzir o som de desfazer os nós, perguntou-se:

— O que eu faço agora? Minha situação é difícil e dramática, assim como a de Manuel e Margarita; se eles se amam com o primeiro amor, este vai ser sublimado pelos suspiros que, cheios do perfume do amor virginal, exalam do peito oprimido pela saudade do ente querido... Se tentasse algo

diretamente... Ah!... Mas meu Fernando sanará minhas dúvidas, compartilharemos nossas ideias e a luz brotará, porque não posso esquecer que Marcela morreu me deixando os dois pedaços de seu coração.

Lucía estava certa; compartilharia com don Fernando suas dúvidas, temores e esperanças, afastando as sombras do momento. Manuel poderia compartilhar com sua mãe, com o mais nobre dos corações, as angústias que o entristeciam; escondendo-se no colo materno e chorando hoje suas lágrimas de homem, como ontem enxugou seu choro de menino.

Mas Margarita?

Pobre órfã, um pássaro sem ninho, teria de procurar a sombra de uma árvore estranha para cantar sob sua folhagem o idílio de sua alma ligada à outra; teria de esconder seus próprios pensamentos; rir com os lábios e chorar com o coração.

Lucía era, para Margarita, a melhor das mulheres, mas Lucía não era sua mãe!

## CAPÍTULO XIV

**V**amos viajar por um momento em busca do coronel Paredes, que deixamos sentado à mesa na casa de Teodora.

A comida foi alegre e abundante, e nem bem acabou, tarde da noite, todos foram para a sala de recepção, onde a diversão continuaria com as danças do *zapateo*<sup>41</sup> e do *baile del pañuelo*<sup>42</sup>.

---

41 Zapateo literalmente significa "sapatear", sendo usado no flamenco espanhol em razão das influências culturais importadas pelos ciganos. Chegou à América do Sul por volta 1600, sendo tradicionalmente realizado por homens. Os movimentos de dança incluem a *cepillada*, o repique e os floreios. Essa forma de dança é frequentemente uma forma de competição entre dois ou mais homens, onde um começa com um *escobillado*, e então propõe uma passagem de "figura" ou *footwork* para o competidor e termina com uma saudação. O outro homem copia a figura proposta, adicionando uma que é mais difícil, e então faz a saudação. Quando um dos homens não consegue copiar o outro, a competição termina, vencida pelo dançarino mais proficiente.

42 Outro nome pelo qual é conhecida a *mozamalas*, baile típico do carnaval de Lima.

Don Gaspar chamou a filha ao seu lado e disse secamente:

— Siga-me, Teoco.

E os dois foram para uma cerca próxima, onde havia três cavalos, um deles com arreios, sela e toda equipagem feminina guardadas por um índio que cumpria sua mita.

— Para onde vamos, pai? — perguntou Teodora.

— Para Kíllac, à casa de minha comadre dona Petronila, que, como você sabe, é uma dama direita, portanto, ao lado dela você estará tão segura quanto no altar — disse don Gaspar sem deter o passo, que era seguro e largo, apesar da escuridão da noite.

— Bem, é uma boa ideia, já que don Sebastián não é mais governador; assim estaremos em paz até que Mariano chegue — disse Teodora, tentando acompanhar o ritmo acelerado de seu pai.

Um vulto alto e corpulento saiu das sombras nesse instante.

— Anselmo? — chamou don Gaspar.

— Senhor! — atendeu o índio, e os três seguiram até onde estavam os cavalos.

Os dois homens levantaram Teodora, que, com sua agilidade de camponesa, colocou-se em seu cavalo, chamado Chollopocochí, por ser negro e ter as patas brancas.

Depois montaram don Gaspar e Anselmo, que era um servo de confiança da casa, e o pai de Teodora disse ao índio em tom de ordem:

— Volte para casa, acenda as velas e que não falem bebidas. E se eles sentirem a nossa falta, já sabe, né?

— Sim, senhor — respondeu o indígena, retornando.

Três chicotadas simultâneas estalaram nos quadris dos cavalos, que dispararam através da escuridão da noite, bufando pelos narizes e mordendo com raiva os freios.

O velho estava imerso em meditações, pois o cérebro elabora ideias constantemente e o pensamento não se submete à quietude do corpo.

— Pai, vamos moderar o passo — disse Teodora, freando seu cavalo.

Mas don Gaspar não prestou atenção ou não ouviu sua filha, que voltou a dizer em voz alta:

— Pai!

— Sim? Já se cansou tão cedo? — respondeu o velho moderando a marcha.

— Não estou cansada, que bobagem! Mas pensei numa coisa.

— Fale! — respondeu don Gaspar, manejando as rédeas para se aproximar de Teodora.

— Seria melhor se você voltasse daqui agora. Você chegará em casa em meia hora. Sua presença eliminará qualquer

suspeita e eles continuarão por um tempo sem sentir minha falta... e você... ao final, daria muitas desculpas.

— E você... você vai continuar... sozinha? — observou don Gaspar, tossindo repetidas vezes.

— Eu não corro risco algum indo com Anselmo. Cholopocochí é manso e conhece bem a estrada; a distância já é curta, a lua logo iluminará o caminho; e, acima de tudo, se lhes ocorre nos averiguar, se descobrem a viagem, não duvide que vão nos seguir, alcançar, pegar, e bêbados como estão...

— *Cataplum!* Teodora, você fala como o missal da paróquia — interrompeu o velho, detendo o cavalo e acrescentando com um sorriso malicioso: — A verdade é que as mulheres têm habilidade natural para intuir esses cenários.

Don Gaspar tossiu novamente.

— Olha aí, você já está resfriado. Volte agora, se alguém estiver vindo, com o seu retorno perderá o novelo.

— *Cabalorum!* E não direi onde você está nem que me tirem o couro — respondeu don Gaspar; e gritando ao servo que estava longe: — Anselmo! Anselmo!

O índio aproximou-se com seu cavalo e o diálogo entre pai e filha continuou:

— Pois bem, em até quatro dias vou lhe buscar.

—Tchau, pai. Cubra sua boca, está com muita tosse.

— Bata com cuidado na casa e conte tudo à minha comadre dona Petronila: o sapo sabe em que água nada.

— Sim, eu vou lhe contar tudo.

— Anselmo, cuide da menina e... até breve, hein?

No final dessa frase, don Gaspar retomou as rédeas, batendo com força os calcanhares de esporas nas virilhas do seu cavalo, em cujo lombo também soaram algumas chicotadas, que duplicaram o ânimo do animal em seu retorno à casa.

Eram cerca de onze horas da noite quando Teodora e Anselmo apeavam à porta da casa de dona Petronila Hinojosa. Tocaram com força a aldrava em forma de leãozinho de bronze, e quatro ou cinco cães responderam com latidos desesperados, deixando-se ouvir uma voz sonolenta e contrariada que perguntou:

— Quem é?

— Eu venho da parte de don Gaspar Sierra, trazer à dona Petronila uma pessoa enviada por ele.

O porteiro não precisou de mais explicações; escorregou o ferrolho e as folhas da porta da rua giraram nas dobradiças, abrindo caminho à fugitiva Teodora, que foi recebida por dona Petronila com seu peculiar carinho.

Don Gaspar não andara três quilômetros do local onde se separara de Teodora, quando distinguiu gritos e uma mul-



tidão de pessoas a cavalo. Em alguns instantes, teve certeza de que era a comitiva do subprefeito.

— Sim, bem disse Teoco. Que diabos! As mulheres são todas bruxas! E o engraçado é que nós, homens, nos deixamos enfeitiçar, seja vendo ou ouvindo, conscientes ou não — disse a si mesmo don Gaspar, e seguiu caminhando no passo plano de seu cavalo.

## CAPÍTULO XV

**T**ão logo Teodora empreendeu fuga, o grupo se deu conta. O tenente-governador, dando a primeira nota, disse:

— A culpa é do velho, meu coronel, porque a moça já estava ganha, pelo visto, já era sua.

— Ele acha que vai me passar a perna assim? Em mim? Não vou consentir, não, senhor... Não vou consentir, por minha honra de militar! — dizia Paredes dando passos acelerados pela sala.

— Vamos buscá-la, amigos — propôs o tenente, pegando uma vela acesa, pronto para sair.

— Sim, senhor! Eu tenho que pegar minha *húri*<sup>43</sup> do fundo da terra, sim senhor! —repetia com raiva o subprefeito

---

43 Do árabe: *ḥūr* ou *hourī*. Hourī é uma jovem extremamente bonita. No Islã, a hourī é uma companheira divina que aguarda os crentes no paraíso. Elas são frequentemente retratadas como belas virgens. Nas culturas europeias, nas quais a hourī é simplesmente uma "mulher voluptuosa". A raiz persa, *huri*, significa "ninfa no paraíso", vem do árabe *haura*: "lindos olhos escuros".

enquanto os oficiais vasculhavam toda a casa, submetendo os servos a um interrogatório inquisitorial. As respostas dos pongos, mitayos e guardas foram a mesma:

— Eles saíram para a rua.

Alguém teve uma ideia e perguntou:

— Saíram a pé?

— Não, senhor, saíram a cavalo — disse um dos guardas.

— Pois, senhoria, iremos atrás deles — disseram em coro — que a estrada é uma só, boa e plana.

— Ao trabalho, então, rapazes; e quem me trouxer a garota...

— Juro que serei o afortunado — interrompeu o tenente-governador.

A comissão foi nomeada e os designados saíram em seus cavalos.

O subprefeito estava prestes a explodir de cólera e dizia:

— Velho canalha! Sim senhor, ele saberá quem eu sou, fuzilo-o sem formar conselho de guerra. Para algo serve uma autoridade. Mas... os homens saberão apanhá-lo e... seria bom descansar um pouco. — Ao dizer isso, deitou-se na cama colocada em um canto e pegou no sono.

Instantes depois, uma tropa de cavalos foi ouvida e, abrindo os olhos, don Bruno Paredes disse entredentes:

— São eles... já estão saindo! Sim, senhor. Em breve ficarei satisfeito com o serviço dos meus... subordinados. Sim, esses meninos valem a prata do *Cerro de Pasco*!<sup>44</sup> Uff!...

Simultaneamente, saíam os lacaios em busca de Teodora e chegava um *chasqui*,<sup>45</sup> funcionário do governo, que, vindo pelas sinuosidades do penhasco desde a capital da província, percorreu o terreno com uma velocidade prodigiosa. Esse *chasqui* conduzia uma declaração fechada com lacre vermelho, selada com as armas da República, em cujo envelope se lia: “Oficial. — Urgente. — Ao Coronel don Bruno de Paredes”.

Ao receber a carta em mãos, Coronel Paredes começou a ler, ainda recostado como estava, mas assim que leu as primeiras linhas, saltou como se fosse atingido por uma força elétrica, empalideceu primeiro e depois todo seu sangue subiu ao rosto. Permaneceu paralisado por alguns momentos com a declaração aberta nas mãos.

De repente, jogou-a na cama e, batendo o pé, disse:

— Caramba! Isso cheira mal! A melhor coisa é ter a confirmação, sim, senhor... Vamos ver. Guarda? Quem está

---

44 Cerro de Pasco é uma cidade do Peru, capital do departamento Pasco e da província de Pasco, rica em extração de prata.

45 No Império Inca, mensageiro que transmitia ordens e notícias. Por conseguinte, carteiro ou emissário.

por aí? — gritou, ao que acudiram vários índios e o pessoal de sua escolta.

— Meu cavalo! Rápido, rápido! — don Bruno gritou, sendo atendido imediatamente.

Montou em seu cavalo acizentado e, seguido por três pessoas, galopou pela estrada para a cidade, murmurando sozinho.

— Cautela não faz mal a ninguém. Na cidade encontrarei um esconderijo confortável, enquanto a tempestade política se acalma...

Os homens que seguiam Teodora encontraram don Gaspar e o cercaram, e o tenente-governador tomou a palavra:

— Olá, compadrito, que feio fugir assim. Onde está a garota Teodora?

— Como?! — respondeu don Gaspar, aparentando inquietude. — Os senhores procuram minha filha? Quê? Não a deixei com os senhores em casa? Jesus...! Felizmente, ela é honrada e... lá estará ela. Vamos.

E deu uma chicotada no cavalo, o que fez o animal pular ferozmente.

— Devagar, senhor! — gritaram os homens, torcendo as rédeas de suas montarias. O tenente ameaçou:

— Vamos, então; mas se não entregar a prenda, Gaspar, você está frito!

— Isso, vamos voltar— disseram vários, e entre cochichos, ouviu-se este comentário:

— A moça ainda deve estar lá, não daria tempo para ir e voltar de nenhum dos vilarejos aqui perto.

— E se você não saiu com Teodora, don Gaspar, por que veio para cá? — perguntou o tenente.

— Ora, senhor! Nem parece que o senhor é do campo; fala como um homem da cidade! Eu vim fazer a ronda dos pastos — disse don Gaspar muito formalmente.

— Ele saiu pela tangente — disse um deles.

— Deixe o galinho cantar! — gritaram, e a comitiva parou.

O tenente tirou do embornal uma garrafa de *pinga*<sup>46</sup> e dela todos beberam sucessivamente, medindo a quantidade com um apito que o imediato dava, operação que se repetiu ao longo de todo o caminho, até que os viajantes chegaram à casa de don Gaspar, na madrugada, porém sem alarde.

A lua mostrava todo o seu disco prateado que iluminava aquela planície de Saucedo, onde se erguiam as cabanas alegres

---

46 Aguardente de uva.

dos indígenas peruanos, por cujos quintais passam, ao amanhecer, o cervo de pele cinzenta e a perdiz de cobiçada carne.

A casa de don Gaspar estava revirada e desmantelada.

Os pongos eram os únicos que, amontoados no corredor, roncavam como se enfeitiçados. Foi necessário sacudi-los para que acordassem e dessem respostas.

— Onde está o senhor subprefeito?

— Dormindo, com certeza.

— Vamos! E a garota Teodora?

— Acenda um fósforo, homem!

Essas foram as palavras de um e outro, quando um dos pongos esclareceu as dúvidas, dizendo:

— O senhor subprefeito saiu a cavalo.

— Que coisa! — exclamou o tenente.

— Sem dúvida, demoramos muito tempo e ele foi atrás de nós.

— Certamente! Quem espera se desespera, e quando está apaixonado, então...

Entre essas palavras, entraram na sala, que estava aberta. Don Gaspar acendeu a vela ao lado da cama. Com a luz, a primeira coisa que distinguiram foi o documento cuja leitura levou o coronel Bruno de Paredes a sair em disparada.

Todos se reuniram em círculo para ler e, ao terminar, disse o pai de Teodora:

- Fugiu, então, nosso subprefeito.  
— Era um paspalhão o tal coronel da Guarda Nacional!  
— disse o tenente-governador.  
— Coronel de... meia tigela!  
— Um covarde! — acrescentou outro.  
— Quê? Um comerciante, um corrupto, ao que me consta — disse outro.  
— Covarde! Desertor! — opinou ainda outro.  
— Uma ex-autoridade! — disse don Gaspar, rindo com o riso de quem já viveu e ouviu muito.

E, pegando o violão que estava no canto da sala, começou a tocar, cantando com uma voz constipada:

*Pássaro que passa voando  
E para na beira do mar,  
Como vai sem medo  
Se não sabe onde pousar?*

Assim reconciliados raptores e cativos aos acordes de tão estranha cantata. Retornemos a Kíllac, onde nossos amigos nos esperam.



## CAPÍTULO XVI

**D**on Fernando encontrou Manuel ainda abismado com as impressões deixadas pela partida repentina de Margarita.

— Olá, don Manuel! — disse ao entrar, estendendo a mão para o jovem.

— Desculpe a visita, don Fernando. A hora não é boa, mas nesses casos a urgência das questões é o salvo-conduto — respondeu Manuel, apertando a mão do amigo.

— Nada de explicações, don Manuel. O senhor sabe que sou seu amigo e isso basta — disse don Fernando, arrastando uma cadeira e convidando o jovem a se sentar.

— Tanto sei que, sem sua amizade, eu teria enlouquecido. Minha difícil posição perante o senhor após aquele ataque, os acontecimentos íntimos e contraditórios que sucederam desde a minha chegada a esta cidade, onde os notáveis não cumprem a lei, não respeitam a religião, e tudo o que penso e medito, não é pouca coisa.

— Verdade, caro Manuel, causa horror o estado atual desta pequena sociedade, mas ando mais preocupado que o senhor, em razão das notícias que acabei de receber da cidade.

— São de seu interesse particular?

— Não! São de interesse público. Comunicam o triste fim do padre Pascual, aquele desventurado homem de quem ouvimos palavras de dor, carente da saudável influência que a família oferece aos párocos do futuro.

— Morreu?

— Sim, amigo, e de uma maneira desastrosa.

— E onde e de que maneira morreu? — Manuel continuou com crescente interesse, prestando total atenção à resposta.

— Ele morreu nos Descalzos. Foi primeiro arrastado pelo cavalo, apanhado pela compaixão de alguns e assistido pelos frades. Dizem que quando bebeu um copo de água, sofreu o golpe final — respondeu Marín.

— Ao beber um copo de água no convento?

— Sim, e os médicos opinam que foi um derrame.

— Pobre homem!... Descanse em paz!...

— Há outras notícias mais sérias que me fizeram hesitar...

— Serão as que já soubemos em casa? Aquelas da tempestade política descarregadas na capital e conjurada depois de um delírio aterrorizante?

— Exatamente, amigo Manuel! Mas... pelo visto, isso será assustador nas primeiras horas em função das medidas violentas impostas pelas situações anormais. Depois, não! Acredito na administração civil de seu xará, don Manuel — disse don Fernando, levantando-se de seu assento.

— Igualmente creio eu, don Fernando, porque don Manuel Pardo é um homem de dimensão superior. Mas o que mais me impressiona agora é... tenho de dizer, amigo, ainda que a mudança seja abrupta...

— De opinião?

— Não, senhor, de assunto. A tempestade doméstica me assola. Vejo que é impossível viver nesta cidade subjugada pela tirania dos autoritários que se intitulam notáveis.

— O que mais pode me dizer, amigo Manuel? Eu sei que eles meteram o sineiro na prisão, acusando-o de ser culpado do assalto à minha casa...

— Não estou dizendo?! Se isso não faz perder a cabeça! E como, por outro lado, devo terminar meus estudos e me tornar advogado, devo partir. Mas não quero deixar minha mãe neste covil de lobos.

— Bem, amigo Manuel, por coincidência, acabo de resolver este assunto sério aqui em casa da mesma maneira. Em alguns dias me retiro com minha família.

— O senhor, don Fernando? — interrompeu Manuel, em cujo rosto estampava uma surpresa sombreada por dor ou dúvida.

— Sim, amigo. Organizei uma transferência de minhas ações nos minérios e objetos de minha propriedade com alguns judeus que me deram vinte por cento e, portanto, estou satisfeito.

— E para onde vai?

— Para a capital; em Lima presumo que a residência tenha garantias e que as autoridades saberão o que é cumprir sua missão. Eu gostaria de fazer alguma coisa, antes de partir, pela liberdade do sineiro.

— Don Fernando, conte comigo. Nós dois faremos tudo por esse índio infeliz. Agora parece que o destino sorri para mim. Eu vim para falar sobre algo relacionado aos meus projetos.

— Pois ouvirei com prazer!

— Como eu disse, quero tirar minha mãe daqui. Tomei todas as medidas necessárias para levá-la a pretexto de um passeio a Lima e, uma vez lá, não volto de jeito nenhum.

— Perfeitamente, mas e don Sebastián? — perguntou don Fernando, curioso.

— O senhor sabe que a mãe de família é o sol da casa, cujo calor busca o coração; depois de minha mãe... eu levaria

don Sebastián, cujo futuro também é dos mais tristes aqui... Ah, don Fernando! O senhor não imagina os abusos que tolero por amor à minha mãe.

— Verdade? Don Manuel, sua maneira de se expressar sobre seu pai há muito tempo chama minha atenção — disse don Fernando, cujo tom de voz inspirou certa confiança no jovem.

— Eu presumia, senhor Marín. Meu nascimento está envolto em um véu misterioso que, se escorrer de minha mão, será diante do senhor, um cavalheiro e meu melhor amigo — disse o jovem perturbado.

Don Fernando acabara de saber tudo o que precisava, porque para ele não passavam despercebidas as impressões recíprocas de Manuel e Margarita. Manuel não era, não podia ser, filho de don Sebastián.

“Quem será o pai dele?”, pensou don Fernando. Depois, conclui: “Posso interrogá-lo novamente, como confidência de um amigo para outro, obter o segredo e ficar a par de tudo; mas é necessário respeitar a reserva prudente desse jovem. A ocasião chegará”. E dirigindo-se a Manuel, disse: — Obrigado, don Manuel; creio que sou digno de sua confiança, mas... vamos voltar ao seu pedido. O senhor dizia...

— Desejo que o senhor facilite a transferência de fundos para Lima e a colocação segura deles em um banco comercial.

— Com o maior prazer, don Manuel, adquiriremos alguns títulos em qualquer um dos bancos: o da La Providencia, o de Londres, México e América do Sul, enfim, o que você escolher.

— No de Londres.

— Bem, e quanto quer remeter?

— Por enquanto, cerca de dez mil soles. Mais tarde será outro tanto, porque pretendo vender todas as propriedades daqui — respondeu o jovem.

— Tenha por feito, querido don Manuel. Esta tarde o senhor pode deixar o dinheiro em Salas, em meu nome, e amanhã terá todos os seus títulos. Agora, permita-me parabenizá-lo por sua resolução. Muito bem pensado. O senhor será um homem útil para o país, como tantos outros que saíram das províncias para a capital. Honrará sua família, garanto-lhe — disse don Fernando, enfatizando estas últimas palavras.

Manuel inclinou a cabeça em agradecimento, e deteve uma palavra imprópria nos lábios, pois ia contar a don Fernando que o motivo de todas as suas aspirações era Margarita, mas a reflexão o impediu.

— Sua mãe sofreu muito? — perguntou don Fernando, quebrando o silêncio momentâneo e pegando um charuto.

— Ah, cruelmente! Alma de um anjo no coração de uma mulher!... Pobre mãe minha!... — Manuel respondeu

suspirando. E, dando um novo giro no pensamento, continuou: — Acho que ainda não soube das outras notícias sobre o alvoroço de ontem à noite, consequência desta situação.

— O que houve? — perguntou don Fernando, curioso.

— Asilou-se em nossa casa uma jovem, vinda da cidade vizinha de Saucedo, porque era perseguida pelo subprefeito Paredes.

— Essa garota devia algum imposto, renda fiscal? Talvez tributos?

— Nada, don Fernando! O coronel gostou de sua beleza juvenil e quis possuí-la sem outra bênção além da sua vontade ditatorial — disse Manuel, rindo abertamente.

— E?

— Ela fugiu de casa.

— Então por esses mundos as vítimas que se salvam das mãos do padre caem na fogueira das autoridades?

— Para o senhor ver — respondeu Manuel, perturbando-se visivelmente com as palavras de don Fernando.

— Isso é de horrorizar! E se olharmos para os indígenas, é desesperadora a opressão que sofrem do padre e do cacique!

— Ah, senhor don Fernando! Essas coisas desconcertam o homem honrado que vem de outro lugar, vê e sente. Quando fizer minha tese de bacharel, pretendo provar com

todos esses dados a necessidade do matrimônio eclesiástico ou dos padres.

— O senhor tocará em um ponto de importância vital, um ponto que o progresso social deve elucidar antes que o século 19 encerre seu último ano com o ponteiro pesado do tempo.

— Essa é a minha convicção, don Fernando.

— E o que o senhor me diz sobre as autoridades que vêm governar essas cidades remotas do nosso rico e vasto Peru?

— Ah, amigo! Eles procuram emprego, salário e conforto, sem que nenhum dos escolhidos tenha ouvido falar nas palavras de Epaminondas<sup>47</sup> para saber que “não é o homem que honra o posto, é o posto que honra o homem”, coisa que nos ensinam na escola.

— É que no país o favor prevalece — disse don Fernando, pegando uma caixa de fósforos e acendendo o charuto que tinha há muito tempo entre os dedos.

— O senhor poderia me dizer, don Fernando, a quantas anda o processo referente ao assalto à sua casa? — perguntou Manuel, aproveitando o pequeno silêncio para variar a

---

47 Epaminondas (418 a.C. — 362 a.C.) foi um general e político grego responsável por diversas vitórias militares e mudanças políticas na cidade-estado de Tebas, que se tornou a potência hegemônica da Grécia, substituindo Esparta.



conversa. E ao perguntar aquilo suas bochechas se tingiram de um carmim intenso.

— O processo... nem sei o que dizer, amigo... só ontem eu perguntei algo sobre isso, ao saber que eles prenderam o sineiro, que creio ser completamente inocente. Isso interessa ao senhor? — respondeu don Fernando, baforando uma nuvem de fumaça.

— Muito, don Fernando! Já concordamos em salvar o sineiro, cujo nome eu ignoro, e desejo que... se Margarita vier a conhecer os detalhes algum dia... que seja de outra maneira...

— Pff! Foi tão trágico o fim dos infelizes pais da menina!

— Quanto daria para que a digna afilhada de vocês conhecesse a verdadeira história desse trágico fim! E Margarita...

Manuel ia contar todo o segredo de sua alma, quando a senhora Petronila apareceu na porta acompanhada por Teodora, a quem apresentou com manifesto carinho.

## CAPÍTULO XVII

**M**artina, a esposa de Isidro Champí, logo que saiu da casa de Escobedo, depois de sacrificar as quatro cabeças de gado ante a ganância do compadre, assustada com a notícia de que a prisão de seu marido era realmente pelas badaladas do motim, correu para sua casa, pegou os ponchos de Isidro e foi para a prisão.

O carcereiro permitiu sua entrada e, quando viu o marido, começou a chorar como uma louca.

— Isidro, Isidrocha! Olha onde você está! Ai! Ai! Suas mãos e as minhas estão limpas de qualquer roubo ou morte! Ai! Ai! — lamentou a pobre mulher.

— Paciência, Martica, guarde suas lágrimas e reze à Virgem — respondeu Isidro, tentando acalmar a mulher que, secando os olhos com o canto de um dos ponchos, disse:

— Sabe, Isidro, eu fui ver o nosso compadre Escobedo, e ele disse que em breve o libertará.

— Ele disse isso?

— Sim. Inclusive eu já o paguei.

— O que você pagou a ele? Ele lhe pediu dinheiro?

— Não! Ele disse que lhe trouxeram por causa das badaladas naquela noite da confusão na casa de don Fernando. Jesus! Tantos mortos! Também disse que esse senhor tem muito dinheiro e vai nos perseguir — explicou a indígena, se benzendo ao falar dos mortos.

— Foi o que me disse don Estéfano — respondeu Isidro e, insistindo na primeira pergunta, pois conhecia bem os notáveis do lugar, disse: — E o que você pagou, então?

— Isidrocha... Você vai ficar bravo! Foi um remédio amargo como a casca do *molle*<sup>48</sup> — respondeu a índia com timidez.

— Vamos, Martina, assim você me martiriza como o verme que rói o coração das ovelhas. Fale logo, ou vá e me deixe em paz... Não sei por que você não quer dizer... O que foi que pagou a ele?

— Bem, Isidro. Dei ao nosso compadre o que ele pediu, porque você é o prisioneiro, porque eu sou sua companheira,

---

48 Árvore silvestre que cresce na costa e nas montanhas do Peru. Possui sementes vermelhas um tanto açucaradas, semelhantes à pimenta e que aparecem em cachos, usadas para preparar bebidas. Dela também pode ser feito xarope, geleia e vinagre de molle, muito usados na gastronomia. O fruto do molle é usado como aromatizante e condimento. Também é conhecido como pimenta rosa.

porque devo salvá-lo, mesmo à custa da minha vida. Não fique com raiva, querido, eu dei as duas pequenas marrons, a preta e a malhada... — enumerou Martina aproximando-se do marido.

— As quatro novilhas! — disse o indígena unindo as mãos ao céu e dando um suspiro tão profundo que não sabemos se tirava um fardo horrível do coração ou se trocava um peso por outro.

— Na verdade, ele queria as vacas. Acabei cedendo as novilhas. Uma é para o governador, uma para o subprefeito, outra para o juiz e a malhada para o nosso compadre.

Isidro, ao escutar a relação, inclinou a cabeça, confuso e silencioso, sem ousar dizer nada a Martina, que depois de alguns instantes foi embora para cuidar dos filhos, enxugando novas lágrimas e com o coração dividido entre a prisão e a choça.

Enquanto isso, Escobedo, que encontrou Estéfano, disse:

— Companheiro, nos demos bem...

— Muito bem — respondeu Benites.

— O índio Isidro cedeu quatro novilhas.

— Mesmo?

— A mulher dele choramingou e eu disse que a coisa era séria, porque a prisão era por causa dos sinos.

— E?

— Ela me ofereceu galinhas. Veja se não é tinhosa essa mulher do sineiro?

— Mas liberou as novilhas?

— Sim. Agora o que faremos?

— Daremos uma ao subprefeito, porque é melhor ir direto ao santo, e as outras três para... você já sabe, né? — disse Benites.

— E o índio? Sai ou não sai?

— Agora não convém que saia. Vamos embromá-lo por uns dois meses, depois a sentença falará; porque primeiro arrancamos o couro, depois a carne, meu caro — disse Benites.

— Isso é bem verdade, uma coisa de cada vez. E o embargo?

— O embargo é notificado com requerimento jurídico e com isso tiramos pelo menos outras...

— Quatro novilhas, é claro. Você explica tudo feito um livro, Estefito. Não é à toa que todos lhe fazem de secretário — acrescentou Escobedo, esfregando as mãos.

— E por que alguém estudaria na escola de Rebenque, a não ser para ditar o plano e ganhar a vida, e ser homem público e de respeito? — disse enfaticamente, tirando o lenço e limpando a boca.

— Quando sai o embargo? — perguntou Escobedo.

— Podemos conseguir isso em dois dias, mas tive uma outra ideia! Caramba! Você discorda do embargo, assim

fazemos o índio acreditar que você, sendo seu compadre, insistiu em manter o gado, porque é outro o depositário que os leva.

— Magnífico! Agora, me explique uma coisa, sua raposa — observou Escobedo, rindo e perguntando em seguida: — O que don Hilarión dirá?

— O velho nem lê o que eu escrevo. A tudo diz amém, pois é sobrinho de um padre.

— Não seja desbocado. E don Sebastián? — advertiu e perguntou Escobedo.

— Don Sebastián dirá: “Francamente, assim me parece bom”. Com isso poderemos estrear roupas novas e belos cavalos na Festa do Povo — respondeu Estéfano Benites, gargalhando e arquitetando todo o seu plano de explorar a inocência de Isidro Champí, com o apoio do compadre Escobedo, padrinho do segundo filho do sineiro.

— Muito bem, companheiro, e agora que temos tudo claramente desenhado, a língua pede um trago — disse Escobedo.

— Como um decreto, compadrezinho. Pediremos algumas bebidas — respondeu Estéfano, aceitando a ideia de seu colega e ajeitando a aba do chapéu.

## CAPÍTULO XVIII

**T**eodora, na plenitude de sua vida, como já a descrevemos, tinha uma cabeleira tão abundante e comprida que, se tivesse destrançada teria coberto suas costas como uma grande manta ondulada. Toda sua pessoa era tão simpática e atraente, com aquela apaixonante expressão doce, que quando don Fernando a viu, quase redimiui o subprefeito em seus pensamentos. Ofereceu assento à recém-chegada e chamou da porta, jogando fora a ponta do charuto que fumava:

— Lucía, Lucía?

Enquanto isso, dona Petronila disse baixinho para o filho:

— Eu peguei você, danadinho, descobri quem é o seu amor. — E sorriu maliciosamente.

— Mãezinha! — articulou Manuel, como uma criança pedindo desculpas.

Don Fernando perguntou a Teodora:

— A senhorita acaba de chegar?

— Sim, senhor. Sou de Saucedo e só estou aqui há algumas horas — disse a jovem com desenvoltura.

Lucía não demorou, e disse ao entrar:

— Que bons ventos a trazem, dona Petronila? E essa senhorita? — E abraçou uma e a outra.

Dona Petronila retirou o lenço preso ao ombro e exclamou com franqueza:

— Vocês acreditam que o infeliz do coronel Paredes, depois de plantar as sementes da discórdia em minha casa, foi ao meu amigo don Gaspar querer roubar sua joia? — E apontou para Teodora.

— Mãe! — Manuel disse timidamente.

— Bá! Por que não posso falar claramente, se don Fernando e a senhora Lucía o conhecem muitíssimo bem? — dona Petronila seguiu o relato ponto a ponto e narrou tudo o que aconteceu em Saucedo.

Fernando e Lucía ouviram tudo alternando o olhar entre a jovem e dona Petronila. Teodora tinha o rosto em brasa e permaneceu olhando para o chão, sem ousar erguer os olhos. E desse modo, a moça passou por um dos momentos mais difíceis de sua vida, ora colocando os pés sob a cadeira, ora apertando as mãos escondidas sob seu lenço de caxemira.

Manuel às vezes sorria. Lucía mexia a ponta de seu lenço fino, enrolando-o e voltando a soltá-lo.



— Então, esta senhorita é uma heroína na defesa do amor a seu prometido? — disse don Fernando.

— Muito bem! Que bom! Assim fiéis devem ser todas as mulheres quando amam! — completou Lucía.

— Que felicidade encontrar um amor assim! Invejo Mariano — acrescentou Manuel.

— Pois, eu gosto do corretivo dado ao subprefeito. Muito bem, senhorita Teodora! — disse don Fernando, levantando-se do assento e apertando a mão da jovem. Em seguida, ele prosseguiu: — Me parece que aqui nessas cidades a regra é: todos abusam e ninguém corrige o mal ou estimula o bem. Notando a circunstância raríssima de que a conduta dos homens é bem diferente das mulheres...

— Se as mulheres também fossem ruins, isto seria um inferno, Jesus! — interrompeu Lucía, guardando seu lenço no bolso da bata.

— A senhora, dona Petronila, deve salvar seu marido e filho, que é um cavalheiro digno — disse don Fernando, dirigindo-se à mãe de Manuel, cujos olhos brilhavam com a luz da alegria materna. Manuel sorriu, inclinando a cabeça, adivinhando que a intenção de seu amigo era preparar o campo para convencer dona Petronila.

Lucía saiu em apoio ao marido, dizendo:

— Está muito claro, minha amiga, que aqui não é lugar para nós. Devemos voar para outras regiões serenas; nós viajaremos em breve.

— Estão indo embora? Vocês se vão? — perguntou dona Petronila com interesse.

— Sim, senhora, decidimos — respondeu don Fernando, apoiando Lucía.

— Jesus! Que triste notícia! — disse dona Petronila, a quem Manuel insinuou dizendo:

— Agora falta a senhora se resolver, mãe, e todos ficaremos felizes.

— Isso... vamos ver...

— Como assim, vamos ver? Ah! Logo você vai me dar razão — respondeu Manuel, ritmando suas últimas palavras com batidas de suas botas no chão.

— Margarita, Margarita, venha! — Lucía gritou quando viu a órfã que passava pela porta. Lucía tentou deliberadamente ver que impressão a menina produziria em dona Petronila, pois estava preocupada com o futuro da afilhada desde a conversa que teve com a menina, em cujo coração havia mais carinho por Manuel do que pôde medir.

— Vou apresentá-la à minha afilhada Margarita — disse Lucía, pegando a garota por uma mão e se dirigindo à mãe de Manuel.

— Que linda senhorita!

— Simpática e amável.

Foram as palavras que dona Petronila e Teodora repetiram simultaneamente.

— Margarita! Sabia que o nome de flor combina muito bem com você? — Manuel acrescentou enquanto sua mãe abraçava a órfã, prodigando palavras de louvor que soavam como música celestial ao seu coração que, ébrio de felicidade, não cabia em seu peito.

Para interromper essa cena de calma venturosa, chegou uma mulher aterrorizada, chorosa e confusa, que da porta disse entre soluços:

— Senhor, Wiracocha Fernando, caridade, pela Virgem!

— Quem é esta coitada? — perguntou Marín, surpreso.

— Esta é a Martina... esposa do Tapara — disse dona Petronila, enquanto Lucía cobria os olhos com as mãos e murmurava para si mesma:

— Marcela! Marcela! Parece sua irmã.

Don Fernando perguntou novamente:

— Diga, quem é você, e do que precisa?

— Sou a esposa de Isidro Champí, o sineiro...

A última frase abriu completamente o véu.

Don Fernando e Manuel se alteraram notavelmente, e o primeiro disse:

— Ah! Eu sei, senhora. Seu marido está na prisão, não é?

— Sim, Wiracocha, agorinha também levaram todo o nosso gado.

— Quem? — Manuel e don Fernando perguntaram ao mesmo tempo.

— Os juízes, senhor! — Martina respondeu laconicamente.

— Os juízes! Mas quem são esses juízes? — indagou Manuel.

— Jesus, que coisa! — exclamou dona Petronila enquanto Lucía, muda de emoção, mal pôde dizer a Margarita:

— Filha, vá até Rosalía e peça um copo de água.

Manuel, que em outra circunstância teria se despedido, dirigiu à senhora Marín um olhar que mostrava toda a sua gratidão e, sem abrir os lábios, permaneceu olhando para ela por alguns segundos.

— O prefeito e o governador, Wiracocha! Tenha misericórdia! — disse Martina, ajoelhada aos pés de don Fernando.

— Oh! Levante-se e acalme-se! — Marín repetiu apertando a mão de Martina.

— Por Deus! Salvaremos você: tudo será remediado, fique sossegada! — apaziguou Manuel, aproximando-se de Martina.

— Mas quer dizer então que o senhor não nos persegue? — perguntou Martina a don Fernando.

— Não, senhora, não!

— O senhor nos salva, então, tira Isidro da cadeia e nosso gado do curral onde está preso?

— Sim, vou lhe defender!

— Mesmo?

— Cruéis!

— Sem coração! — repetiram sucessivamente, e Martina, sem mais promessas que as de don Fernando e Manuel, saiu cheia de esperanças, que seu coração de amada esposa queria transmitir sem demora ao marido encarcerado.

## CAPÍTULO XIX

**A** transição de autoridades ocorreu pacificamente na província. O novo subprefeito direcionou os ofícios habituais aos funcionários de sua dependência, invocando Lei, Justiça e Equidade.

Após os acontecimentos na casa de Teodora, don Gaspar chegou a Kíllac para relatar à sua virtuosa filha tudo o que havia se passado em Saucedo após sua fuga. Ele também agradeceu à comadre dona Petronila pela hospedagem e regressou na companhia de Teodora para a tranquila vida no campo, enquanto não chegava o dia do casamento da moça com o honrado Mariano.

Ninguém sabia dizer qual era o paradeiro do coronel don Bruno de Paredes, pois poucos quilômetros após sua partida ele dispensou a escolta e rapidamente procurou um porto seguro.

Soube-se mais tarde que Paredes estava muito bem. Havia coletado as rendas das propriedades rurais e urbanas, além de uma quantidade respeitável de receitas advindas de

uma contribuição pessoal e forçada dos indígenas, criada *ad hoc* por ele mesmo e intitulada: “Direitos de Instrução Popular”.

Don Sebastián, desolado e enraivecido, batia no peito e esbravejava:

— Francamente, minha esposa e Manuel conheciam a reza da missa, francamente, que desgosto, que desgosto não ter seguido seus conselhos!

Essa confissão foi um novo apoio para Manuel colocar em prática suas teorias na casa, onde sua opinião prevaleceria respeitada e obedecida.

Manuel passou a noite inteira acordado, lápis na mão, marcando e apagando números em uma folha de papel. Andava pelo quarto com passos acelerados, de vez em quando parava para anotar alguma coisa ou procurar descanso rápido no sofá.

— E por que meu desejo se reduz a deixar a cidade em que nasci, quando é propensão inata do homem amar o engrandecimento da terra onde viu a primeira luz? — ele se questionava. — Por que não aspiro viver aqui onde nasceu Margarita e onde, ao lado dela, a flor dos meus amores brotou exuberante e bonita? Ah! Minha decepção é explicada por constatação fundamentada. Os lugares onde não há garantias de propriedade e família se desertam; todos

aqueles com meios suficientes para migrar para centros civilizados o fazem, e quando alguém está na situação em que me encontro, em desvantagem numérica, um contra cinco mil... não há outra escolha a não ser fugir e procurar outro lugar para a tranquilidade dos meus e a eterna primavera do meu coração... Margarita! Minha Margarita! Você ficaria endurecida pelo inverno de desenganos nestas montanhas, onde os bons sentimentos congelam com o frio do abuso e do mau exemplo. Você viverá linda e viçosa onde sua alma é entendida e sua beleza admirada. Você será o sol que me dá calor e vida sob a sombra de uma árvore estranha!

Pela mente do filho de dona Petronila cruzavam, revoando, mil raios brilhantes, carregando um enxame de ilusões mantidas em seu coração por duas forças ativas: nobreza de sentimento e pureza de paixão. Ele circulou a sala algumas vezes, distraído e imerso em seus pensamentos. Pegou um charuto de uma caixa, raramente fumava. Longe de constituir um vício, o tabaco era para um mero passatempo. Depois de acender o charuto no fogo da vela, dar três tragos seguidos e jogar a fumaça pela boca e pelo nariz, continuou o monólogo:

— Sim! Eles vão embora em breve... Eu irei encontrá-los, nem que seja no fim do mundo! E longe de Kíllac, longe da tragédia de 5 de agosto, abrirei meu coração a don



Fernando, pedirei a mão de Margarita e, uma vez aceito, fixarei um prazo e seguirei com fé e coragem para ter a carreira que almejo. Sim! Sim! Estou decidido! Confiarei a don Fernando, Lucía e minha Margarita o segredo de meu nascimento, porque essa confiança garantirá minha felicidade; mas... antes falarei com minha generosa mãe, a quem não posso causar... nem sequer uma sombra de desonra. Mãe! Querida mãe! A fatalidade me colocou no seu seio, e então... Oh! Minha presença torturou sua vida, refletida na impiedade de um padrasto! E hoje que me sinto homem, por que não é para você todo o calor de meus afetos? Margarita...

O primeiro raio da aurora, suave e sereno, penetrou através das fendas da porta e janela do quarto de Manuel, que velou desde a tarde até a manhã, de claro em claro, em sua primeira insônia de amor e dever.

## CAPÍTULO XX

O objetivo da visita de dona Petronila à casa dos Marín não era apenas apresentar Teodora e transmitir as notícias de Saucedo, mas também obter recomendações de don Fernando para a nova autoridade. Por isso, assim que a mulher do sineiro saiu, disse ao senhor Marín:

— Vim incomodá-lo, meu caro don Fernando, com um apelo.

— A senhora jamais incomoda, cara dona Petronila.

— Fui informada de que o senhor é amigo do novo subprefeito.

— Eu o conheço, é verdade, embora só de passagem, mas... do que precisa?

— Que pena! Eu queria uma carta de recomendação para Teodorita e meu amigo don Gaspar. Depois de tudo o que aconteceu, imagine o senhor como os coitados não estarão receosos de que outras pessoas de má índole como aquele militar voltem — disse dona Petronila, prendendo seu lenço.

— Eu sinto muito por não poder ajudar diretamente; mas vou tentar a influência de outro amigo — respondeu Marín.

— Salas é parente do novo subprefeito — disse Lucía.

— Sim, mas não é com ele que eu pretendo falar, e sim com Guzmán; ele pode me ajudar em favor de Isidro Champí.

— A senhora também, dona Petronila, por sua parte, veja como don Sebastián pode resolver o problema do sineiro — recomendou Lucía.

— Disto eu me encarrego e... até breve — disse dona Petronila, despedindo-se junto de Teodora e Manuel, a quem don Fernando disse:

— Nos vemos depois para combinar sobre Champí.

Margarita, que entrou no interior da casa em busca de Rosália, respirou um pouco de ar fresco longe da madrinha, de cujos olhares havia desconfiado desde as confidências que teve com ela e da maneira como se expressou Manuel.

O ar que a solidão brinda aos corações que sofrem com a asfixia da dor está impregnado de melancolia e parece aquecido pelo bálsamo da consolação.

O amor é como uma planta.

Colocado em terreno fértil, exuberante e rico, cresce com uma rapidez surpreendente.

O temperamento vigoroso de Margarita e seu físico robusto suportavam o prodigioso desenvolvimento de sua

simpatia por Manuel, enquanto as circunstâncias em que o destino a colocou constituíam uma nova força motriz, dando aos catorze anos os impulsos de um cérebro maduro e as fruições de um coração de vinte primaveras.

Don Fernando e Lucía foram deixados sozinhos na sala e ela disse:

— Você talvez diga, querido Fernando, que é um exagero de intuição feminina, mas acho que Margarita e Manuel se amam e...

— Seria um afeto comemorado por mim — observou ele.

— O que, Fernando?! E os deveres sociais e da consciência? Margarita é filha de Marcela, mãe heroica, vítima de don Sebastián! Manuel é o filho do carrasco dos pais dela!

— Aqui ganhei seu jogo, minha querida — disse don Fernando, sorrindo e segurando a mão de Lucía. — Manuel me deixou vislumbrar um mistério em seu nascimento. Espero conhecer essa história e lhe garanto que nunca acreditei que um jovem tão digno fosse filho de don Sebastián. Nunca pensei nisso, mesmo antes de Manuel soltar algumas frases em momentos de franqueza.

— Meu Deus, Fernando! Esse detalhe poderá ser a solução de um problema que me enche de pesar; porque semeiei a aversão no coração terno da nossa Margarita.

— Como, de que maneira? — perguntou don Fernando, soltando a mão de Lucía e olhando-a com atenção.

— Apontando Manuel como filho do assassino de sua mãe...

— Imprudente...! — Marín exclamou amargamente. Mas, como se procurasse reparação, acrescentou: — Se ela o ama, o ódio não terá brotado e ficará duplamente feliz no dia em que souber que Manuel não é filho do governador abusivo de Killac.

— A partir de hoje vou trabalhar, meu Fernando, para dissipar do coração de minha afilhada a sombra que minha palavra imprudente lançou! Sim, eu sei que, na realidade, essa será uma união vantajosa para a nossa Margarita.

— Querida Lucía, você é imbatível. Eu amo essa sua juventude perspicaz e séria e o jeito que ela encontra, em sua própria inspiração, o fôlego para o trabalho. Por isso amo Manuel e prevejo que ele será um advogado distinto, capaz de dar brilho ao fórum peruano. Além disso, os meios materiais de que ele dispõe são mais que suficientes para sustentar uma família.

— Suas palavras me dão satisfação infinita, Fernando! Eles precisam ser felizes.

— Contribuir para a felicidade de Margarita é um dever para nós, minha querida.

— Sim, amado Fernando! Jurei isso a Marcela quando, nos umbrais da morte, ela depositou em minha alma

o segredo de que Margarita é filha daquele homem, e me revelou os detalhes que você conhece. Então Margarita ficará tão feliz quanto eu, se ela ama Manuel como eu amo você, meu Fernando!

— Bajuladora! — disse don Fernando com voz carinhosa, abraçando Lucía.

Por que Lucía havia revelado a confissão de Marcela a don Fernando? É verdade que as mulheres são incapazes de guardar segredo?

Não!

Lucía amava muito o marido para ficar calada. Há uma intimidade inerente ao casamento que comprova a encantadora teoria de duas almas fundidas em uma, formando a felicidade do marido que permite ler como um livro aberto o coração da mulher que, ao dar sua mão, deu também a ternura da alma apaixonada como oferenda de amor duradouro jurado no altar.

O casamento não deve ser o que geralmente se pensa dele: apenas a propagação e conservação da espécie.

Essa será a tendência dos sentidos; mas há algo superior nas aspirações da alma que busca seu centro de repercussão em outra alma. Isso ocorre quando o ser espiritual é unificado pelas potências da memória, entendimento e vontade e estreitado pelo santo vínculo do amor.

Lucía, nascida e criada em um lar cristão, quando se vestiu de branco como noiva, aceitou para si o novo lar com os encantos oferecidos pelo carinho do marido e dos filhos, deixando para ele os negócios e a turbulência da vida, encantada com aquela grande frase da escritora espanhola, que na infância leu mais de uma vez, sentada nas barras das saias de sua mãe: “Esqueçam, pobres mulheres, seus sonhos de emancipação e liberdade. São teorias de cabeças doentes, que nunca podem ser praticadas, porque a mulher nasceu para poetizar a casa”.<sup>49</sup>

Lucía foi chamada ao magistério da maternidade e Margarita era a primeira discípula a quem transmitia as virtudes domésticas.

— Bem, Fernando! Então saiba que eu mudei totalmente de opinião sobre os inconvenientes dos amores de Manuel e Margarita, para quem tentarei dar uma explicação nos limites da prudência — respondeu Lucía.

— Bem! Mas tenho que cuidar daquela pobre família do sineiro.

— Fernando, meu Fernando...! Meu coração treme de terror. Ah! Quando Martina entrou, pensei ter visto a imagem

---

49 Trecho do livro *El ángel del hogar; estudios morales acerca de la mujer* (*O anjo do lar; estudos morais sobre a mulher*), obra da autora María del Pilar Sinués de Marco (1835-1893).

de Marcela e você não sabe que sentimentos sombrios me assaltaram. Eu não disse nada, fiquei quieta porque você deve falar antes, e eu tenho medo...

— Não tema nada, querida. Não tomarei a frente do assunto, mas é impossível deixar que assassinem outro homem com o estoicismo do carrasco.

— Eu gostaria de estar longe de Kíllac para não ver essas coisas... e Manuel, o que ele fará?

— Seja paciente, querida. Restam poucos momentos neste lugar odioso. Manuel vai cuidar de tudo, segundo Guzmán, e vou escrever para ele agora mesmo — disse don Fernando, dirigindo-se ao seu escritório. Lucía também se retirou da sala.

Sentado à sua mesa, don Fernando escreveu as seguintes linhas:

*Kíllac, 13 de dezembro de 187...*

*SR. DON FEDERICO GUZMÁN.*

*Águas Claras.*

*Querido amigo:*

*Estou às vésperas de me retirar para a capital, uma resolução que tomei pelas razões que o senhor conhece.*

*Preciso de sua amizade e influência junto ao novo subprefeito para tirar Isidro Champí da prisão, o sineiro desta cidade, que foi preso pelos verdadeiros culpados do motim de 5 de agosto. Estou*



*perfeitamente convencido de que esse índio é inocente; mas aqui nada pode ser feito contra as articulações sem fim de vizinhos notáveis que se apossam dos três poderes: eclesiástico, judicial e político. Eu quase ousaria garantir que Estéfano Benites, Pedro Escobedo e o governador Pancorbo sejam os verdadeiros culpados, havendo já falecido o padre Pascual Vargas, também culpado.*

*Talvez lhe surpreenda que eu esteja solicitando a intervenção da autoridade política nesta questão submetida ao tribunal; mas se refletir por um momento sobre o tipo de pessoa que administra a justiça aqui, entenderá a necessidade de uma autoridade correta e bem-intencionada para fazer cumprir as leis.*

*Não tenho interesse na prossecução do julgamento. Desejo apenas salvar o sineiro, cuja sorte me entristece, e isso é tudo o que recomendo.*

*Se conseguir isso, eu o agradeço de minha alma.*

*Preciso ainda de uma carta de recomendação para o subprefeito, em favor de don Gaspar Sierra e sua família. Aqui ainda é dada muita importância, amigo, às cartas de recomendação. O que para mim é um bom indício, porque ainda se acredita em amizade e serviços altruístas, e é dito que em outros lugares não há recomendação possível além de uma onça de ouro.*

*Prepare-me suas ordens, querido amigo. Aceite as lembranças de minha Lucía e disponha de seu muito amigo.*

*Fernando Marín.*

Dobrada e fechada em um envelope azul, don Fernando guardou a carta no bolso interno do fraque e partiu na direção da rua, onde também esperava ver Manuel.

## CAPÍTULO XXI

**M**artina entrou na masmorra do marido com passo acelerado e respiração agitada; mas a escuridão que reinava naquele recinto, para quem vinha da claridade, cegou repentinamente suas pupilas.

A luz fraca que pairava através das frestas de uma ampla claraboia coberta de adobe foi banhando a retina da indígena, que finalmente distinguiu as paredes, o chão e a bancada que servia de cama, onde seu marido estava sentado e observava a recém-chegada sem se atrever a perguntar nada, temeroso de ouvir novas desgraças.

Martina, ao distingui-lo, disse com entusiasmo:

— Isidro, Isidro! Arranca a tristeza negra do seu coração. Wiracocha Fernando não nos persegue, é mentira, eu fui vê-lo.

— Você o viu? — Isidro repetiu com indiferença.

— Sim, eu o vi, falei com ele e ele me disse que vai lhe salvar, que vai nos salvar!

— Ele disse isso? E você acredita nele, não é?

— Por que eu não acreditaria, se ele não é daqui? Isidro! Somente em nossa cidade o diabo agitou seu poncho para derramar engodos e mentiras.

— E o que ele pediu em pagamento?

— Nada! Sequer perguntou se temos ovelhas.

— De verdade? — indagou o indígena, abrindo mais os olhos.

— De verdade, Isidro, e diz que não lhe persegue. Ai! Ai! acho que ele vai nos salvar, pois pegou as filhas de Yupanqui. Não duvide, Isidro, o *Machula*<sup>50</sup> da oração ficaria bravo... As nuvens cobrem o sol, a noite escurece, mas essas nuvens passam recolhidas pelo mesmo vento que as estende, e o sol reaparece, brilha e aquece novamente.

— Talvez, talvez, Martinacha! — disse o indígena, suspirando e esticando os pés.

— Pela Virgem, Isidro, nossas tristezas também passarão! Sem dúvida, você não foi capaz de confiar na Virgem quando tocou os sinos do amanhecer, e por isso caímos em tanta desgraça, como o gelo que deixa as folhas amarelas e estraga o milho — disse ela, sentando-se ao lado de Isidro.

— Pode ter sido Martina, mas... nunca é tarde para chorar! A terra que está há um ano, dois, três, até quatro, sem

---

50 Do quéchua: velho, avô.

dar frutos, sacode repentinamente e... enche o sangradouro com a colheita.

— Bem! Reza, então, o Louvado e... até amanhã. Vou embora para cuidar de nossos filhos.

— O que nossos filhos dizem? Por que não me traz nem ao menos a bebê?

— Quando me perguntam de você, digo que está viajando. Miguel fica calado e se abaixa, porque ele já entende e eu não posso enganá-lo. Trazê-los... Jesus! Para quê? Ai! Basta o que você e eu já conhecemos da prisão... até amanhã — disse e beijou Isidro com o beijo calmo e casto dos pombos.

Enquanto essa cena se passava entre Isidro e sua esposa, vários vizinhos se reuniam na casa de Estéfano Benites para comentar entre bebidas os últimos acontecimentos, quando Escobedo chegou e disse da porta:

— E ninguém me convida, hein? O cheiro de mel atrai as moscas!

— Entre, compadrezinho! — Estéfano respondeu preparando-se para servir uma bebida ao recém-chegado.

— Ninguém enviou um ofício ao funcionário do governo? — brincou um deles.

— Seu nariz o trouxe, sentiu o cheiro da aguardente — tornou outro, rindo.

— Por aqui, sente-se — acrescentou o primeiro.

— Não, amigos, obrigado. Só um gole, que estou ocupado — respondeu Escobedo recebendo o copo de Stefano, a quem disse em segredo: — Preciso falar com você, é coisa séria!

— À saúde dos senhores! — Estéfano ofereceu, respondendo o amigo com o mesmo sigilo: — Vamos ali.

E depois do brinde, os dois afastaram-se para a porta, onde o seguinte diálogo foi realizado em voz baixa:

— Você sabia que o senhor Fernando está ajudando o sineiro?

— Ora! Mas não disseram que ele está indo embora?

— Sim, é verdade, e isso não o impede de defender o índio, e se ele se meter nisso, perderemos a corda e a caçamba.

— Isso não é possível. Perder quatro... o quê? Pelo menos oito vacas? Isso não é possível.

— Também o filho de Sebastián envolvido...

— Como? Eu não entendo o que aquele pedante quer. De fato, a coisa é séria como você disse.

— Que fazemos, então?

Estéfano permaneceu em silêncio por alguns segundos, com os olhos fixos no chão, até que disse, de repente:

— Eu sumo com os arquivos do processo.

— Boa ideia.

— O que importa agora é saber em que dia vai embora esse enxerido do Marín. Manuelzinho não me mete medo;

don Sebastián está no meio e... em último caso, lhe damos uma surra.

— Isso mesmo. Descobrirei imediatamente o dia da partida, os passos que estão dando e...

— E eu imediatamente sumo do mapa. Que tentem me encontrar... *Psst...!* — disse Estéfano, assobiando e agitando o lábio inferior com o dedo indicador.

— Magnífico! Dito e feito! E assim acabamos com o intrometido Marín.

— Vamos tomar outro trago — disse Estéfano, puxando a mão de seu camarada.

— Boa ideia, compadre — respondeu Escobedo, apertando a mão do amigo. Os dois voltaram à mesa, serviram as bebidas e, após convidar todos a beber, Escobedo disse:

— Saúde, senhores! Esta é a saideira.

Esvaziou o copo, limpou os lábios com a borda da toalha de mesa e saiu para cumprir seus planos.

## CAPÍTULO XXII

**O** curso dos dias limpou o céu das nuvens que o cobriam, e os arranjos econômicos na casa de Manuel superaram as expectativas.

Manuel embarcaria em sua viagem a Lima para ingressar na universidade de San Carlos. Sua alma alegrou-se com a esperança de viver perto de Margarita, cuja entrada em um dos melhores colégios da capital também fora decidida.

Enquanto isso, todas as medidas tomadas por don Fernando e Manuel para tirar Isidro da prisão se mostraram estéreis, já que o juiz de paz se trancou em um castelo de burocracia, solicitou um relatório ao promotor fiscal e contentou-se em oferecer aos interessados o despacho rápido do assunto.

Era impossível para don Fernando adiar sua viagem, e ele disse à esposa:

— Pensei em uma maneira, querida, de alcançar a reconciliação geral com nossos vizinhos daqui, mas com o único objetivo de conseguir a liberdade de Isidro.



— Qual, Fernando? Oh! Deus lhe inspire, porque seria realmente doloroso irmos embora e deixar aquele infeliz prisioneiro.

— Faremos um banquete de despedida na manhã da nossa partida e ali comprometeremos todos a favor de Isidro. Eu acho que o prenderam apenas para que houvesse um culpado e eles parecessem inocentes. Com a nossa partida, desaparecem todos os motivos para que esse julgamento continue, e a liberdade de Isidro será resolvida.

— Aprovo sua ideia, querido Fernando, e agora vou pedir que preparem tudo, mesmo que o banquete nos saia um tanto caro, porque já percebi que aqui eles exploram tanto o recém-chegado como quem está de partida!

— Não importa, querida! Quanto dinheiro é gasto em coisas inúteis! Além do mais, libertar aquele índio é uma questão de honra. Com cem soles, teremos bastante, certo?

— Não chega a tanto, querido. Não sabe que uma galinha custa vinte centavos, um par de pombos dez centavos e um carneiro sessenta centavos?

— Que coisa barata, pelo amor de Deus! E ainda assim há quem roube os índios?

— Pois é, meu amor! Oh! Pobres índios! Pobre raça! Se pudéssemos libertá-los todos assim como vamos salvar a Isidro!

A senhora Marín dizia isso quando bateram à porta.

Era Manuel que chegava com um rolo de papel na mão. Cumprimentou o casal, colocou o chapéu na cadeira e dirigiu-se a don Fernando:

— Vim com o humor contrariado, Senhor Marín. Depois de tantas andanças e tendo apresentado estes dois recursos que estão sob decreto, resulta que quem está com os arquivos do processo é Estéfano Benites e ele não se encontra na cidade. Sua esposa me garantiu que ele foi para Saucedo, de onde voltará em três ou quatro dias.

— Que aborrecimento, amigo Manuel! — afirmou don Fernando.

— Talvez esteja se escondendo. Aquele lá tem um jeito de Pilatos... — comentou Lucía.

— Acho que não, senhora, porque não há interesse particular aqui — afirmou Manuel.

— O pior é que não posso adiar o dia da partida. Isso está sujeito ao apito do trem... — disse don Fernando balançando a cabeça.

— A viagem é amanhã? — perguntou Manuel.

— Amanhã, amigo. Está tudo pronto, e a viagem teria que ser adiada por quinze dias; temos cinco dias de cavalgada, o trem chega quinzenalmente à estação dos Andes, a última da linha... enfim, o senhor, que fica ...

— Sim, senhor Marín, farei os esforços possíveis.

— Talvez tudo se resolva com seu plano — comentou Lucía.

— Veremos. Pensei em convidar a vizinhança amanhã para um almoço de despedida, para falar a todos sobre Isidro, pedir que se comprometam, implorar...

— Acho um boa ideia, senhor Marín, quem sabe trará bons resultados.

— Pensei em uma coisa, Fernando. Envie um recado convidando Pilatos, pois se ele estiver na cidade, certamente virá — propôs Lucía.

— Vejo que já rebatizou o homem — respondeu Marín rindo, e Manuel acrescentou:

— Bem pensado, pois quando retornar verá que também foi convidado e talvez se preste a nos ajudar.

— Sim, está bem. Vamos tratar de convidá-los, porque outras tarefas não me restam mais; felizmente estou livre! — disse Marín.

— Também vou ver como anda a cozinha, porque as coisas calmamente preparadas são saborosas e nutritivas — disse Lucía e saiu.

— Bem, a sugestão da senhora não poderia ter sido mais feliz. O senhor sabia que esse convite a Benites, ou Pilatos,

como sua esposa disse com tanta graça, é muito importante?  
— Manuel observou a don Fernando.

— Ah, amigo, as mulheres sempre nos vencem em discernimento e imaginação. Lucía tem sugestões que me encantam! Juro-lhe que todos os dias me sinto mais apaixonado por minha esposa. Manuel, quero que seja tão feliz quanto eu quando se casar — disse Marín.

Manuel baixou os olhos e enrubescou. O nome de Margarita passou por sua mente, envolto no tule vaporoso das ilusões, e dissimulando os sentimentos perguntou:

— Em que termos escrevemos o convite para Estéfano?

— Isto é simples — disse don Fernando, sentando-se à mesa, e depois de traçar várias linhas, entregou o papel a Manuel, onde lia-se o seguinte:

*Estimado amigo:*

*Devendo me retirar amanhã para a capital e desejando me despedir dos notáveis vizinhos do lugar da maneira mais cordial, espero almoçar amanhã em união de todos. Sendo o senhor um dos vizinhos que desejo abraçar ao deixar de Killac, talvez para sempre, peço que me honre aceitando o referido almoço.*

*Seu cordial amigo,*

*Fernando Marín...*

*Ao senhor don Estéfano Benites.*

*Presente.*

— Está muito bom, senhor Marín, aqui cabe bem aquele dito de apertarmos as mãos que gostaríamos de ver cortadas — disse Manuel dobrando o papel.

— Exatamente! Quanta farsa existe na vida, não é?

— E o que se vai fazer, don Fernando? Bem, eu me encarrego de mandar um criado enviar este bilhete.

— Obrigado, amigo. E diga também a don Sebastián e dona Petronila que não falem, certo?

— Assim o farei. Até breve — disse Manuel, pegando seu chapéu e saindo.

## CAPÍTULO XXIII

**N**o pátio da casa branca havia mais de vinte cavalos selados, pois os vizinhos, ao receberem o convite de don Fernando, queriam fazer as honras habituais, acompanhando-o por um quilômetro em sua saída da cidade.

Os capatazes já equipavam doze mulas, devidamente aparelhadas, com grandes malas, baús e alforjes.

Transcorriam as últimas horas de permanência de don Fernando Marín em Kíllac.

Os convidados foram gentilmente recebidos conforme chegavam, sendo os primeiros Manuel e sua família.

A mesa, organizada na espaçosa sala de jantar, oferecia como novidade da estação os cheirosos morangos e as ameixas roxas, artisticamente colocados em fruteiras de louças brancas e enormes bandejas repletas de pombos, temperados com vinagre de maçã e ramos de salsa. Tudo despertava o apetite.

A sala de recepção estava cheia de pessoas. O judeu que adquirira a estância de don Fernando andava de um lado para

o outro com o semblante contraído, como se vigiando para que o ambiente não sofresse mais deteriorações.

Através do rumor dos cavalos e carregadores que invadiam o pátio, passaram vestidas de rigoroso luto Margarita e Rosalía, conduzidas por uma empregada. Foram para o cemitério, onde rezariam pela última vez no túmulo de seus pais; derramar lágrimas de despedida cujo preço elas mesmas ignoravam.

Lucía cuidou para que as órfãs guardassem em seus corações a relíquia do amor filial.

O cemitério de Kíllac é um lugar desolado e pobre.

Ali não existem mausoléus que proclamem vaidade ou inscrições que apontem virtudes. Apenas pequenas proeminências de terra marcadas com uma vara grossa ou uma cruz de espinheiro indicando a existência de restos humanos.

Mas os Marín, bons e solícitos até quanto ao túmulo de Juan e Marcela, fizeram colocar uma cruz de pedra branca. Ao pé dela ajoelhou-se Margarita, cujo coração estava preparado para todas as ternuras que o mundo lhe trouxesse.

Margarita, que ao separar-se de sua mãe ficou no mundo como um rouxinol incapaz de procurar sua comida e sem saber onde construir seu ninho, achegava-se hoje ante os mesmos despojos com o coração ocupado pelo maior dos amores.

— Mãe! Pai!... Adeus!... — disse Margarita, depois de recitar o Pai-Nosso e a Ave-Maria, cujas palavras, aprendidas com Lucía, fez Rosalía repetir uma a uma.

Por acaso as meninas da idade de Rosalía sabem o que é dizer adeus para sempre ao túmulo de uma mãe, urna sagrada que guarda as cinzas do supremo amor? Dor das dores! Só Ele poderia compensar os desvios de um coração nu de afetos!

Enquanto as órfãs fazem essa visita, vamos ver o que acontece na casa branca.

À hora de ir à sala de jantar, Estéfano Benites apareceu.

Ao vê-lo, don Fernando, Lucía e Manuel trocaram olhares que continham um livro de filosofia moral. Lucía, por sua vez, sorriu triunfante.

— Senhora, senhor — Estéfano apressou-se em dizer e, dirigindo-se a Marín, acrescentou: — Cheguei sozinho hoje de manhã após uma pequena viagem que fiz a Saucedo e, assim que li sua carta montei no mesmo cavalo, porque quero acompanhá-los.

— Muito obrigado, senhor Estéfano. Eu esperava isso de sua bondade — respondeu don Fernando.

Naquele momento chamaram à mesa.

— Na ponta, a senhora Petronila — indicou don Fernando.

— Não senhor, que bobagem! Estando aqui o senhor padre interino... — ela respondeu.



— Sim, é o senhor padre que deve presidir — opinaram vários.

— Como os senhores quiserem. Eu fiz isso porque as mulheres...

— Sim, meu don Fernando, fez bem. A senhora Petronila que se sente lá: eu me aninho aqui — disse o padre.

— Don Sebastián deste lado.

— Para mim, francamente, qualquer canto está bom.

— Estão todos instalados?

— Sim, senhor, todos — disseram vários.

— Gostariam de tomar uma taça de licor? — propôs don Fernando.

— Qualquer coisa, senhor. Para abrir o apetite são iguais — afirmou o padre.

— Para mim, francamente, não há nada como uma purinha. Eu tomarei a branquinha, nada mais — pediu don Sebastián, que havia trocado a capa por um poncho de vicunha com faixas de seda azuis.

— Gabino, sirva a todos — ordenou don Fernando ao mordomo.

— E a senhora Lucía, vai beber alguma coisa? — propôs Manuel.

— Tomarei um pouco de vinho e sua mãe me acompanha — respondeu Lucía.

Estando todos servidos, don Fernando levantou-se e disse:

— Senhores, eu não queria deixar esta cidade generosa, que me brindou com sua hospitalidade, sem me despedir de seus bons e notáveis habitantes e assim me permiti reuni-los neste modestíssimo almoço. Brindarei o primeiro copo à saúde e a prosperidade dos habitantes de Kíllac.

— Muito bem!

— Bravo! Bravo! — repetiram todas as vozes masculinas e seguiu-se o almoço em júbilo íntimo, com comida boa e variada, sem faltar o cabrito assado.

Manuel estava perto de Lucía e perguntou em voz baixa:

— Onde está sua afilhada, senhora?

— Margarita e Rosalía foram cumprir um dever de despedida; as meninas almoçaram mais cedo...

— Sendo o dia da partida, não seria de outra maneira.

— Mas não vão demorar muito.

O barulho aumentava gradativamente, e a intimidade também, é claro.

Don Fernando, que tudo media e calculava, levantou-se novamente e disse:

— Senhores: ainda peço a atenção de todos. Rogo para que meus amigos me deem uma amostra de afeto. Quero deixar Kíllac apenas com impressões agradáveis, sem deixar

nenhum infortúnio para trás. Creio que há um prisioneiro injustamente na cadeia, parece que é o sineiro, e espero que todos trabalhem por sua liberdade.

— Bravo! — gritaram muitos entre fortes palmas, que duraram alguns segundos.

Uma vez restaurada a calma e passando ao empregado o prato do qual acabara de se servir, don Sebastián disse:

— Meu padre interino que fale; francamente, é ele que tem de responder.

O padre interino, cruzando o garfo e a faca no prato, limpou os lábios com o guardanapo.

— Sim, o senhor padre tem a palavra! — exclamaram vários, batendo os copos nos pratos.

— Julgo que esse assunto cabe ao juiz — eximiu-se o padre, dirigindo-se a Verdejo.

Estéfano e Escobedo entreolharam-se significativamente e o mencionado respondeu:

— Imagina si purum acaso sortasse todos os presos, que me dão mais dor de cabeça que minha mulher.

— Ha! Ha! Ha! — Os convivas explodiram em gargalhadas, achando graça na piada de don Hilarión, e Escobedo disse a Estéfano:

— Compadrezinho, manda para cá esta bandeja de alcachofra.

— Lá vai, que mau gosto — disse Benites, passando a travessa.

— Então, está dada a liberdade? — perguntou Manuel quando diminuiu a algazarra.

— No que mim diz respeito, como si pode dizer não, don Manuelito? — concordou o juiz.

— Pois, então, pela liberdade do meu companheiro — brindou o padre.

— Sim, senhores, copo cheio e... à viagem! — disse don Fernando, dirigindo suas últimas frases a Lucía, que respondeu:

— Sim, querido, vamos lá, já passou da uma.

— Saúde, senhores!

— Boa viagem, senhor Marín!

— Que almoço mais saboroso! Mas assim, assim, eu não perdo o chocolate, que deve ser de Cuzco — disse o padre interino, soltando a xícara que acabara de esvaziar e limpando a boca com o guardanapo.

Margarita e Rosalía, que haviam acabado de deixar uma lágrima e uma oração no altar de seus afetos, retornaram à casa branca, onde tudo estava pronto para a viagem, quando os convidados começaram a sair da sala de jantar.

Manuel foi receber a órfã em seus braços, transbordando de felicidade porque, pavimentadas com encantos

as dificuldades, os sonhos de rosa, apoderaram-se daqueles corações juvenis como nuvens iridescentes que se amontoam no horizonte, , anunciando também dias venturosos ao casal Marín, já interessados em tecer o cordão de flores que uniria para sempre aquele lindo casal.

Manuel! Margarita!

Permitisse o céu que aquelas nuvens de rubi nunca se tornassem plúmbeas ou sombrias.

A virtude! Esse dourado sol de verão que embeleza tudo com seus cabelos de ouro estendidos dos céus à terra, que tudo aquece e vivifica nos horizontes da juventude, fazendo o universo sorrir feliz para quem ama e espera, ainda iluminava a casa de Lucía, mas a luta é uma necessidade vital da vida para a perfeita harmonia das criaturas.

Manuel e sua mãe já haviam concordado em sua viagem a Lima, mas o primeiro iria antes para fazer os arranjos necessários na casa, cuidar da alocação de fundos e outras coisas, estando já resolvido que pegaria o próximo trem para se encontrar com don Fernando e sua família no Gran Hotel, para seguirem viagem juntos até às praias de Callao.

— Senhora Lucía, adeus!

— Adeus, amigo!

— Margarita minha!

— Um abraço, don Fernando!

- Até a volta!
- Não se esqueçam de Kíllac!
- Bem-aventurados os que vão embora!
- Quem vai embora esquece, quem fica chora!
- Adeus, adeus!

Tais foram as palavras de adeus, algumas rápidas, outras expressivas.

Lucía, vestida com sua roupa de montaria, suas luvas de couro russo e seu chapéu de palha de Guayaquil adornado com um véu azul, ia pondo os pés no estribo quando deixou cair seu elegante chicotinho com punho de marfim.

Don Sebastián, que estava próximo, rapidamente o apanhou.

Nesse momento, um grupo de homens armados apareceu pela rua, sob o comando de um tenente de cavalaria chamado José López que, dirigindo-se a don Sebastián e enquanto a tropa cercava a casa, disse:

— Por ordem da autoridade, o senhor está preso, cavalheiro!

Um raio caído no meio dessas pessoas não teria produzido o efeito causado pela palavra do tenente López, que tirou um papel do bolso do casaco, desdobrou-o, leu e acrescentou:

— Estéfano Benites, Pedro Escobedo e Hilarión Verdejo também estão presos.

— Traição! Don Fernando nos jogou numa rede! — gritou Benites, colérico.

— Miserável! Traição! — Verdejo e Escobedo repetiram o brado.

— E por que me aprisionam, francamente? — perguntou don Sebastián, enquanto o pânico se espalhava entre os presentes, que não sabiam explicar o motivo das prisões, pois não tinham mais memória do ataque da noite de 5 de agosto e esqueceram o direito que uma nova autoridade tem para fazer justiça desde os primeiros dias em exercício de seus poderes.

Don Fernando, sem fazer mérito das palavras de Benites, chamou o tenente López e disse:

— Senhor oficial, posso saber a que ordem essas prisões obedecem?

— Não há problema nisso — disse López, estendendo a Marín o documento que ainda tinha nas mãos.

Don Fernando, de quem Manuel se aproximava cheio de ansiedade, tinha diante de si uma ordem judicial, emitida a pedido da autoridade política, que exigia a detenção dos referidos. Ele imediatamente disse a Manuel:

— Mantenha, Manuel, essa sua serenidade de homem. A pior venda para os olhos da razão é o calor das emoções e, com a frieza necessária, siga sempre em frente. Fale com

Guzmán, a quem escreverei em nosso próximo posto de parada.

— Jesus! Isso instá tudo tramado! — dizia Verdejo.

— Não! Como podem nos prender?— gritavam Escobedo e Benites.

— Suponho que esse incidente atrasará sua partida — disse don Fernando a Manuel, que respondeu pálido como um convalescente:

— Eu saberei sair do atoleiro.

— Suplico que não se alarme tanto. Isto se resolverá em poucos dias; eu garanto — disse don Fernando, tentando acalmar os ânimos.

— Não há razão para desespero — acrescentou Lucía, também querendo moderar a excitação geral.

— Tomem suas cavalgaduras; está na hora de partir! — don Fernando ordenou em voz alta; e dois grupos com destinos opostos deixaram a casa. Um para a cadeia e outro para a estrada real.

Manuel contemplou Margarita, que estava comovida e inundada em pranto. Suas lágrimas eram as pérolas preciosas de uma mulher com quem ele semeava o caminho desconhecido que começava a atravessar naquele dia, deixando seu mundo nas praias onde balançou seu berço e o amor nasceu.

Triste quem parte como Margarita!



Ainda mais triste quem fica como Manuel, colhendo gota a gota o fel da ausência e com o coração suspirando a nostalgia da alma que chora por outra alma!

## CAPÍTULO XXIV

**Q**uando alguém recebe voz de prisão em uma cidade pequena é como um incêndio em uma cidade grande.

Quando os soldados deixaram a casa de don Fernando conduzindo don Sebastián, Estéfano e os outros, todos os vizinhos saíram às portas de suas casas, os meninos juntaram-se em uma multidão surpreendente, e em todas as direções ouviu-se dizer:

— Jesus, Maria e José!

— Jesus, meu pai! É verdade?

— Don Chapaco, Estéfito?

— O que veem esses olhos que a terra há de comer?

— Diz que é traição de don Fernando, que os convidô só pra prendê — relatou uma velha.

— Não, diz que, na verdade, foi caso de fiador — afirmou um homem, jogando seu poncho sobre ombro direito.

— Que fiador! Assim são esses forasteiros, botam lenha na fogueira e somem! — acusou outro.

— Por isso que num cumi um pedaço de pão dele — declarou a velha, virando-se e olhando em volta.

— Coragem, mãe! Não tenha medo, confie em Deus — disse Manuel à dona Petronila, usando toda sua força viril para tirar a mãe daquele transe que torturava sua alma. Ofereceu o braço e levou-a até sua casa, tomando as ruas mais afastadas daquele rebuliço.

Dona Petronila, que era reflexiva e serena, derramou algumas lágrimas e em silêncio seguiu o filho com passo firme. Uma vez em casa, disse-lhe:

— Deixe-me, Manuel, e vá, cumpra seu dever!

Manuel, que já possuía algum conhecimento geral de direito, imediatamente redigiu um recurso de apelação e de isenção de culpabilidade de seu pai oferecendo informações sobre as testemunhas, cuja lista seguia em um documento separado, bem como as perguntas das quais estas deviam ser absolvidas no termo probatório do artigo.

Em seguida foi pessoalmente ao local onde juiz de primeira instância julgaria o caso e conversou com várias pessoas.

Manuel passou a noite inteira acordado, consultando o Código Penal, anotando artigos e fazendo rascunhos extensos em grandes folhas de papel.

Abriu a gaveta de sua mesa e, tirando alguns papéis, começou a revisá-los.

— Esta é a defesa de Isidro Champí. Hoje abordarei os dois casos para defender ao mesmo tempo inocente e culpado? — perguntou-se.

— Aberrações da vida! Este é o tecido misterioso do bem e do mal! Até quando terei de ficar em Kíllac? Quantos meses, passados como séculos, estarei longe de minha Margarita? — voltou a se perguntar Manuel, caindo deitado no sofá, descansando breves momentos e tornando ao trabalho e a seu solilóquio.

— Em primeiro lugar, é preciso livrar don Sebastián e Isidro. Escreverei dois recursos distintos com o mesmo objetivo, pedindo liberdade sob fiança. Sim! Mas quem pode garantir Isidro? Preciso procurar um fiador, isto farei amanhã. Don Sebastián, posso sê-lo eu... Agora que me lembro, don Fernando me encarregou de conversar com o senhor Guzmán. Irei até ele e não descansarei meu corpo enquanto tudo não estiver resolvido e minha alma puder voar em busca de seu centro... Margarita! Margarita!

Essa invocação do jovem foi a oração levantada ao deus do sonho e recebida pelo anjo da noite que, batendo as asas vaporosas na face ardente do estudante de direito, deixou-o profundamente adormecido no sofá, com um livro entre as mãos.

Dona Petronila chorava e rezava, elevando ao céu seus cuidados para o marido e o filho. Ela parecia resignada a

todo tipo de calamidade, com aquela resignação cristã que leva a pessoa por cima das desgraças ao cume do heroísmo.

— Ter fé e esperança! — disse dona Petronila, e esperou a bonança após as horríveis horas de tempestade.

## CAPÍTULO XXV

**O**s viajantes ganhavam terreno, deixando para trás a tempestade desencadeada.

A Natureza, indiferente às cenas dolorosas de Kíllac e em desarmonia com a tristeza de alguns corações, mostrava seus panoramas ricos e variados.

Ao trote dos cavalos a comitiva de don Fernando atravessava intermináveis pampas cobertos de gado; dobrava colinas sombreadas por árvores corpulentas ou escalava rochas íngremes, cuja aridez, semelhante à calvície do homem pensante, nos fala sobre o tempo e sugere meditação. Em cinco dias, de Kíllac à estação de trem, o viajante pisa as flores do campo, cujo aroma embalsama o ar que respira; depois toca a íngreme Cordilheira dos Andes, coberta de alvura inclemente onde o sol reflete derretendo as neves, que se precipitam em correntes cristalinas; depois desce novamente para a planície, onde o joio repete a linguagem murmurante dos ventos que o balançam.

— Fernando! O que você acha das coisas que aconteceram? — Lucía perguntou ao marido, depois de percorrer um longo caminho em silêncio.

— Minha querida, estou abismado e refletindo sobre as coincidências. Ah! A vida é uma novela — respondeu o senhor Marín, parando um pouco o cavalo.

— Deus, não queria deixar Killac sem ver a punição dos culpados — disse Lucía.

— De fato, meu amor. Nunca devemos duvidar da Providência Divina, cuja ação às vezes tarda, mas não falha.

— É isso mesmo Fernando. Dizem, com razão, que para as verdades, o tempo e para a justiça: Deus! Como ficará Isidro Champí?

— Espero que bem. Esse índio é inocente, sem dúvida.

— Eu nunca duvidei disso. Sei que quando o infeliz índio peruano faz algo errado, ele o faz forçado pela opressão ou em desespero pelos abusos.

— Cuidado com essa vala...! Puxe a rédea à direita — alertou Marín.

— Jesus! Se você não me avisasse eu levaria um susto.

— Isso se não caísse.

— Não é para tanto, eu não cavalgo assim tão mal. Qual é a distância até nossa próxima parada?

— Um tanto ainda. Às sete horas da noite acamparemos, quer dizer, se nos apressarmos e não pararmos para conversar.

— Então... bico calado e... adiante! — disse Lucía dando uma chicotada em seu cavalo...

Nessas planícies incomensuráveis serpenteiam às vezes os raios que, aterrorizantes com suas línguas de fogo, destroem cabanas ou matam animais, que fogem assustados em busca de refúgio.

E no meio dessas imponentes solidões, de repente vê-se duas serpentes de aço reverberantes estendidas sobre a grama amarela, e sobre elas o vapor que, como a respiração poderosa de um gigante, dá vida e movimento a grandes vagões. Subitamente ouve-se o bufar da locomotiva, que com seu apito anuncia o progresso levado pelos trilhos até os limiares onde uma vez viveu *Manco Cápac*<sup>51</sup>.

— A ferrovia! — gritaram várias vozes.

Com efeito, era o trem que chegava à última estação do Sul, situada em uma pequena vila composta principalmente por casas com telhados de palha e paredes de adobe, sem pintura externa e que oferecem um aspecto sombrio ao caminhante.

---

51 Figura lendária da cultura inca. Segundo a mitologia, Manco Cápac, o filho do sol, fundou, ao lado de sua mulher Mama Occllo, a cidade de Cuzco, capital do Império Inca.



Poucas horas depois de avistarem o trem, os viajantes apearam e entraram em um pequeno salão localizado na estação.

Lucía, de braço dado com o marido, levantando as longas barras da túnica e com a correia pendente da cintura; as duas garotas à frente e depois vários criados.

— Entrem aqui para se arrumar. Vou cuidar do retorno dos cavalos, do embarque das cargas e do pagamento das passagens — disse don Fernando, soltando o braço da esposa e apontando para o salão.

— Vejamos... aquela mala verde vem para cá, Gabino — disse Lucía, dirigindo-se ao criado que a carregava.

— Madrinha, trocamos de roupa? — perguntou Margarita, afrouxando as fitas do chapéu.

— Claro, filha. A partir daqui as roupas de montaria não são mais úteis — explicou Lucía, pegando um molho de chaves com o qual foi abrir a mala, dizendo à afilhada:

— Coloque o vestido cinza com laços azuis, Margarita. Combina com você e a cor é boa para viagem.

— Sim, madrinha. E qual a senhora vestirá? — perguntou a órfã.

— Para mim, sempre o preto. Para uma senhora, não há vestido mais elegante que o preto.

— E fica tão bem na senhora!

— Lisonjeira! Vamos ver esse chapéu.

Nesse momento chegou um trem de carga, interrompendo a passagem com seu apito estridente.

Ao vê-lo, Gabino começou a se irritar dizendo:

— Santíssima Trindade! Aí vem o diabo! Quem mais pode fazer isso correr? *Supay! Supay!*<sup>52</sup>

Don Fernando, que estava voltando, bateu na porta e disse:

— Aprese-se, senhora! O trem não espera ninguém.

— Jesus! Não vá nos deixar! — Lucía exclamou, jogando na mala as roupas trocadas, em desordem no chão.

— A garrafinha de elixir de coca? É preciso levá-la à mão, ajuda a prevenir tontura e *soroche*<sup>53</sup> — disse don Fernando entrando na sala.

---

52 Para os Incas, era tanto o deus da morte e governante do Uca Pacha, o submundo; e também o senhor da riqueza mineral, sendo capaz de transformar veios de prata, quartzo e ouro em piritas. Possui habilidades metamórficas, transformando-se em animais, além de ser responsável por fenômenos naturais como terremotos, furacões e tempestades.

Com a colonização espanhola, os sacerdotes cristãos usavam seu nome quando se referiam a diabo cristão. No entanto, ao contrário dos europeus, os povos originários não temiam *Supay* e tinham o costume de invocar sua proteção.

53 Enjoo devido à altitude.

— Claro, aqui está o elixir de coca — respondeu Lucía depois de examinar a maleta e entregando ao marido uma garrafa cuidadosamente embrulhada em uma folha de papel rosa com as etiquetas verdes da gráfica “La Bolsa” de Arequipa.

— Não esqueça os livros também, Lucía; o trem sem leitura é um tormento, você verá — alertou don Fernando. E, ao ouvi-lo, Margarita pegou um embrulho com fitas de algodão marrom, forrado com um número do “El Comercio”, e o entregou a don Fernando, dizendo:

— Padrinho, aqui estão os livros, pegue-os porque eu vou levar minha irmãzinha pela mão.

Don Fernando recebeu o pacote da garota, colocou-o debaixo do braço e disse:

— Isto é um importante alimento para o espírito. Gabino, pegue a maleta... — E todos foram para o vagão do trem, onde as mulheres dessa comitiva viajariam pela primeira vez.

## CAPÍTULO XXVI

**A** pesar das tarefas que mantinham Manuel ocupado e que poderiam ser uma fonte de distração, a melancolia invadiu seu semblante e o silêncio selou seus lábios, antes expansivos, dando lugar apenas a seus suspiros de profunda tristeza.

Em seu coração se levantavam ondas de sangue, desconhecidas para ele, que uma mulher teria interpretado como um presságio de desgraça.

Manuel começava a desconfiar do futuro, duvidava da possibilidade de ver Margarita novamente; mas seguiu seu propósito de resolver os assuntos de don Sebastián e Isidro e depois partir a qualquer custo.

Suas conferências com o juiz de primeira instância, com o novo subprefeito e com o Senhor Guzmán tiveram, finalmente, um resultado, com contribuição dos vários esforços que fizeram as famílias de Estéfano, Verdejo e Escobedo.

Um dia voltou para casa e disse a dona Petronila:

— Mãe! Consegui que aceitassem a fiança e hoje don Sebastián fica livre.

— O juiz já decretou? — perguntou ela com interesse.

— Sim, mãe. Todas as diligências foram tomadas, e às doze o teremos em casa.

— Bendito seja, filho do meu coração. E os outros?

— Não sei nada sobre os outros; não me preocupei com eles. Só fiz algo por Isidro, que também será solto em breve. Eu já o teria tirado sem esse auto de prisão e de embargo, no entanto, temos que fazer ser revogado e isso exige paciência.

Dona Petronila, que, com dor, acompanhou o empenho diário do filho, ao receber a notícia da liberdade iminente de don Sebastián, atraiu-o para si e disse:

— Além dessas coisas do tribunal, você sofre, Manuelzinho. Seu coração é mordido por um verme que o levará à paixão e à morte! — E grossas lágrimas deslizaram por suas bochechas.

— Mãe! Minha mãe! Por que chora?

— Porque você não diz nada! Meu coração é o coração de sua mãe... Lembre-se bem, Manuelzinho: eu vivo para você!

Manuel não pôde resistir. Estava fraco como uma mulher. Havia sofrido tanto!

Jogou-se nos braços de sua mãe e escondeu suas lágrimas de homem, como em outra época costumava esconder seus segredos de infância naquele mesmo colo!

— Mãe! Mãe da minha alma! Bendita seja! Mas... eu sinto que vou morrer! — respondeu entre soluços o jovem que, tímido pelas cenas domésticas e do coração, sabia mostrar-se um herói em momentos de combate.

— Meu filho, sim eu sei, adivinhei que um verme rói tua alma. Sim, você ama Margarita e chora porque se separou, porque teme que não a verá mais...

— Mãe abençoada! Desculpe se meu coração não é todo para você hoje; mas aquele anjo cujo nome você pronunciou é o anjo da minha vida... eu a amo sim e talvez...

— Por que você se desespera, Manuel? Por que você não se casa com ela? Por que eu não ficaria feliz tendo dois filhos em vez de um?

— Minha mãe! Você é minha Providência. Mas lembre-se de que Margarita verá em mim o filho do carrasco de seus pais, me recusará sua mão e me expulsará de seu coração!

— Que heresia, meu Deus! Rejeitar você? — respondeu dona Petronila, unindo as mãos ao céu e permanecendo em silêncio e apreensiva por alguns momentos, contemplada pelo olhar afetuoso do filho. E como quem retorna de um êxtase de luta, acrescentou:

— Isso você irá superar facilmente. Fale com don Fernando e... revele o nome do seu verdadeiro pai.

— Minha mãe!

— Sim. Afinal, que culpa temos? Foi uma desgraça, e o que é minha vergonha perto da eterna felicidade do meu amado filho; sua felicidade, Manuelzinho?

Dona Petronila fazia neste momento o último sacrifício de uma mãe amorosa e de uma mulher enganada.

— Vamos! — continuou dona Petronila — Alcance-os em sua viagem. Você tem como fazer isso? Não lhe faltam cavalos ou dinheiro; organize o seu casamento e volte com calma, para que possa cuidar corretamente dos assuntos de nossa casa e da outra viagem. Você não precisa mais se preocupar com o tribunal.

Manuel beijou incontáveis vezes a testa e as mãos de dona Petronila, com tanta emoção que por vários instantes não houve outro ruído além do produzido pelos lábios de Manuel em contato com sua mãe, de cujas bochechas coradas escorregaram lágrimas grossas, como a água benta que abençoaria o elo iminente de Manuel e Margarita.

Dona Petronila, quebrando esse silêncio de sublime fruição, disse:

— Chega, querido Manuel.

O jovem, erguendo a cabeça com arrogância viril, respondeu:

— Hoje lhe juro, mãe adorada, sacrificar o último suspiro da minha vida para trabalhar por sua felicidade e de minha

Margarita. Vou preparar todo o necessário agora, e amanhã, ao raiar do dia, seguirei o caminho para encontrar don Fernando, cuja anulação de processo não é mais tão urgente. Chegando lá, vou pedir a mão da afilhada dele. — disse e saiu apressadamente, deixando sua mãe dedicada a meditações ternas, que ela interrompeu exclamando:

— Virgem misericordiosa, rogai por ele, que é tão bom, e peça perdão por mim! Manuel... Eu... Somos ambos culpados, talvez, ou nenhum de nós? Não foi o peso da fatalidade negra, negra como a noite sem lua, que me levou aos braços proibidos de um homem sem fé?

Dona Petronila caiu de joelhos, submersa em pranto, repetindo um nome entre os soluços e cobrindo o rosto com as duas mãos...

Seu coração jorrava sangue, sangue da alma, recordando as cenas de vinte anos antes.



## CAPÍTULO XXVII

**U**m elegante vagão, batizado com champanhe com o nome de Socabón, estava pronto para partir assim que soasse o sinal dado pelo apito do trem.

Enquanto isso, os passageiros da primeira classe podiam adquirir luvas de vicunha, pêssegos em conserva, manteigas, queijos e carne de porco vinda de produtores credenciados do interior ou das terras altas do Peru; mercadorias colocadas à esquerda e à direita da linha, oferecidas por vendedoras indígenas.

Don Fernando, depois de acomodar Lucía e as meninas, sentou-se ao lado de sua esposa em uma poltrona de dois lugares, forrada com veludo cotelê. Em silêncio pegou um charuto, acendeu-o, guardou a caixa de fósforos, soltou algumas baforadas, colocou-o nos lábios e desamarrou o pacote de livros. Deu mais duas tragadas e perguntou à esposa:

— O que você quer ler, querida Lucía?

— Me dê *As poesias*, de Salaverry<sup>54</sup> — respondeu ela com um sorriso satisfeito.

— Bem, eu vou apreciar as *Tradições*, de Palma;<sup>55</sup> são relatos muito peruanos e eu os adoro — disse don Fernando, estendendo ao mesmo tempo um volume para sua esposa.

E então ele cruzou as pernas e as estendeu na tala do assento da frente, recostou-se na poltrona e abriu o segundo volume do livro, no momento em que o trem começou a andar à velocidade de 24 quilômetros por hora, engolindo as distâncias, deixando vertiginosamente para trás planícies, choças, vacas e prados.

Os diferentes passageiros que ocupavam seus assentos e que Lucía observou com um olhar curioso também começaram a procurar entretenimento.

Havia um militar magro, moreno e barbudo, junto com dois paisanos já mais velhos, antigos comerciantes de cochonilha e açúcar, a quem o militar convidou, dizendo:

— Vamos matar o tempo com um joguinho de cartas?

---

54 Carlos Augusto Salaverry Ramirez (1830-1891), poeta e dramaturgo peruano.

55 Aqui, a autora se refere à obra *Tradições Peruanas*, do escritor Ricardo Palma (1833-1919).

— Não seria mal, meu capitão; mas aqui, onde diabos conseguimos cartas? — respondeu um dos homens envolto em um cachecol de vicunha.

O capitão, retirando um jogo cartas de bolso, disse:

— Não seja por isso, don Prudencio. Militar que não joga, bebe e se apaixona, que vire padre.

Frente a eles estava um frade da Ordem das Mercês que, ofendido com tal expressão, lançava aos jogadores olhares raivosos, que sem lhe darem atenção viraram a parte de trás do assento, instalando assim sua mesa de jogo.

O frade pegou um livro e três mulheres que estavam próximas começaram a conversar com Margarita e Rosalía, oferecendo maçãs descascadas.

Meia hora depois, as meninas e as mulheres dormiam como pombas enroladas no mesmo assento, e o frade roncava como um abençoado. Somente as falas mais entusiasmadas dos jogadores poderiam interromper aquele sono profundo. Até que, abrindo a porta do vagão, apresentou-se um sujeito que parecia ter trinta anos, alto, robusto, aparência tostada pelo ar frio das cordilheiras, um bigode torto e uma verruga na orelha direita.

Vestia calça e jaqueta cinza; um chapéu de viseira de borracha preta cobria sua cabeça e ele tinha uma tesoura na mão.

— A passagem, meu reverendo? — disse, aproximando-se o suficiente e erguendo sua voz de contralto até o padre abrir os olhos sonolentos, tirar com um ar preguiçoso a passagem amarela de dentro do livro e estendê-la ao interlocutor sem dizer palavra.

O bilheteiro fez um corte na passagem e a devolveu, passando para os jogadores.

Os dois paisanos entregaram suas passagens, e o militar tirou do bolso um papel que mostrou ao funcionário do trem. Este, depois de examinar as assinaturas, devolveu-o murmurando para si mesmo:

— Esses sempre andam com papeizinhos.

Ao chegar a vez de don Fernando, enquanto o rapaz picava as passagens, Lucía lhe disse:

— Pode me fazer o favor de dizer o quanto andamos?

— Quatro horas, senhora, isto é, setenta e sete quilômetros, e ainda nos resta outro tanto — disse e passou.

— Que maravilha de viagem, não? E sem dificuldades ou inconvenientes, em breve estaremos na cidade — disse don Fernando à esposa, fechando seu livro.

Lucía, que olhava para as meninas, respondeu:

— Maravilhosa! Olha, Fernando, que preciosas, estão dormindo... Parecem dois anjos da paz..

— São mesmo anjinhos americanos, com todo o sangue peruano que colore suas bochechas.

— Será que Margarita sonha com Manuel? Creio que ainda não sonha...

E, naquele momento, a afilhada ergueu seus grandes cílios arqueados, encarando a madrinha.

Nesse trecho da estrada, havia uma ponte de madeira e ferro, artisticamente colocada sobre um rio raso.

O apito deu o alarme com repetidas baforadas, porque no meio da ponte havia uma tropa de vacas, cuja presença só foi notada pelos maquinistas quando elas já fugiam aterrorizadas, mas não com a rapidez que a velocidade do trem exigia.

As manobras do primeiro motorista, os esforços dos caldeireiros e o galope das vacas não foram suficientes para evitar um acidente, e o pior aconteceria.

A iminência do acidente e os apitos do trem, que resfolegava como uma fera, causaram primeiro confusão e depois consternação para os passageiros, que julgavam estar à beira da morte certa.

— Misericórdia!

— Por favor! Meu Deus!

— Meu esposo!

— Lucía! Filhas!

— Madrinha!

— Padrinho!

— Ai, o que vai ser de nós!

— Que horror!

— Misericórdia!

Tais eram as palavras pronunciadas em tons diferentes, em meio à confusão e aos gritos assustadores nos vagões.

Mas para onde fugir?

Todo o comboio ia com a velocidade destrutiva de um raio e, alcançando o gado, passou sobre os animais, esmagando seus ossos e descarrilando.

Ia precipitar-se ao rio!

Smith, o valente maquinista, preferiu o próprio sacrifício ao de tantas vidas confiadas à sua vigilância e quis estourar os caldeirões com tiros de seu revólver, mas era tarde e o primeiro vagão, já destravado pelo guarda-freios, foi encalhar nas areias molhadas da margem esquerda do rio.

## CAPÍTULO XXVIII

**A** atividade de Manuel havia centuplicado durante o dia.

Ele voltou para casa e disse à sua mãe:

— Tudo está indo bem, mãe. Parece que Deus realiza minhas esperanças. Don Sebastián e Champí estão livres agora. A ordem acaba de ser passada ao diretor da prisão e assim que for executada, trarei pessoalmente don Sebastián.

— Então o juiz aceitou... E que condições estabeleceu?  
— perguntou dona Petronila.

— Nada mais além de se corrigir e não deixar a cidade.

— Então, não podemos sair daqui?

— Você não. Mas eu pego a estrada amanhã mesmo, para apanhar o trem de quinta-feira e encontrar don Fernando e minha Margarita.

— Mas filho, se o julgamento ainda estiver em andamento, seu pai não saberá como conduzi-lo.

— Já tomei as precauções para os poucos dias de minha ausência e, quando voltar trago o recurso para o acordo ju-

dicial, não fará diferença — respondeu Manuel, caminhando pela sala.

— Não seria melhor se você pedisse a mão de Margarita e esses papéis por carta? — disse dona Petronila, meio arrependida de ter consentido com a saída imediata do filho.

— Mãe, mãe! Em outras circunstâncias, seria correto escrever uma carta, mas lembre-se de que preciso esclarecer uma coisa... — observou Manuel.

— Sim, eu lhe entendo, mas...

— Mãe! O coração de vinte anos, ardente e apaixonado, não se afasta diante do perigo e a procrastinação o mata. Eu vou; honrarei meu compromisso e retornarei para o seu lado sem demora.

— Se não há outro jeito... — respondeu ela, balançando a cabeça.

— Mãe! Confia em mim?

— Completamente, filho. Por que me pergunta isso?

— Porque lhe vejo hesitante. Porque você deve entender que, além do meu amor por Margarita, há um dever para com você e a atenção que devo dar ao caso de don Sebastián, mesmo ele tendo sido para mim, na infância, um verdadeiro carrasco.

— Por que você se lembra dessas coisas? Agora ele se dá bem com você... — disse dona Petronila, quando don Sebastián apareceu acompanhado de um empregado da casa.



— Chapaco! — exclamou dona Petronila, jogando-se nos braços do marido.

— Você foi mais rápido que eu! — Manuel espantou-se.

— Petruca? — disse don Sebastián, correspondendo ao abraço de sua esposa, e dirigindo-se a Manuel, acrescentou:

— Então não foi me buscar, hein? Francamente, eu esperava sair de lá com você.

— Don Sebastián, vim dar a notícia à minha mãe para que ela não se surpreendesse ao vê-lo de repente. Eu já estava prestes a ir buscá-lo.

— Bem, bem. O que você está fazendo, Petruca? Francamente, estou com uma se...

— Farei uma *chabela*<sup>56</sup> para você. Temos boa chicha e bom vinho.

— Que seja.

— Já que o senhor está em casa, pedirei sua bênção e permissão, don Sebastián.

— Como? Eu não lhe entendo, francamente.

— O senhor é meu segundo pai. Pretendo pedir a mão de Margarita, o que cortará essas divergências mais radicalmente — disse Manuel com estudada intenção.

---

56 Bebida que mistura chicha e vinho.

— Eu não desaprovo suas intenções, Manuel, francamente; a menina é uma pérola, mas ainda é muito criança, e nesses tempos... não sei se é o melhor momento para casar-se, francamente — disse don Sebastián.

— Não vou me casar hoje, don Sebastián. Quero primeiro pedir a mão dela e, uma vez comprometido, continuar meus estudos, tornar-me advogado e cumprir...

— Aí já é outra história, filho. Assim, francamente, eu gosto.

— Ele quer ir ao encontro de don Fernando — disse dona Petronila de um extremo da sala.

— Que disparate! Francamente, eu lhe digo, Manuel, que isso é coisa de um... colegial dispatado! E essa agora?!

— Don Sebastián, minha viagem é uma necessidade. Minha presença aqui não é necessária, e tenho que pedir a don Fernando o recurso para a revogação do processo, para que este julgamento seja interrompido e não nos incomodem novamente. Caso contrário, continuaremos litigando até o fim dos tempos.

— Isso é outra coisa, francamente, se for assim eu não me oponho à partida de Manuel e dou a ele meu relógio de ouro e meu poncho de vicunha com faixas azuis — disse don Sebastián, dirigindo-se à dona Petronila, que se aproximou com um copo contendo uma mistura curiosa, com o fundo amarelo e a superfície vermelha.

— Parece, Chapaco, que cada um está falando de um assunto — brincou dona Petronila, entregando o copo ao marido.

— Ha! Ha! Ha! Assim como a dor de barriga, francamente, não é o mesmo que dor de dente — replicou don Sebastián, tossindo e segurando o copo.

— Jesus! Que tosse! Deve ter ficado resfriado na prisão! Coitadinho...

Don Sebastián virou a última gota da chabela, estalou a língua, limpou os lábios e disse:

— Que chabela gostosa! Petruca, com isso, francamente, engordaria um tísico — e, voltando-se a Manuel: — E como e quando você quer partir?

— Amanhã cedo, senhor.

— Bem, dê a ele tudo o que for necessário, Petruca, e escolha os melhores cavalos e tudo mais, francamente, que em outras terras, aparência é tudo.

— Obrigado, senhor! É muita gentileza sua — disse Manuel e saiu para fazer os preparativos para sua viagem.

Eram nove horas da noite quando Manuel voltou e entrou no quarto de dona Petronila. Encontrou don Sebastián conversando intimamente com a mãe.

— Boa noite, don Sebastián; minha mãe, venho dizer adeus. Finalmente está tudo preparado, com a ajuda de Deus — disse Manuel.

— Filho meu! Que a Virgem lhe leve com vida e saúde e me devolva meu filho — respondeu dona Petronila, pegando um escapulário de Nossa Senhora do Carmo que usava no pescoço e colocando-o no peito de Manuel, que abraçou enternecida.

— Don Sebastián, tenha muita cautela... lembre-se... bico calado! Ninguém vai incomodá-lo. Não precisam se preocupar comigo. Um abraço... Adeus!

— Não demore, não demore... Francamente, muitas esperanças me dão a sua partida... Está levando o relógio? — despediu-se don Sebastián.

Manuel foi descansar em seu quarto, pois assim que o dia raiasse, nas asas de suas esperanças e com o vigor de sua idade, seguiria o mesmo caminho por onde dias antes viu partir sua gentil Margarita.

Isidro Champí, acompanhado por sua fiel Martina e seguido por Zambito e Desertor, também chegou em casa naquele dia, pálido e triste.

Quando o viram, seus filhos correram em sua direção, como o bando de perdizes que distingue sua mãe.

O coração do sineiro, lúgubre e escuro como uma masmorra, recebeu luz e calor com o beijo de seus filhos, a quem acariciava silenciosamente.

Martina entrou lentamente na choça. Ajoelhou-se no centro da sala e ergueu as mãos unidas para o céu.

— *Allpa mama!*<sup>57</sup> — exclamou, desafogando de seu peito, com uma palavra, todas as acusações que sua alma ferida tinha contra a humanidade injusta, representada pelos notáveis de Kíllac; e seus olhos derramaram lágrimas abundantes.

— Chorando, Martinacu? A chuva ainda não parou em seu coração? — perguntou Isidro, olhando para a esposa.

— Ai, companheiro! — disse Martina se levantando. — A dor nada em lágrimas, como a gaivota no remanso das lagoas, e como ela, molha as penas e esfria o peito. Ai, ai!

Isidro parecia consolado pela presença de seus filhos; mas, enquanto os olhava, chamando cada um por seu nome, sua mente voltou-se para suas novilhas perdidas e suspirou:

— A pequena castanha! A negra...!

— Ah, Isidro! Na noite de tempestade, quando relampeia e troveja na montanha e o homem se esconde em sua choça, o puma e as raposas saem da toca para roubar os cordeiros. Para nós, a forte tempestade soou — lamentou-se Martina, sentada na cama com a filha de sete meses.

— É assim mesmo. O que vamos fazer? As raposas de colarinho branco roubaram nosso gado, como roubaram minha liberdade, como roubam nosso trabalho — reforçou

---

57 Para os povos andinos: Mãe Terra, um ser vivo e sagrado que nos permite habitar o mundo e nos ensina a viver em harmonia com todos os seres do planeta.

Isidro, ainda empolgado com as palavras de sua esposa, deitando na cama ao lado da bebê.

— Para o puma e a raposa, temos a armadilha de pedra amarela; mas desses outros não há como se libertar. Paciência, paciência, Isidro que a morte é o bálsamo dos tristes — acrescentou Martina, novamente assumindo sua atitude melancólica.

— A tumba deve ser tranquila como a noite enluarada na qual se ouve a flauta do pastor! Ah, se nós não tivéssemos essas crianças, que bom seria morrer de uma vez. — comentou Isidro, apontando para os meninos que brincavam com Miguel, o primogênito.

Martina respondeu:

— Nós nascemos índios, escravos do padre, escravos do governador, escravos do cacique, escravos de todos que golpeiam com a vara da autoridade.

Isidro Champí, fazendo de almofada um poncho dobrado sob a cabeça, repetiu:

— Índios, pois sim! A morte é a nossa doce esperança de liberdade!

Martina aconchegou-se ao lado do marido e, desejando afastar sua sombria tristeza, perguntou-lhe, passando a mão pelos cabelos:

— Você vai voltar para a torre?

— Talvez. Amanhã tocarei aqueles malditos sinos que, a partir de agora, odeio.

## CAPÍTULO XXIX

O primeiro que se jogou ao o chão, atolando-se até os joelhos, foi Mister Smith, que gritou com toda a força de seus pulmões:

— Ei! Ninguém se move, hein? Todos quietos!

E uma multidão de cabeças espiou pelas janelas do vagão, que haviam ficado sem vidros.

O choque causado pelo desatrelamento do vagão felizmente não havia deixado ninguém ferido gravemente.

— O susto congelou todo o nosso sangue! Meu amor, você ficou com muito medo? — perguntou don Fernando a Lucía.

— Muito, querido. Foi por Deus que fomos salvos!

— Você está muito pálida. A garrafa de coca foi quebrada? — perguntou Marín, procurando a maleta.

— Meu Deus! — exclamou Lucía, enfiando a cabeça pela janela do trem para ver em que região estavam, sem se atentar aos gritos de Margarita, que levantava Rosalía banhada em sangue, ou nos comentários de outras pessoas.



— Caramba, do que escapamos! — disse o militar.

— Nós renascemos! Bendito seja Deus! — articulou o frade.

— Esses gringos brutos são capazes de nos levar aos profundos! — disse um dos jogadores; ao que outro acrescentou:

— Eu tive medo desde que vi o reverendo subir.

— Psiu! Tem senhoras aqui, hein? — observou o outro.

— Como vamos sair daqui?

— O elixir da coca se salvou; vou lhe dar um pouco, querida — disse don Fernando, procurando no bolso um canivete.

— Felizmente o trem só descarrilou depois de passarmos a ponte, não será difícil resolver — disse um guarda-freios correndo de uma ponta a outra do vagão com um rolo de cabos, e a quem interpelaram várias vezes:

— O que fazemos, homem?

— Nada não, meu patrão, não é nada, tudo já vai ficá bão! — respondeu o guarda-freios.

Enquanto isso acontecia no vagão de primeira classe, os passageiros da segunda, que haviam ficado no carro de trás sem maiores cuidados, correram para o primeiro, perdidos e gritando:

— Paulino!

— Indalecio!

— Estou aqui, homem.

— Com sete mil demônios!

— Calma, senhora passageira; não é meu culpa, entende? Culpa dos vacas e facilmente se remedia — disse o maquinista Smith, ilustrando o castelhano com o sotaque norte-americano, cuja palavra trouxe confiança aos espíritos perturbados dos passageiros de primeira classe.

— Mister Smith, quando chegaremos? Quase que encontramos nosso fim — disse don Fernando, dirigindo-se ao maquinista, que era seu conhecido.

— Oh, senhor Marín, grande fatalidade o minha! Mas trem chegará de manhã, ter paciência — respondeu Mister Smith, vistoriando a manobra que havia ordenado aos operários.

E com a energia que distingue a raça, ergueram-se rodas, consertaram-se cruzetas e manivelas e, após um trabalho constante de duas horas, retiraram o vagão encalhado, colocaram-no nos trilhos, de forma que a viagem poderia ser retomada.

— Realmente, nascemos de novo. Pobres filhas minhas! — disse Lucía, limpando com o lenço o sangue que escorria dos lábios de Rosalía por conta de um machucado.

— Oh, por Deus! Fica quietinha, minha filha! Coitadinha! — don Fernando acrescentou, dando à garota um pacote de biscoitos Arturo Field.

— Ainda levaremos cinco horas — disse o velho militar, capitão de artilharia.

— Essas coisas só acontecem no Peru. Em outros lugares, esfolariam o gringo — observou o comerciante de cochonilha.

— A alma ainda não voltou ao meu corpo.

— Nem ao meu, Jesus! — disseram as duas mulheres.

E o trem continuou sua marcha rápida e compassada, como antes de sofrer a catástrofe.

O apito foi ouvido novamente com insistência.

— Outro atropelamento? — perguntaram várias pessoas surpresas.

— Não, esta é a segunda estação da cidade, estão dando o sinal de chegada — explicou o militar.

— Jesus! Como o corpo fica nervoso com os sustos! — observou Lucía.

— É que a coisa foi séria — respondeu don Fernando.

Logo os viajantes divisaram pelas janelas quebradas um ponto branco no meio de um panorama de vegetação viva e alegre.

— A cidade! — exclamaram.

E o apito voltou a gritar, como um animal espicaçado.

— Que bela paisagem! Que cidade linda! — admirou-se Lucía, enfiando mais a cabeça pelas janelas.

— Parece uma pomba branca repousando em seu ninho de salgueiros e amoreiras — acrescentou Marín, a quem sua esposa perguntou:

— Fernando, é a segunda cidade do Peru? Como são seus habitantes?

— Sim, querida, a segunda; e sua beleza é apenas comparável à bondade de seus moradores; você desfrutará muito durante os dias que temos de ficar — respondeu don Fernando.

E o sino do trem, com seu toque, alertou que o comboio entrava na estação principal, onde uma multidão considerável esperava, pois o telégrafo já havia comunicado as notícias do incidente e a curiosidade convocou centenas de pessoas.

Abertos os vagões, hordas de malandros aproximaram-se, oferecendo-se para carregar as bagagens, como se os passageiros tivessem chegado em bondes puxados a cavalo, e não em um trem a vapor. Don Fernando Marín então localizou o ônibus que o levaria, junto com sua família, até a porta do Grand Imperial Hotel, onde todos desceram.

## CAPÍTULO XXX

**E** ntraram em uma sala espaçosa, com papel de parede vermelho-sangue com detalhes dourados e grandes pilastras de ouro nos cantos; as portas e janelas, cobertas com cortinas brancas como arminho, coroadas por brocado grená e faixas douradas unidas por cordões de seda. No piso, ricos tapetes de Bruxelas criavam um contraste agradável com os móveis, estilo Luís XV, revestidos com borla de seda azul opaca, multiplicados por dois espelhos enormes que cobriam quase toda a fachada direita.

— Esta é sala de recepção. Agrada à senhora? — apresentou-se Monsieur Petit, curvando-se com reverência exagerada.

— Sim, azul é minha cor favorita. Ficarei feliz aqui — respondeu Lucía ao recepcionista.

— Esse deve ser o quarto? — perguntou don Fernando, apontando para uma porta contígua.

— Exatamente, meu senhor. Aqui encontrará todo o conforto e bom atendimento que o Hotel Imperial oferece

a seus hóspedes — respondeu Monsieur Petit, com toda a civilidade de um francês, enaltecendo sua hospedagem.

— Esperamos que sim.

— Se precisarem de alguma coisa, meu senhor e minha senhora, basta puxar este cordão para serem atendidos — informou o recepcionista, curvou-se e saiu.

Margarita, que examinava tudo, perguntou com sincera simplicidade:

— Madrinha, o que Manuel acharia disto tudo?

Lucía sorriu com o sorriso da mãe que se alegra com o ardor dos sentimentos, lendo nessa pergunta todo o poema das lembranças do coração virginal e respondeu:

— Ele dirá quando chegar.

— Vamos esperar por ele aqui?

— Sim, filha — disse don Fernando, tomando parte nas confidências de madrinha e afilhada.

Rosalía foi abraçar os joelhos de Marín, dizendo:

— Me dá outro biscoito.

O criado apareceu na porta, levando o carrinho com as bagagens...

Oito dias foram suficientes para que os viajantes conhecessem a cidade grande, observando tudo, examinando suas tendências e costumes, com a prolixidade própria dos que viajam com convicção particular, embora apenas com

conhecimentos rudimentares, ampliados antes do livro aberto da instrução, adquiridos na escola prática do grande mundo.

Ruas largas, retas e mal pavimentadas; templos de construção moura e variada, de asfalto e pedras assentadas ao longo dos anos; mulheres bonitas como lendas douradas; camponeses robustos com toda a sinceridade de sua alma pintada no semblante; casas de judeus com anúncios de compra e venda; teatros que mostravam os caminhos da civilização. Tudo viram e julgaram. Nada escapou da observação microscópica de Lucía, ilustrada a cada passo pelas fundamentadas explicações de don Fernando, a quem ela disse:

— Pois te digo, meu Fernando, que esta seria uma mansão celestial, não fossem os inconvenientes morais que notei com minha simples experiência.

— Eu sei, querida. Eu sabia disso de antemão, a inconveniência que isso representa ao espírito que não sabe onde quer estar, a ansiedade de chegar a Lima, para este foco de luz que cativa todas as borboletas do Peru. É verdadeiramente incomparável.

— Gosto da sua lógica, Fernando, mas não foi isso o que eu quis dizer —Lucía riu e deu um tapa no ombro dele.

— Não? Bem, diga-me, nesse caso, o que cativou sua atenção?

— Duas coisas me chamaram a atenção — Lucía respondeu sem rodeios, pegando o lenço para limpar os lábios levemente umedecidos pelo riso.

— Ah! Eu já sei... sua brincalhona! — respondeu don Fernando, devolvendo o carinho.

— Diga então, quais?

— Será o número de frades de todas as cores que transitam pelas ruas?

— Bem, você foi a Roma, querido.

— Então?

Lucía ficou séria, reconcentrou seu espírito como se evocando algo distante, suspirou do fundo do coração e disse:

— O que mais chamou minha atenção é o número surpreendente de crianças nos orfanatos! Ah! Fernando meu! Eu sei que a mulher do campo não rejeita assim os filhos de seu próprio ventre... Eu sei que ela não tem necessidade de rejeitá-los, porque essas convenções sociais que usam a máscara da falsa virtude não significam nada, nada, para a mulher do campo que tem um filho nascido do acaso... ou do crime. Fernando, Deus perdoe meus maus pensamentos; mas essa ideia despertou em mim sentimentos tristes, tristíssimos, lembrando, sem querer, o segredo de Marcela!

Don Fernando escutava surpreso esse raciocínio de moral filosófica. Estava impressionado com a lucidez de



uma grande alma, cuja grandeza ele não conhecia até aquele momento. O casal ficou em silêncio profundo por alguns instantes, até que ele suspirou com a mesma tristeza que Lucía, dizendo:

— Também a miséria às vezes abre a roda dos enjeitados! — Aproximou-se de sua esposa e beijou a testa daquela que logo seria a mãe de seu primogênito.

## CAPÍTULO XXXI

**M**anuel fez uma viagem de todo feliz. Parecia que os deuses alados do Amor e do Casamento haviam soprado um alento de âmbar sobre os picos nevados e sobre as pastagens que a locomotiva percorria, ignorando os perigos vividos dias antes pela família Marín e por Margarita. Esse poema de ternura entoado para ele com as notas mais delicadas de seu coração era como uma harpa eólica atingida pelo bater de asas dos anjos da Felicidade na imensa planície.

Ele também distinguiu a cidade desejada dos vales andinos, para ele então epicentro do mundo, porque hospedava a rainha do seu coração. Chegou e foi se alojar no Casino Rosado, barbeou-se, trocou de roupa e jogou-se na rua em direção ao Imperial, dizendo:

— Meu Deus, obrigado! Eu vou vê-la! É tão verdade que aos vinte anos o sangue queima e a demora exaspera! Não posso atrasar nem mais um dia a realização da minha felicidade... mas... falarei em seguida com don

Fernando... Essa exigida prudência que freia os ímpetos da alma. O ciúme já me picou com seu ferrão envenenado nos dias de sua ausência... Oh! Como não pensar que a beleza peruana de Margarita, a beleza de sua alma virgem das frases do mundo, não a rodeia de adoradores que, aturdindo seus ouvidos, mancham o coração da mulher que eu amo?

Manuel caminhava como um bêbado, sem prestar atenção em nada nas ruas pelas quais transitava pela primeira vez, obedecendo mecanicamente à direção dada pelo porteiro do Casino.

— O ciúme é mesquinho e nobre ao mesmo tempo — disse a si mesmo. — No fundo do amor supremo e satisfeito ele dorme enrolado feito uma víbora; na superfície de um amor vulgar, rasteja e pica com seu veneno. Que meu ciúme não desperte! Não, não! Eu amo muito Margarita!

Os passos de Manuel ecoaram no pátio do Hotel Imperial, e esse som estremeceu a alma de Margarita.

Por que a mulher que ama não apenas conhece o som dos passos de seu amado, mas também sente o perfume de sua respiração à distância, e o eco de sua voz vibra alto entre uma multidão de outras vozes?

Mistérios dessa corrente magnética que une almas e agita o organismo!

A porta de vidro girou em seu eixo; o vento agitou levemente as cortinas finas e Manuel apareceu na sala azul, com um porte muito distinto e simpático.

— Sim, era ele! — disse para si Margarita, que estava em pé ao lado de uma mesa com tampo de mármore, sobre a qual havia um enorme vaso de porcelana chinesa contendo junco e jasmim que perfumava o ambiente.

— Senhora! Senhor! — disse Manuel, estendendo a mão para aqueles a quem se dirigia.

— Don Manuel! — responderam quase que em unísono o casal Marín, apertando sua mão.

— Margarita minha...

— Manuel, você chegou?

Os dois jovens iam se abraçar, mas algo os deteve. No entanto, suas pupilas traduziram o abraço de duas almas que sonham em fundir-se para sempre.

— Sente-se. Então... como estão todos em Kíllac? — perguntou Marín.

— Bem, senhor.

— Resolveu o assunto de seu pai? Isidro, o pobre sineiro, foi liberto?

— Don Sebastián ficou livre sem muitos esforços. Somente para Isidro eu precisei de outros procedimentos para mediar uma apelação contra a sentença, embargo e tudo mais.

Por isso, venho com o coração feliz depois de cumprir seu encargo, don Fernando — respondeu Manuel.

— Homem! O senhor é um cavalheiro digno. Não pude enviar a carta para Guzmán por não ter encontrado um posto dos correios no caminho. E a autoridade política segue...

— Muito, muito mal, don Fernando. Os primeiros dias, como uma nova peneira. Soube que pela liberdade de Estéfano, Escobedo e Verdejo ele recebeu algumas novilhas.

— Como vemos, amigo, não há remédio — comentou don Fernando, levantando-se.

— E o que achou da minha perspicácia para revelar a viagem falsa de Estéfano? — perguntou Lucía a Manuel.

— Ah! A senhora sempre vencerá o jogo quando se trata de astúcia e conhecimento das pessoas. Para mim o sujeito se tornou insuportável — desabafou Manuel.

— Esses advogados sem escrúpulos, com meia educação e nenhuma boa aspiração, são a verdadeira praga daqueles pobres — disse don Fernando.

— São... Pilatos, como a senhora os batizou — acrescentou Manuel, sorrindo.

— Jesus! Este é o primeiro dia que eu rio desde o susto — observou Lucía, olhando para Margarita, que também sorria.

— Soube dos percalços que passamos no trem? — perguntou don Fernando a Manuel.

— Não, senhor, o que houve?

— Pois nos salvamos por um triz de morrer esmagados.

— Como? — assustou-se Manuel, estremecendo e olhando para Margarita.

— O trem descarrilou. Não disseram nada ao longo do caminho?

— Sim, agora que me lembro, ouvi dois passageiros conversando, mas pensei que eles se referiam a um tempo muito anterior.

— Jesus, que cenas! — interrompeu Lucía.

— Rosalía ficou ferida — disse Margarita.

— E vocês?

— Não houve nada mais sério, felizmente, e tudo passou. Não vamos falar sobre isso, porque os nervos de Lucía se agitam — pediu don Fernando.

— Não é para menos, senhor Marín.

— E o que o juiz exigiu pela liberdade de Isidro? — perguntou don Fernando.

— Para revogar o processo, o senhor precisa apresentar uma carta informando que o ataque à sua casa foi um equívoco, que o povo perseguia bandidos e acreditava estarem lá escondidos, e tudo mais. Voltarei imediatamente para resolver tudo, garantindo a tranquilidade de don Sebastián e minha viagem definitiva a Lima — instruiu Manuel.

— Pois vou escrever o recurso claro e preciso, meu amigo. Não volto a Kíllac e desejo garantir que o pobre e inocente índio não seja mais perturbado por esse assunto. Acha que meu recurso porá fim a tudo? — perguntou o senhor Marín.

— Sim, don Fernando, embora sem ele a ação seria do Ministério Fiscal, e... podemos dizer que seria nulo.

— Então foi assim que o senhor libertou Isidro Champí. E quem libertará toda a sua raça deserdada?

— Essa pergunta deve ser feita a todas as pessoas do Peru, querido amigo!

— Então o senhor volta para Kíllac? — indagou Lucía.

— Sim, senhora.

— E não continuaremos em Lima? — perguntou Margarita, apertando um jasmim que arrancara do buquê.

— Sim, Margarita, eu vou e volto. As viagens são muito simples para um homem — respondeu Manuel.

— E dona Petronila, como vai? — quis saber Lucía.

— Imagine, senhora, como a coitada terá ficado com minha ausência.

— Pois amanhã chega o correio; então o recurso que eu tenho que redigir para Guzmán estará pronto e chegará antes do senhor. Agora tenho que fazer algumas tarefas na rua — desculpou-se don Fernando, levantando-se.

— Perfeitamente, senhor Marín. Ganhamos tempo enviando o documento ao senhor Guzmán, mas... eu também tenho outro assunto muito importante para conversar com o senhor. Quando pode me atender? — perguntou Manuel, visivelmente nervoso, erguendo seu chapéu.

— Hoje à noite, amigo, a partir das oito estou à sua disposição.

— Venha tomar chocolate conosco — convidou Lucía.

— Obrigado, senhora, não faltarei — respondeu o jovem, despedindo-se educadamente, e atrás de si fechou a porta de vidro que o separava da soberana de sua existência.

Uma vez na rua, quis passear pela cidade e, ao passar por uma joalheria, viu uma preciosa cruz de ágata, delicadamente encrustada em ouro e guardada em uma caixa de veludo roxo.

— Que presente lindo! Ficaré radiante no peito de Margarita! — pensou Manuel; e parou para examiná-la. — Bem, eu vou levar! — Entrou na joalheria, tratou da compra e pagou com três notas grossas do Banco de Arequipa e, mantendo a caixinha no bolso, continuou seu caminho, absorvido pelos pensamentos que flutuavam em sua mente, ora como fulgores brilhantes, ora como andorinhas que passam roçando as veredas com suas asas negras.



## CAPÍTULO XXXII

**A** lua, em suas primeiras horas de minguante, suspen-  
sa em um céu sem nuvens, derramava sua luz  
prateada, que se não aquece nem fere a pupila  
como os raios do sol, encharca a natureza de uma melancolia doce e serena e proporciona uma atmosfera quente e perfumada nessas noites de dezembro, propícias para conversas de amor.

Manuel consultava frequentemente seu relógio de ouro, inquieto e pensativo.

Os ponteiros marcaram a hora esperada e, pegando seu chapéu, saiu em ritmo acelerado.

A sala azul do Imperial, profundamente iluminada por elegantes lustres de cristal, tinha as portas abertas.

Margarita, recostada em um dos assentos próximos à mesa e às flores, brincava com a ponta de um lenço branco, com o pensamento transportado para o céu de suas ilusões; o silêncio mais imponente reinava ao seu redor.

Quando Manuel apareceu na porta, ela mudou de posição levemente, e seu primeiro olhar foi para o quarto, onde sem dúvida estava Lucía.

— Margarita, alma da minha alma! Eu vim, vim para você — disse Manuel, tomando a mão da garota e sentando-se ao seu lado.

— De verdade? Mas você vai voltar — ela respondeu sem soltar a mão, que gentilmente pressionava a de Manuel.

— Não duvide de nada, querida Margarita. Vou pedir a don Fernando que seja minha esposa!

— E à minha madrinha também? — interrompeu a garota.

— Pedirei aos dois. Você... você será minha — disse o jovem, encarando os olhos de Margarita enquanto levava as mãos dela a seus lábios.

— E se eles não o quiserem? — Margarita observou inocentemente, baixando o olhar envergonhado.

— Mas você me ama, Margarita? Você me ama? Responda-me, pelo amor de Deus! — Manuel insistia, dominado pela ansiedade dos olhos: seu olhar a devorava inteira.

— Sim — disse a filha de Marcela com um jeito tímido, e Manuel, na vertigem da felicidade, levou os lábios aos de sua amada, sorveu seu alento e bebeu a pura gota de orvalho das almas no cálice da ventura, apenas para ficar mais sedento que antes.

Margarita suspirou comovida:

— Manuel..!

Na mente de Manuel, uma memória surgiu como uma oportunidade novelesca, levou a mão no bolso, tirou a caixa de veludo, abriu-a e, mostrando a joia, disse:

— Margarita, com isto, juro que meu primeiro beijo de amor não vai lhe manchar. Guarde-a, minha querida; a ágata tem a virtude de fortalecer o coração.

Margarita pegou a cruz quase que mecanicamente, fechou a caixa e a guardou em seu peito com a rapidez do furto, enquanto as portas do quarto rangiam e saíam Lucía e don Fernando.

Manuel mal conseguia conter suas impressões.

Seu semblante tinha a cor das flores da romã, e um leve tremor agitou seu corpo. Se pudéssemos pegar sua mão, a teríamos encontrado umedecida por um suor frio; penetrando em seu pensamento, teríamos visto centenas de ideias amontoadas como abelhas, disputando a primazia de brotar moduladas pela palavra.

Margarita, como se estivesse atordoada com tudo o que acontecia em seu coração, mal disfarçava seu estado.

— Algo sério acontece com o senhor, Manuel — observou don Fernando, olhando para o jovem.

— Senhor Marín — começou o rapaz, com uma voz trêmula e frases quebradas. — É... a coisa mais séria... da

minha vida! Eu amo Margarita e vim... pedir sua mão... com... um prazo de... três anos.

— Manuel, me daria muito prazer, mas don Sebastián...

— Senhor, sei o que vai dizer, mas é um argumento inválido. Eu não sou filho de don Sebastián Pancorbo. Fui gerado por uma desgraça, pelo abuso de um homem pela fraqueza de minha mãe. Estou ligado a don Sebastián por gratidão, porque ao se casar com minha mãe enquanto eu estava em seu ventre, restituiu a honra a ela e a mim... e me deu também seu sobrenome.

— Deus o abençoe! — exaltou-se Margarita, levantando as mãos para o céu sem poder manter o silêncio.

— Minha filha! — repreendeu Lucía.

— A nobreza de vocês nos obriga a exercer o direito que Marcela nos legou antes de sua morte, um segredo confiado a Lucía — respondeu don Fernando gravemente.

— Alegro-me, don Fernando. O filho não é responsável nesses casos, e devemos culpar as leis dos homens, e em nenhum caso a Deus.

— Assim é.

Manuel, baixando ligeiramente o tom de voz e ainda envergonhado, revelou:

— Don Fernando, meu pai foi o bispo Pedro Miranda y Claro, antigo padre de Killac.

Don Fernando e Lucía empalideceram como se tivessem sido sacudidos por uma única corrente elétrica; a surpresa atou a palavra na garganta deles, e o silêncio absoluto reinou por alguns instantes, silêncio que Lucía rompeu exclamando:

— Meu Deus! — Tinha as mãos tão juntas pela emoção que suas articulações rangiam.

O nome e a história do padre Pascual passaram pela mente de don Fernando como uma rajada, e ele disse a si mesmo:

— A culpa do padre arruinaria a felicidade de dois anjos da bondade? — E, como se ainda duvidasse do que ouvira, perguntou novamente: — Quem, o senhor disse?

Manuel apressou-se em confirmar, já menos perturbado:

— O bispo Claro, senhor.

Don Fernando aproximou-se do jovem e, pressionando-o contra o peito, acrescentou:

— O senhor mesmo disse, don Manuel, não vamos culpar a Deus, culpemos as leis desumanas dos homens que tiram o pai do filho, o ninho do pássaro, o caule da flor!

— Manuel! Margarita! Pássaros sem ninho!... — Lucía interrompeu, pálida como a flor da amendoeira, incapaz de se conter, e grossas lágrimas deslizaram por suas bochechas.

Manuel não conseguia entender aquela cena. Margarita, muda, tremia como um lírio em meio a um vendaval.

A palavra de don Fernando devia finalizar aquela situação de agonia, mas sua voz viril, sempre firme e franca, vacilava como a de uma criança. O suor invadiu sua testa nobre e elevada. Balançava a cabeça com uma expressão de dúvida e assombro.

Por fim, apontando Margarita com um gesto, como se a recomendasse aos cuidados de sua esposa, dirigiu-se a Manuel e continuou:

— Há coisas na vida que nos atordoam! Coragem, jovem! Desafortunado jovem! Marcela, à beira da morte, confiou a Lucía o segredo do nascimento de Margarita, que não é filha do índio Juan Yupanqui, mas... do bispo Claro.

— Minha irmã!

— Meu irmão!

Disseram em uníssono Manuel e Margarita, caindo ela nos braços da madrinha, cujos soluços acompanhavam a dor daqueles ternos pássaros sem ninho.











# **Aves sin nido**

Clorinda Matto de Turner



# PROEMIO

Si la historia es el espejo donde las generaciones por venir han de contemplar la imagen de las generaciones que fueron, la novela tiene que ser la fotografía que estereotipe los vicios y las virtudes de un pueblo, con la consiguiente moraleja correctiva para aquéllos y el homenaje de admiración para éstas.

Es tal, por esto, la importancia de la novela de costumbres, que en sus hojas contiene muchas veces el secreto de la reforma de algunos tipos, cuando no su extinción.

En los países en que, como el nuestro, la Literatura se halla en su cuna, tiene la novela que ejercer mayor influjo en la morigeración de las costumbres, y, por lo tanto, cuando se presenta una obra con tendencias levantadas a regiones superiores a aquéllas en que nace y vive la novela cuya trama es puramente amorosa o recreativa, bien puede implorar la atención de su público para que extendiéndole la mano la entregue al pueblo.

¿Quién sabe si después de doblar la última página de este libro se conocerá la importancia de observar atentamente el

personal de las autoridades, así eclesiásticas como civiles, que vayan a regir los destinos de los que viven en las apartadas poblaciones del interior del Perú?

¿Quién sabe si se reconocerá la necesidad del matrimonio de los curas como una exigencia social?

Para manifestar esta esperanza me inspiro en la exactitud con que he tomado los cuadros, del natural, presentando al lector la copia para que él juzgue y falle.

Amo con amor de ternura a la raza indígena, por lo mismo que he observado de cerca sus costumbres, encantadoras por su sencillez, y la abyección a que someten esa raza aquellos mandones de villorrio, que, si varían de nombre, no degeneran siquiera del epíteto de tiranos. No otra cosa son, en lo general, los curas, gobernadores, caciques y alcaldes.

Llevada por este cariño, he observado durante quince años multitud de episodios que, a realizarse en Suiza, la Provenza o la Saboya, tendrían su cantor, su novelista o su historiador que los inmortalizase con la lira o la pluma, pero que, en lo apartado de mi patria, apenas alcanzan el descolorido lápiz de una hermana.

Repito que al someter mi obra al fallo del lector, hágolo con la esperanza de que ese fallo sea la idea de mejorar la condición de los pueblos chicos del Perú; y aun cuando no

fuese otra cosa que la simple conmiseración, la autora de estas páginas habrá conseguido su propósito, recordando que en el país existen hermanos que sufren, explotados en la noche de la ignorancia, martirizados en esas tinieblas que piden luz; señalando puntos de no escasa importancia para los progresos nacionales y haciendo, a la vez, literatura peruana.

Clorinda Matto de Turner





# **PRIMERA PARTE**



# CAPÍTULO I

**E**ra una mañana sin nubes, en que la Naturaleza, sonriendo de felicidad, alzaba el himno de adoración al Autor de su belleza.

El corazón, tranquilo como el nido de una paloma, se entregaba a la contemplación del magnífico cuadro.

La plaza única del pueblo de Kíllac mide trescientos catorce metros cuadrados, y el caserío se destaca confundiendo la techumbre de teja colorada, cocida al horno, y la simplemente de paja con alares de palo sin labrar, marcando el distintivo de los habitantes y particularizando el nombre de casa para los notables y choza para los naturales.

En la acera izquierda se alza la habitación común del cristiano, el templo, rodeado de cercos de piedra, y en el vetusto campanario de adobes, donde el bronce llora por los que mueren y ríe por los que nacen, anidan también las tortolillas cenicientas de ojos de rubí, conocidas con el gracioso nombre de cullcu. El cementerio de la iglesia es el lugar donde los domingos se conoce a todos los habitantes,

solícitos concurrentes a la misa parroquial, y allí se miente y se murmura de la vida del prójimo como en el tenducho y en la era, donde se trilla la cosecha en medio de la algazara y el copeo.

Caminando al Sur media milla, escasamente medida, se encuentra una preciosa casa— quinta notable por su elegancia de construcción, que contrasta con la sencillez de la del lugar; se llama «Manzanares», fue propiedad del antiguo cura de la doctrina, don Pedro de Miranda y Claro, después obispo de la diócesis, de quien la gente deslenguada hace referencias no santas, comentando hechos realizados durante veinte años que don Pedro estuvo a la cabeza de la feligresía, época en que construyó «Manzanares», destinada, después, a residencia veraniega de Su Señoría Ilustrísima.

El plano alegre rodeado de huertos, regado por acequias que conducen aguas murmuradoras y cristalinas, las cultivadas pampas que le circundan y el río que le baña, hace de Kíllac una mansión harto poética.

La noche anterior cayó una lluvia acompañada de granizo y relámpagos, y, descargada la atmósfera dejaba aspirar ese olor peculiar a la tierra mojada en estado de evaporación: el sol, más riente y rubicundo, asomaba al horizonte, dirigiendo sus rayos oblicuos sobre las plantas que, temblorosas, lucían la gota cristalina que no alcanzó a caer de

sus hojas. Los gorriones y los tordos, esos alegres moradores de todo clima frío, saltaban del ramaje al tejado, entonando notas variadas y luciendo sus plumas reverberantes.

Auroras de diciembre espléndidas y risueñas, que convidan al vivir: ellas, sin duda, inspiran al pintor y al poeta de la patria peruana.

## CAPÍTULO II

**E**n aquella mañana descrita, cuando recién se levantaba el sol de su tenebroso lecho, haciendo brincar, a su vez, al ave y a la flor, para saludarle con el vasallaje de su amor y gratitud, cruzaba la plaza un labrador arreando su yunta de bueyes, cargado de los arreos de labranza y la provisión alimenticia del día. Un yugo, una picana y una coyunta de cuero para el trabajo, la tradicional chuspa tejida de colores, con las hojas de coca y los bollos de llipta para el desayuno.

Al pasar por la puerta del templo, se sacó reverente la monterilla franjeada, murmurando algo semejante a una invocación: y siguió su camino, pero, volviendo la cabeza de trecho en trecho, mirando entristecido la choza de la cual se alejaba.

¿Eran el temor o la duda, el amor o la esperanza, los que agitaban su alma en aquellos momentos?

Bien claro se notaba su honda impresión.

En la tapia de piedras que se levanta al lado Sur de la plaza, asomó una cabeza, que, con la ligereza del zorro,

volvió a esconderse detrás de las piedras, aunque no sin dejar conocer la cabeza bien modelada de una mujer, cuyos cabellos negros, largos y lacios, estaban separados en dos crenchas, sirviendo de marco al busto hermoso de tez algo cobriza, donde resaltaban las mejillas coloreadas de tinte rojo, sobresaliendo aún más en los lugares en que el tejido capilar era abundante.

Apenas hubo perdido el labrador en la lejana ladera de Cañas, la cabeza escondida detrás de las tapias tomó cuerpo saltando a este lado. Era una mujer rozagante por su edad, y notable por su belleza peruana. Bien contados tendría treinta años, pero su frescura ostentaba veintiocho primaveras a lo sumo. Estaba vestida con una pollerita flotante de bayeta azul oscuro y un corpiño de pana café, adornado al cuello y bocamangas con franjas de plata falsa y botones de hueso, ceñía su talle.

Sacudió lo mejor que pudo la tierra barrosa que cayó sobre su ropa al brincar la tapia y en seguida se dirigió a una casita blanquecina cubierta de tejados, en cuya puerta se encontraba una joven, graciosamente vestida con una bata de granadina color plomo, con blondas de encaje, cerrada por botonadura de concha de perla, que no era otra que la señora Lucía, esposa de don Fernando Marín, matrimonio que había ido a establecerse temporalmente en el campo.

La recién llegada habló sin preámbulos a Lucía y le dijo:

— En nombre de la Virgen, señoracha, ampara el día de hoy a toda una familia desgraciada. Ese que ha ido al campo cargado con las cacharpas del trabajo, y que pasó junto a ti, es Juan Yupanqui, mi marido, padre de dos muchachitas. ¡Ay señoracha!, él ha salido llevando el corazón medio muerto, porque sabe que hoy será la visita del reparto, y como el cacique hace la faena del sembrío de cebada, tampoco puede esconderse porque a más del encierro sufriría la multa de ocho reales por la falla, y nosotros no tenemos plata. Yo me quedé llorando cerca de Rosacha que duerme junto al fogón de la choza y de repente mi corazón me ha dicho que tú eres buena; y sin que sepa Juan vengo a implorar tu socorro, por la Virgen, señoracha, ¡ay, ay!

Las lágrimas fueron el final de aquella demanda, que dejó entre misterios a Lucía, pues residiendo pocos meses en el lugar, ignoraba las costumbres y no apreciaba en su verdadero punto la fuerza de las cuitas de la pobre mujer, que desde luego despertaba su curiosidad.

Era preciso ver de cerca aquellas desheredadas criaturas, y escuchar de sus labios, en su expresivo idioma, el relato de su actualidad, para explicarse la simpatía que brota sin sentirlo en los corazones nobles, y cómo se llega a ser parte en el dolor, aun cuando sólo el interés del estudio motive



la observación de costumbres que la mayoría de peruanos ignoran y, que lamenta un reducido número de personas.

En Lucía era general la bondad, y creciendo desde el primer momento el interés despertado por las palabras que acababa de oír, preguntó:

— ¿Y quién eres tú?

— Soy Marcela, señoracha, la mujer de Juan Yupanqui, pobre y desamparada —contestó la mujer secándose los ojos con la bocamanga del jubón o corpiño.

Lucía púsole la mano sobre el hombro con ademán cariñoso, invitándola a pasar y tomar descanso en el asiento de piedras que existe en el jardín de la casa blanca.

— Siéntate, Marcela, enjuga tus lágrimas que enturbian el cielo de tu mirada, y, hablemos con calma —dijo Lucía, vivamente interesada en conocer a fondo las costumbres de los indios.

Marcela calmó su dolor, y, acaso con la esperanza de su salvación, respondió con minucioso afán al interrogatorio de Lucía y fue cobrando confianza tal, que la habría contado hasta sus acciones reprensibles, hasta esos pensamientos malos, que en la humanidad son la exhalación de los gérmenes viciosos. Por eso en dulce expansión le dijo:

— Como tú no eres de aquí, niñay, no sabes los martirios que pasamos con el cobrador, el cacique y el tata cura, ¡ay!,

¡ay! ¿Por qué no nos llevó la Peste a todos nosotros, que ya dormiríamos en la tierra?

— ¿Y por qué te confundes, pobre Marcela? — interrumpió Lucía. — Habrá remedio; eres madre y el corazón de las madres vive en una sola tantas vidas como hijos tiene.

— Sí, niñay — replicó Marcela —, tú tienes la cara de la Virgen a quien rezamos el Alabado y por eso vengo a pedirle. Yo quiero salvar a mi marido. Él me ha dicho al salir: «Uno de estos días he de arrojarme al río porque ya no puedo con mi vida, y quisiera matarte a ti antes de entregar mi cuerpo al agua», y ya tú ves, señoracha, que esto es desvarío.

— Es pensamiento culpable, es locura, ¡pobre Juan! — dijo Lucía con pena, y dirigiendo una mirada escudriñadora a su interlocutora, continuó: — Y ¿qué es lo más urgente de hoy? Habla, Marcela, como si hablastes contigo misma.

— El año pasado — repuso la india con palabra franca —, nos dejaron en la choza diez pesos para dos quintales de lana. Ese dinero lo gastamos en la Feria comprando estas cosas que llevo puestas, porque Juan dijo que reuniríamos en el año vellón a vellón, mas esto no nos ha sido posible por las faenas, donde trabaja sin socorro; y porque muerta mi suegra en Navidad, el tata cura nos embargó nuestra cosecha de papas por el entierro y los rezos. Ahora tengo que entrar de mita a la casa parroquial, dejando mi choza y mis hijas, y

mientras voy, ¿quién sabe si Juan delira y muere? ¡Quién sabe también la suerte que a mí me espera, porque las mujeres que entran de mita salen... mirando al suelo!

— ¡Basta!, no me cuentes más — interrumpió Lucía, espantada por la gradación que iba tomando el relato de Marcela, cuyas últimas palabras alarmaron a la candorosa paloma, que en los seres civilizados no encontraba más que monstruos de codicia y aun de lujuria.

— Hoy mismo hablaré con el gobernador y con el cura, y tal vez mañana quedarás contenta — prometió la esposa de don Fernando, y agregó como despidiendo a Marcela: — Anda ahora a cuidar de tus hijas, y cuando vuelva Juan tranquilízalo, cuéntale que has hablado conmigo, y dile que venga a verme.

La india, por su parte, suspiraba satisfecha por primera vez en su vida.

Es tan solemne la situación del que en la suprema desgracia encuentra una mano generosa que le preste apoyo, que el corazón no sabe si bañar de lágrimas o cubrir de besos la mano cariñosa que le alargan, o sólo prorrumpir en gritos de bendición. Eso pasaba en aquellos momentos en el corazón de Marcela.

Los que ejercitan el bien con el desgraciado no pueden medir nunca la magnitud de una sola palabra de bondad, una

sonrisa de dulzura que para el caído, para el infeliz, es como el rayo de sol que vuelve la vida a los miembros entumecidos por el hielo de la desgracia.

## CAPÍTULO III

**E**n las provincias donde se cría la alpaca, y es el comercio de lanas la principal fuente de riqueza, con pocas excepciones, existe la costumbre del reparto adelantado que hacen los comerciantes potentados, gentes de las más acomodadas del lugar.

Para los adelantos forzosos que hacen los laneros, fijan al quintal de lana un precio tan ínfimo, que el rendimiento que ha de producir el capital empleado excede del quinientos por ciento; usura que, agregada a las extorsiones de que va acompañada, casi da la necesidad de la existencia de un infierno para esos bárbaros. Los indios propietarios de alpacas emigran de sus chozas en las épocas de reparto, para no recibir aquel dinero adelantado, que llega a ser para ellos tan maldito como las trece monedas de Judas. ¿Pero el abandono del hogar, la erraticidad en las soledades de las encumbradas montañas, los pone a salvo? No...

El cobrador, que es el mismo que hace el reparto, allana la choza, cuya cerradura endeble, en puerta hecha de vaqueta,

no ofrece resistencia: deja sobre el batán el dinero, y se marcha enseguida, para volver al año siguiente con la lista ejecutoria, que es el único juez y testigo para el desventurado deudor forzoso.

Cumplido el año se presenta el cobrador con su séquito de diez o doce mestizos, a veces disfrazados de soldados; y, extrae, en romana especial con contrapesos de piedra, cincuenta libras de lana por veinticinco. Y si el indio esconde su única hacienda, si protesta y maldice, es sometido a torturas que la pluma se resiste a narrar, a pesar de pedir venia para los casos en que la tinta varíe de color.

La pastoral de uno de los más ilustrados obispos que tuvo la Iglesia peruana hace mérito de estos excesos, pero no se atrevió a hablar de las lavativas de agua fría que en algunos lugares emplean para hacer declarar a los indios que ocultan sus bienes. El indio teme aquello más aún que el ramalazo del látigo, y los inhumanos que toman por la forma el sentido de la ley, alegan que la flagelación está prohibida en el Perú, mas no la barbaridad que practican con sus hermanos nacidos en el infortunio.

¡Ah! Plegue a Dios que algún día, ejercitando su bondad, decrete la extinción de la raza indígena, que después de haber ostentado la grandeza imperial, bebe el lodo del oprobio.

¡Plegue a Dios la extinción, ya que no es posible que recupere su dignidad, ni ejercite sus derechos!

El amargo llanto y la desesperación de Marcela al pensar en la próxima llegada del cobrador eran, pues, la justa explosión angustiosa de quien veía en su presencia todo un mundo de pobreza y dolor infamante.

## CAPÍTULO IV

**L**ucía no era una mujer vulgar.

Había recibido bastante buena educación, y la perspicacia de su inteligencia alcanzaba la luz de la verdad estableciendo comparaciones.

De alta estatura y color medianamente tostado, lo que se llama en el país color perla; ojos hermosos sombreados por espesas pestañas y cejas aterciopeladas; llevaba además ese grande encanto femenino de una cabellera abundante y larga que, cuando deshecha, caía sobre sus espaldas como un manto de carey ondulado y brillante. Su existencia no marcaba todavía los veinte años, pero el matrimonio había dejado en su fisonomía ese sello de gran señora que tan bien sienta a la mujer joven cuando sabe hermanar la amabilidad de su carácter con la seriedad de sus maneras. Establecida desde un año atrás con su esposo en Kíllac, habitaba «la casa blanca», donde se había implantado una oficina para el beneficio de los minerales de plata que explotaba, en la provincia limítrofe, una compañía de la



cual don Fernando Marín era accionista principal y, en la actualidad, gerente.

Kíllac ofrece al minero y comerciante del interior la ventaja de ocupar un punto céntrico para las operaciones mercantiles en relación con las capitales de departamentos; y la bondad de sus caminos presta alivio a los peones que transitan cargados con los capachos del mineral en bruto, y a las llamas empleadas en el acarreo lento.

Después de su entrevista con Marcela, Lucía se entregó a combinar un plan salvador para la situación de la pobre mujer, que era hartamente grave, atendidas sus revelaciones.

Lo primero en que pensó fue en ponerse al habla con el cura y el gobernador, y con tal propósito les dirigió, a entrambos, un recadito suplicatorio solicitando de ellos una visita.

La palabra de don Fernando en esos momentos podía ser eficaz para realizar los planes que debían ponerse en práctica inmediata, pero don Fernando había emprendido viaje a los minerales, de donde volvería después de muchas semanas.

Una vez que Lucía resolvió llamar a casa a los personajes de cuyo favor necesitaba, púsose a meditar, intranquila, sobre la manera persuasiva como hablaría a aquellas notabilidades de provincia.

— ¿Y si no vienen? Iré en persona — se preguntó y respondió simultáneamente, con la rapidez del pensamiento que envuelve en sus giros la intención y la ejecución, y se puso a sacudir los muebles, arreglando esta y aquella silleta, hasta que, llegando junto a un sofá, tomó asiento y tornó a sus combinaciones de discurso en la forma más interesante, aunque sin los giros de retórica que habría necesitado para un caballero de ciudad.

Entregada a este teje y desteje del pensamiento, sentía los minutos pesados, cuando tocaron a la puerta, y abriéndose suavemente el portón de vidrios dio paso al cura y al gobernador del poético pueblo de Kíllac.

## CAPÍTULO V

**E**statura pequeña, cabeza chata, color oscuro, nariz gruesa de ventanillas pronunciadamente abiertas, labios gruesos, ojos pardos y diminutos; cuello corto sujeto por una rueda hecha de mostacillas negras y blancas, barba rala y mal rasurada; vestido con una imitación de sotana de tela negra, lustrosa, mal tallada y peor atendida en el aseo, un sombrero de paja de Guayaquil en la mano derecha; tal era el aspecto del primer personaje, que se adelantó y, a quien saludó, la primera, Lucía, con marcadas manifestaciones de respeto, diciéndole:

— Dios le dé santas tardes, cura Pascual.

El cura Pascual Vargas, sucesor de don Pedro Miranda y Claro en la doctrina de Kíllac, inspiraba desde el momento serias dudas de que, en el Seminario, hubiese cursado y aprendido Teología ni Latín: idioma que mal se hospedaba en su boca, resguardada por dos murallas de dientes grandes, muy grandes y blancos. Su edad frisaba en los cincuenta años, y sus maneras acentuaban muy seriamente los temores que

manifestó Marcela cuando habló de entrar al servicio de la casa parroquial, de donde, según la expresión indígena, las mujeres salían mirando al suelo.

Para un observador fisiológico el conjunto del cura Pascual podía definirse por un nido de sierpes lujuriosas, prontas a despertar al menor ruido causado por la voz de una mujer.

Por la mente de Lucía cruzó también enérgica la pregunta de cómo un personaje tan poco agraciado había podido llegar al más augusto de los ministerios; pues en sus convicciones religiosas estaba la sublimidad del sacerdocio que en la tierra desempeña el tutelaje del hombre, recibéndolo en la cuna con las aguas del bautismo, depositando sus restos en la tumba con la lluvia del agua lustral, y durante su peregrinación en el valle del dolor, dulcificando sus amarguras con la palabra sana del consejo, y la suave voz de la esperanza.

Olvidaba Lucía que, siendo misión dependiente de la voluntad humana, quedaba explicada su propensión al error, y ella no sabía cómo son generalmente los pastores de los curatos apartados.

El otro personaje que seguía al cura Pascual, envuelto en una ancha capa española, cuya mención consta en cláusula del catorce testamento, lo cual podía constituir sus títulos de antigüedad, cuando no su árbol genealógico posesivo, era

don Sebastián Pancorbo, nombre que recibió su señoría en bautismo solemne, de cruz alta, capa nueva, salero de plata y voz de órgano, administrado a los tres días de nacido.

Don Sebastián, sujeto bien original, comenzando a juzgarlo por su vestido, es alto y huesudo; a su rostro no asoman nunca las molestias masculinas en forma de barba ni mostachos; sus ojos negros, vivos y codiciosos, denuncian en mirada inclinada a la visual izquierda que no es indiferente al sonido metálico, ni al metal de una voz femenina. El dedo meñique de la mano derecha se le torció siendo mozo, al dar un bofetón a su amigo, y desde entonces usa un medio guante de vicuña, aunque maneja con gracia peculiar aquella mano. El hombre no tiene átomo de nitroglicerina en su sangre: parece formado para la paz, pero su debilidad genial lo pone con frecuencia en escenas ridículas que explotan sus comensales. Rasga la guitarra con falta de oído y de ejecución tales, que le hacen notabilidad, aunque bebe como un músico de ejército.

Don Sebastián recibió instrucción primaria tan elemental como lo permitieron los tres años que estuvo en una escuela de ciudad; y después, al regresar a su pueblo, fue llavero en Jueves Santo; se casó con doña Petronila Hinojosa, hija de notable, y en seguida le hicieron gobernador; es decir, que llegó al puesto más encumbrado que se conoce y a que se aspira en un pueblo.

Los dos personajes arrastraron su respectiva poltrona, señalada por Lucía, donde tomaron cómodo descanso.

La señora de Marín hizo acopio de amabilidad y razonamiento para interesar a sus interlocutores en favor de Marcela, y dirigiéndose particularmente al párroco, dijo:

— En nombre de la religión cristiana, que es puro amor, ternura y esperanza; en nombre de vuestro Maestro, que nos mandó dar todo a los pobres, os pido, señor cura, que deis por terminada esa deuda que pesa sobre la familia de Juan Yupanqui. ¡Ah!, tendréis en cambio doblados tesoros en el cielo...

— Señorita mía — repuso el cura Pascual arrellanándose en el asiento, y apoyando ambas manos en los brazos del sillón—, todas esas son tonterías bonitas, pero, en el hecho, ¡válgame Dios! ¿Quién vive sin rentas? Hoy, con el aumento de las contribuciones eclesiásticas y la civilización decantada que vendrá con los ferrocarriles, terminarán los emolumentos; y... y... de una vez, doña Lucía, fuera curas; ¡moriremos de hambre...!

— ¿A eso había venido el indio Yupanqui? — agregó el gobernador, en apoyo del cura, y con tono de triunfo terminó recalcando la frase para Lucía: — francamente, sepa usted, señorita, que la costumbre es ley, y que nadie nos sacará de nuestras costumbres, ¿qué?...

— Caballeros, la caridad también es ley del corazón —  
arguyó Lucía interrumpiendo.

—¿Conque Juan, eh? Francamente, ya veremos si vuelve a tocar resortitos el pícaro indio — continuó don Sebastián pasando por alto las palabras de Lucía, y con cierta sorna amenazante que no pudo pasar inadvertida para la esposa de don Fernando, cuyo corazón tembló de temor. Las cortas frases cambiadas entre ellos habían puesto en transparencia el fondo moral de aquellos hombres, de quienes nada debía esperar, y sí temerlo todo.

Su plan fue desconcertado en lo absoluto: pero su corazón quedó interesado de hecho por la familia de Marcela, y estaba resuelta a protegerla contra todo abuso. Su corazón de paloma sintió su amor propio herido y la palidez sombreó su frente.

En aquel momento era precisa una salida decisiva, y ésta la halló Lucía en la energía con que respondió:

—¡Triste realidad, señores! ¡Y bien!, vengo a persuadirme de que el vil interés ha desecado también las más hermosas flores del sentimiento de humanidad en estas comarcas, donde creí hallar familias patriarcales con clamor de hermano a hermano. Nada hemos dicho; y la familia del indio Juan no solicitará nunca ni vuestros favores ni vuestro amparo. — Al decir estas últimas palabras con calor, los hermosos ojos de

Lucía se fijaron, con la mirada del que da una orden, en la mampara de la puerta.

Los dos potentados de Kíllac se desorientaron con tan inesperada actitud, y no viendo otra salida para reanudar una discusión de la que, por otra parte, estaba en sus intereses huir, tomaron sus sombreros.

— Señora Lucía, no se dé por ofendida con esto, y créame siempre su capellán —dijo el cura, dando una vuelta al sombrero de paja que tenía entre las manos; y don Sebastián se apresuró a decir secamente:

— Buenas tardes, señora Lucía.

Lucía acortó las fórmulas de la despedida empleando sólo una inclinación de cabeza; y viendo salir a aquellos hombres, después de dejar la más honda impresión en su alma de ángel, se decía temblorosa y vehemente:

— No, no, ese hombre insulta al sacerdocio católico; yo he visto en la ciudad seres superiores, llevando la cabeza cubierta de canas, ir en silencio, en medio del misterio, a buscar la pobreza y la orfandad para socorrerla y consolarla; yo he contemplado al sacerdote católico abnegado en el lecho del moribundo; puro ante el altar del sacrificio; lloroso y humilde en la casa de la viuda y del huérfano; le he visto tomar el único pan de su mesa y alargarlo al pobre, privándose él del alimento y alabando a Dios por la merced que le diera.



Y, ¿es ese el cura Pascual?... ¡Ah! ¡curas de los villorrios!... El otro, alma fundida en el molde estrecho del avaro, el gobernador, tampoco merece la dignidad que en la tierra rodea a un hombre honrado. ¡Márchense en buena hora, que yo sola podré bastarme para rogar a mi Fernando, y llevar las flores de la satisfacción a nuestro hogar!

Cinco campanadas tañidas por la campana de familia anunciaron a Lucía las horas transcurridas, y le notificaron que la comida estaba servida.

La esposa del señor Marín, con los carrillos encendidos por el calor de sus impresiones, atravesó varios pasadizos y llegó al comedor, donde tomó su asiento de costumbre.

El comedor de la casa blanca estaba pintado en su techo y paredes, imitando el roble; de trecho en trecho pendían lujosos cuadros de oleografía, representando ya una perdiz medio desplumada, ya un conejo de Castilla listo para echarlo a la cacerola del guisante. En la testera izquierda alzábase un aparador de cedro con lunas azogadas, que duplicaban los objetos de uso colocados con simetría. A la derecha se veían dos pequeñas mesitas, una con un tablero de ajedrez, y otra con una ruleta; como que aquel era el lugar que los empleados de los minerales habían elegido para sus horas de solaz. La mesa de comer, colocada al centro de la habitación, cubierta con manteles bien blancos

y planchados, lucía un servicio de campo, todo de loza azul con filetes colorados.

La sopa exhalaba un espeso vapor que, con su fragancia, notificaba ser la sustanciosa cuajada de carne preparada de lomo molido con especias, nueces y bizcocho, todo disuelto en el aguado y caldo; siguiendo a ésta tres buenos platos, entre los que formaba número el sabroso locro colorado.

Servían el café de Carabaya que, claro, caliente y cargado, despedía su aroma inspirador desde el fondo de pequeñas tazas de porcelana, cuando se presentó un propio con una carta para Lucía, quien la tomó con interés, y, conociendo la letra de don Fernando, rompió el sobre y se puso a leerla de ligero. Las impresiones de su semblante podían revelar al observador el contenido de aquella misiva, en la cual decía el señor Marín que en la madrugada del día siguiente estaría en casa, pues los derrumbes ocasionados por las repetidas nevadas en la región andina habían paralizado por un tiempo los trabajos en los minerales, y que le enviasen un caballo de refresco, por estar sin herraduras el que lo conducía

## CAPÍTULO VI

**C**uando Marcela volvió a su choza llevando un mundo de esperanzas en el corazón, ya sus hijas estaban despiertas, y la menorcita lloraba desconsolada al encontrarse sin su madre. Fueron suficientes algunos halagos de ésta y un puñado de mote para calmar a esta inocente predestinada que, nacida entre los harapos de la choza, lloraba, no obstante, las mismas lágrimas saladas y cristalinas que vierten los hijos de los reyes.

Marcela tomó con afán los tacarpus donde se coloca el telar portátil que, ayudada por su hija mayor, armó en el centro de la habitación, dejando preparados los hilos del fondo y la trama, para continuar el tejido de un bonito poncho listado con todos los colores que usan los indios, mediante la combinación del palo brasil, la cochinilla, el achiote y las flores del quico.

Jamás tomó la cotidiana labor con más alegría de ánimo, ni nunca hizo la pobre mujer más castillos en el aire sobre la manera de participar a Juan las buenas nuevas que le esperaban.

Las horas, por esta misma razón, se hicieron largas; pero al fin llegó el crepúsculo vespertino, abarcando con sus sombras tenues el valle y la población, y despidiendo de los campos a las cantoras palomas que revoloteaban en distintas direcciones en busca de su árbol bienhechor. Con estas volvió Juan, y no bien hubo sentido los pasos de su esposo, salió Marcela en su alcance: le ayudó a atar la yunta de bueyes en la cerca, echó la granza en el pesebre, y cuando su marido se sentó en un poyo de la vivienda, comenzó ella a hablarle con cierta timidez, que revelaba su desconfianza acerca de si Juan recibiría con agrado las noticias.

— ¿Tú conoces, Juanuco, a la señoracha Lucía? — preguntó la mujer.

— Como que voy a la misa, Marluca, y allí se conoce a todos — respondió Juan con indiferencia.

— Pues yo he hablado con ella hoy.

— ¿Tú? ¿Y para qué? — preguntó sorprendido el indio mirando con avidez a su mujer.

— Estoy apenada con todo lo que nos pasa; tú me has hecho ver claro que la vida te desespera...

— ¿Vino el cobrador? — interrumpió Juan a Marcela, quien repuso con calmosa y confiada expresión:

— Gracias al cielo que no ha llegado; pero, óyeme, Juanuco, yo creo que esa señoracha podrá aliviarnos; ella me ha dicho que nos socorrerá, que vayas tú...

— Pobre flor del desierto, Marluca — dijo el indio moviendo la cabeza y tomando a la chiquilla Rosalía que iba a abrazar sus rodillas—, tu corazón es como los frutos de la penca: se arranca uno, brota otro sin necesidad de cultivo. ¡Yo soy más viejo que tú y yo he llorado sin esperanzas!

— Yo no, aunque me digas que imito a la tuna, pero, ayalay, mejor es así que ser lo que tú eres, la pobre flor del mastuerzo, que tocada por la mano se marchita y ya no se levanta. A ti te ha tocado la mano de algún brujo; pero yo he visto la cara de la Virgen lo mismito que la cara de la señora Lucía —dijo la india y rió como una chiquilla.

— Será — respondió melancólico Juan —, pero yo llego rendido del trabajo sin traer un pan para ti, que eres mi virgen, y para estos pollitos — y señaló a las dos muchachas.

— Te quejas más de lo preciso, hombre; ¿acaso no te acuerdas que cuando el tata cura llega a su casa con los bolsillos llenos con la plata de los responsos de Todosantos no tiene quien le espere, como te espero yo, con los brazos abiertos, ni con los besos de amor con que te aguardan estos angelitos?... ¡Ingrato!... Piensas en el pan; aquí tenemos mote frío y chuño cocido, que con su olor nos convida desde el fogón... ¡Comerás, ingrato!

Marcela estaba demudada. Las esperanzas que Lucía le infundió le hicieron otra; y su lógica, mezclada con la

voz del corazón, que es inherente al corazón de la mujer, era irresistible, y convenció a Juan, quien tomaba en esos momentos dos ollas de barro negro colocadas en el fogón; y todos en grupo compartieron una cena agradable y frugal.

Terminada la cena y ya envuelta la choza en las tenebrosas sombras de la noche, y sin otra lumbre que la tenue llama de los palos de molle que de vez en cuando se levantaba del fogón, tomaron descanso en una cama común colocada en un ancho poyo de adobes; duro lecho que para el amor y la resignación de los esposos Yupanqui tenía la blandura comfortable de las plumas que el Amor deslizó de sus blancas alas.

Lecho de rosas donde el amor, como el primitivo sentimiento de ternura, vive sin los azares y sin los misterios de medianoche que la ciudad comenta en voz baja, no alcanzando tampoco que esto sea un secreto.

Una vez que esta historia llegue a los relatos de la ciudad más opulenta del Perú, donde se dirigen los protagonistas, tal vez tendremos ocasión de poner en paralelo el despertar del campo y el trasnochar de la capital...

No bien asomó la hora conveniente, la familia de Juan dejó el humilde chuze tejido con florones de Castilla: rezó el Alabado, santiguose la frente, y comenzó las faenas del nuevo día.

Marcela, en cuya mente bullían las ideas, fue la primera en decir:

— Juanico, yo me voy luego donde la señora Lucía. Tú estás desconfiado y taciturno, pero mi corazón me está hablando sin cesar desde ayer.

— Anda, pues, Marcela, anda, porque hoy de todos modos vendrá el cobrador; yo lo he soñado, y no nos queda otro recurso —contestó el indio, en cuyo ánimo parecía haberse operado una transición notable, bajo el influjo de las palabras de su mujer y la superstición avivada por su sueño.

## CAPÍTULO VII

**A**quella mañana la casa blanca respiraba felicidad, porque la vuelta de don Fernando comunicó alegría infinita a su hogar donde era amado y respetado.

Empeñada Lucía en hallar los medios positivos para llevar a realidad sus propósitos de socorrer a la familia de Juan Yupanqui, pensó, desde luego, explotar la poesía y la dulzura que encierra para los esposos la primera entrevista después de una ausencia. Ella, que horas antes parecía lánguida y triste como las flores sin sol y sin rocío, tornose lozana y erguida en brazos del hombre que la confió el santuario de su hogar y de su nombre, el arca santa de su honra, al llamarla esposa.

La cadena de flores que sujetó dos voluntades en una estrechó de nuevo a los esposos Marín, sujetando los eslabones el dios del Amor.

— Fernando, alma de mi alma — dijo Lucía, poniendo las manos sobre los hombros de su marido, y reclinando la frente con cierta coquetería en la barba —, voy a cobrarte una deuda, pero... ejecutivamente.



— De modo que hoy estás muy bachillera, hija; habla, pero ten en cuenta que si la deuda no consta legalmente me pagarás... multa — contestó don Fernando con sonrisa intencionada.

— ¡Multa!, si es la que cobras siempre, goloso, pagaré esa multa. Lo que debo recordar es una solemne oferta que me tienes hecha para el 28 de julio.

— ¿Para el 28 de julio?...

— ¿Te haces el olvidadizo? ¿No recuerdas que me tienes ofrecido un vestido de terciopelo que luciré en la ciudad?

— Cabales, hijita: y lo cumpliré, pues he de encargarlo por el próximo correo. ¡Oh!, ¡qué linda estarás con ese vestido!

— No, no, Fernando. Lo que quiero es que me dejes disponer del valor del vestido, a condición de presentarme el 28 de julio tan elegante como no me has visto desde nuestro casamiento.

— ¿Y qué?...

— Nada, hijo, no admito interrogatorio: di sí o no — y los labios de Lucía sellaron los labios de don Fernando, el cual, satisfecho y feliz, respondió:

— ¡Adulona!, ¿qué puedo negarte si me hablas así? ¿Cuánto necesitas para este capricho?

— Poca cosa, doscientos soles.

— Pues — dijo don Fernando sacando su cartera, arrancando una hoja y escribiendo con lápiz unas líneas— ahí

tienes la orden para que el cajero de la compañía te mande los doscientos soles. Y ahora déjame ir al trabajo para recuperar los días que he perdido en el viaje.

— Gracias, gracias, Fernando —repuso ella tomando el papel contenta como una chiquilla.

Al salir don Fernando de la habitación de Lucía en dirección al escritorio de trabajo, iba con el pensamiento sumergido en un mar de meditaciones dulces, despertadas por aquel pedido infantil de su esposa, comparándolo con los derroches con que otras mujeres victiman a sus maridos en medio de su afán por gastar lujo: y esa comparación no podía dejar otro convencimiento que el de la influencia de los hábitos que se dan a la niña en el hogar paterno, sin el correctivo de una educación madura, pues la mujer peruana es dócil y virtuosa por regla general.

Pocos momentos después de las escenas anteriores. Marcela cruzaba el patio de la casa blanca, acompañada de una tierna niña que la seguía. Aquella muchacha era portento de belleza y de vivacidad, que desde el primer momento preocupó a Lucía, haciendo nacer en ella la curiosidad de conocer de cerca al padre, pues su belleza era el trasunto de esa mezcla del español y la peruana que ha producido hermosuras notables en el país.

Mirando acercarse a la muchacha, se dijo para sí la esposa de don Fernando:

— Este será, indudablemente, el ángel bueno de Marcela, en su vida; porque Dios ha puesto un brillo peculiar en los semblantes por donde respira un alma privilegiada.

## CAPÍTULO VIII

**C**uando el cura y el gobernador salieron de casa de la señora de Marín, después de la entrevista de la tarde en que los llamó para abogar en favor de la familia Yupanqui, entrevista de cuyos detalles nos hemos enterado en el capítulo V, ambos personajes se fueron platicando por la calle en estos términos:

— ¡Bonita ocurrencia!, ¿qué le parecen a usted, mi don Sebastián, las pretensiones de esta señorona? — dijo el cura sacando de la petaca un cigarro corbatón y desdoblándolo las extremidades del torcido.

— No faltaba más, francamente, mi señor cura, que unos foráneos viniesen aquí a ponernos reglas, modificando costumbres que desde nuestros antepasados subsisten, francamente — contestó el gobernador deteniendo un poco el paso para embozarse en su gran capa.

—Y deles usted cuerda a estos indios, y mañana ya no tendremos quien levante un poco de agua para lavar los pocillos.

— Hay que alejar a estos foráneos, francamente.

— ¡Jesús! —se apresuró a decirle el cura, y tomando de nuevo el hilo de sus confidencias, continuó: — Cabalmente, es lo que iba a insinuar a usted, mi gobernador. Aquí, entre nos, en familia, nos la pasamos regaladamente, y estos forasteros sólo vienen a observarnos hasta la manera de comer, y si tenemos mantel limpio y si comemos con cuchara o con topos — terminó el cura Pascual, arrojando una bocanada de humo.

— No tenga usted cuidado, francamente, mi señor cura, que estaremos unidos, y la ocasión de botarlos de nuestro pueblo no se dejará esperar — repuso Pancorbo con aplomo.

— Pero mucho sigilo en estas cosas, mi don Sebastián. Hay que andarse con tientas; éstos son algo bien relacionados y pudiéramos dar el golpe en falso.

— Cuenta que sí, mi señor cura, francamente; que ellos están buscándole tres pies al gato. ¿Se acuerda usted lo que dijo un día don Fernando?

— ¡Cómo no! Querer que se supriman los repartos, diciendo que es injusticia; ¡ja! ¡ja! ¡ja! —contestó el cura riendo con sorna y arrojando el pucho del cigarro, que había consumido en unos cuantos chupones de aliento.

— Pretender que se entierre de balde, alegando ser pobres y dolientes, y todavía que se perdonen deudas..., ¡bonitos

están los tiempos para entierros gratuitos! Francamente, señor cura — dijo don Sebastián, cuyo eterno estribillo de francamente lo denunciaba como un hipócrita o como un tonto; y habiendo llegado ambos amigos a la puerta de la casa de gobierno o consistorial, el gobernador invitó al cura a pasar delante; y, al penetrar al salón de recibo, encontraron allí reunidos a varios vecinos notables comentando, cada cual a su modo, la llamada del párroco y del gobernador a casa del señor Marín, pues la noticia ya se sabía en todo el pueblo.

Cuando entraron los recién llegados, todos se pusieron en pie para cambiar saludos, y el gobernador pidió en el momento una botella de puro de Majes.

— Es preciso, mi señor cura, que ahogemos la mosca con un traguito, francamente — dijo con sorna el gobernador, quitándose la capa que, doblada en cuatro, colocó sobre un escaño de la sala.

— Cabales, mi don Sebastián, y usted que lo toma del bueno — contestó el cura frotándose las manos.

— Sí, mi señor cura, es del bueno, francamente; porque me lo manda doña Rufa antes de bautizarlo.

— ¿Así que nos lo brinda usted morito?

— ¡Morito! — repitieron todos los circunstantes; y en tales momentos se presentó un pongo con una botella verde surtida de aguardiente, y una copita de cristal rayado.

El menaje de la sala, típico del lugar, estaba compuesto de dos escaños sofá forrados en hule negro, claveteados con tachuelas amarillas de cabeza redonda; algunas silleas de madera de Paucartambo con pinturas en el espaldar, figurando ramos de flores y racimos de fruta; al centro, una mesa redonda con su tapete largo y felpado de castilla verde claro, y sobre ella, bizarreando con aires de civilización, una salvilla de hoja de lata con tintero, pluma y arenillador de peltre.

Las paredes, empapeladas con diversos periódicos ilustrados, ofrecían un raro conjunto de personajes, animales y paisajes de campiñas europeas.

Allí estaban empapelados Espartero y el rey Humberto, junto a la garza que escuchó los sermones de San Francisco de Asís; más allá Pío IX y la campiña de Suiza, donde comparten sus regocijos campestres la alegre labradora y la vaca que lleva un cascabel en el pescuezo.

El suelo, cubierto completamente con las esteras tejidas en Capana y Capachica, ofrecía una vista simpática con el color de la paja en su mejor estado de conservación.

La reunión constaba de ocho personas.

El cura y el gobernador, Estéfano Benites, un mozalbete vivo y de buena letra que, aprovechando de las horas de escuela algo más que los condiscípulos, es ya figura importante en

este juego de villorrio, y cinco individuos más, pertenecientes a familias distinguidas del lugar, todos hombres de estado, por haber contraído matrimonio desde los diecinueve años, edad en que se casan en estos pueblos.

Estéfano Benites cuenta veintidós años debajo del sol; es alto, y su flacura singular, unida a la palidez de la cera que muestra su semblante, cosa rara en el clima donde ha nacido, recuerda la tisis que consume el organismo en los valles tropicales.

Estéfano tomó la botella dejada por el pongo en la mesa de centro, y sirvió a cada uno su respectiva copita de aguardiente, que los concurrentes fueron tomando por turno.

Cúpoles la ración de dos copas por estómago: a la segunda quedó abierto el apetito del copeo, y las botellas fueron llegando una tras otra a pedimento de don Sebastián.

El cura y el gobernador, que se sentaron juntos en el sofá de la derecha, hablaban en secreto no sin la respectiva muletilla de Pancorbo que se dejaba oír a menudo mientras los otros razonaban también en grupo. Pero como la confianza reside en el fondo de la botella, ésta no tardó en saltar a la lengua, mojada por el puro de Majes, y aquí la de hablar claro de pe a pa.

— No debemos consentir por nada, francamente, mi señor cura: y si no, ¡qué digan estos caballeros! — dijo don



Sebastián levantando la voz y golpeando la mesa con el asiento de la copa que acababa de vaciar.

— ¡Chist! — repuso el cura sacando un pañuelo de madrás a grandes cuadros negros y blancos, y sonándose las narices, más por disimulo que por necesidad.

— ¿De qué se trata, señores? — preguntó Estéfano, y todos se volvieron con ademán hacia el párroco.

El cura Pascual tomó entonces cierto aire de gravedad, y repuso:

— Se trata... de que la señora Lucía nos ha llamado para abogar por unos indios taimados, tramposos, que no quieren pagar lo que deben; y para esto ha empleado palabras que, francamente, como dice don Sebastián, entendidas por los indios nos destruyen de hecho nuestras costumbres de reparto, mitas, pongos y demás...

— No consentiremos, ¡qué caray! — gritaron Estéfano y todos los oyentes, y don Sebastián agregó con refinada malicia:

— Y hasta ha propuesto el entierro gratuito para los pobres, y así, francamente, ¿cómo se queda sin cumquibus nuestro párroco?

La declaración no tuvo en el auditorio el efecto que produjo la perorata del cura Pascual; lo que es fácil de explicarse, atendiendo a que en el fondo había conveniencias

de un yo fatal y ejecutivo. Sin embargo, habló Estéfano en nombre de todos, concretándose a decir:

— ¡Vaya con las pretensiones de esos foráneos!

— De una vez por todas debemos poner remedio a esas malas enseñanzas; es preciso botar de aquí a todo forastero que venga sin deseos de apoyar nuestras costumbres; porque nosotros, francamente, somos hijos del pueblo —dijo don Sebastián, alzando la voz con altanería y llegando a la mesa para servir una copa al párroco.

— Sí, señor, nosotros estamos en nuestro pueblo. —  
Cabales.

— Como nacidos en el terruño.

— Dueños del suelo.

— Peruanos legítimos.

Fueron diciendo los demás, pero a nadie se le ocurrió preguntar si los esposos Marín no eran peruanos por haber nacido en la capital.

— Cuidadito no más, cuidadito, no hacerse sentir y... trabajar — agregó el cura marcando la doctrina hipócrita que engaña al hermano y desorienta al padre.

Y aquella tarde se pactó en la sala de la autoridad civil, en presencia de la autoridad eclesiástica, el odio que iba a envolver al honrado don Fernando en la ola de sangre que produjo una demanda amistosa y caritativa de su mujer.

## CAPÍTULO IX

**L**uego que Marcela estuvo cerca de Lucía, ésta no pudo contener su sorpresa preguntándole:

— ¿Ésta es tu hija?

— Sí, niñay — respondió la india —, tiene catorce años, y se llama Margarita, y va a ser tu ahijada.

La respuesta iba acompañada de satisfacción tal, que cualquiera la habría interpretado así: esa mujer se baña en el aroma de santo orgullo en que se sumergen las madres cuando comprenden que sus hijas son admiradas.

Santa vanidad maternal que orna la frente de la mujer, sea en la ciudad alumbrada por focos eléctricos, sea en la aldea iluminada por la melancólica viajera de la noche.

— Bien, Marcela, has acertado en venir con esta linda niña. A mí me gustan mucho las criaturas. Son tan inocentes, tan puras —agregó la señora de Marín.

— Niñay, es que tu alma florece para el cielo — respondió la mujer de Yupanqui, cada momento más encantada por haber encontrado el amparo de un ángel de bondad.

— ¿Has hablado con Juan? ¿Cuánta plata necesitan ustedes para pagar todo y vivir en paz? — preguntó con interés Lucía.

— ¡Ay señoracha! Ni a contarla acierto; sin duda será mucha, mucha plata, porque el cobrador, si accede a que se le devuelva en plata su reparto, pedirá por cada quinta de lana sesenta pesos, y dos son... — y comenzó a contar en los dedos, pero Lucía, aligerándole la operación aritmética, le dijo:

— Di ciento veinte.

— Pues así, señoracha, ¡ciento veinte! ¡Ah, cuánta plata...!

— ¿Y cuánto me dijiste que adelantaron?

— Diez pesos, niñay.

— ¿Y por diez cobran ahora ciento veinte? ¡Inhumanos...!

Decía esto cuando llegó el marido de Marcela confundido y sudoroso.

Entró sin etiqueta ninguna, y se fue a arrojar a los pies de Lucía. Marcela, al verlo, se levantó, azorada del asiento que poco ha tomó, y Lucía sin darse cuenta dijo:

— ¿Qué te pasa? ¿Qué ha sucedido? ¡Habla!

Y el pobre indio, entre sollozos y fatiga, apenas pudo dejarse comprender estas palabras:

— ¡Mi hija, niñay...! ¡El cobrador...!

Marcela entonces, fuera de sí, prorrumpió en gritos casi salvajes y se abalanzó a los pies de Lucía, diciéndole:

— ¡Misericordia, niña! El cobrador se ha llevado a mi hija, la menorcita, por no haber encontrado la lana. ¡Ay! ¡Ay!

— ¡Temerarios! — exclamó Lucía sin poder comprender el grado de inhumanidad de aquellos comerciantes esbirros de la usura, y, dando la mano a esos desventurados padres quiso aun calmarlos diciéndoles con voz cariñosa:

— Pero si sólo han sacado a la chica, ¿por qué se desesperan así? Luego la devolverán. Ustedes les llevarán la plata y todo quedará en paz, o alabaremos a Dios por consentir el mal para mejor apreciar el bien. ¡Cálmense...!

— No, señoracha, no —repuso el indio algo repuesto de su confusión—, pues si vamos tarde ya no volveremos a ver más a mi hija. ¡Aquí la venden a los majeños, y se las llevan a Arequipa...!

— ¿Es posible, gran Dios? — exclamaba Lucía empalmando las manos al cielo, cuando apareció en la puerta la simpática figura de don Fernando, alcanzando a escuchar las palabras de su esposa, y quedándose un tanto irresoluto para proseguir sus pasos al ver los semblantes de los indios que rodeaban a Lucía, quien, al verle, fue a arrojarse en sus brazos diciéndole:

— ¡Fernando, Fernando mío! ¡Nosotros no podemos vivir aquí! Y si tú insistes, viviremos librando la sangrienta batalla de los buenos contra los malos. ¡Ah!, ¡salvémoslos!

Mira a estos desventurados padres. ¡Para socorrer a éstos te pedí los doscientos soles, pero aun antes de haber hecho uso de ellos les han arrebatado su hija menor y se la llevan a la venta! ¡Ah! ¡Fernando! Ayúdame, porque tú crees en Dios, y Dios nos ordena la caridad antes que todo.

— ¡Señor!

— ¡Wiracocha! — dijeron a una voz Juan y Marcela estrujando sus dedos, mientras Margarita lloraba en silencio.

— ¿Sabes dónde ha ido el cobrador llevando a tu hija? — preguntó don Fernando dirigiéndose a Juan, y disimulando las emociones que se traslucían en su semblante, pues él no ignoraba los medios que empleaban aquellas gentes notables como uso corriente.

— ¡Sí, señor!, donde el gobernador han ido — contestó Juan.

— Pues, vamos, sígueme — ordenó don Fernando con manifiesta resolución, y salió seguido de Juan.

Marcela iba a precipitarse también tras ellos con Margarita, pero Lucía la detuvo tomándola de la mano, y le dijo:

— Madre desventurada, tú no vayas; ofrece tu dolor al Autor de la resignación. Tus asuntos se han de arreglar hoy; te lo ofrezco por la memoria de mi madre bendita. Siéntate. ¿Cuánto debes al señor cura?

— Por el entierro de mi suegra, cuarenta pesos, niñay.

— ¿Y por esto te embargó la cosecha de papas?

— No, niñay, por los réditos.

— ¿Por los réditos? ¿Así que ustedes habrían quedado eternamente deudores? —preguntó con gesto significativo la señora de Marín.

— Así es, niñay, pero la muerte también le puede jugar chaco al tata cura, pues ya hemos visto morir muchos curas que duermen en el campo santo sin cobrar sus deudas —repuso Marcela recobrando gradualmente su apacible actitud.

La sencilla filosofía de la india, que llevaba tintes de un desquite, hizo sonreír a Lucía, quien llamó a un sirviente y le entregó la orden escrita que tenía, mandándole traer el dinero en el momento.

Entretanto ofreció a Marcela una copita de ginebra, como reparador de sus fuerzas abatidas; tomó una rebanada de pan que estaba sobre un canastillo de alambre, y lo presentó a Margarita, diciéndole.

— ¿Te gustan las golosinas? Esto es un pan de dulce con canela y ajonjolí; es muy rico.

La niña tomó el regalo con ademán melancólico y agradecido, y todos se pusieron a esperar la vuelta de alguno de los seres que aguardaban.

El sirviente fue el primero que volvió con el dinero, y tomando Lucía cuarenta soles fuertes los entregó a la india diciéndole:

— Toma, pues, Marcela, estos cuarenta soles, que son cincuenta pesos. Anda, paga la deuda al señor cura; no le hables de nada de lo que sucede con el cobrador; y si te pregunta de dónde tienes esta plata, respóndele que un cristiano te la ha dado en nombre de Dios, y nada más. No te detengas y procura volver pronto.

Eran tales las emociones de la pobre Marcela, que le temblaban las manos de modo que apenas pudo contar el dinero, dejando caer las monedas a cada momento, en una, tres y cuatro piezas.



## CAPÍTULO X

**A**taquemos las costumbres viciosas de un pueblo sin haber puesto antes el cimiento de la instrucción basada en la creencia de un Ser Superior, y veremos alzarse una muralla impenetrable de egoísta resistencia, y contemplaremos convertidos en lobos rabiosos a los corderos apacibles de la víspera.

Digamos a los canibus y huachipairis que no coman las carnes de sus prisioneros, sin haberles dado antes las nociones de la humanidad, el amor fraternal y la dignidad que el hombre respeta en los derechos de otro hombre, y pronto seremos también reducidos a pasto de aquellos antropófagos, diseminados en tribus en las incultas montañas del «Ucayali» y el «Madre de Dios».

Juzgamos que sólo es variante de aquel salvajismo lo que ocurre en Kíllac, como en todos los pequeños pueblos del interior del Perú, donde la carencia de escuelas, la falta de buena fe en los párrocos y la depravación manifiesta de los pocos que comercian con la ignorancia y la consiguiente

sumisión de las masas alejan, cada día más, a aquellos pueblos de la verdadera civilización, que, cimentada, agregaría al país secciones importantes con elementos tendentes a su mayor engrandecimiento.

Don Fernando se presentó en compañía de Juan en casa del gobernador, quien se encontraba rodeado de gente, despachando asuntos que él llamaba de alta importancia, gente que fue desfilando sin etiqueta, hasta dejar solos a Pancorbo y el señor Marín.

Casi a la entrada de la casa estaba en cuclillas una chiquilla de cuatro años de edad que, al ver a Juan, se abalanzó a él como perseguida por una jauría de mastines.

Don Fernando entró serio y pensativo.

Vestía un terno gris de tela tejida en las fábricas de casimir de Lucre, confeccionado con todo el arte del caso por el más afamado sastre de Arequipa.

La persona de don Fernando Marín era distinguida en los centros sociales de la capital peruana, y su fisonomía revelaba al hombre justo, ilustrado en vasta escala, y tan prudente como sagaz. Más alto que bajo, de facciones compartidas y color blanco, usaba patilla cerrada y esmeradamente criada al continuo roce del peine y los aceitillos de Oriza. Ojos verde claro, nariz perfilada, frente despejada y cabellos taiño ligeramente rizados y peinados con cuidado.

Cuando penetró al salón—despacho del gobernador, se descubrió con política, tomando en la mano izquierda su sombrero de paño negro, y alargándole la diestra a Pancorbo, dijo:

— Excúseme, don Sebastián, si interrumpo sus labores, pero el cumplimiento de un deber de humanidad me trae a solicitar de usted que le sea devuelta a este hombre la hijita que le han tomado, sin duda en rehenes por una deuda, y que sea castigado el autor de ese delito.

— Tome usted asiento, mi don Fernando, y, hablemos despacio: estos indios, francamente, no deben oír esas cosas — respondió don Sebastián variando de lugar, y sentándose casi junto a don Fernando continuó en voz bien baja:

— Verdad que le han traído la hijita, ahí está pues, pero eso, francamente, es sólo un ardí para obligarlo que pague unos dos quintales de alpacho que debe desde ahora un año.

— Pues a mí me ha asegurado, señor gobernador, que esa deuda dimana de unos diez pesos, que forzosamente le dejaron en la choza el año pasado, y que ahora le obligan a pagar dos quintales de lana, cuyo valor aproximado es de ciento veinte pesos —replicó don Fernando con seriedad.

— ¿No sabe usted que esa es costumbre y comercio lícito? Francamente, yo aconsejo a usted no apoyar a estos indios — arguyó Pancorbo.

— Pero don Sebastián...

— Y por último, para aclarar todo, francamente, mi don Fernando, ese dinero es de don Claudio Paz.

— El señor don Claudio es mi amigo, yo hablaré con él...

— Esa es otra cosa así que, francamente, por el momento, hemos terminado —dijo don Sebastián levantándose de su asiento.

— No creo, señor Pancorbo, porque deseo que usted haga devolver la hija al padre. Si usted acepta mi garantía por el dinero...

— Corriente, mi don Fernando; allá que se la lleve Juan a la muchachita, y usted firmará una garantía —respondió don Sebastián acercándose a la mesa de donde tomó un pliego de papel, que colocó en situación de escribir, e invitando a don Fernando, agregó — Estas cosas no son desconfianza, mi amigo; pero, francamente, son necesarias, pues reza el refrán que cuenta y razón conservan la amistad.

Don Fernando acercó una silleta a la mesa, escribió algunos renglones y después de rubricarlos pasó el pliego a don Sebastián. Éste se dio un golpecito en el bolsillo cartera de chaqué y dijo:

— ¿Mis anteojos?...

Los anteojos estaban colocados al borde de la salvilla del peltre; los vio don Sebastián y calándoselos repasó la

escritura; después dobló el papel, lo guardó en el bolsillo, y dirigiéndose a don Fernando, le dijo:

— Muy bien, francamente, estamos arreglados, señor Marín, mis respetos a mi señora Lucía.

— Gracias, adiós — repuso don Fernando con amabilidad, alargando la mano que estrechó el gobernador, y salió sacudiendo el polvo de aquella factoría de abusos. Con él salió Juan llevando en sus brazos a la pequeña Rosalía.

Apenas dejó don Fernando la sala del gobernador, entró la mujer de éste, y tomándole el brazo con cierta dureza le dijo:

— ¡Si no puedo ya contigo, Sebastián! Tú me vas a hacer tan desgraciada como a la mujer de Pilatos, condenando tanto justo y poniendo tus garabatos en tanto papel que más provecho te dejará no leerlo siquiera.

— ¡Mujer! — dijo con aspereza por toda respuesta don Sebastián; pero su esposa continuó:

— Estoy al cabo de todo lo que ustedes fraguan contra ese pobre don Fernando y su familia, y te pido que te apartes. ¡Apártate, por Dios, Sebastián! Acuérdate de... nuestro hijo, se avergonzaría mañana.

— Quítate, mujer, tú siempre estás con estas cantaletas. Francamente, las mujeres no deben mezclarse nunca en cosas de hombres, sino estar con la aguja, las calcetas y los

tamalitos, ¿eh? —contestó enfadado Pancorbo; pero doña Petronila insistió en la réplica.

— Sí, eso dicen los que para acallar la voz del corazón y del buen consejo echan a un diantre nuestras sanas prevenciones. ¡Acuérdate, Chapaco! —agregó con intención, golpeando la mesa con la palma de la mano, y salió haciendo una mueca desdeñosa.

Don Sebastián lanzó un ¡uf! parecido a un bufido, y se puso a torcer tranquilamente un cigarro.

# CAPÍTULO XI

**D**oña Petronila Hinojosa, casada, según el ritual romano, con don Sebastián Pancorbo, tocaba en los umbrales de los cuarenta años, edad en que había adquirido la propiedad de un cuerpo robusto y bien compartido, grueso, sin llegar a los límites de la obesidad.

Su fisonomía revelaba, al primer examen, un alma bonachona que, en el curso de la vida y en un centro mejor que aquel en que le cupo la suerte de nacer, podía despuntar de noble y en aspiraciones elevadas.

Su vestido es de lo más distinguido que se gasta en Kíllac y sus comarcas.

Lleva los dedos cuajados de sortijas de poco valor; de sus orejas penden enormes chupetes de oro con círculo de diamantes finos: su pollerón de merino café claro luce cinco filas de volantitos menudamente encarrujados; y su mantón de cachemira a grandes cuadros grana y negro, con fleco largo rizado, va sujeto a la derecha con un prendedor de plata en forma de águila.

Con este conjunto, doña Petronila es el tipo de la serrana de provincia, con su corazón tan bueno como generoso, pues que obsequia a todo el mundo, y derrama lágrimas por todo el que se muere, conózcalo o no. Tipo desconocido en las costas peruanas, donde la elegancia en el vestir y el refinamiento de las costumbres no permiten dar una idea cabal de esta clase de mujeres, que poseen corazón de oro y alma de ángel dentro de un busto de barro mal modelado.

Doña Petronila, con educación esmerada, habría sido una notabilidad social, pues era una joya valiosa perdida en los peñascales de Kíllac.

Si la mujer, por regla general, es un diamante en bruto, y al hombre y a la educación les toca convertirlo en brillante, dándole los quilates a satisfacción, también a la Naturaleza le está confiada mucha parte de la explotación de los mejores sentimientos de la mujer cuando llega a ser madre. Doña Petronila lo era de un joven que revelaba inteligencia notable, y que debía ser el heredero de las virtudes de su madre; pues, sea por gracia de predestinación, sea por haber ganado la batalla su ángel bueno en la lucha con el mal, se libró de ser contaminado en la corriente de depravación opresiva que existe en los pueblos chicos, llamados, con fundada razón y justicia, infiernos grandes.



## CAPÍTULO XII

**M**arcela, que se encaminó a la casa del párroco, seguida de su graciosa Margarita, llevando los cuarenta soles de plata, halló al cura Pascual sentado junto a la puerta de su pequeño gabinete, cerca de una mesa de pino, tosca y añosa, cubierta con un paño que dejaba sospechar haber sido azul en sus tiempos de estreno. Tenía en la mano izquierda el breviario con el dedo índice metido a la mitad del volumen entre foja y foja, y recitaba, aunque maquinalmente, el rezo del día.

Marcela llegó con paso tímido y dio el saludo así:

— Ave María Purísima, tata curay — y se inclinó a besar la mano del sacerdote, enseñando a Margarita que hiciese otro tanto.

El cura, fijándose en la muchacha y sin apartar la vista, repuso:

— Sin pecado concebida — y luego agregó— ¿De dónde me has sacado, bribona, esta chica tan guapa y tan rolliza?

— Es, pues, mi hija, tata curay — respondió Marcela.

— ¿Y cómo no la conozco yo? — preguntó el cura Pascual agarrando con los tres dedos de la derecha el carrillo izquierdo de la muchacha.

— Es que vengo poco a esta estancia por no haber cumplido con nuestra deuda, y por esto no la reconoces, tata curay, a la huahua.

— ¿Y cuántos años tiene?

— Yo... he contado como catorce años desde su óleo, señor.

— ¡Ah!, entonces no le eché yo el agua, porque apenas ha seis años que vine; y ¡bien!, este año ya la pondrás al servicio de la iglesia, ¿no? Ya puedes entrar a lavar los platos y los calcetines.

— ¡Curay...!

— Y tú, roñona, ¿cuándo haces la mita? ¿No te toca ya el turno? — preguntó el cura clavando los ojos en Marcela, y palmeándole las espaldas con ademán confianzudo.

— Sí, curay — respondió temblorosa la mujer.

— ¿O has venido ya a quedarte? — insistió el cura Pascual.

— Todavía no, señor; ahora vengo a pagar los cuarenta pesos del entierro de mi suegra, para que quede libre la cosechita de papas...

— ¡Hola!, ¡hola! ¿Conque plata tenemos, eh? ¿Quién durmió anoche en tu casa?

— Nadie, tata curay.

— Nadie, ¿eh? Alguna roña le has hecho a tu marido, y yo te enseñaré a entrar en esas picardías con bandoleros dando mal ejemplo a esta chiquilla...

— No hables así, tata curay — suplicó la mujer bajando los ojos ruborizada, y poniendo al mismo instante los cuarenta soles sobre la mesa. El cura, al ver la plata, distrajo su primera intención, soltó el breviario, que había colocado distraído debajo del brazo, y se puso a recontar y examinar la ley de las monedas.

Luego que se hubo persuadido de la cantidad y calidad de la plata, abrió un enorme escaparate de madera con chapa de cerrojo corredizo, donde guardó el dinero, y volviéndose en seguida a Marcela le dijo:

— Bien; son los cuarenta soles, y ahora, háblame, hija. ¿Quién te ha dado esta plata? ¿Quién ha ido anoche a tu casa?

— No hables así, tata curay, el juicio temerario cuando sale de los labios oprime el pecho como piedra.

— India bachillera, ¿quién te ha enseñado esas gramáticas?... Háblame claro.

— Nadie, tata curay, mi alma está limpia.

— Y, ¿de dónde has sacado esa plata? A mí no me engañas, yo quiero saberlo.

— Un cristiano, tata curay — respondió Marcela bajando los ojos y tosiendo con ficción.

— ¡Cristiano! ¿No ves? Gato encerrado tenemos; habla..., porque yo... quiero devolverte esa plata.

— La señora Lucía me ha prestado, y dame el vuelto para retirarme —dijo la madre de Margarita, tímida por quebrantar con aquella revelación el primer mandato de su benefactora. Y el cura Pascual, al oír el nombre de la esposa de Marín, dijo, como picado por la víbora del despecho:

— ¿Vuelto?... ¡Qué vuelto! Otro día te lo daré —y mordiéndose los labios con pasión reprimida, murmuró — ¡Lucía! ¡Lucía!

El cura volvió a tomar su asiento, preocupado y sin parar ya mientes en la despedida sumisa de Marcela y Margarita, a quienes vio alejarse mascullando frases entrecortadas. Acaso tomaba de nuevo el hilo de sus rezos interrumpidos por la esposa de Juan Yupanqui.

## CAPÍTULO XIII

**L**a entrada de don Fernando a su casa fue un motivo de regocijo.

Volvía triunfante con Juan y Rosalía: iba a recibir todas las manifestaciones de gratitud de su esposa; iba a saborear la satisfacción del bien practicado, a aspirar el aroma edénico que perfuma las horas siguientes a esas en que se consuela una desgracia o se enjuga una lágrima.

Lucía lloraba de placer.

Su llanto era la lluvia bienhechora que da paz y dicha a los corazones nobles.

Juan se arrodilló ante la señora Marín, y mandó a Rosalía besar las manos de sus salvadores.

Don Fernando contempló por un segundo el cuadro que tenía delante, con el corazón enternecido, y dirigiéndose al sofá se echó de costado apoyando la espalda con firmeza, y diciendo a su esposa:

— Pocas veces me engaño, hija: creo que don Sebastián ha quedado profundamente herido en su amor propio por mi intervención a favor de éstos.

— No lo dudes, Fernando; yo lo creo a pie juntillas, pero también, ¿qué puede hacer en represalia? —contestó Lucía acercándose a su esposo, pasándole la mano y acariciándole la cabellera.

— Mucho, ángel mío, mucho; estoy verdaderamente pesaroso de haber invertido capitales en esta sociedad minera, en la inteligencia de que sería cuestión de un año a lo sumo.

— Sí, Fernando mío pero acuérdate de que estamos al lado de los buenos —respondió Lucía con sencillez.

— Ya encontraré forma de arreglar todo —decía el señor Marín, cuando se presentaron Marcela y Margarita llevando la alegría por divisa, y ambas se entregaron a vivos transportes de afecto ya con Juan, ya con Rosalía, a quien creían vendida y exportada.

— Señor, señora, Dios les pague — decía Margarita dirigiéndose al esposo y la esposa.

— ¡Juanuco! ¡Rosaco! ¡Ay! ¡Ay!, dónde te hubiesen llevado, hija mía, sin la caridad de esta señora y este wiracocha — decía la madre con acento de ternura, tomando en brazos a su hija y cubriéndola de besos. Lucía, deseosa de saber el resultado de su comisión, preguntó a Marcela:

— ¿Cómo te fue? Y qué contentas vienen ustedes.

Marcela dejó a un lado a Rosalía, y poniéndose en actitud respetuosa, contestó:

— ¡Señoracha, el tata cura tiene su alma vendida a Rochino!

— ¿Y quién es ese Rochino? — preguntó interesada Lucía e interrumpiendo a la mujer; pero Juan fue el que repuso sonriente:

— Rochino, niñay, es el brujo verde que dicen vive en la quebrada de los suspiros, con olor a azufre, y compra las almas para llevarlas a vender en mejor precio en el Manchay puito.

— ¡Jesús, qué brujo! Me da miedo —dijo Lucía riendo, y dirigiéndose a su esposo, le preguntó:

— ¿Sabes, Fernando, lo que es el Manchay puito?

— Infierno aterrador — respondió don Fernando, cuya curiosidad también fue picada por el comienzo que Marcela daba a su relato, y, a su vez, dijo:

— Bien, y ¿por qué dices que el cura ha vendido su alma a Rochino?

— ¡Ay, Wiracocha!, cuando le dije que iba a pagarle, me empezó a examinar que quién había dormido anoche en mi casa, que era un bandolero con quien hice roña a Juan...

— ¿Eso te dijo el cura? — interrumpió Lucía espantada. — Sí, niñay, y dijo otras cosas para hacerme declarar. — ¿Y qué?

— Tuve que declararle.

— ¿Qué cosa declaraste? — preguntó Juan interesado en grado que hizo reír a don Fernando y Lucía.

— La verdad, claro.

— ¿Y qué verdad fue esa? Habla — insistió Yupanqui

— Que la señora Lucía nos ha prestado la plata.

— ¿Le has dicho? — preguntó la señora Marín con enojo, alzando del suelo un pañuelo que dejó caer.

— Sí, niñay —, perdóname mi desobediencia, pero de otro modo no me deja salir de su casa el tata cura — respondió Marcela con ademán suplicante.

— Mal hecho, muy mal hecho — dijo Lucía contrariada y moviendo la cabeza.

— Esto es más claro que lo del gobernador, hija, porque si don Pascual se convino en transigir, ¿qué te importa que sepa él ser tú la dueña del dinero? — aclaró don Fernando.

— Así es, señor, y hasta el vuelto, dijo que otro día me lo daría; y quedó contento de la gracia de Margarita, a quien dice que pronto la he de poner al servicio de la iglesia — explicó Marcela con llaneza.

— ¿A Margarita? ¡Jesús! — dijo Lucía, sin disimular su contrariedad.

— Sí, niñay — repuso Marcela tomando a Margarita de la mano y presentándola a don Fernando y su esposa.



Don Fernando detuvo la mirada con insistencia escudriñadora sobre el rostro y el porte de la niña, y dijo a su esposa:

— ¿Has reparado en la belleza tan particular de esta criatura?

— ¿Y qué no, Fernando? Desde que la vi estoy profundamente interesada por ella.

— Esta niña debe educarse con esmero — dijo don Fernando tomando con cariño la mano de Margarita que, silenciosa como un clavel, mostraba su belleza y esparcía el aroma de sus encantos.

— Va a ser nuestra ahijada, Fernando; me ha hablado para esto Marcela, ¿no? — dijo Lucía dirigiendo su final a la madre de Margarita.

— Sí, niñay.

— Sí — respondieron a una voz Juan y Marcela.

— Hablaremos de ello mañana: por hoy, váyanse a descansar tranquilos — agregó don Fernando, levantándose y dando dos suaves palmaditas en los carrillos a Margarita y Rosalía simultáneamente, y toda la familia Yupanqui salió renovando su gratitud con estas sublimes frases:

— ¡Dios les pague!

— ¡Dios les bendiga!

— Adiós: vengan cuando gusten —l es dijo Lucía con ademán amistoso.

Tras de los esposos Yupanqui y sus hijas cerró don Fernando la mampara y preguntó a Lucía:

— ¿Cuántos años tendrá Margarita?

— Su madre dice que tiene catorce, pero su talla, su belleza, el fuego de sus ojos negros, todo revela en ella los tintes que la mujer adquiere entrada ya en los linderos de la pubertad.

— No es extraño, hija; este clima es exuberante. Pero ahora debemos pensar en otra cosa. Acuérdate que debemos varias visitas a doña Petronila, y deseo que vayamos esta noche. Así quedará ella desimpresionada de lo que pueda haberle contado don Sebastián.

— Como gustes, Fernando doña Petronila es una excelente señora. En eso del dinero, te suplico que arregles con el gobernador, pagándole. Éstos se enconan cuando se les escapa un duro de entre las manos.

— Bien los conoces, hija.

— ¿No ves cómo quedó en paz el cura? Ahí tengo el resto de los doscientos soles que te pedí.

— ¡Ocurrencia la tuya! Descuida, hija; eso lo tomaré yo a cargo, y no habrá molestia alguna por la falta de entrega.

— Fernando, ¡cuán bueno eres! Así se lo voy a decir a doña Petronila, si se ofrece. Y a propósito, me dicen que su hijo está próximo a llegar.

— Lo siento, porque un joven acá se malogra.

— Voy, pues, a cambiarme la bata — dijo Lucía dirigiéndose al interior—, no te haré esperar siglos.

## CAPÍTULO XIV

**T**an luego como Marcela salió de la casa parroquial y el cura acabó sus rezos, llamó al pongo y le dijo:

— Pégate una carrerita donde don Sebastián, y dile que precisa mucho que me vea en el momento; que venga con los amigos.

— Sí, tata curay.

— Y después te pasas donde don Estéfano, y le dices que venga; y después pones la calentadora al fogón y la chocolatera al rescoldo, y dices a Manuela y Bernarda que aticen.

— Sí, tata curay — repuso el pongo, y salió con paso de postillón conductor de valija.

Don Sebastián estaba, casualmente, saliendo de su casa embozado en su eterna capa, cuando se le acercó el enviado del párroco, y después de escuchar atento el recado del cura Pascual, dijo al pongo:

— Regrésate de aquí no más; yo diré a los amigos —y dirigió sus pasos hacia la casa de Estéfano.

No obstante, el pongo, para cumplir exactamente con las órdenes de su patrón, fue a casa de Estéfano, y con su andar ligero se puso otra vez, en dos trancos, en la casa parroquial, yéndose en derechura a la cocina, donde cumpliría la segunda parte del mandato.

Cuando Pancorbo entró en casa de Estéfano Benites, éste se encontraba en una sala— tenducho, sentado alrededor de una pequeña mesa cubierta con un poncho de vicuña, jugando a la brisca en compañía de los mismos sujetos que conocimos trincando el morito en casa del gobernador.

Luego que Estéfano oyó el recado del cura Pascual, tiró las barajas sobre la mesa y dijo:

— Vamos, compadres, la iglesia nos llama.

— Y yo que tenía la cala segura — murmuró uno, llamado Escobedo, rascándose la cabeza con la mano izquierda, y acariciando las cartas que tenía abiertas en la diestra.

— ¿Cuyo era el dos? — preguntaron varios levantándose simultáneamente, disponiéndose a marchar.

— Si el dos estaba todavía en la basa — contestó Estéfano arreglándose el sombrero que tenía echado hacia la nuca; y todos salieron en grupo, apareciendo don Sebastián que entraba al mismo tiempo, quien saludó diciendo:

— Cuando se mienta al ruin de Roma...

— Luego asoma — concluyeron todos a una voz, y don Sebastián, riendo con jovialidad, contestó:

— Ajá, y me place encontrar a todos ustedes reunidos, francamente, nuestro cura nos necesita.

— Vamos, pues, compadritos, que tal vez falte ayudante para un Dominus vobiscum — agregó con ademán picaresco Benites; y todos, riendo de la ocurrencia, continuaron el camino.

La influencia ejercida por los curas es tal en estos lugares, que su palabra toca los límites del mandato sagrado; y es tanta la docilidad de carácter del indio, que no obstante de que en el fondo de las cabañas, en la intimidad, se critica ciertos actos de los párrocos con palabras veladas, el poder de la superstición conservada por éstos avasalla todo razonamiento y hace de su voz la ley de los feligreses.

La casa de Estéfano Benites dista sólo tres cuadras de la parroquial; así que el cura no tuvo mucho que aguardar, y al oír el tropel salió a la puerta de la vivienda a recibir a sus visitas.

— Santas tardes, caballeros; así me gusta la gente, cumplida —dijo el cura alargando la mano a unos y otros.

— Para servir a usted, mi señor cura —contestaron todos en coro sacándose los sombreros.

— Tomen ustedes asiento... Por acá, mi don Sebastián... don Estéfano, acomódense, caballeros — dijo el cura Pascual señalando este y aquel asiento, y haciendo lujo de amabilidad.

— Gracias, así estamos bien.

— Mi cura, francamente, es usted muy amable.

— Pues, señores, las cosas se desgalgan y he tenido que molestar a ustedes —continuó el cura dando una vuelta como quien busca algo.

— No es molestia ninguna, señor cura —repusieron todos con esa manera de hablar en coro que se usa entre la gente de provincia.

— Sí, señores, pero no hemos de hablar a secas — dijo don Pascual sacando una sarta de llaves del bolsillo derecho de la cuasisotana, abriendo el escaparate donde estaban también los cuarenta soles de Marcela, y sacando un par de botellas con unas copitas, y poniéndolas sobre la mesa, agregó:

— Este es un licorcito con escorzonera y anís; no nos hará daño para el flato.

— Es usted muy amable, mi cura, pero francamente, usted se molesta; que sirvan estos jóvenes — dijo don Sebastián; y poniéndose en pie Estéfano corrió a recibir del cura la botella con que principiaba a servir, diciendo:

— Deme usted, señor, yo haré esto.

— Corriente — repuso el cura alargando la botella, y se fue a sentar en su sillón de vaqueta, al lado de don Sebastián.

— A la salud de ustedes.

— A la suya, señor cura.

Fueron las frases cruzadas, y seapuró la primera copa. Don Sebastián, haciendo el gesto respectivo y escupiendo al rezago, dijo:

— ¡Qué traguito tan confortable, francamente, que es... buenazo!

— Buen gusto le da la escorzonera.

— Yo sólo siento el anís.

— Estará con catarro, ¡bah!

Tales fueron las palabras que simultáneamente se dejaron oír, y alcanzando su copa vacía don Pascual, dijo:

— Pues hijos, se me ha humillado como a un cualquiera, haciéndome botar a las barbas los reales que me debía el tal indio Yupanqui, de que ustedes ya tienen noticia por lo que hablamos la otra tarde.

— ¿Cómo?

— ¿Qué?...

— Ya es insoportable esto, mi cura, francamente; esto mismo ha pasado hoy conmigo — repuso don Sebastián; y Estéfano, siempre listo, dijo:

— Es un ataque directo a nuestro cura y a nuestro gobernador, pero...

— ¡No lo consentiremos! — repusieron todos a una.

— Debemos castigarlos, francamente —dijo don Sebastián, y golpeando el suelo con el tacón de la bota, agregó:



— Y estando las cosas calentitas...

— Sí, hijos; lo demás es dejarse meter los dedos a los ojos de la cara y uno no está muerto — apoyó el cura.

— Resolvamos en el acto: ustedes digan qué podemos hacer —dijo Escobedo acercándose a servir una copa, sin dar explicación alguna de este comedimiento, pero diciendo en voz baja a Estéfano:

— ¡Qué chambonazo! Dejaste la botella sin tapa.

— Yo dirigiré la campaña, ¡qué caray! — gritó Estéfano ardiendo en entusiasmo.

— Si ustedes quieren, también yo, francamente, estoy listo — observó el gobernador.

— Procedamos por partes — aclaró el cura, recibiendo de Escobedo la copa que le brindaba, y desde aquel momento todos bebían de su cuenta y voluntad, obligando en breve a que se abriese de nuevo el escaparate para sacar las botellas.

El ánimo exaltado por el licor comenzó a producir discursos acelerados, y el cura Pascual, llamando al pongo, le dijo en secreto:

— ¿Ya hirvió el agua?

— Sí, tata curay; también la señora ha venido.

— Bueno, dile, pues, que pase a la alcoba, que me aguarde, y tú trae todo listo.

El pongo, ágil como bien ejercitado en esta clase de servicios, no tardó en colocar en la mesa las tazas y una tetera de loza blanca surtida de té en estado de reposo; quedando en la puerta las dos mujeres mitayas, Manuela y Bernarda, de la servidumbre de la casa parroquial.

— Tomaremos una taza de té, caballeros — dijo el cura Pascual.

— Tanta molestia — respondieron varios.

— A ver, yo me encargaré de esto — dijo Escobedo agarrando la tetera por el asa.

— ¿Con bastante tranquila raspada? ¿eh?, hace un friecito, francamente — observó don Sebastián, frotándose las manos y fingiendo cierta tosecita.

— Ahora que vamos a tratar a lo serio, hemos hecho muy mal de venir todos reunidos — hizo notar Estéfano.

— Ciertamente. Es preciso salir disimulando — opinó Escobedo.

— Conviene llamar al campanero para explicarle en falso la cosa — dijo el cura apurando dos tragos de té y colocando la taza sobre el platillo.

— Lo bueno es dar... francamente, golpe final y decisivo.

— Entonces la culpa fue de la mala disposición.

— Sin que nos salga el tiro errado como la vez que atacamos al francés.

— La cosa es atacar y tomarlos sin salida a don Fernando y doña Lucía y...

— ¡Matarlos!

— ¡Bravo!

El sonido de varias tazas soltadas sobre los platillos formó coro a la última voz de aquel diálogo criminal, de donde salió la sentencia de muerte de don Fernando Marín y su esposa.

El cura dijo:

— Esa prevención al campanero es indispensable para que yo no aparezca, ¿eh?...

— Sí, señor cura; le diremos que se dice que unos bandoleros piensan atacar la iglesia, y que esté listo para tocar a rebato en el momento necesario — dijo Benites.

— Muy bien. Yo me encargo de la seña — repuso Escobedo dando un salto.

— Lo que conviene es esparcir la noticia en todo el pueblo, en varias formas: francamente, debemos tomar toda precaución para las averiguaciones posteriores — dijo Pancorbo; a lo que siguieron estas frases:

— Yo diré que piensan robar la casa cural.

— Yo que viene un batallón disperso.

— ¡Tontos! Yo digo que unos arequipeños se quieren llevar a nuestra Virgen Milagrosa.

— ¡Magnífico! Pero, francamente, las gentes irán a la iglesia — observó Pancorbo.

— No, señor — eso es para reunir las, y después se dice que los asaltadores se han refugiado donde don Fernando, y ¡cataplum! — aclaró Estéfano Benites.

— Sí, está bien así: lo demás se desgalfa, porque el pueblo exaltado no razona — reflexionó el cura Pascual alargando una copa a Estéfano y otra a Escobedo.

— No olvidemos comprometer al Juez de Paz.

— Francamente eso, eso es de no descuidarse.

— El Juez de Paz tiene su querencia donde la quiquijaneña, yo iré por allá ahora, y lo engatuso — ofreció Benites.

— Ahora vamos — dijeron todos, y comenzaron a dar la mano al cura, que los despidió diciéndoles:

— Prudencia, pues, hijos — y salieron uno por uno tomando diferentes direcciones.

El cura se quedó hablando en secreto con el gobernador, no sin menudear el licorcito de su recomendación, y dijo:

— ¡Ese muchacho Benites vale plata!, audaz y prevenido.

— Cabales, mi cura; francamente, que eso del Juez de Paz se nos iba escapando. — Sí, bien dicen que los jóvenes de este tiempo saben mucho.

— Y de seguro que lo halla ahora al turno donde la quiquijaneña, francamente, ¡qué rabisalse y buena mozota

que es! Creo que usted también, mi cura, estaba rondando esos barrios, francamente — dijo con aire de chanzoneta don Sebastián, a lo que él repuso riendo:

— ¡Qué, mi gobernador! — y le dio una palmadita en el hombro.

— Adiós, pues, mi cura, es hora de retirarse, y francamente que la noche está friecita como puna.

— A ver un gorrito para la cabecera, usted se irá a roncar — dijo el cura Pascual sirviendo dos copas llenas y alargando una a Pancorbo.

— ¡Qué a roncar!, francamente, yo ni voy a mi casa me quedaré por ahí, por donde la Rufa, para ver mejor cómo se portan los muchachos.

— Bueno, bueno, mi don Sebastián; así que, hasta prontito — repuso el cura dándole un apretón de manos a su amigo.

Un cuarto de hora después, en todos los tenducos donde se vendía licor se oía algazara, disputas, glosas de marineras con acompañamiento de guitarra y bandurria, y los jaleos del baile, como que corría abundante el zumo de la vid.

Y las víctimas signadas para el sacrificio, con la paz en el alma y la felicidad en sus amantes corazones, se dirigían en aquellas mismas horas a casa de don Sebastián, de su oculto verdugo, en busca de la esposa de éste.

## CAPÍTULO XV

**E**l sol de la felicidad alumbraba la casa de doña Petronila con los más puros de sus rayos.

Doña Petronila era la madre venturosa porque había estrechado en sus brazos, después de larga ausencia, a su querido Manuel, al sueño de sus horas dormidas, al delirio de sus días tristes: al hijo de su corazón.

Manuel, que salió niño de Kíllac, había vuelto convertido en todo un hombre de bien, no habiendo perdido un día en las labores escolares.

Manuel se encontraba sentado junto a su madre, teniendo las manos de ésta entre las suyas, contemplándola embelesado de satisfacción y departiendo las confidencias de familia.

Don Fernando y Lucía aparecieron en la puerta y al verlos pusiéronse de pie doña Petronila y Manuel, quien fue presentado por su madre con ese lenguaje inventado por las buenas madres. Así, dijo:

— Señora Lucía, señor Marín; este es, pues, Manuelito, mi niño, tan chiquito como se fue...

— Señora Petronila.

— Señor don Manuel — dijeron a su vez los esposos Marín.

— Señora, a los pies de usted... caballero — repuso Manuel. Y doña Petronila continuó con la llaneza de su alma:

— Ustedes no le conocen; pues, si recién viene después de siete años y ocho días. Tomen, pues, asiento — dijo señalando con ademán el sofá.

— Qué joven tan simpático es su hijo, doña Petronila — repuso Lucía.

— Permítame usted su sombrero, don Fernando — dijo Manuel recibiendo el sombrero que aquél tenía en la mano, y colocándolo sobre la mesa. Todos quedaron sentados, próximos unos a otros, y la conversación comenzó expansiva y franca.

Manuel era un joven de veinte eneros, de estatura competente, es decir, ni alto ni bajo, de semblante dulce y voz cuyo timbre sonoro le atraía las simpatías de sus oyentes. Sus labios rojos y delgados estaban sombreados por un bigote muy negro y sus grandes ojos resaltaban por un círculo ojeroso que los rodeaba. Su palabra fácil y su porte amanerado completaban el conjunto de un joven interesante.

— ¿Ha elegido usted profesión? — preguntó don Fernando, dirigiéndose a Manuel.

— Sí, señor Marín, estudio segundo año de Derecho; pienso ser abogado, si la suerte me protege — respondió con modestia el hijo de doña Petronila.

— Le felicito, amigo, el vasto campo de la jurisprudencia ofrece encantos a la inteligencia — dijo don Fernando, a lo que Manuel repuso:

— Cualquiera de las otras profesiones también los ofrece, señor, cuando se les consagra la voluntad y el cariño...

Iba a continuar Manuel, cuando se oyó la detonación de un arma de fuego, que hizo brincar a las señoras, y sobresaltó a los hombres.

Lucía, como herida por un rayo, tomó el brazo de su esposo, y le dijo:

— Vamos, vamos, Fernando.

— Sí, señorita; váyase de ligero, y cierren bien las entradas de su domicilio — dijo confundida doña Petronila.

— ¿Y qué puede ser? — preguntó Manuel sin dar mucha importancia. — Es raro esto acá — repuso don Fernando. A ello Lucía observó: — ¿Si serán ladrones?...

— Vamos, sí — dijo don Fernando, ofreciendo el brazo a Lucía, pero Manuel se interpuso en ese momento, pidiéndole que le permitiese acompañar a su señora, y dando el brazo a ésta, con galante sonrisa, salieron los tres.

Doña Petronila se dijo:



— Mi corazón de madre no puede quedar tranquilo estando fuera de casa mi Manuelito — y se fue siguiendo al grupo a cierta distancia, con paso cauteloso.

Manuel, que desde el primer momento había simpatizado fuertemente con los esposos Marín, dijo a Lucía:

— Señora, yo que al llegar a Kíllac creí morir de tristeza en este villorrio, lo he encontrado embellecido por la presencia de usted y de su esposo.

— Gracias, caballero; bien ha aprovechado usted las galantes frases de la ciudad — contestó Lucía con amable sonrisa.

— No, señora, mis palabras carecen de esa galantería de fórmula: sin ustedes y sin mi madre, ¿con quién podía yo tratar aquí? — repuso Manuel, y agregó con pena: — Esta tarde he conocido a los vecinos del pueblo y me han dado compasión.

— Eso es muy cierto, don Manuel, pero usted tiene a sus padres y nos tendrá por amigos.

— Sí, don Manuel, para un joven que viene de la ciudad, esto es tristísimo, le doy la razón —dijo a su vez don Fernando, como el marido celoso que notificaba estar prestando atención a lo que conversaba su esposa.

— Sólo siento que tal vez no permanezcamos ya mucho tiempo acá, porque los negocios de Fernando creo que se arreglarán pronto — contestó Lucía.

— Tanto peor para mí, si tuviese que alargar mi permanencia, que sólo debe ser de cuatro o seis meses — repuso Manuel.

Don Fernando adelantó dos pasos, ganando a la pareja para abrir la puerta de la calle; pues ya habían llegado a su casa.

— Pasará usted a descansar, Manuel — dijo Lucía soltando el brazo de su acompañante.

— Gracias, no, señora. Mi madre tendría cuidados si me demorara y quiero ahorrar esas molestias — contestó Manuel sacándose el sombrero en ademán de despedida.

— Pero la casa es muy suya, amigo — ofreció don Fernando.

— Sí, mil gracias, lo sé, y pronto les haré una visita. Buenas noches — repitió Manuel estrechando la mano de sus amigos, y desapareció en las oscuras calles de la villa, transitadas por uno que otro hombre embriagado.

Lucía y don Fernando tomaron algunas precauciones de seguridad como encareció doña Petronila; pero viendo que todo seguía tranquilo, se fueron a dormir.

La superficie de un lago cristalino, donde se retrata la imagen de las gaviotas, no es tan apacible como el sueño con que los narcotizó el Amor, batiendo sus nacaradas alas sobre la frente de Lucía y don Fernando. Sus corazones, estrechados bajo la atmósfera de un solo aliento, latían también acompasados y felices.

Mas ese descanso no fue como el eterno sopor de la materia.

El espíritu, que no duerme y se agita, luchó con la fuerza del presentimiento, ese aviso misterioso de las almas buenas; sacudiendo el organismo de Lucía, la despertó y le inspiró vacilación, temor, duda, todo ese engranaje complicado de sensaciones mixtas que acuden en las noches de insomnio.

Lucía sentía aquellos estremecimientos nerviosos, que no alcanzaba a ver ni a explicarse, ante un peligro para ella desconocido, y su pensamiento voló al recuerdo de aquellos ruidos de medianoche que, semejantes al rozar de alas o crujir de puertas, llevan al temor primero y después al recuerdo de los seres más amados, sea que estén ausentes o estrechen el cuello con el abrazo de sus afectos.

Ella velaba.

El viejo y único reloj del pueblo dio el duodécimo martillazo que marca la medianoche, y en el momento vibró en los espacios la sonora voz de la campana del templo. Su acento de bronce no convocaba a la oración pacífica y al retiro del alma; llamaba al vecindario a la batalla y al asalto con la imponente señal de convenio entre Estéfano y Benites y el campanero que aguardaba en la torre.

Y como el granizo que las negras nubes arrojan en medio de celajes eléctricos, comenzó a llover piedra y bala sobre el indefenso hogar de don Fernando.

Mil sombras cruzaban en diferentes direcciones, y la algazara comenzó a levantarse como la ola gigante que la tempestad alza en el seno de los mares, para romperla en la plaza con un bramido ronco y formidable.

El motín era aterrador.

Las voces de mando, bárbaras y contradictorias, ya en castellano, ya en quechua, se dejaban percibir, no obstante el ruido de las piedras y la fusilería.

— ¡Forasteros!

— ¡Ladrones!

— ¡Súhua! ¡Súhua!

— ¡Entremetidos! — decían éstos y aquéllos. — ¡Mueran!  
¡Mueran!

— ¡Huañuchiy!

— ¡Matarlos! — repetían mil voces.

Y la acompasada vibración de la campana tocando a rebato era la respuesta a toda la vocería.

Lucía y don Fernando abandonaron el lecho del descanso, cubiertos con sus escasas ropas de dormir y lo poco que tomaron al paso para huir o caer en manos de sus implacables sacrificadores, para encontrar muerte cruel y temprana en medio de esa muchedumbre ebria de alcohol y de ira.

## CAPÍTULO XVI

**J**uan Yupanqui y Marcela, que, después de los sucesos que conocemos, se fueron de casa de Lucía, llegaron, pues, a la suya con Margarita y Rosalía, esas dos estrellas rientes de la choza, cuyos destinos estaban señalados con la marca que Dios pone en cada predestinado en el mapa de las evoluciones sociales.

En el cerebro de Juan Yupanqui no podían ya cobijarse los criminales pensamientos de la víspera. Ya no tocaría el tétrico umbral del suicida, cuya acción cubre de luto el corazón de los que quedan y mata las esperanzas de los que creen.

Dios puso a Lucía para que Juan volviese a confiar en la Providencia, arrancada de su corazón por el cura Pascual, el gobernador y el cobrador o cacique, trinidad aterradora que personificaba una sola injusticia.

Juan creía de nuevo en el bien, estaba rehabilitado, e iba a entrar en la faena de la vida con nuevo afán, para probar gratitud eterna a sus bienhechores.

Marcela ya no sería la viuda de un suicida, de un desertor de la vida, cuyo cadáver, sepultado en la orilla de un río o al borde de un camino solitario, no invocase de los suyos paz, suspiros, ni oraciones.

Sentado en la choza dijo Juan a su mujer:

— Recemos el Alabado, y ahora te juro entregar mis fuerzas y mi vida a nuestros protectores.

— ¡Juanuco!... ¿No te dije?, yo también los serviré hasta vieja.

— Y yo también, mama — agregó Margarita.

Y todos tres se pusieron a instruir a Rosalía, explicándole que esos hombres no se la llevaron por la súplica del Wiracocha Fernando y la señora Lucía de la casa grande. Y haciéndola arrodillar en el fondo de la vivienda, con las manitas empalmadas al cielo, le hicieron repetir las sublimes frases del Bendito y Alabado.

— Ahora atiza el fogón — dijo Juan a Margarita.

— Asaremos unas papas, aquí hay ají — repuso Marcela sacando unas hojas de maíz envueltas y atadas con un pedazo de hilo de lana.

— Mañana hemos de matar gallina, Marcela; estoy contentísimo, y nuestro compadre nos ha de prestar unos dos pesitos — dijo alegre Juan.

— Así me gusta, tata. O pediremos el vuelto que tiene el cura — respondió la mujer colocando junto a su marido dos platos de barro vidriados.

— ¡Qué vuelto! ¿Para qué tanto? — repuso Yupanqui.

— Qué linda estará nuestra Margarita cuando sea la ahijada de la señorocha Lucía, ¿eh? — dijo la mujer variando el giro de la conversación.

— Ni lo dudes; ¡ay!, ella la vestirá con las ropas que usan.

— Pero me duele el corazón cuando me acuerdo que ya no nos mirará como ahora, cuando Margarita sea una niña — dijo suspirando Marcela y acercándose a poner un palo de leña al fogón.

— ¿Qué estás pensando en eso? La señora Lucía le enseñará a respetarnos — respondió el indio.

— ¡Bendígala, Pachacamac! — agregó Marcela con recogimiento.

— Mama, ¿y cuando sea mi madrina la señora Lucía, me voy con ella? — preguntó Margarita.

— Sí, hija — contestó la madre.

— ¿Y tú, y mi Juan y mi Rosalía? — insistió Margarita.

— Iremos a verte todos los días — repuso Marcela sin dejar de atender a lo que estaba preparando, mientras que Juan acariciaba entre las rodillas a Rosalía, al mismo tiempo que decía a su mujer:

— Parece que se le ha soltado la lengua.

— Así parece — respondió Marcela dando una vuelta a las papas que se asaban; pero Margarita volvió a preguntar:

— ¿Y me llevarán las frutas de la mora y los nidos de los gorriones?

— Sí; todo eso te llevaremos si aprendes a coser y tejer las labores tan lindas que dice saber la señora Lucía — respondió Marcela sacando al mismo tiempo las papas y poniéndolas en los platos que estaban junto a su marido.

La cena fue apetitosa y frugal; pero la oración de Rosalía llegó al cielo alcanzando sueño reparador para la familia de Juan Yupanqui, que descansaba sin el comején de las dudas en el humilde lecho de las satisfacciones.

Un profundo bostezo de Juan hizo notar a Marcela que su marido estaba completamente dormido y que las hijas habían seguido su ejemplo, quedándose la choza en silencio absoluto.

Y mientras aquí moran los manes de la Quietud, veremos lo que pasa en la casa parroquial.



## CAPÍTULO XVII

**U**na sombra negra, sobresaltada e impaciente, paseaba de un extremo a otro en la habitación completamente oscura, pues faltó valor para encender la lámpara de aceite de linaza allí usada o la vela de sebo fabricada por el velero lugareño con sus adminículos de arrayán y romero hervido, que da blancura y consistencia a la grasa animal.

El crimen siempre se acomoda con la negrura de la noche.

Al frente casi de una pequeña ventana con balaustres y hojas de madera pintada con tierra amarilla, estaba colocada una antigua cuja hecha de madera de zumbaillo con toldilla cubierta por unos cortinajes de damasco de seda, cuya antigüedad explicaba el mismo sitio en que se lucían.

La cama ancha y confortable con su curioso tapador hecho de mil muestras de cachemira de diversos colores, pero ingeniosamente combinadas por la curiosidad de alguna mujer hacendosa, o por la mano de alguna beata de ciudad,

estaba entreabierta y en cierto grado de desorden. Junto a ella se hallaba sentada en una banca de madera, y un tanto reclinada hacia las almohadas, una mujer clandestinamente recibida, y a quién anunció el pongo desde las primeras horas de la noche cuando el cura estaba en el conciliábulo.

El cura Pascual esperaba el resultado de las tremendas combinaciones fraguadas por él, y lo aguardaba entre tinieblas, por no arrojar ni la más pequeña sospecha sobre sí, encontrándose despierto y con luz en altas horas de esa noche; y de vez en cuando asomaba el oído a las rendijas de la ventana.

— ¿Qué te pasa, hombre de Dios? Nunca te he visto tan desasosegado como ahora — aventuró a decir la mujer.

— ¿No oíste ese tiro? — repuso el cura balbuciente, pues el licorcito de escorzonera estaba en acción y la palabra no salía franca.

— Ese tiro; pero si de eso han pasado tantas horas, y todo está en paz — arguyó la mujer.

— Pueden robar la iglesia: malas noticias me han traído esta tarde los vecinos — dijo el cura a secas con propósito de desorientar por completo la malicia de la mujer, pues la idea de aparecer inocente bullía en su cerebro.

— ¿Ladrones en Kíllac, ladrones para la iglesia? ¡Jajay!  
— respondió la mujer en voz bien alta y soltando la risa.

— Calle, mujer de mis pecados — contestó el cura con ira manifiesta golpeando el suelo con el pie.

— Pero, hombre, ven; recuéstate un momento... —  
Calla, demonio —interrumpió el cura Pascual.

— No seas torpe otra vez, después de... las torpezas que has hecho — replicó la mujer como deseando armar gresca.

Y el cura no tuvo otro medio de evitar que hablase en voz alta, voz acusadora, que ir a su lado y recostarse junto a ella, sacando del bolsillo un pañuelo de seda con que se amarró la cabeza.

Y un búho cruzó por los tejados de la casa parroquial, dejando percibir su siniestro aleteo, y pregonando el mal agüero con ese lúgubre graznido que es el terror de las gentes sencillas.

Don Sebastián no se había recogido a su casa.

Doña Petronila llamó dos sirvientes para mandarlos en busca de su marido, a fin de que le sirviesen de compañía, pero Manuel dijo tomando su sombrero y un bastón de huarango:

— Yo iré, madre.

— De ningún modo lo consentiré. ¡Ay, hijo!, no sé qué me anuncia el corazón. Ese tiro de escopeta, la ausencia prolongada de tu padre, las andanzas de Estéfano, todo me tiene preocupada —dijo con triste acento doña Petronila; pero Manuel, inspirándose en la nobleza de sus sentimientos y, tal vez en un doble deseo, repuso:

— Por lo mismo, madre, a mí me toca ir en busca de don Sebastián, y alejarlo del peligro y de compromisos...

— Sería inútil, hijo mío; tú no conoces su genio testarudo. ¡Ah! ¡Te ruego, Manuel! — agregó doña Petronila abrazando a su hijo con afecto, el cual se quedó pensativo y taciturno por unos segundos; y doña Petronila, aprovechando del silencio, insistió suplicante:

— Tu deber te manda cuidarme, Manuel. ¡Soy tu madre, no me dejes sola! ¡Por Dios te lo ruego...!

— No saldré, madre — repuso Manuel con energía arrimando a la pared el bastón que levantó y sacándose el sombrero.

— ¡Ahora sí, ahora sí, Manuelito! Tal vez podré dormir. Vamos.

— Sí, acuéstate, madre: la noche está muy fría, y la hora avanzada.

— Recógete, pues, a tu cuarto, y hasta tempranito — dijo doña Petronila mirando con satisfacción a su hijo.

## CAPÍTULO XVIII

**A** las primeras campanadas y disparos de armas los capataces de don Fernando huyeron despavoridos en busca de seguridad, porque comprendieron que allí era el ataque.

Don Fernando se preparaba para la defensa, y fue en mangas de camisa a tomar un rifle de caza que tenía bien provisto de municiones; pero Lucía se interpuso suplicante repitiendo angustiada:

— ¡No, Fernando mío, no! ¡Sálvate, sálvame, salvémonos...!

— ¿Y qué hacer, hija? No hay otro remedio, porque moriremos indefensos — repuso don Fernando intentando calmar las impresiones de su esposa.

— Huyamos, Fernando — dijo Lucía aprovechando de las últimas palabras de su marido.

— ¿Por dónde, Lucía querida? Las entradas de la casa están ya ganadas — respondió don Fernando tomando una caja de cápsulas de Remington, y echándosela en el bolsillo del pantalón.

Las voces se repetían en la calle, cada vez más aterradoras e implacables. —¡Bandoleros!

— ¡Advenedizos!

— ¡Forasteros!

— Sí, ¡la muerte! ¡la muerte...!

Eran las palabras que se alcanzaban a percibir en ese torbellino de la asonada. De improviso se dejó oír una voz nueva, fresca, sin los gases del alcohol, que, con toda la arrogancia y serenidad del valor, dijo:

— ¡Atrás, miserables! ¡Así no se asesina!

Y otra voz apoyó la anterior, diciendo:

— Nos han engañado, ¡miserables!

— No hay tales ladrones — observó la misma voz que apoyó a la primera. — Por acá la gente honrada — gritó uno con valor.

— ¡Vengan por este lado! — ordenó la primera voz, y en aquel momento llegó una mujer con un farol de vidrio provisto de una vela de sebo que proyectaba luz tenue.

Los fuegos y las campanadas habían cesado. Los pelotones de gente comenzaron a diseminarse en distintas direcciones, y la reacción de la turba fue completa.

La entrada de la casa de don Fernando estaba totalmente destrozada, y grandes piras de piedras formadas al acaso yacían junto a las puertas convertidas en astillas.

— ¡A ver ese farol por acá! — gritó un hombre abriéndose paso entre la multitud; y a la escasa luz del farol que llegó, reconoció Manuel a doña Petronila

— Madre, ¿tú aquí? — dijo Manuel con sorpresa.

— ¡Hijo, estoy a tu lado! — repuso doña Petronila con el semblante lleno de pavor alcanzando el farol a su hijo, y juntos comenzaron a reconocer a los muertos y heridos.

El primer cadáver que encontraron fue el de un indio, a cuyos pies estaba una mujer bañada también en sangre y lágrimas, gritando con desesperación:

— ¡Ay! ¡Han muerto a mi marido! ¡Habrán muerto también a mis protectores!

Juan y Marcela acudieron desde los primeros tiros en auxilio de la casa de don Fernando.

Juan cayó traspasado por una bala que, entrándole por el pulmón derecho, salió rompiendo la segunda costilla y rozando el hígado.

Marcela, con una herida también de bala en el hombro, arrojaba un chorro de sangre, y junto a ella yacían tres cadáveres de indios indefensos.

— ¡Madre! — dijo Manuel llamando la atención de doña Petronila —, esta india acabará en algunos momentos más sin asistencia inmediata.

— Separémosla de aquí, que la vea el barchilón — contestó doña Petronila.

— ¡A ver unos hombres! — dijo Manuel y varios se presentaron ofreciéndose para conducir a Marcela.

El intrépido joven, que, desafiando la ira de un populacho ebrio, se abrió paso y contuvo el motín, se dijo al ver la solicitud de todos para recoger a los muertos y atender a los heridos:

— ¡Está visto! La asonada es fruto de un error más digno de perdón que de castigo. Varios hombres levantaron a Marcela completamente débil, para llevarla a medicarse. — Despacio, con cuidado no más — dijo doña Petronila.

— ¡Ay! ¡Ay!..., ¿dónde me llevan? — pregunto Marcela agarrándose la herida con la otra mano, y agregó con lamento:

— ¡Mis hijas...! ¡Rosacha! ¡Margarita!

— ¿Qué habrá sido de don Fernando y Lucía? — dijo Manuel con interés creciente; y en aquellos momentos asomaba la aurora de un nuevo día para alumbrar la cara de los culpables.



## CAPÍTULO XIX

**H**abía alguno interesado como Manuel en saber la suerte que hubo corrido la pareja Marín.

Este era el cura Pascual, quien hizo prodigios de inventiva para allanar explicaciones con doña Melitona, que así se llamaba la mujer que fue a acompañarlo en esa noche siniestra.

Luego que las campanas quedaron mudas y cesaron los disparos, el cura Pascual dijo para sí:

— Esta es la hora en que ya se ha arribado a un resultado cualquiera. — Y dirigiéndose a Melitona, agregó con disimulo:

— Parece que toda esa bulla ha concluido, ¿eh?

— Sí, creo que ha pasado, curay ¡Jesús, y qué sustos los que he tenido! — respondió Melitona haciendo aspavientos, a lo que el cura repuso:

— Y los míos no han sido pocos desde la hora en que sentí el primer disparo, creyendo que atacasen la iglesia, y tú que porfiabas...

— Felizmente nos persuadimos pronto de que era en otra parte, y ¿cómo te hubiese consentido salir?

— ¡Jesús me ampare! Bien hecho que me atajaste, Melitonita; si bien dicen que las mujeres...

— Y, ¿qué habrá sido, curay? — preguntó con inocencia la mujer.

— Serán cosas de política: gracias a Dios que no salí, gracias, gracias — repetía el cura en cuyo corazón estaba creciente la ansiedad por saber el resultado, aunque alcanzaba a dominar sus emociones aparentando calma.

Melitona se quedó dormida sin más explicaciones, pero el cura velaba aguardando inquieto la llegada de la aurora.

No bien hubo rayado el crepúsculo matutino y se sintieron los pasos de la gente que transitaba por las calles, tosió fuertemente el cura, desprendiéndose el pañuelo con que había atado su cabeza, y colocándolo debajo de la almohada, dijo:

— Vete, pues, Melitonita; tú que eres mujer debes ser harto curiosa; infórmate de lo que en realidad ha pasado anoche en este vecindario, que, como hemos calculado, ha sido... me parece en la dirección de la casa de don Fernando; yo voy a prepararme para celebrar.

— Ahoritita, curay — respondió doña Melitona dándose por satisfecha de la comisión; santiguose tres veces, se vistió, prendiose el mantón de cachemira morada con guardas negras, y salió.

Las primeras gentes con quienes se encontró le dieron razón casi exacta del asalto a la casa de don Fernando Marín; pero deseosa de llevar a la casa parroquial noticias comprobadas por sus ojos, se introdujo al mismo teatro del suceso.

— ¡Jesús! ¡Qué temeridad! ¡Qué herejes habrán hecho esto! ¡Ay, vean, pues, todo pedazos! — decía caminando por entre las ruinas, y contemplando los despojos.

Lucía y don Fernando se encontraban sanos y salvos, rodeados de gente en el gabinete de su casa, y Manuel, con toda la indignación de su corazón puro, y con todo el fuego de su edad, decía en alta voz:

— Es inconcebible iniquidad igual, señor don Fernando. Este pueblo es un pueblo bárbaro, y la salvación de ustedes ha sido milagrosa. Cuéntenos cómo salvaron.

— El milagro es de Lucía — respondió con tono seco don Fernando, anudándose la corbata que por distracción tenía suelta, y dando grandes pasos por la habitación.

— ¡Señora Lucía! — dijo por toda respuesta Manuel, dirigiendo la vista hacia el sofá, donde estaba un tanto recostada aquélla, profundamente emocionada; y aspirando de rato en rato sales encerradas en un frasquito de cristal de Bohemia, cuya tapa entreabría con cuidado.

Don Fernando, como siguiendo el curso de sus ideas, dijo:

— ¡Qué horror! ¡Muchos sabrán lo que es despertar en la bulla del desorden, el tiroteo y la matanza, porque en el país se soportan y se presencian con frecuencia esos levantamientos y luchas civiles, que ya en nombre de Pezet, Prado o Piérola llevan el terror y el sobresalto, sea en el aura de una revolución, sea en los fortines de una resistencia! ¡Pero lo que pocos sabrán es el despertar del sueño de la felicidad entre el plomo homicida y la voz del degüello lanzados en los muros de su propio dormitorio! — ¡Basta, don Fernando! ¡Basta! — gritaron varias voces en coro.

— ¡Qué atrocidad! — agregó Manuel pasándose la mano por debajo del pelo, y don Fernando, contestando a la primera pregunta de Manuel, desatendida en medio de ese tumulto natural de pensamientos, dijo:

— Estuve resuelto, Manuel, a ofrecerme al sacrificio y morir matando. Pero las lágrimas de mi buena y santa esposa me hicieron pensar en salvarme para salvarla también. Ambos huimos por la pared de la izquierda y fuimos a refugiarnos detrás de unos cercos de piedra, fronterizos, precisamente, del lugar del ataque, y desde ahí hemos presenciado impasibles el asalto a nuestra casa, el heroísmo de usted, la abnegación maternal de doña Petronila, el fin de nuestro pobre Juan, y la victimación de la desgraciada Marcela.

— ¡Pobre Juan!, ¡pobre Marcela!, ahora que la desventura nos ha hermanado, mis afanes serán para ella y sus hijas —

dijo Lucía suspirando con profunda pena e interrumpiendo a su marido.

— ¡Oh, sí! Margarita, Rosalía, desde hoy esas palomas sin nido hallarán la sombra de su padre en esta casa — afirmó don Fernando.

— Hagamos conducir aquí a Marcela para medicinarla con esmero — dijo Lucía enternecida; y dirigiéndose particularmente al joven, agregó:

— Manuel, se lo suplico en nombre de la amistad. Encárguese usted de eso.

A lo que Manuel respondió con vehemencia juvenil:

— Ahora mismo, señora; usted, ángel de los buenos, restañará las heridas de una madre, y nosotros, don Fernando, tomaremos cuenta a los culpables.

Al decir esta última frase, una palidez mortal bañó su fisonomía, porque el nombre de don Sebastián cruzó por su mente; de don Sebastián, el esposo de su madre, el hombre a quien él daba el nombre de padre.

Tomó su sombrero maquinalmente, se inclinó y salió con paso apresurado, cruzándose en el camino con doña Melitona, que estaba escuchando todo desde la puerta, sin perder palabra.

Don Fernando se sentó junto a Lucía y, sacó un cigarro para fumar.

Como doña Melitona creía saber lo suficiente, volvió a desandar lo andado para informar al cura que esperaba impaciente la llegada de su parientita para irse a celebrar.

Melitona dijo entrando y desprendiéndose del mantón:

— Traigo todo calentito, curay.

— Sí, Melitonita, y ¿cómo había sido eso? — preguntó el cura Pascual.

— Dicen que don Fernando tuvo no sé qué asunto de cuentas con unos laneros, y que don Sebastián metió la mano a favor de no sé quiénes, y luego de ahí vino el disgusto, y se armó gresca, y que otros creyeron que eran ladrones y tocaron las campanas — relató Melitona con ademanes y movimientos de cabeza.

— ¿Conque eran asuntos de particulares? Buena raspa he de echarle al campanero para que no sea ligero con sus campanas — repuso el cura con maña.

— Así aseguran, curay, pero el hijo de don Sebastián, un joven recién llegado, está ahí, donde don Fernando, muy de la casa, y ha dicho que él castigará a los culpables — aclaró Melitona.

— ¿Eso ha dicho? — preguntó el cura; y mordiéndose el labio, agregó para su capote — ¡Joven imberbe!, y cuando tu padre te diga: «Calla, aquí estoy...», y aun sin esto, quien más vive, más sabe...

Y a poco rato se oyó la campana del pueblo llamando a misa.

## CAPÍTULO XX

**L**a entrada de Marcela, conducida en una camilla de palos, herida, viuda y seguida de dos huérfanas, a la misma casa de donde el día anterior salió contenta y feliz impresionó tan vivamente a Lucía, que se hallaba sola en aquellos momentos, que no pudo contener sus lágrimas y se fue llorando hacia Marcela.

Hizo colocar la camilla en una vivienda aseada; tomó entre los brazos a Rosalía, acarició a Margarita y llamó a entrambas, diciéndoles:

— Hijas, pobrecitas, preciosas.

Luego habló a Marcela, sentándose junto a ella, y le dijo:

— ¡Oh, hija mía! ¡Cuánta resignación necesitas! Te ruego que te calmes, que tengas paciencia...

— Niñay, ¿no te has asustado de protegernos? —dijo la india con voz y mirada lánguida, pero Lucía, sin contestar a esta pregunta, continuó:

— ¡Qué débil estás! — y dirigiéndose a dos sirvientas que estaban hacia la puerta, ordenó: — Que le preparen un

poco de caldo de pollo con algunas rebanadas de pan tostado y un huevo batido; ustedes han de cuidarla con todo esmero.

El semblante de Marcela revelaba sus terribles sufrimientos, pero las palabras de Lucía parecían haberle dado alivio. Era tal la influencia benéfica que ante ella ejercía aquella mujer tan llena de bondad, que, a pesar de haber declarado el barchilón de Kíllac que la herida era mortal y, de término inmediato, porque la bala permanecía incrustada en el omóplato, adonde había llegado atravesando el hombro izquierdo, y la fiebre ya invadía el organismo, Marcela fue alentándose visiblemente.

Así transcurrieron dos días, dando ligeras esperanzas de salvar a la enferma.

Acababa de entrar de la calle don Fernando, a quien preguntó Lucía con grande interés:

— Fernando, ¿y los restos de Juan?

— Han sido ya conducidos al camposanto con todos los honores que he podido hacerle tributar, corriendo yo con los gastos, y los han depositado en una sepultura provisional — contestó don Fernando, satisfaciendo con palabra minuciosa la pregunta de Lucía, quien dijo:

— ¿Y por qué provisional, hijo?

— Porque es probable que los jueces hagan practicar un nuevo reconocimiento, dudando del que he mandado hacer — contestó don Fernando sacando un papel del bolsillo.



— ¡Qué fórmulas, Dios mío! Y, ¿qué dice ese certificado?  
¿A ver?

— Aquí consta — repuso don Fernando desdoblado el papel y leyendo — «que Juan Yupanqui sucumbió instantáneamente por la acción del proyectil lanzado de cierta altura, y que, rompiendo la escápula derecha, había atravesado oblicuamente ambos pulmones, destrozando las gruesas arterias del mediastino».

— ¿Ese informe arrojará luz para la averiguación y descubrimiento del autor? — preguntó Lucía con intención.

— ¡Ay, hija!, poca esperanza debemos abrigar de conseguir nada — repuso don Fernando volviendo a doblar y guardar el papel.

— Y el cura Pascual, ¿qué dice?

— ¡Pst! No ha tenido inconveniente en depositar un responso sobre la tumba de Juan Yupanqui, como no lo tuve yo para colocarle su humilde cruz de palo — ontestó don Fernando torciéndose el bigote.

— ¿Acaso ignorará los pormenores del asalto que hemos sufrido?

— ¡Que los ignore! Estás disparatando, hija. Yo lo creo complicado.

— ¿Sí? ¡No faltaba más para renegar de estos hombres! ¿Y los jueves? — insistió Lucía indignada.

— Los jueces y las autoridades han tomado algunas medidas, como las de depositar las piedras hacinadas en nuestras puertas como cuerpos del delito — contestó don Fernando riendo y dando en seguida a su fisonomía un gesto de tristeza que revelaba su honda decepción; acaso el escepticismo que todos aquellos acontecimientos hacían nacer en su corazón noble y justiciero.

Conversando así, atravesaron los esposos Marín el pasadizo que conduce de una vivienda a otra, y llegaron al cuarto de Lucía, donde se sentaron fronterizos, Lucía en el sofá y don Fernando en un sillón: recostándose y cruzando las piernas, dijo éste a su esposa:

— Voy a molestarte, hija; creo que hay un poco de chicha de quinua con arroz; dame un vaso.

— Al momento, hijito —repuso Lucía poniéndose de pie y saliendo de la habitación.

Un minuto después volvía la señora de Marín con un vaso de cristal colocado en un platillo de loza, conteniendo una leche espesa espolvoreada con canela molida, que provocaba por la vista y el olfato, y lo presentó a su marido.

Don Fernando apuró la chicha con avidez, puso el vaso sobre la mesa, limpió sus bigotes con un pañuelo perfumado y volvió a su primitiva actitud, diciendo a Lucía:

— Qué bebida tan confortable, hija. No sé cómo hay gentes que prefieren a ésta la cerveza del país.

— De veras, hijo; yo no puedo ver esa cerveza que hacen donde Silva y Picado.

— Y volviendo a recordar al pobre Juan, ¿sabes, hija, que ese indio me ha despertado aún mayor interés después de su muerte? Dicen que los indios son ingratos, y Juan Yupanqui ha muerto por gratitud.

— Para mí no se ha extinguido en el Perú esa raza con principios de rectitud y nobleza, que caracterizó a los fundadores del imperio conquistado por Pizarro. Otra cosa es que todos los de la calaña de los notables de aquí hayan puesto al indio en la misma esfera de las bestias productoras — contestó Lucía.

— Hay algo más, hija — dijo don Fernando —; está probado que el sistema de la alimentación ha degenerado las funciones cerebrales de los indios. Como habrás notado ya, estos desheredados rarísima vez comen carne, y los adelantos de la ciencia moderna nos prueban que la actividad cerebral está en relación de su fuerza nutritiva. Condenado el indio a una alimentación vegetal de las más extravagantes, viviendo de hojas de nabo, habas hervidas y hojas de quinua, sin los albuminoides ni sales orgánicas, su cerebro no tiene dónde tomar los fosfatos y la lecitina sin ningún esfuerzo psíquico;

sólo va al engorde cerebral, que lo sume en la noche del pensamiento, haciéndole vivir en idéntico nivel que sus animales de labranza.

— Creo como tú, querido Fernando, y te felicito por tu disertación, aunque yo no la entiendo, pero que, a ponerla en inglés, te valdría el dictado de doctor y aun sabio en cualquiera Universidad del mundo — contestó Lucía riendo.

— ¡Picarona! Pero aquí sólo me ha valido tu risa — dijo don Fernando coloreándose ligeramente, pues las palabras de su esposa le hicieron notar que había echado un párrafo científico, acaso pedantesco o fuera de lugar.

— No, hijo, ¿qué? si yo me río es sólo... por la formalidad con que hemos venido a disertar acerca de estas cosas sobre la tumba de un indio tan raro como Juan.

— Raro no, Lucía; si algún día rayase la aurora de la verdadera autonomía del indio, por medio del Evangelio de Jesús, presenciáramos la evolución regeneradora de la raza hoy oprimida y humillada — contestó don Fernando volviendo a su expansión de palabra.

— Tampoco te contradigo, hijito, pero discutiendo aquí sobre los muertos, estamos olvidando a los vivos. Voy a ver si han dado su alimento a Marcela — dijo Lucía, y salió con paso ligero.

## CAPÍTULO XXI

**M**anuel no tuvo ni una hora de descanso verdadero desde que se iniciaron los funestos acontecimientos que traían conmovida a la población de Killac.

Luego que ordenó la traslación de Marcela a casa de Lucía y la presenció en parte, se consagró a practicar averiguaciones prudentes, empleando para ello la sagacidad, patrimonio que deja la buena educación de un colegio sistemado y celoso. Por esta misma prudencia, huía de una inmediata explicación con don Sebastián, y se impuso alejamiento momentáneo de casa del señor Marín.

Pero todo acontecimiento va a su desenlace.

Una mañana, al regresar a su casa, taciturno y caviloso, absorbido por una sola idea, halló a su madre preparando unos suches que, abiertos medio a medio con su respectiva provisión de pimienta, cebollas picadas, sal, ají y manteca, extendidos en una sartén de barro, aguardaban ir al horno para su cocimiento.

Al ver a su hijo, doña Petronila dijo:

— ¡Manuelito, cómo te gustaban los suches asados al horno! ¿recuerdas, tatay? Por eso estoy arreglándolos yo misma. ¿Quién había de cocinar para mi hijo?...

— Gracias, madre. Despacha esa golosina al horno y óyeme en tu cuarto —dijo Manuel, para cuyo corazón fue un bálsamo aquella sencilla escena de familia, diciéndose enseguida al caminar hacia la habitación de doña Petronila:

— ¡Benditas las madres! Quien no ha sentido los mimos y las caricias de su madre, ni recibido los besos de la que nos llevó en su seno, ¡oh!, no sabe lo que es amor.

Entrado en la alcoba, arrastró una silleta junto a la mesa, se sentó en ella con fuerza, apoyó los codos y dejó caer la cabeza en la palma de las manos en actitud meditabunda.

¡Qué combinaciones las que hacía!

Todos los hilos que tomó en las investigaciones practicadas con las personas que a él se asociaron le conducían a entrever a los verdaderos autores del asalto de la casa de don Fernando Marín, y allí se destacaban las figuras de don Sebastián, el cura Pascual y Estéfano Benites.

Llegó doña Petronila, y dando una palmada en el hombro de Manuel, dijo:

— ¿Te has dormido, Manuelito?

Manuel dejó caer los brazos sobresaltado, alzó los ojos, y fijándolos con cariñosa expresión en su madre se puso de pie y le contestó:

— Nada de eso, madre; el espíritu intranquilo sólo va a la vigilia. Siéntate, hablaremos.

Y arrastrando otra silla junto a la suya, la ofreció a su madre.

— No, hijo, yo me sentaré aquí no más en este banquito; aquí estoy más cómoda —repuso doña Petronila rechazando la silleta, sentándose en un asiento bajo de su preferencia, cubierto con una alfombra, y arreglándose las faldas del vestido.

— Como gustes — dijo Manuel sentándose a su vez.

— Ya adivino de lo que quieres hablar. ¡Jesús, qué cosas las que han pasado! ¿No? Hasta ahora no me vuelve el alma al cuerpo, estoy viendo no más las caras de los indios muertos, bañados en sangre, cubiertos de tierra, ¡Jesús! ¡Jesús!

— ¡Ah, madre mía! ¡Con qué fatal estrella he vuelto para presenciar estos sucesos! Pero son lamentaciones inútiles, hagamos de tripas corazón, y vamos a remediar algo y tratar de que don Sebastián salve — contestó Manuel, iniciándose las confidencias entre madre e hijo.

— ¡Ay, hijo mío, ay! ¿Para qué te contaría todo? Desde que lo hicieron gobernador a tu padre, se ha vuelto otro, y... ya no puedo con él...

— Sí, lo sé. Todo lo he comprendido, madrecita, desde el primer momento. — Háblale, pues, tú; a ti te oirá.

— ¡Temo que no! Si yo fuese su hijo verdaderamente, hablaría en él la voz del amor paterno, pero... tú... tú lo sabes...

— ¿Y para qué traes a colación esas cosas? — dijo doña Petronila enfadada.

— Perdona, madre. Y vamos al grano. Tú tienes que ayudarme, pero con cariño; sin palabras amargas, sin cargo, nada de eso, simplemente debemos hacer que deje la gobernación y, por lo demás, yo echaré sobre mis hombros los resultados; lo tengo meditado. Ahora he de verme con el pícaro cura.

— No hables así de un sacerdote. ¡Jesús! ¡El descomulgado se desgracia!

— Madre, el hombre que prostituye su ministerio merece desprecio; pero no hablemos de él, tratemos de don Sebastián. Entra a verlo a su cuarto y procura hablarle, preparándole el ánimo para que me reciba después.

— ¿Ahora mismo? — preguntó doña Petronila levantándose al propio tiempo.

— Sí, madre, no hay horas que perder — repuso Manuel, abrochándose el botón del saco.

Y doña Petronila salió pausadamente. Al llegar a la puerta de la habitación de don Sebastián se detuvo unos segundos, santiguó su frente y entró.



Manuel se quedó dando paseos en el cuarto de su madre, entregado a sus combinaciones, porque la entrevista con don Sebastián tenía que ser algo dura para él.

En el curso de sus paseos, de repente fijó su vista en un vaso de arcilla que estaba colocado en una esquinera, el cual le llamó tan vivamente la atención que, examinándolo, dijo:

— Este debe ser un huaco de mucha importancia: qué tierra tan fina... y estos dibujos tan admirablemente ejecutados, qué bien hechas las labores de la Lliclla de la ccoya y las sombras del manto que lleva flotante el indio, que será algún cacique.

— Manuelito, parece que Chapaco está en su buen rato — dijo doña Petronila, entrando alegre.

— ¿Qué le has dicho sobre el asunto? — preguntó con interés Manuel, colocando el huaco en su mismo sitio.

— Yo nada le he querido porfiar, por tus mismos encargos; pero le he dicho que conviene que deje la gobernatura, porque han de venir disgustos con motivo de apresar a los factores de la otra noche y demás.

— ¿No le has dicho que él está señalado como partícipe?

— ¿Para qué le iba a decir eso? ¡Jesús! Habría brincado de rabia. ¡Yo no me atrevo...!

— Pero, ¿qué respondió al fin?

— «Yo sabré lo que me hago», me ha respondido, pero con buenas mañas. Anda, no más — dijo doña Petronila, tomando la mano de su hijo.

Manuel besó en la frente a su madre y se dirigió a la habitación de don Sebastián Pancorbo, gobernador de Kíllac.

## CAPÍTULO XXII

**D**on Sebastián se encontraba recostado en un sillón, envuelto en un poncho felpado, la cabeza atada con un pañuelo carmesí de seda, cuyas puntas, formando nudo, quedaban hacia la frente. Estaba visiblemente preocupado.

— Buenos días, señor — dijo Manuel al entrar.

— Buenos días. ¿De dónde pareces, Manuel? Francamente, desde que has llegado no nos hemos visto más que tres veces — respondió don Sebastián, disimulando su preocupación.

— La culpa no es mía, señor, usted no ha estado en casa.

— Francamente, estos amigos y el cargo que desempeño; ya uno no se pertenece; tienes razón, Manuelito — dijo el gobernador.

Y como buscando forma de sincerar su conducta, agregó:

— Lo que es la otra noche, francamente, hijo, he estado en mucho peligro, sin poder contener el desorden que hubo.

¿Qué se va a hacer sin fuerza armada?... Pero tú te portaste muy bien..., y, francamente, este don Fernando no más también tiene la culpa.

— Yo vengo a hablar con usted seriamente sobre lo ocurrido la otra noche. Yo no puedo quedarme con los brazos cruzados cuando veo que acusan a usted.

— ¿A mí? — dijo Pancorbo, pegando un brinco.

— A usted, señor.

— ¿Y quién es ése? A ver, ¿quién? Francamente, quiero conocerlo.

— No se exalte usted, señor; cálmese y hablaremos entre padre e hijo: aquí nadie nos oye — replicó Manuel, mordiéndose los labios.

— Pues y tú, ¿qué dices? ¡Habla! También; francamente, me gusta la ocurrencia.

— De todas las averiguaciones que he practicado, resulta... casi la evidencia de que el cura Pascual, usted y Estéfano Benitos han tramado y dirigido esto contra don Fernando, por devoluciones de dinero de reparto y de entierro.

Don Sebastián iba cambiando de colores a cada palabra de Manuel, y pálido al final, presa de un temblor nervioso, sin poderse ya dominar, dijo:

— ¿Eso dicen? Francamente, ¡nos han vendido!

— No eran ustedes solos; otros individuos pertenecían al complot; y las tramas que se hacen entre muchos y entre copas no llevan el sello del secreto — repuso Manuel con calma.

— Será el Escobedito; francamente, a mí me daba mala espina ese mocito.

— Alguno habría sido, don Sebastián; pero ya no es tiempo de conjeturas, sino de poner a usted en salvo.

— ¿Y qué cosa has ideado, hijo? — preguntó don Sebastián cambiando de tono.

— Que usted deje la gobernación inmediatamente — repuso el joven.

— ¡Eso no, francamente eso no! ¿Dejar de ser yo autoridad en el pueblo donde he nacido? No, no, ni me propongas esas cosas, Manuel — contestó don Sebastián enfadado.

— Pero tendrá usted que hacerlo antes que lo destituyan, y, yo se lo pido, se lo aconsejo; usted ha sido llevado por la corriente, el principal autor es el cura, yo me entenderé con él y usted firma su renuncia, don Sebastián. Desde niño le he dado el nombre de padre, todos me creen su hijo, y usted no puede dudar de mi interés, ni despreciar mis consejos todo lo hago por amor a mi madre, por gratitud a usted — dijo Manuel agotando su arsenal persuasivo y secando su frente, por donde corría el sudor de la discusión en que tuvo que

mencionar nuevamente su paternidad desconocida para la sociedad.

Don Sebastián estaba conmovido; abrazó a Manuel, diciéndole:

— Haz, pues, como piensas, francamente... pero, el cura que no se quede sin su ración.

— Todo se arreglará lo mejor posible para usted, señor, y más tarde iremos juntos adonde don Fernando, porque conviene que ustedes queden de acuerdo. Ahora me voy adonde el cura Pascual, hasta luego —dijo Manuel tomando su sombrero.

Y salió en dirección a la casa parroquial, mientras que don Sebastián repetía entre dientes, moviendo la cabeza:

— ¡Escobedito, o Benites... mocitos...!

El cura Pascual tomaba en aquellas horas tranquilamente su desayuno, rodeado de dos gatos, uno negro y otro amarillo con blanco; un perro lanudo dormitaba con la cabeza entre las dos patas delanteras, estirado largo a largo en el umbral del cuarto, y el pongo con los brazos cruzados, en ademán humilde, esperaba de pie junto al perro las órdenes de su amo.

Cuando sintió pasos y vio a Manuel, el cura alzó un plato sopero y, volcándolo, tapó otro plano en que había un pichón aderezado a la criolla, con dos tomates partidos sobre las alas y una rama de perejil en el pico.

— Señor cura — dijo Manuel al entrar, descubriéndose con política.

— Jovencito Manuel, ¿a qué feliz casualidad debo el gusto de verlo por acá? — repuso el cura.

— La causa de mi venida no le debe ser desconocida, señor cura — respondió Manuel con sequedad y enfado, pues iba preparado a no usar de cumplimientos con el cura Pascual.

— Caballerito, me sorprende usted — dijo el cura variando de tono y levantando distraído un tenedor de la mesa.

Manuel, que permanecía de pie, tomó el primer asiento y contestó:

— Sin preámbulo, señor cura; la asonada que antenoche ha cubierto de vergüenza y de luto este pueblo es obra de usted...

— ¿Qué dice usted, insolentito? — dijo el cura moviéndose en su asiento, sorprendido al oír por primera vez un lenguaje gastado de igual a igual y en tono acusador.

— Nada de calificativos, señor cura; acuérdesse usted que no es la sotana la que hace respetar al hombre, sino el hombre quien dignifica ese hábito que así cubre a buenos sacerdotes como a ministros indignos — replicó Manuel.

— ¿Y qué pruebas tendrá usted para semejante acusación?

Todas las que un hombre necesita para acusar a otro hombre — repuso con llaneza el joven.

— ¿Y si en mi lugar se encontrase usted con otra persona ante cuya presencia tuviese que bajar la cabeza avergonzado? — dijo el cura Pascual, tirando sobre la mesa el tenedor que aún conservaba en la mano y creyendo haber dado un golpe decisivo a Manuel.

Pero éste, sin perder su serenidad, respondió con aplomo:

— Esa persona a quien usted alude, señor cura, ha sido infeliz máquina de usted, como han sido los otros...

— ¿Qué dice usted, colegial? — dijo colérico el cura, por cuya mente cruzó la duda de esta forma: «¿Si le habrá revelado el bergante de Pancorbo?»...

— Lo que usted oye, señor cura, y seamos breves — agregó Manuel.

— Más breve será usted marchándose — contestó el cura colérico.

— Antes de tiempo, antes de llenar mis propósitos, no lo espere usted, señor cura.

— ¿Y qué es lo que pretende usted? — preguntó el párroco cambiando el tono de la voz y dominando sus ímpetus de cólera.

— Que usted y don Sebastián reparen el daño que han hecho, antes que la justicia reclame a los delincuentes.



— ¿Qué oigo? ¡Santo cielo! ¡Don Sebastián, débil y afeminado, me ha vendido...! — exclamó el cura vencido totalmente por Manuel, quien acababa de mencionar a su padre.

Mas como quien encuentra un nuevo reducto de defensa, dijo:

— ¿Será usted un hijo desnaturalizado que acusa a su propio padre?

— Claro que no, desde que voy en busca de la reparación prudente y meditada para atenuar la falta, que de todos modos habrá de tenerla, pues nuestras creencias religiosas nos enseñan que sin la previa remisión del mal no hallaremos abiertas las puertas del cielo.

— ¡Ajá! ¿Eso le han enseñado a usted sus maestros, para no reparar en la acusación de su padre? — preguntó con ironía el cura, empeñado en su labor de zapa.

— Algo más, señor cura: me han enseñado que sin la rectitud de acción no hay ciudadano, ni habrá patria, ni familia; y le repito que no acuso a don Sebastián; busco satisfacción para atenuar su falta...

Iba a continuar el joven, cuando apareció un sirviente de casa de don Fernando, todo azorado y descompuesto, gritando desde la puerta:

— Señor, señor, auxilios para un moribundo.

— Vaya usted, señor cura, a cumplir esos deberes del sacerdote, y... en seguida hablaremos — dijo Manuel, reparando que había un testigo, e inclinándose salió.

El cura fue a tomar su sombrero, y mirando a Manuel que se marchaba, dijo con desprecio:

— ¡Pedazo de masón!

En seguida fue a destapar el plato que había preservado del aire y, oliéndolo, murmuró a media voz:

— Se me ha enfriado el pichoncito... en fin, al regreso lo tomaré.

## CAPÍTULO XXIII

**L**os esposos Marín no omitían gestos ni asistencia esmerada para alcanzar la salvación de la enferma, pero, desgraciadamente, ésta empeoraba por grados, acortándose los momentos de su vida.

Lucía encontrábase en aquella hora junto a don Fernando, con quien platicaba en dulce intimidad, y le dijo:

— ¿Qué misterios son éstos, Fernando? ¡Marcela llegó a nuestro hogar tranquilo y dichoso en busca de un amparo que halló en nombre de la caridad; nosotros nos gozamos en el bien, y de estas acciones buenas, elevadas y santas, ha resultado el infortunio de todos!

— Acuérdate, hija, que la faena de la vida es de lucha, y que la sepultura del bien la cava la ignorancia. ¡El triunfo consiste en no dejarse enterrar!...

Margarita apareció en la puerta como un meteoro, gritando: — Madrina, madrina, mi madre te llama.

— Allá voy — contestó Lucía.

Y dirigiéndose a su marido con una palmadita en el hombro:

— Adiós, hijito — dijo—; y echose a andar hacia la habitación de Marcela.

Esta se encontraba medio sentada, apoyada en varios almohadones de cotí rosado. Al ver a Lucía se le llenaron los ojos de lágrimas, y con voz desfalleciente y entrecortada, exclamó:

— ¡Niñay... voy a... morirme...! ¡Ay...! ¡Mis hijas...! ¡Palomas sin nido... sin árbol... y sin... madre...! ¡Ay!

— ¡Pobre Marcela, estás muy débil, no te agites! No quiero ahora repetirte discursos para probarte los misterios de Dios, pero tú eres buena, tú... eres cristiana — dijo Lucía arreglando las cobijas de la cama un tanto rodadas.

— ¡Sí... niñay...!

— ¡Si te ha llegado tu hora, Marcela, parte tranquila! ¡Tus hijas no son las aves sin nido; ésta es su casa; yo seré su madre...!

— ¡Dios... te pague...! Quiero... revelarte... un secreto... para que... se pierda en tu corazón... hasta la hora precisa — dijo la enferma esforzándose para hablar seguido.

— ¿Qué? — preguntó Lucía acercándose más.

Y Marcela, aplicando sus labios casi helados a los oídos de la esposa de don Fernando, murmuró frases que por

varias veces hicieron volver los ojos a Lucía para fijarlos con asombro en la enferma, quien al terminar preguntó:

— ¿Prometes... niñay?

— Sí, te lo juro por Cristo mi Señor muerto en la cruz

—respondió Lucía conmovida.

Y la pobre mártir, para quien las horas de agonía se aproximaban, agregó lo que iba a ser su despedida de los negocios del mundo:

— ¡Dios te pague...! Ahora... quiero confesarme... después... ¡la muerte ya me... espera!

Anunciaron la llegada del cura Pascual, cuyo saludo correspondió Lucía con frialdad, llevándose de la mano a Rosalía y Margarita, a quienes iba a distraer para que no presenciasen la eterna partida de su madre.

El párroco, llegando al lecho de la moribunda, escuchaba las confidencias sacramentales de su víctima.

Margarita ya no podía dejarse engañar.

Sus ojos estaban enrojecidos por el llanto.

Tenía que llorar aún, cuando viese sacar a su madre en hombros extraños, para dejarla por siempre en el suelo húmedo del cementerio.

¡Pobre Margarita!

Sin embargo, en su dolor, ella no medía la magnitud de su desventura.

Lucía, al sacar a las muchachitas y entregarlas a una sirvienta para que les pusiera los vestidos que les estaban cosiendo en la máquina «Davis», se dijo:

— ¡Adorable candidez la de los niños! ¡Ah! La niñez todo lo dora al calor de un sol refulgente, mientras que la vejez todo lo hiela con el frío del escepticismo. ¿Tienen razón de ser escépticos los viejos conociendo a la humanidad? Niñas — agregó en alta voz —, vayan con Manuela, que ha de darles bizcochos y bonitos trajes.

Y se dirigió en busca de don Fernando, que estaba ocupado en su escritorio. Casi al mismo tiempo llegaban Manuel y don Sebastián. Cuando los vio Lucía, estrujándose los dedos entrelazados, se preguntó asombrada:

— ¿Qué va a suceder hoy en esta casa, donde en tan pocos días se han desarrollado acontecimientos tan trágicos y cuya extensión aún no es posible medir? ¿Qué nuevo drama va a presentarse en mi hogar, donde una mano invisible reúne ahora a los principales actores, perseguidores y perseguidos, culpables e inocentes, en presencia de una madre que se halla en los bordes del sepulcro abierto por estos notables, que en un supuesto ataque a sus costumbres sólo persiguen fines particulares, sin desdeñar medios inicuos? ¡Dios mío...!

— A los pies de usted, señora Lucía — dijo Manuel encontrando a la esposa del señor Marín casi a la puerta del escritorio, donde entraron seguidos de don Sebastián.

— Caballeros — repuso Lucía con manifiesto desagrado para don Sebastián, quien, descubriéndose, dijo:

— Muy buenos días, señora... señor...

— Hola, don Manuel; adiós, don Sebastián — repuso don Fernando, dominando el mal efecto que le produjo la presencia del segundo.

Pero Manuel, calculando de antemano aquel efecto, y para atenuar las cosas, fue el primero en comenzar la conversación, diciendo:

— Señor don Fernando, hemos venido para acordar con usted la manera como podrá recibir la más explícita satisfacción de un pueblo que le ha ofendido con la misma ignorancia con que ofende un perro rabioso.

— Satisfacerme a mí, don Manuel, no es cosa difícil, a la verdad; yo, más o menos, he estudiado el carácter de este pueblo, que se desarrolla sin los estímulos del buen ejemplo y del sano consejo; que a costa de su propia dignidad va a conservar lo que él llama legendaria costumbre. Pero, ¿cómo se reparan los daños causados en tanta víctima? — contestó el señor Marín, dando a sus palabras la severa acentuación de la verdad y del reproche.

— Y, francamente, ¿cuántos muertos ha habido? — se atrevió a preguntar don Sebastián con voz temblorosa.

— ¡Y qué! ¿Usted lo ignora, don Sebastián? ¿Usted que es la autoridad local? ¡Cosa extraña, por demás extraña! —

dijo don Fernando por toda respuesta, dando un paso hacia el asiento que ocupaba su esposa.

— Su natural extrañeza — se apresuró a decir Manuel — quedará satisfecha, don Fernando, al saber que mi padre no ha salido de casa después de los sucesos que me cupo la suerte de contener, habiéndose encargado del puesto el teniente gobernador, como llamado por la ley.

— Esa diligencia precautoria y muy pensada no lo pone a salvo de responsabilidades — observó Lucía con su natural vivacidad femenina.

Pero Manuel, siempre listo, repuso:

— Señora, yo que he venido en momentos tan trágicos para Kíllac, para este pueblo de mi nacimiento, no podía permanecer indiferente; debía buscar reparos, prevenir nuevos males, y he persuadido a mi padre de que renuncie el puesto que... no ha sabido sostener. Voy en pos de alguna reparación.

— ¿Y va usted a entrar en pugna con vicios que gozan del privilegio de arraigados, con errores que fructifican bajo el árbol de las costumbres, sin modelos, sin estímulos que despierten las almas de la atonía en que las ha sumido el abuso, el deseo de lucro inmoderado y la ignorancia conservada por especulación? Me parece cosa difícil, don Manuel — dijo el señor Marín.



Manuel no estaba ni derrotado ni persuadido, y replicó:

— Esa, precisamente, esa es la lucha de la juventud peruana desterrada en estas regiones. Tengo la esperanza, don Fernando, de que la civilización que se persigue tremolando la bandera del cristianismo puro no tarde en manifestarse, constituyendo la felicidad de la familia y como consecuencia lógica, la felicidad social.

— ¿Y sus fuerzas serán suficientes, joven Manuel? ¿Cuenta usted con otros apoyos a más del que le ofrece su madre y le brindamos nosotros, sus amigos? —preguntó don Fernando, deteniendo el paseo que daba en esos momentos y botando a la puerta un pedacito de papel que estaba estrujando como una pelotilla durante la discusión.

Lucía cruzó los brazos como cansada, y don Sebastián permanecía firme como un palo plantado bajo su capa histórica.

— Cuento con que este pueblo no ha tocado en la abyección; sus masas son dóciles, me lo ha probado el suceso mismo que lamentamos, y me parece fácil guiarlo por el buen sendero — repuso Manuel con calor.

— No contradigo a usted, Manuel, pero...

— El error también tiene remedio, francamente, mi señor — aventuró a decir don Sebastián.

— Es claro, cuando ese error no ha traspasado los dinteles de la eternidad, don Sebastián; tenemos siete heridos,

cuatro muertos y la desventurada Marcela próxima a expirar, dejando a sus hijas; en suma, huérfanas, viudas...

— ¿De qué modo rectificará usted esos errores? — preguntó Lucía, enderezando los pies y saliendo en apoyo de su marido.

Don Sebastián se tapó la cara con ambas manos como un niño; Manuel palideció, secándose el copioso sudor que invadía su frente, y la voz desesperada de Margarita llegó a todos:

— ¡Misericordia...! ¡Madrina, padrino, favor...!

— ¡Vamos! — dijo Lucía, poniéndose de pie con la velocidad del pensamiento, y ordenando a los presentes con la vista.

Todos corrieron junto al lecho de la esposa mártir, cuya vida se extinguió en un suspiro, resbalando por sus mejillas la última lágrima blanquecina con que se da el adiós al valle del dolor.

Marcela acababa de volar a las serenas regiones de la paz perdurable, dejando su vestidura mortal, para que el hombre discuta en su presencia la teoría de la descomposición orgánica que proclama la Nada y los principios de la perfección mecánica movida por un Algo, cuyo comienzo y cesación de funciones reclama una mano constructora, revelando al Autor de la Naturaleza.

¡Allí estaba el cadáver!

Y don Sebastián y el cura Pascual, los únicos responsables de las calamidades ocurridas en Kíllac, presentes ante los despojos de la muerta.

## CAPÍTULO XXIV

**L**a chismografía y los comentarios corrían de boca en boca, exactos unos, desfigurados los más, y los indios, avergonzados de la docilidad con que acudieron al llamamiento de las campanas y cayeron en el engaño para atacar el pacífico hogar de don Fernando Marín, vagaban por los alrededores del pueblo taciturnos y miedosos.

Estéfano Benites reunió a los suyos en el mismo despacho de su casa donde los encontramos jugando a la baraja, y al persuadirse de que sus cómplices vacilaban, les dijo para animarlos:

— Compadrito, a lo hecho, pecho.

— Yo no creí que el tiro saliese sin puntero — respondió Escobedo, sacudiendo un lloque que tenía entre las manos.

— Si vienen las justicias, ya saben ustedes lo que hay que hacer — instruyó Estéfano.

— ¿Y qué? ¿Y si nos llevan a declarar con juramento? — observó Escobedo.

— No saber nada, compadre, y... eso lo acordaremos bien cuando comiencen las cosas; vale que soy el secretario del juez de paz.

— Culpemos a los indios muertos — opinó uno.

— Entregaremos al campanero; ese indio tiene vacas y puede pleitear — dijo otro.

— Hombre, ¿y tú hablaste con Rajita esa noche? — preguntó Escobedo al primero de los opinantes.

— Yo, no; el que habló fue don Estéfano — repuso el aludido.

— Sí, yo hablé con él — afirmó Benites.

— ¿Y cómo fue eso? Yo pienso citarlo a Rajita, porque es mi amigo, y porque tenemos pendiente un negocio de molienda de trigo — dijo con interés Escobedo.

— Bueno, lo que le dije fue: Santiago, estate sobre aviso, que por unos papeles sé que han llegado unos bandoleros a las cercanías, robando iglesias, y como la custodia del pueblo es rica, hay que guardarla.

— Está bien: Rajita me quiere mucho; es capaz de seguirme al purgatorio — apoyó Escobedo sonriendo y dándose golpecitos en los pies con el lloque.

— No se descuiden, pues, de averiguar lo que pasa, ¿eh? Yo me voy donde don Sebastián, para que hagamos los apuntes — dijo Benites despidiéndose de sus colegas.

Y cada cual se fue a su mentidero, que así se llaman las esquinas de la plaza, nombre dado por ellos mismos en un momento de inspiración.

La asonada había pasado, pues, tal como se fraguó en la casa parroquial, aunque sin los resultados perseguidos por aquellos ciegos conservadores de sus costumbres viciadas.

Reunidas las gentes, se señaló la casa de don Fernando como el refugio de los supuestos bandoleros, y como los momentos de excitación del populacho nunca son de reflexiones, creyeron y atacaron. Esa fue la tragedia.

Después, la palabra valerosa de un joven casi desconocido en el pueblo, seguido de una mujer tan respetable y querida como doña Petronila, impuso la tregua a que siguió la calma; y luego, con ese cambio rapidísimo de sentimientos populares, vino el arrepentimiento, el horror a lo ya ejecutado, que con los tornasolados celajes de la aurora se contempló como la farsa más inicua.

La autoridad judicial se apersonó en el lugar del siniestro, y dos peritos nombrados ad hoc expidieron su informe en términos tan técnicos como oscuros para llegar a la investigación de la verdad.

A la entrada de don Fernando, Lucía, don Sebastián y Manuel al cuarto de Marcela, que acababa de morir, el cadáver, aún tibio, yacía tendido en un ligero catre de hierro

sin toldilla, cubierto con una frazada blanca de listas azules y carmesí, tejida en el lugar, y sus brazos extendidos sobre la cama dejaban descubierta una parte del hombro.

Arrodillado junto al lecho mortuorio, con el rostro escondido entre las manos, estaba el cura Pascual.

Margarita, casi totalmente transformada, con una batita negra de percal, los cabellos sueltos y los ojos reverberantes con las lágrimas que brotaban desde su corazón, agarraba una de las manos de la muerta.

Lucía sacó del bolsillo de su bata un pañuelo blanco, y con él cubrió el rostro de la difunta, con el respeto que le inspiraba aquella mártir de su amor de madre, de su gratitud y de su fe.

En el cerebro de Lucía bullían las revelaciones que Marcela le confió en sus últimos momentos. Don Fernando y don Sebastián se quedaron en medio de la habitación, y Manuel, fijándose en Margarita, sintió agolparse a su corazón toda la sangre de sus venas.

¿Entraba en aquella habitación en el momento psicológico que se revuelven las grandes pasiones del corazón humano? ¿Era que conocía a Margarita en situación tan solemne y cuando su alma estaba predisposta por tantas sensaciones encontradas al estallido de las más grandes de las pasiones? ¿Era una confusión de sentimientos o la belleza notable de Margarita lo que sojuzgó el corazón del estudiante de segundo año de Derecho?

No lo sabemos, pero el arquero niño infiltró el alma de Margarita en el corazón de Manuel; y junto al lecho de muerte nació el amor que, rodeado de una valla insuperable, iba a conducir a aquel joven, nacido al parecer en esfera superior a la de Margarita, a los umbrales de la felicidad.

En la habitación mortuoria nunca es animada la palabra.

Frases dichas a media voz, pasos cautelosos y cuchicheos, como si todavía se velase a un enfermo; tal es el cuadro donde todos imitan el silencio sepulcral.

Por esta vez fue el cura Pascual quien dejando su actitud de recogimiento, con mirada vaga y voz clara, dijo:

— Alabad todos a Dios, porque, dando hoy la gloria a una santa en el cielo, redime a un pecador en la tierra. ¡Hijos míos! ¡Hijos míos! ¡Perdón! ¡Pues yo prometo en este templo augusto, aquí, frente a las reliquias de una mártir, que para este pecador comenzará una era nueva...!

Todos quedaron estupefactos, y miraban al cura Pascual, creyendo que estaba loco.

Pero él, sin darse cuenta, continuó:

— No creáis que en mí hubiese muerto la semilla del bien que deposita en el corazón del hombre la palabra de la madre cristiana. ¡Desdichado el hombre que es arrojado al desierto del curato sin el amparo de la familia! ¡Perdón! ¡Perdón...!



Y volvió a caer de rodillas, entrelazando las manos en actitud suplicante.

— Desvaría — dijo uno.

— Se ha vuelto loco — observaron otros.

Don Fernando, adelantando varios pasos, tomó del brazo al cura Pascual, lo levantó y le condujo a su escritorio o cuarto de trabajo, para ofrecerle un descanso.

Lucía, dirigiéndose a los presentes, dijo:

— ¡Dios mío...! Pero... ¡Vamos! Dejemos en paz a quien no es ya de aquí.

Y señaló el cadáver de Marcela.

Manuel, tomando de un brazo a Margarita, contestó con voz dulce:

— ¡Señora, si Marcela ha partido al cielo arrancando lágrimas, esta niña viene de allá infundiendo esperanzas!

— Dice bien Manuel, Margarita, si no pude hacer felices los días de tu madre, haré colmados de dicha los años de tu existencia: ¡tú serás mi hija! — repuso Lucía dirigiéndose a la huérfana.

Aquellas palabras cayeron como lluvia vivificante sobre el joven que, mirando a Margarita, se repetía interiormente:

— ¡Qué linda! ¡Es un ángel! ¡Ah!, yo también trabajaré por ella.

— ¡Vamos! — repitió Lucía tomando del brazo a don Sebastián, que parecía una estatua de sal. — Tenemos que cumplir los últimos deberes con la que fue Marcela.

Y le sacó, dejando que Manuel llevase a la huérfana, que, por una misteriosa combinación, salía de la vivienda mortuoria de su madre conducida por el hombre que tanto iba a amar en la vida.

## CAPÍTULO XXV

**P**ositiva es la influencia simpática que ejerce ante sus semejantes el hombre que, reconociendo la mala senda, se detiene para desandar lo andado y pide el amparo de los buenos.

Por descorazonado y egoísta que sea el actual siglo, es falso que el arrepentimiento no inspire interés y merezca respeto.

Las palabras del cura Pascual habían conmovido los nobles sentimientos de don Fernando Marín, en grado tal, que adquirió completa disposición para apoyar, o mejor dicho, defender al párroco de las complicaciones que sobreviniesen en el curso de los acontecimientos iniciados con la intervención del juzgado; pero el señor Marín era hombre de mundo, conocedor del corazón humano, y en la actitud del cura Pascual vio una faz diferente de la que el vulgo veía, y dijo para sí:

— Esta es la explosión del susto, el sacudimiento nervioso que produce el miedo; yo no puedo tener fe en las palabras de este hombre.

Mientras tanto el cura Pascual, como adivinando por intuición el pensamiento del señor Marín, dijo a éste:

— No quiero detenerme, don Fernando. Las resoluciones acompañadas de vacilación se desvirtúan. He sido más desgraciado que criminal. Mienten los que, sentando una teoría ilusoria, buscan la virtud de los curas lejos de la familia, arrojados en el centro de las cabañas, cuando la práctica y la experiencia, como dos punteros de la esfera que han de señalar con infalibilidad la hora, nos marcan que es imposible conseguir la degeneración de la naturaleza del hombre.

— Usted ha podido ser un sacerdote ejemplar, cura Pascual — contestó el esposo de Lucía, casi apoyando las últimas palabras de su interlocutor.

— Sí, en el seno de la familia, don Fernando, pero hoy, ¡puedo decirlo delante de usted!, solo, en el apartado curato, soy un mal padre de hijos que no han de conocerme, el recuerdo de mujeres que no me han amado nunca, un ejemplo triste para mis feligreses, ¡ah...!

La voz del párroco estaba ahogándose; gruesas gotas de sudor corrían por su frente y su mirada infundía, más que respeto, miedo.

— Cállese, cura Pascual, ¿a qué tanta exaltación? —dijo don Fernando con ademán compasivo, a la vez que con la fisonomía demudada por la sorpresa, pues aquel que tenía

delante no era el cura Pascual que vio y trató tantas veces; era el león despierto del letargo con el dolor de una herida mortal, desgarrándose sus propias entrañas.

— La revelación de Marcela... — dijo el cura por toda respuesta, tapándose la cara con ambas manos y volviéndose a descubrir para levantarlas al cielo como sobrecogido de espanto.

¿Eran horribles, acaso de magnitud y trascendencia, aquellas palabras de la revelación sacramental? Indudablemente.

Cualesquiera que ellas fuesen, cayendo sobre un ánimo ya preparado por el terror que le infundió el resultado de la asonada y la sobreexcitación cerebral producida por el licor y los placeres que apuró en brazos de Melitona, agregándose a esto las palabras que lanzó Manuel como un tremendo reto, todo debía producir su estallido.

En tales situaciones el hombre va a los dos extremos de la vida social: la virtud o el crimen.

Pero el pobre organismo del cura estaba gastado totalmente, y la reacción para el bien no podía ser indicio de perseverancia. Aquél era el delirium tremens que asalta el cerebro, mostrándole fantasmas que hablan y amenazan. Sus labios estaban secos, su respiración quemada; mas el cura, continuando su discurso interrumpido por una lucha interior, dijo:

—La mujer es como la miel: tomada en cantidad agota la salud... ¡Estoy resuelto, don Fernando...!

El cura Pascual deliraba, y cayó al suelo completamente privado, de donde lo levantaron presa de una fiebre tifoidea, y fue preciso conducirlo a su casa, desierta de los afectos y cuidados de familia y de todo auxilio.

No había para el infeliz más asistentes que su pongo y sus mitayas forzosas, ni más cariño que el de su perro.

## CAPÍTULO XXVI

**T**odas las elevadas cumbres de las montañas que rodean Kíllac estaban cubiertas de esa palidez que a veces derrama el astro rey, al hundirse en el ocaso, y, que en el país se ha dado en llamar el sol de los gentiles.

Estaba tranquila la tarde y las cigarras comenzaban a cruzar el espacio, anunciando la llegada de la noche con ese zumbido del qqués—qqués.

Lucía y Manuel, en presencia de don Sebastián, se ocupaban de los últimos arreglos para el entierro de Marcela, cuando entró don Fernando, a quien dijo su esposa:

—¡Fernando! ¡Qué cosas!, ¿no? ¿Sigue el arrepentimiento del pobre cura?

— Hija, el cura Pascual se está muriendo con fiebre, y en el delirio dice cosas que estremecen el alma — contestó don Fernando pasándose la mano por la frente.

— ¡Dios me ampare y me favorezca! ¡Ahora no falta más que vengan las justicias francamente, esto es horrible!  
— repetía golpeándose la frente con la palma de la mano.

— Calma, don Sebastián, no vaya usted a ponerse malo — dijo don Fernando llevando la mano al hombro del gobernador.

En aquel momento lanzó su primer clamor la campana del templo, tocando a muerto y pidiendo en su doble una oración para Marcela, mujer de Yupanqui..

Lucía, que tenía cerca a Margarita, la trajo hacia su corazón, y estrechándola contra su pecho, le dijo:

—Vamos a buscar a tu hermanita Rosalía; hace tantas horas que no la vemos...

Y dirigiéndose a su marido, agregó:

— Fernando, tú entiéndete con ellos; yo voy a preparar el albergue prestado para las dos aves sin nido.

— ¡Margarita! ¡Margarita! — murmuró Manuel al oído de la niña. — ¡Lucía es tu madre, yo seré... tu hermano!

Y resbaló una lágrima por el rostro del joven, como la perla valiosa con que su corazón pagaba a Lucía el cariño por la huérfana, cuyo altar de adoración ya estaba levantado en su alma con los lirios virginales del primer amor.

¡Amar es vivir!



## **SEGUNDA PARTE**



# CAPÍTULO I

**E**l corazón del hombre es como el cielo cargado de nubes: infinito en sus fenómenos e igual en el curso de sus sacudimientos tempestuosos.

Después de la noche de tormenta clarea el día de luz y de sol.

Tras de los sucesos tristes que dejamos narrados en la primera parte de esta historia, la población de Kíllac entró en un período de calma semejante al desfallecimiento que sigue al trabajo inmoderado, aunque la tempestad levantada en el corazón de Manuel tomaba proporciones considerables, impulsada por la soledad y la falta de ocupación consiguientes.

Transcurrieron así meses y meses.

Instaurado el juicio respectivo para descubrir a los verdaderos culpables del asalto, las diligencias preparatorias, con su tecnicismo jurídico, no había podido señalarlos, ni averiguar nada de lo que nosotros sabemos, siguiendo el proceso con la lentitud alentadora del reo, lentitud con que en el Perú se procede dejando impune el crimen y tal vez amenazada la inocencia.

Sin embargo, el expediente engrosaba: cada día se añadían pliegos de papel sin sellar con el respectivo cargo de reintegro oportuno, constando en autos extensas declaraciones de testigos que ni al expresar su edad, estado y religión decían verdad convincente.

Citaron al señor Marín al juzgado para prestar una inestructiva como perjudicado, y no obstante el propósito que le asistía de no empeñarse en aquel juicio, se presentó, obedeciendo la citación, al juzgado de paz, comisionado por el de primera instancia para instruir el sumario.

El juez de paz, que era don Hilarión Verdejo, hombre ya entrado en años, viudo de tres mujeres, alto y cacarañado, actual propietario de «Manzanares», que compró a la testamentaría del obispo don Pedro Miranda y Claro, estaba gravemente sentado en el despacho ante una mesa de pino, en un salón de vaqueta y madera de los que se fabricaban en Cochabamba (Bolivia) hace cuarenta años, y que hoy son, en las ciudades del Perú, una rareza de museo.

Acompañaban a Verdejo dos hombres de los que sabían rubricar, quienes iban a servir de testigos de actuación, y no tardó en llegar el señor Marín, a quien recibió el juez alargándole la mano y diciéndole:

— Usté perdonará, mi señor don Fernando, que lo haiga hecho venir pacá; yo hubiese ido pallá; pero el señor jués de instancias...

— Nada de excusas, señor juez, está muy en orden — contestó el señor Marín, y don Hilarión comenzó la lectura de algunos documentos que persuadieron a don Fernando, una vez más, de que sería risible de su parte proseguir aquel juicio, digno de ser tratado por gente seria.

— ¿Vamos a la actuación, señor juez? — preguntó don Fernando.

— Esperemos otro poquito, mi señor; no tardará mi plumario pa quescriba —repuso Verdejo algo turbado, acomodando su sombrero en una esquina de la mesa y dirigiendo miradas ansiosas hacia la puerta por donde, al fin, apareció Estéfano Benites llevando la pluma sobre la oreja derecha. Saludó muy deprisa, y arrastrando una silleta, dijo:

— Mucho me he tardado, señor; usted dispense — tomando al mismo tiempo la pluma, sopándola en el tintero y colocándola en actitud de trasladar al papel que tenía delante el dictado de don Hilarión, que dijo:

— Ponga usté el encabezamiento, don Estéfano, con buena letra, qué cosa de nuestro amigo el señor Marín.

Benites, después de llenar algunos renglones, contestó:

— Ya está, señor.

Entonces don Hilarión tosió para afinar la voz, y con tono magistral, o mejor, como escolar que repite su lección de memoria, comenzó así:

— Preguntado si sabe y le costa que hubieron desórdenes con armamentos de fuego en este pueblo la noche del cinco del mes corriente, respondió:

— Que sí sabe, y le consta, por haber sido su domicilio atacado — se apresuró a contestar don Fernando, deseoso de ahorrarle algunos aprietos de redacción al juez.

— Con esta declaración los mata usted a sus enemigos, mi don Fernando — dijo Verdejo haciendo paréntesis en el dictado.

Don Fernando se concretó a callar, y el juez continuó:

— Preguntado si sabe quiénes atacó la casa o conoce los autores del atentado... —Que sí — dijo don Fernando con firmeza.

Al escuchar esta respuesta, Estéfano levantó la cara con la sorpresa consiguiente a tan inesperado golpe, observando el semblante del señor Marín, y aunque en él no pudo descubrir nada que le hiciese sospechar que estaba al cabo de su participación, desde aquel momento varió algo la forma de su letra, lo que demostraba que su pulso no iba firme.

Los testigos cruzaron entre sí una mirada significativa, y el juez no dejó de observar:

— Siendo esto así, condenados tendremos —y creyendo haber trabajado lo suficiente, agregó: — Por hoy basta, don Fernando, mañana continuaremos, si Dios nordena otra cosa, porque mestán esperando pa un deslinde. ¡Jesús!, qué ocupao vive un jués... y todavía sin... — dijo rascando la palma de la zurda con los dedos de la diestra.

— Como usted guste, señor juez, a mí no me urge esto — respondió don Fernando Marín, tomando su sombrero y despidiéndose.

Iba a salir, cuando se le llegó Estéfano con aire misterioso, y le dijo a media voz:

— Señor Marín, dispense usted, ¿quién me abonará mis derechos de... secretario?

— No sé, amiguito — contestó don Fernando moviendo la cabeza, y abandonó el santuario de la ley.

Luego que se encontraron solos, observó Verdejo, dirigiéndose a su plumario:

— Ha dicho que los conoce, ¿eh?

— Sí, don Hilarión; pero en la prueba están las tantas muelas, como había dicho el Cachabotas — respondió Benites, limpiando la pluma con un pedacito de papel.

— Eso también he pensao yo, don Estéfano, que pa algo, pues, sirve llevar tantos años de judicatura, e siquiera queda experiencia.

— Y ahora que recuerdo, señor, para que todo vaya bien aparejado, hay que decretar primeramente el embargo del ganado del campanero; porque hasta el presente folio resulta el único comprometido en esto — instruyó Benites, obedeciendo a un plan ya preconcebido.

— Ajá, ya meiba olvidando; ponga usted el decreto fuerte.

Autorizó el juez, y Benites redactó en seguida una especie de auto de embargo de las vacas, ovejas y alpacas de Isidro Champí, campanero de Kíllac, para quien aquel ganado representaba la suma de sacrificios sin nombre soportados por él y su familia durante su vida. Después de escribir, consultó Estéfano al juez y dijo:

— El depositario que exige la ley puede ser nuestro amigo Escobedo; es persona abonada, honrada y toda nuestra, señor juez.

— ¿Escobedo? — repitió don Hilarión, rascándose la oreja, y después de una ligera pausa. — Sí, siestá bien, ponga usted a Escobedo —respondió Verdejo, ordenando los papeles desparramados sobre la mesa y tomando en seguida su sombrero para salir.



## CAPÍTULO II

**L**a situación de Manuel era de las más complicadas. Encerrado en su cuarto por largas horas, durante casi todo el día y casi toda la noche se decía en frecuentes soliloquios:

— Por mucho que el nombre de don Sebastián no conste todavía en los autos, él está repetido de boca en boca, signado por acusación y prueba. Las explicaciones de mi conducta dadas a los extraños que me vean frecuentar la casa de don Fernando Marín no podrán ser satisfactorias por el momento, ni honrosos para mí los comentarios que se hagan. Será, pues, necesario fortalecerse; iré también al sacrificio para ser algún día digno de ella. Dejaré de visitar la casa; pero ¡en qué momentos me impongo este alejamiento! ¡Dios mío! Cuando mi corazón pertenece a Margarita, cuando mi anhelo es poder participar de los arreglos que la señora Lucía proyecta para la buena educación de la huérfana. ¡Dolor del alma! ¡Tú te llamas Fatalidad, y yo soy tu hijo!

Al decir estas últimas palabras cayó Manuel sobre el sofá de su pequeño cuarto, y con la cabeza apoyada en las palmas de las manos y los codos sobre las rodillas, permaneció como quien se abisma en los mares sin orilla de la duda y la meditación.

Manuel, indudablemente que tenía un plan concebido en su cerebro, acaso dictado por su corazón, y ejecutarlo era la exigencia ineludible.

Había comenzado a preparar el campo para realizar ese plan concebido por él.

Un día, después de reñidas vacilaciones, el sentimiento avasalló a la voluntad, y se dijo:

— Sea tiempo de arrostrar todo comentario, y esta noche voy.

Y por la primera vez, desde su llegada, puso esmero en su peinado y vestido. Sacó unos guantes que estaban en el fondo del baúl y que fueron de estreno en sus exámenes universitarios; preparó sus botas de charol y se fue a hacer tiempo en el jardín de su casa.

El pensamiento de Margarita lució vivo entre las flores, y el joven, absorbido por sueños ilusorios, cogió una porción de lindas violetas rellenas, que en tanta abundancia se producían debajo de las enramadas del arrayán; formó con ellas un perfumado ramillete, y lo guardó en el bolsillo de la pechera interior de su gabán diciendo:

— Las violetas son las flores que representan la modestia, y la modestia es virtud que resalta más en una mujer hermosa, porque la fea debe serlo. ¡Para mi Margarita, las violetas! Cuando a mi edad se las arranca, en medio de los rayos de luz que alumbran el corazón enamorado, involuntariamente se va dejando un pedazo del alma en cada flor para que toda ella vuelva a juntarse con el alma de un ser amado. Los veinte años son, dicen, la poesía de la existencia, las flores sus rimas y el amor la propia vida. ¡Oh!, ¡yo siento, sé que vivo desde que amo!

Llegó por fin la ansiada hora y Manuel, calándose los guantes y perfumando su ropa, se lanzó por en medio de las oscuras calles de Kíllac, cuyo empedrado desigual devoró con pasos de gigante, y llegó a casa de don Fernando con el corazón palpitante de emociones, que para él trascendían ambrosía.

Al entrar al salón de recibo, encontró a Lucía dando las últimas puntadas a una relojera de raso celeste, en que había bordado con sedas matizadas de colores una flor no me olvides con las iniciales de su esposo al extremo.

Cerca de ella estaba Margarita, más linda que nunca, con su cabellera suelta sujeta a la parte de la frente con una cinta de listón, y se ocupaba en acomodar en una caja de cartón las fichas del tablero contador, en el cual ya conocía todas las letras.

Rosalía, junto con una muchachita de su edad, reía, lo más alegre del mundo, de una muñeca de trapo a la que acababan de lavar la cara con un resto de té que había en una taza.

Manuel se quedó extasiado por algunos segundos contemplando aquel hermoso cuadro de familia, donde Margarita representaba para su corazón el ángel de la Felicidad.

Lucía volvió la cabeza creyendo encontrarse con don Fernando, pero al ver a Manuel, dijo sorprendida y dejando su labor:

— ¡Ah! ¿Era usted, Manuel?

— Buenas noches, señora Lucía. Y, ¿cómo se ha sorprendido usted con mi presencia! ¿Si iré a morirme? — repuso Manuel con ademán alegre, descubriéndose y dando la mano a la señora Marín.

— No diga usted eso; si me he sorprendido es porque usted se ha perdido tantos días — contestó con amabilidad la esposa de don Fernando, correspondiendo a la salutación de Manuel, e invitándole un asiento con la mano.

—Razón de más para que ustedes hayan vivido a toda hora en mi memoria y en mi corazón —repuso el joven, fijando la vista en Margarita, a quien saludó en ese momento, diciéndole—: Y, ¿cómo está la dichosa ahijada?

Y tomó la diminuta mano, que al rozar la suya produjo para ambos jóvenes el efecto del contacto de las almas.

— Bien, Manuel; ya conozco todas las letras del tablero — contestó la niña, sonriendo de contento.

— ¡Bravísimo!

— Parece broma, pero cada día me siento más satisfecha de mi ahijada, ¿no? —dijo Lucía mirando a la huérfana.

— ¿A ver? Quiero someterte a examen — dijo Manuel, tomando la caja.

Y vaciando las fichas comenzó a escoger letras, enseñándoselas a Margarita.

— A, X, D, M — decía la niña con viveza encantadora.

— Aprobada — dijo riendo Lucía.

— Ahora ya debes combinar, yo seré tu maestro — propuso Manuel, tomando seis letras y después nueve, y colocándolas en orden, dijo:

— ¡Mira...!

Y le hizo deletrear:

— Margarita, Manuel.

Lucía conoció la intención de Manuel, y con tono amable, acompañado de una sonrisa, le dijo:

— Bueno, maestro, no se desentienda de sus intereses; quiere grabar su nombre en la memoria de las discípulas.

— A algo más llega mi audacia, señora; quisiera grabarlo en el corazón —contestó Manuel en tono de broma.

Margarita no apartaba la vista del tablero. Sin arriesgar apuesta, parece que podríamos asegurar que ya sabía combinar aquellos dos nombres. Manuel se encontraba emocionado por el giro que tomaban las cosas, y como quien disimula, preguntó:

— Señora, ¿don Fernando no está en casa?

— Sí, está; cabalmente a la entrada equivoqué a usted con él, y no debe tardar. Pero a todo esto, ¿por qué se ha alejado usted de casa? — preguntó Lucía.

— Señora, no quiero enfadarla con explicaciones dolorosas; he creído prudente hacerlo mientras duren estos asuntos judiciales.

— Es usted precavido, Manuel, pero nosotros, que estamos al corriente de todo, que usted nos salvó...

— No por ustedes, sino por los demás — se apresuró a decir Manuel, sin desatender el interés que Margarita manifestó para oír las palabras de su madrina.

En estos momentos entró don Fernando, colocó su sombrero en una silleta y alargó la mano a Manuel, quien se puso de pie para recibirle

## CAPÍTULO III

**E**l cura Pascual salvó milagrosamente del ataque de tifoidea, que le tuvo siete días postrado en el lecho, de donde lo arrancó la asistencia caritativa.

Su convalecencia iba a ser tardía, no obstante la benignidad del clima y la abundancia de leche y alimentos nutritivos. Su cerebro necesitaba cambio de lugar, de objetos y de costumbres para quedar desposeído de las imágenes que en él vivían con todo ese comején de los remordimientos, y resolvió ir a la ciudad en busca de un facultativo y de algún consuelo, dejando temporalmente el curato a un fraile exclaustro de los antiguos franciscanos, que llegó a Kíllac casi al mismo tiempo que la nueva autoridad nombrada por el Supremo Gobierno para regir la provincia. Elegido fue el coronel Bruno de Paredes, hombre conocidísimo en todos los partidos del Perú, así por gozar de influjos conquistados en torneos del estómago, o banquetes, como por sacar con frecuencia las manos del plato de la Justicia.

Paredes era, además, antiguo camarada de don Sebastián, y hasta compañero de armas en una revuelta que hubo en pro no sabemos asegurar si de don Ramón Castilla o don Manuel Ignacio Vivanco.

La edad de don Bruno pasaría de los cincuenta y ocho años; sin embargo, estaba conservado y mozo con ayuda de un poco de tinte de Barry para el pelo y los trabajos del dentista Christian Dam para la boca, novedades que él llevó de Lima la primera vez que marchó de la capital como diputado dual por los Sacramentos.

Alto y grueso, de facciones vulgares y color más que modesto, cuando reía a carcajada descompuesta dejaba ver la dentadura ajena por debajo de sus labios, resguardados por unos mostachos atusados en forma de cepillo. Vestía pantalón negro, chaleco azul cerrado hasta el cuello por botones amarillos de la patria, que también lucía, aunque más grandes, en la levita de paño café oscuro con enormes presillas de coronel; y gastaba un sombrero faldón de paño negro, con un herraje de caballo en miniatura como remache del cintillo ancho, de gro rayado. Nunca hizo ninguna clase de estudios militares, es verdad, pero las circunstancias le pusieron los galones el día menos pensado, y él tampoco cometió la candorosidad de despreciarlos. Su instrucción pecaba de pobre y su habla se resentía de pulcritud.



A su llegada a Killac se puso en relación inmediatamente con su antiguo camarada don Sebastián, a cuya casa se dirigió; supo los acontecimientos ocurridos en la población, y sostuvo el siguiente diálogo, donde rebosaba la confianza de otras épocas:

— ¡Qué diantre! Y, ¿usted, mi don Sebastián, todo un hombre que viste calzones, se ha dejado manejar por un muchacho de escuela como es Manuelito? Pues no faltaba más.

— Mi coronel, francamente, declaro a usted que no se puede de otro modo. Ese muchacho me ha reflexionado como un libro, y Petruca ha remachado el clavo con sus lloros...

— ¡Bonita va la cosa! Llévase usted de lloros de mujeres, y veremos cómo anda la patria. No, señor; usted se planta en sus trece; y yo le sostengo; sí, señor.

— Es que mi renuncia ya se está tramitando en la Prefectura, francamente, mi coronel...

— ¡Caracoles! Usted parece niño de teta, don Sebastián; ¿no sabe usted que quien tiene padrino se bautiza? ¿Dónde está esa bravura de otro tiempo? Sí, señor...

— ¿Y cómo arreglaríamos?... pues, francamente, esto es serio —respondió don Sebastián revelando alegría inusitada.

— Lo arreglaremos en dos patadas, sí señor; usted retira o no retira su renuncia y yo le nombro otra vez gobernador —dijo el coronel poniendo ambas manos en los bolsillos del

pantalón, suspendiendo éste como quien lo sujeta a la cintura, y paseándose con calma.

— Francamente... — observó don Sebastián, pasándose la mano por debajo del pelo como quien busca ideas, y agregó — La Pascua está cerca; también podemos mandar un torillo a la Prefectura; pero... francamente, ¿y don Manuel, mi coronel?

— Ríase usted de Manuel. No tiene usted para qué darle a saber nada. Y, usando de nuestra antigua franqueza, voy a decirle claro a usted, mi don Sebastián: necesito de su brazo; he venido contando con usted. Esta Subprefectura tiene que sacarme de ciertos apuritos, sí señor; usted sabe que el hombre gasta; hace cinco años que persigo este puesto, como usted no ignora, y mis planes son bien meditados.

— Así la cosa, francamente, ya varía de cara —repuso don Sebastián acercándose más a su interlocutor.

— ¡Y qué! ¿Me ha creído usted un tonto, don Sebastián? Yo sé que cuando se alquila una vaca lechera se devuelve bien exprimida. ¿Acaso han sido pocos mis empeños para conseguir esto?

— Esa es mucha verdad, mi coronel; tantos tísicos, ¿no engordan aquí...? Pero, a todo esto, francamente, y eso del juicio de la tal asonada...

— ¿Lo del juicio? ¡Ja! ¡Ja! ¡Ja! ¡Cómo se conoce que es usted también bisoño, serrano a las derechas! Teniendo miedo al juicio, sí señor, deje usted que sus tataranietos digan de nulidad, y no pensemos más en el juicio.

— ¡Mi coronel, francamente, usted me ensancha...!

—Y, ¿qué es del cura Pascual?

— Nuestro cura, mi coronel, ha ido a la ciudad a convalecer; francamente, casi se nos muere.

— Lo siento, pues el curita habría sido un buen apoyo para nuestros proyectos; tenemos que juntar buenos soles este año — dijo don Bruno sacando ambas manos de los bolsillos.

— ¡Cómo no, pues, mi coronel! Francamente, el cura Pascual nos convenía, tan bueno, tan condescendiente como es.

— ¿Y sigue enamorado?...

— Eso, mi coronel, maña y figura hasta la sepultura, y francamente, también uno es hombre...

— Sí, señor; uno es hombre. ¿Y Estéfano Benites y los amigos de aquí? — preguntó don Bruno con manifiesto interés.

— Todos buenos, mi coronel, y, francamente, a mí me gusta mucho Benites.

— Pues hágalos llamar, don Sebastián. Yo quiero dejar todo nuestro plan administrativo acordado, para seguir mi viaje, porque no debe demorar mi juramento.

— En el instante, mi coronel, aunque francamente, no tardarán en venir a felicitar a usted; ya en el pueblo se sabrá su llegada — repuso don Sebastián, que se sentía totalmente reanimado.

Todos los escrúpulos que las palabras de Manuel levantaron en su alma habían desaparecido al influjo de la voz del coronel Paredes, con la misma rapidez con que se cambian los dorados celajes de verano o las buenas ideas ante la superioridad moral de quien las combate.

## CAPÍTULO IV

**L**a visita de Manuel a casa de don Fernando resolvió uno de los puntos importantes de su vida, como se verá más adelante.

Don Fernando Marín refirió a Manuel los pormenores de lo ocurrido en el juzgado, y terminó así:

— Y todo esto, ¿no le da a usted la más triste idea de lo que son estas autoridades, don Manuel?

— ¡Don Fernando! Tengo el alma herida, y cada nueva de éstas pone el dedo en la llaga. ¡Ah, si yo pudiese arrancar a mi madre! — dijo el joven conmovido, colocando sobre la mesa una ficha del tablero de Margarita, que por distracción tenía entre las manos.

— Por esto, Manuel, hemos resuelto mandar a las chicas a educarlas a otra parte —dijo Lucía interesándose en la conversación.

— Y, ¿qué lugar han elegido ustedes? — preguntó Manuel vivamente interesado.

— Lima, por supuesto — respondió don Fernando.

— ¡Oh, sí, Lima! Allá se educa el corazón y se instruye la inteligencia; y luego creo que Margarita en un par de años hallará un buen esposo. Con esa cara y esos ojos no se alarga ningún solterío — dijo Lucía riendo a satisfacción.

Pero Manuel, palideciendo, volvió a preguntar:

— ¿Han resuelto ya ustedes la fecha del viaje de las chicas?

— No está aún resuelto el día, pero será en todo este año — contestó don Fernando poniéndose de pie y dando algunos paseos.

— Viajar a Lima es llegar a la antesala del cielo y ver de ahí el trono de la Gloria y de la Fortuna. Dicen que nuestra bella capital es la ciudad de las Hadas — respondió Manuel disimulando sus emociones.

Y desde aquel momento se fijó en su mente la idea de ir también a Lima en seguimiento de Margarita.

Lucía hizo un ligero aparte con su esposo que, acercándosele, permanecía de pie junto a ella; y Manuel se aprovechó de esa pequeña distracción para entregar a Margarita su ramillete de violetas, diciéndole con voz apagada y muy ligero:

— Margarita, estas flores se parecen a ti; quisiera encontrarte siempre modesta, como ellas. Guárdalas.

Margarita tomó con ligereza el ramillete y lo escondió en el seno con la agilidad infantil que hace ocultar un juguete codiciado por otro niño.

¿Por qué el amor se inicia con ese sigilo instintivo? ¿Por qué brota la flor de la simpatía entre la maleza del egoísmo, del disimulo y de la ficción? ¿Quién había podido decir a Margarita que era acción vedada aceptar las flores de un joven, ofrecidas con el rocío del afecto?

¡Ese es el misterio de las almas!

Se lo dijo el fuego de las pupilas de Manuel, que, partiendo de sus ojos fosforescentes, fue a incendiar el corazón de la niña, corazón de virgen que comenzaba a sentir esos ligeros estremecimientos que, pasando inadvertidos al principio, acaban por dejar temblorosa en las pestañas la lágrima que arranca el amor.

¡Lágrima de felicidad!

Lágrima que anuncia el corazón la hora del sentir; lluvia que rocía la flor de las esperanzas.

El corazón de la mujer es corazón de niña desde que nace hasta que muere, si no lo han helado las dos únicas tempestades terribles: la incredulidad y la depravación.

Lucía, cambiando por completo el tema de la conversación, dijo a su esposo:

— ¿Sabes, Fernando, que Manuel tiene mil escrúpulos para seguir visitándonos?

— Ante nosotros, hija, no tiene por qué, pero ante los demás, sí tiene razón: sin embargo — dijo dirigiéndose al joven —, puede usted venirse en las noches.

— Gracias, señor Marín.

—Y me dicen que hoy ha llegado la nueva autoridad; ¿sabe usted, Manuel, dónde tomará alojamiento? — preguntó don Fernando, a quien replicó Manuel:

— Sí, señor, estuvo hoy en casa; pero continuó su camino en seguida. Yo le vi y saludé muy de ligero; me parece que no hemos simpatizado. Él me conoció niño...

— Lo siento; un joven como usted vale por veinte de los viejos de esa calaña. No es lisonjearle, pero creo que la autoridad ganaría más con la amistad de usted.

— ¡Gracias por tantas bondades, don Fernando!, pero los que nos conocieron en pañales rara vez nos quieren ver de otro modo — contestó Manuel sonriendo y tomando su sombrero para salir.

— Buenas noches, señora, señor Marín, Margarita — dijo Manuel.

— Buenas noches —repitieron los demás, y Margarita agregó con vocecita suplicatoria: — Manuel, volverás, ¿no?

En breve se halló Manuel entregado a su pensamiento en medio de las lóbregas calles de Kíllac, cuyo silencio infundía pavor al espíritu de quien recordase las trágicas escenas del 5 de agosto y el cuadro de la muerte de Juan Yupanqui. Pero Manuel estaba profundamente preocupado con los efluvios que, partiendo de su corazón, invadían su cabeza, para poder



pensar en nada extraño a su amor. Hablaba consigo mismo, es decir, pensaba en voz alta, y decía:

— ¡Sí! ¡Me iré a Lima! Dentro de tres años ya seré abogado, y Margarita una bella mujer de dieciséis o diecisiete abriles, risueños y floridos... ¡Qué linda se pondrá Margarita con ese clima suave y puro de Lima, donde las flores brotan purpurinas y olorosas...! ¡Y entonces! ¿Y ella sabrá pagar mi amor?... ¡Ah! ¿Me verá como al hijo del victimador de sus padres? ¡Gracias, Dios mío, gracias...! Por primera vez en mi vida me siento satisfecho de mi verdadero padre. Pero... ¿por qué no puedo llevar su apellido, ese apellido que todos respetan y veneran?... ¡No es mandato de Dios, es aberración humana, es ley cruel, es ley fatal...! ¡Margarita, Margarita mía... yo... no tendré inconveniente en declarárselo a don Fernando, y entonces serás mi esposa! ¡El amor estimula mis aspiraciones; quiero ser abogado cuanto antes...! ¡Llegaré a Lima tras ella; en la famosa Universidad de San Marcos estudiaré con desvelo, sin tregua! ¡Sí! ¡La voluntad lo puede todo...! ¡Pero ella es preciso que me ame...! ¡Ah! ¡Tal vez sueño...! ¡Ella me ama porque ha acogido mis violetas con todo el entusiasmo del amor, y al despedirse me ha pedido que vuelva...! ¡Acaso deliro...! Si ya fuese una mujer le podría revelar todo mi pensamiento, pero Margarita aún es niña y esa niña me ha robado el alma. ¡Sí! ¡Yo seré digno de la ahijada de esa angelical señora, de Lucía!

Manuel parecía un loco rematado; tal era el fuego con que hablaba en momentos en que el ladrido de un perro que amenazaba devorar sus pantorrillas lo sacó de su abstracción, mostrándole que estaba en las puertas de su casa, abiertas, porque el cariño de doña Petronila esperaba su regreso con el supremo amor de madre, que no se doblega ante la vigilia ni ante el sacrificio.

Aquella casa no estaba tranquila, pues a los primeros pasos que avanzó Manuel en el zaguán, advirtió una algazara de Dios es Cristo.

## CAPÍTULO V

**L**a reunión de los vecinos en casa de don Sebastián se verificó rápidamente como éste lo resumía, calculando el tiempo en que se generalizase la noticia del arribo de la nueva autoridad a Kíllac.

Los vecinos que iban llegando se dirigían al subprefecto, que esperaba gravemente apersonado en el salón de don Sebastián, en estos términos:

— Mucho nos alegramos al saber que usía venía, mi coronel — dijo uno.

— Sí, usa somos de usted — dijeron varios.

— Felicitamos a usía todos los vecinos notables del lugar — aclaró el de más allá. El coronel les contestó arreglándose el sombrero faldón:

— Yo vengo con las más sanas intenciones, trayendo el firme propósito de apoyar en todo a los del lugar.

— Eso es lo que queremos — gritaron varios.

En tales momentos llegó Estéfano Benites.

El subprefecto agregó:

— A mi vez, espero que ustedes me apoyarán también, caballeros... ¡Hola, amigo Benites! — terminó don Bruno reparando en el recién llegado.

— Cuento con nosotros usía y tenga muy santas tardes — contestó Estéfano, alegre como un villancico.

— Sí, usía, somos de usted — dijeron varios.

— Yo voy a dejar mis instrucciones al señor gobernador; espero que mis amigos le apoyen y le secunden — dijo el coronel señalando a don Sebastián.

— ¿Sigue siempre de gobernador don Sebastián, usía? — preguntaron en coro.

— Sí, caballeros, me parece que no estarán ustedes descontentos — respondió el subprefecto.

— ¡Ahora, sí! Eso mismo les dije yo que convenía — repuso Estéfano mirando a un lado y otro.

— Y bien; debemos aprovechar de la estación para hacer nuestro repartito moderado, ¿eh? En lo legal a mí no me gustan abusos — dijo el coronel velando su intención y mirando los retratos del empapelado.

— Sí, eso es justo, francamente, y así lo acostumbran todos los subprefectos, mi coronel — dijo don Sebastián apoyando.

— Sí, pues, ¿qué tiene eso? Es costumbre, y también se protege a los indios comprando aquí mismo — opinó Escobedo, que estaba presente.

— ¿Y sabe usía de las bullangas con don Fernando Marín? — preguntó Estéfano Benites, como para asegurarse de un punto de partida según la respuesta.

— Mucho que las sé; pero ustedes han sido mal... aconsejados; esas cosas no se hacen así; para otra vez hay que... tener prudencia — dijo el subprefecto variando la primera forma de su pensamiento, pues comprendió que iba a decir una inconveniencia.

— Eso mismo les manifesté, usía; pero la culpa solamente la tiene el bribón del campanero, que fue a tocar las campanas y alborotar la población — objetó Estéfano, alcanzando la admiración de sus colegas, que dijeron:

— Esa es la verdad, como ya consta del juicio.

— ¿Eso está probado ya en el expediente? — preguntó con vivo interés el subprefecto.

— Sí, usía, y hasta ahora no se toma ninguna medida con el indio campanero, y están comprometidos sólo los nombres de personas respetables — repuso Estéfano.

Y don Sebastián agregó listo:

— Mi coronel, francamente, sin la ocurrencia del campanero no habría habido nada; porque también, francamente, don Fernando es buen hombre no más.

— ¿Y quién es el campanero? — dijo don Bruno.

— Un indio, Isidro Champí, usía, muy liso y muy metido a gente, porque tiene bastantes ganados — repuso Escobedo.

— Pues, mi gobernador, ahora mismo ponga un oficio al juez excitando su celo; ordene usted la captura de Isidro Champí y póngalo en la cárcel a disposición del juzgado, y... a mi regreso arreglaremos — dijo el coronel.

— Eso es, hay que proceder con energía y con justicia — observó Estéfano.

— Muy magnífico, mi coronel, francamente, también el indio Champí debe pagar su culpa — apoyó don Sebastián.

— ¡Bien! Y ahora, a las órdenes de ustedes. ¿Mi caballo? — dijo el coronel saliendo a la puerta de la sala.

Durante aquellos acuerdos, los agentes y comisarios de don Sebastián habían preparado un gran acompañamiento para la salida del nuevo subprefecto y en el patio de la casa aguardaban ya muchos caballos ensillados, y una banda de música con tamboriles, clarines, bocinas y clarinete. Un alcalde, vestido de gala con su sombrero de vicuña, sol de plata en el pecho, manto negro, vara alta con canutillos de plata y la trenza de sus cabellos cuajada de hilos de vicuña, se presentó trayendo de las riendas un brioso alazán en que cabalgó el coronel don Bruno de Paredes.

En la calle aguardaba una cuadrilla de wifalas, indios disfrazados con enaguas y pañuelo de color terciado al

hombro, llevando otro pañuelo amarrado a un carrizo, que tremolaban al son del tamboril bailando para la autoridad y siguiendo el paso de los caballos.

— ¡Viva el subprefecto, coronel Paredes...

— ¡Vivaaa! — gritó una multitud de voces.

El subprefecto oía satisfecho su nombre vitoreado por aquellas turbas desgraciadas, hinchado como la rana de la fábula, envanecido como todo ser que llega a un puesto que no merece; y con tan brillante séquito tomó la orilla izquierda del río para seguir el camino aguas abajo.

Don Sebastián hizo seña a Estéfano para que se quedase, y ambos combinaron la forma de cumplir las órdenes del subprefecto.

— Pues mi don Estéfano, francamente, que es usted de comérselo — dijo don Sebastián estrechándole la mano a Benites.

— Me place que mi salida haya sido tirada de veterano  
— repuso Estéfano satisfecho.

— ¡Ahora sí que nos salvamos, francamente; una vez en la petaca el indio Champí, ya no habrá quien diga chus ni mus!

— Cabales; vamos, pues, a redactar el oficio.

— ¿Qué oficio ni qué purisimitas, don Estéfano? Francamente, váyase usted en el acto con dos alguaciles y póngalo preso, que todos han oído la orden del señor

subprefecto — contestó el gobernador, y Estéfano salió afanoso y contento en busca de los alguaciles de gobierno.

Don Sebastián quedó solo; pero no estaba contento, porque pensó inmediatamente en que tenía que presentar nueva batalla doméstica. Su mujer y su hijo no tardarían en esgrimir las armas de las reflexiones y acaso terminarían por desvanecer el nuevo fantasma de ambición, en cuyos brazos dormía el sueño de gratisimas ilusiones, ensanchándose el corazón del ex gobernador con las alentadoras promesas del coronel Paredes y la oportuna salida de Estéfano Benites.

¿Caería derrotado otra vez, tristemente derrotado?

Era preciso armarse, levantar trincheras, fabricar reductos y esperar resuelto. Para esto apeló don Sebastián al supremo esfuerzo de los cobardes, y golpeando la mesa con tono altanero, dijo:

— ¡Qué canarios! ¡Francamente, aura ya no me hago el chiquito ya! ¿Pongo? — gritó con todo el garbo de un hombre dueño de algunas pesetas, voz a que obedeció el consabido indio presentándose en la puerta, y a quien ordenó don Sebastián:

— Anda, pega un brinco, y dile a doña Rufa que me mande... francamente, una botella, y que apunte.

El indio salió y volvió como una exhalación, con una botella de cristal verde y un vaso.



Don Sebastián se sirvió una ración respetable, y la apuró murmurando la frase sacramental de los que rinden culto a la vid.

— «Manojito de canela, en mi pecho te guardo» — dijo, llevó el vaso a los labios, agotó el licor, hizo un gesto medio feo, se limpió la boca con un extremo de la sobremesa, y continuó:

— ¡Que vengan, pues, francamente, aura nos veremos cara a cara...!

Lo que bebió don Sebastián no era siquiera un licor de uva; era alcohol de caña de azúcar ligeramente dilatado con agua, que le dio un viso blancuzco. Sus efectos debían ser instantáneos; por eso no tardó el brebaje en evaporarse por el organismo, invadiendo la razón en sus asilos cerebrales, y en doblegar al hombre dejando al bruto.

Doña Petronila observaba con atención las evoluciones de su casa desde la llegada de la nueva autoridad, ante quien no se presentó ella; y cuando vio entrar al pongo con la provisión de bebida al cuarto de su marido, iba a lanzarse sobre él, arrebatarle la botella y estrellarla contra el suelo. Pero una ráfaga de buen sentido iluminó su espíritu moderando el primer ímpetu, y se dijo:

— No, tatay, mejor aguardaré a Manuelito, que él tiene modos — y se puso a dar vueltas en el interior de la casa, sin

sospechar que su hijo estuviese recogiendo todas las violetas del jardín, cultivadas por ella, entregado al amparo de los dioses alados, y con el corazón impregnado de esa suprema ambrosía que exhala el amor.

Estos son, pues, los espejismos de la vida.

Mientras que doña Petronila tejía planes con todo el prosaísmo de la tierra para impedir que don Sebastián bebiese, Manuel soñaba sueños de topacio.

¡Dichosa juventud, porque puede amar!

¡Edad venturosa del hombre igualado a la rosa en botón con sus distintivos de edad, aroma y unión, sumando felicidad!

¡Dichosa época en que la ventura pende en el rozar de un vestido; en la duración de una flor arrancada a los cabellos; en la dulzura de una mirada que envía su alma en busca de otra alma!

Si la madre de Manuel hubiese podido distinguir el color de los sueños de su hijo, los habría velado sin atreverse a despertarle; y tal vez su pecho habría ahogado aquel suspiro tierno que en su vago murmurío dice: Amor de madre, sacrificio de mujer.

Estaba avanzada la noche.

De improviso oyose una voz ronca que decía:

— ¡Qué caracho! ¡Francamente, a mí no me manda nadie!

Y al mismo tiempo sonó un golpe como de una silleta derribada con fuerza.

Doña Petronila acudió presurosa, y entrando en la habitación, contempló por algunos segundos a don Sebastián, que seguía gritando como un loco:

— ¡Sí, señor! ¡Qué! ¡Francamente, nadie..., sí, nadie me manda a mí!

Su lengua se resistía a expresar la palabra con claridad y sus pies tambaleaban. Cuando don Sebastián distinguió a doña Petronila, lo primero que hizo fue gritar:

— ¡Aquí está la fiera...! ¡Fuego, señor, francamente...!

Y agarrando una silleta la lanzó en dirección de su esposa.

Doña Petronila, impasible, contestó:

— Hombre de Dios, parece que me desconoces... Voy a llevarte a tu cama..., es ya tarde.

Y asiéndolo de un brazo intentó conducirlo; pero don Sebastián, tomando aquella acción por un acto despótico, pegó una brusca sacudida y agarrando la botella, ya vacía, y todo lo que pudo coger, lo arrojó sobre doña Petronila con gritos y bulla infernal.

— ¡Mujer de los diablos...! Aura no... Francamente, ¡nadie me ensilla...! — Dios mío, ¿qué es lo que ha sucedido?

— ¡Soy gobernador sobre tus barbas, francamente, qué canarios...!

— ¿Qué es esto? ¿Qué ha entrado en este pueblo?  
¡Sebastián, cálmate por Dios! —repetía suplicante doña Petronila.

Mas Pancorbo, con esa tenacidad del crapuloso, repuso:  
— Nadie me manda, ¿eh?

Y cayó otra silleta junto a doña Petronila, que huía el cuerpo de un lado a otro, enjugando sus lágrimas con el extremo de su pañolón.

A la bulla acudieron algunos vecinos, y en aquellos momentos también se recogía Manuel, quien entrando precipitadamente, como lo vimos, tomó a don Sebastián por la cintura, lo levantó cuan alto era, y lo llevó al dormitorio.

## CAPÍTULO VI

**N**o empleó mucho tiempo ni tuvo mayores trabajos Estéfano Benites para encontrar a los alguaciles de vara y servicio; y en el momento fue con su gente a la choza de Isidro Champí, quien se estaba despidiendo de su familia porque debía ir a la torre y estar listo para el toque del avemaría, que se da con la campana grande al cerrar la tarde.

Isidro Champí, conocido con el sobrenombre de Tapara, era un hombre alto, fornido y ágil, con cuarenta años de edad, una mujer y siete hijos, de los que cinco eran varones y dos mujeres.

Aquella tarde vestía su único terno de ropa, formado de pantalón negro con campachos colorados, chaleco y camiseta grana, y chaqueta verde claro. Su larga y espesa cabellera caía sobre la espalda sujeta en una trenza cuyo remate estaba hecho de cintilla tejida de hilo de vicuña, y su cabeza cubierta por la graciosa monterilla andaluza traída por los conquistadores y conservada en uso por la afición que existe entre los indios a los vestidos de fantasía y de colores vivos.

La aparición de Estéfano y su séquito en la casa de Isidro alarmó grandemente a toda la familia, porque habituados estaban a ver aquella clase de visitas como el presagio de fatalidades puestas en ejecución inmediata.

Estéfano habló el primero y dijo:

— Bueno, pues, Isidro, tienes que ir a la detención, por orden del nuevo subprefecto.

Un rayo caído en la choza no habría producido el efecto que la palabra de Benites en los indios, recelosos y suspensos desde que lo vieron.

Las mujeres se arrodillaron a los pies de Estéfano, empalmando las manos en ademán suplicante, anegadas en llanto; los hijos se abalanzaban a su padre, y en medio de semejante confusión apenas pudo decir Isidro:

— ¡Uiñoy Wiracocha, y qué...!

— En vano son estos alborotos, marcha no más, y no tengas miedo — interrumpió Estéfano, y dirigiéndose a la mujer, le dijo:

— Y tú también, que empiezas con estos gritos; no es nada: vamos a aclarar eso de las campanadas, y basta.

Al oír esto la conciencia limpia de Isidro le infundió confianza, y dijo a su mujer: — Tranquilízate, pues, y más tarde llévame los ponches.

Y se adelantó con resolución al lugar donde le condujeron los alguaciles.

El corazón de la mujer de Isidro no podía tranquilizarse, porque era corazón de mujer, de madre y esposa amante, que todo lo teme cuando se trata de los seres que son suyos; y llamando a su hijo mayor, habló así:

— Miguel, ¿no te dije cuando rebalsó la olla y se cortó la leche que alguna desgracia iba a sucedernos?

— Mamá, también yo he visto pasar el cernícalo como cinco veces por los techos de la troje — repuso el indiecito.

— ¿De veras? — preguntó la india, cuyo rostro apareció velado por la palidez del terror.

— De veritas, mamá; y ¿qué hacemos?

— Voy, pues, donde nuestro compadre Escobedo; él puede hablar por nosotros —contestó la mujer tomando sus llicllas de puito, y salió de la casa seguida de dos perros lanudos, a los que Miguel llamó, acompañando cada nombre con su silbido particular.

— ¡Zambito...! ¡Desertor...! ¡Is! ¡Is!

Zambito, dócil a la voz de Miguel, regresó moviendo la cola con ligereza, y Desertor, inobediente, o tal vez más leal, siguió las huellas de su amo, mostrando la lengua de rato en rato, con la respiración jadeante.

## CAPÍTULO VII

**D**on Fernando se iba preocupando cada día más seriamente acerca del porvenir que le guardaba en Kíllac, sin fiar en la calma del momento, que él juzgaba aparente, pues empleaba dinero en practicar averiguaciones secretas y estaba al corriente de lo que pasaba en el vecindario, aunque no lo comunicaba a Lucía, cuyo estado era delicado.

La Providencia iba a bendecir aquel hogar con la intervención de un vástago, circunstancia que hacía pensar con frecuencia al futuro padre en la necesidad de tomar una resolución definitiva, transcurriendo en medio de vacilaciones tres meses desde cuando Manuel hizo la visita de que salió llevando un mundo de proyectos.

— Los progresos de Margarita, la docilidad de Rosalía, que promete ser una buena muchachita, el estado de mi Lucía, todo me muestra una nueva faz encantadora para la familia. Estoy llamado a no despreciar la ocasión y ser cuanto más feliz sea posible en la vida con una esposa como Lucía. ¡Sí, he de resolverme!



En esos días la nueva autoridad, después de prestar el juramento de ley, recorría los pueblos de su jurisdicción política, donde los subalternos te ofrecían mesa suculenta a costa de contribuciones de víveres que imponían a los indígenas.

En la República se agitaban cuestiones de alta trascendencia; nada menos que las elecciones de Presidente y de representantes de la nación.

Cuando don Fernando supo que el campanero de Kíllac yacía sepultado en la cárcel, tembló más de indignación que de horror.

— Ése es el débil, ése es el indefenso, y sobre él caerá la cuchilla preparada para los culpables —se decía, cuando una voz fatídica repercutió por los ámbitos de la patria relatando la sangrienta victimación de los hermanos Gutiérrez, cubriendo el rostro de la civilización una nube de ceniza humana.

El relato hizo, pues, temblar a don Fernando, quien abrigaba sospechas fundadas de que podía repetirse un asalto igual al de la noche del 5, pues no le eran desconocidas las palabras alentadoras pronunciadas en corta frase por el coronel Paredes en su entrevista con don Sebastián. Después la actitud profundamente melancólica de Manuel, que se mantenía en estudiada reserva, confirmó su juicio, porque adivinó que había lucha tenaz entre el joven estudiante de Derecho y don

Sebastián, naciendo al mismo tiempo en la mente del señor Marín las sospechas de que ese honrado y pundonoroso joven no podía ser hijo del abusivo gobernador de Kíllac.

—Voy a cortar este nudo gordiano con el filo de una voluntad inquebrantable —dijo don Fernando golpeando su frente con la palma de la mano, y se fue en busca de Lucía para comunicarle la resolución que acababa de adoptar.

Cuando don Fernando entró en el dormitorio de su esposa, ésta se hallaba delante de un espejo de cuerpo entero que proyectaba su superficie límpida desde la puerta de un armario negro de caoba perfectamente charolado y en cuya claridad se retrataba la figura esbelta de la esposa de Marín, con una ancha bata de piqué y su blonda cabellera suelta sobre los hombros en graciosas ondas de seda.

Acababa de salir del baño.

Al pisar el umbral de la habitación, don Fernando apareció también duplicado por el espejo, y al verle sonrió Lucía y volviendo la cara para recibir al original que llegaba en actitud de abrazarla.

— Vengo a darte una buena noticia, hijita mía — dijo Marín tomándola entre sus brazos.

— ¿Buenas nuevas en tiempos tan calamitosos? ¿De dónde las sacas, Fernando mío? — preguntó ella correspondiendo al abrazo.

— De mi propia voluntad —repuso él retirándose hacia el centro de la habitación.

— Claro, pero explícate mejor...

— Este lugar estorba nuestra felicidad, querida Lucía; vas a ser madre y no quiero que el primer eslabón de nuestra dicha halle la vida aquí.

— ¿Y qué?...

— Partiremos para siempre, dentro de veinte días, sin falta alguna.

— ¡Tan presto! ¿Y adónde, Fernando?

— No arguyas, hija. Todo lo tengo meditado, y sólo vengo a prevenirte que prepares los pocos objetos que debes llevar como equipaje.

— ¿Y adónde vamos, Fernando? — volvió a preguntar la esposa, cada vez más sorprendida de una resolución tan repentina.

— He de llevarte a una región de flores, donde respire la dicha, colocando la cuna de nuestro hijo en la bella capital peruana — contestó don Fernando acercándose a Lucía y tomando mientras hablaba una guedeja de los cabellos sueltos de su esposa, enredando sus dedos en ella y volviéndolos a soltar.

— ¡A Lima! — gritó entusiasmada Lucía.

— ¡Sí, a Lima! Y después que el hijo que esperamos tenga vigor suficiente para resistir la larga travesía, haremos un viaje a Europa, quiero que conozcas Madrid.

— ¿Y Margarita y Rosalía? ¿Qué será de las huérfanas sin nosotros? Tenemos que cuidar de su existencia por gratitud, querido Fernan...

— Ellas son nuestras hijas adoptivas, ellas irán con nosotros hasta Lima, y allá, como ya lo teníamos pensado y resuelto, las colocaremos en el colegio más a propósito para formar esposas y madres, sin la exagerada mojigatería de un rezo inmoderado, vacía de sentimientos — repuso Marín con llaneza.

— Gracias, Fernando mío, ¡cuán bueno eres! —dijo Lucía volviendo a abrazar a su esposo.

En aquellos momentos sonaron dos suaves y acompasados golpes dados a las mamparas.

— ¡Adelante! — dijo don Fernando apartándose un poco de su esposa, y apreció la simpática figura de Margarita, embellecida aún más notablemente por la estimación y los cuidados.

— Madrina — dijo la niña—, está en la sala Manuel y dice que quiere hablar con mi padrino. — ¿Hace rato que espera?

— Sí, madrina.

— Allá voy — dijo don Fernando, y salió dejando juntas a la madrina y a la ahijada.

Lucía contempló embebecida a Margarita por algunos momentos, diciéndose interiormente:

— Alguien ha dicho que las mujeres responden más que cualquier otro ser al engreimiento y trato fino; ¡ah!, mi Margarita es la realidad de ese pensamiento.

En efecto.

Engreída y estimada la mujer, gana un ciento por ciento en hermosura y en cualidades morales. Si no, acordémonos de esas infelices mujeres hostigadas en los misterios del hogar por los celos infundados; gastadas por la glotonería de los maridos; reducidas a respirar aire débil y tomar alimento escaso, y al punto tendremos a la vista la infeliz mujer displicente, pálida, ojerosa, en cuya mente cruzan pensamientos siempre tristes, y cuya voluntad de acción duerme el letárgico sueño del desmayo.

## CAPÍTULO VIII

**P**ara conservar la ilación de los sucesos en esta historia, necesitamos retroceder en busca de los personajes que hemos dejado rezagados.

Los elevados sentimientos de cristiana reforma, la confesión que hizo ante el lecho mortuario de Marcela y el estado grave en que condujeron a su desierta casa al cura Pascual, obraron, naturalmente, en el corazón generoso de Lucía, despertando vivo interés por la suerte de aquel ser desamparado.

El barchilón de Kíllac, eximio combatiente contra el tifus, enfermedad endémica del lugar, atendió y salvó al enfermo que, una vez declarado en convalecencia, pensó en viajar a la ciudad, quedando en su lugar el inter.

En las naturalezas carcomidas por el vicio, es casi imposible la duración de lo que pide la santidad moral.

Quien ha enlodado su juventud en el fango de los desórdenes, que tanto distan del placer encerrado en los moderados goces del amor casto; quien ha gastado su fuerza

nerviosa en esas emociones materiales que van aflojando los resortes del organismo hasta dejarlo sin fuerza ni armonía para desempeñar las funciones que le señaló la Naturaleza con cálculo perfecto; quien no conserva el vigor de su organismo, sujetándolo a la práctica de esa ley moral que rige la naturaleza del hombre, y abusando sólo del instinto brutal, consume su existencia en el libertinaje, es un enfermo grave, que no puede encontrar la salud codiciada en el momento que se proponga.

Con todo, la rehabilitación de un hombre proscrito de la faena de los buenos está en el terreno de lo posible cuando en su corazón no se han paralizado aquellas fibras delicadas que, en dulce sensación, responden a los nombres de Dios, patria, familia.

El cura Pascual dejó por algunos días el uso del licor y la amistad de las mujeres; y esta abstención brusca excitó grandemente su sistema nervioso, dando más elemento motor a la fantasía, que durante su viaje por las laderas y los pajonales le presentaba con mayor vivacidad cuadros que pasaban ante sus ojos con la rapidez de mágicas representaciones.

¡Fantasmas voluptuosos con fisonomías risibles unos, aterradores otros, llevando el sello de la orgía; ángeles de alas blancas ostentando la verde palma del triunfo y batiéndola sobre la inmaculada frente de una madre o una esposa, ya

junto al hijo de la santa unión, ya al pie de los altares que tenían inscrito en el ara el nombre de Dios...! ¡Oh...! Cuánto pasaba por aquel cerebro próximo a desquiciarse en semejante lucha fantasmagórica.

Si el cura Pascual hubiese estado bajo la acción de un clima enervante y débil, su planta habríase dirigido al manicomio; pero el aire helado de las cordilleras andinas, prestando tonicidad a sus órganos encefálicos, los aseguró contra los trastornos violentos y decisivos de una locura.

¿Ese hombre saldría victorioso de la lucha, purificado o mártir...?

El cura Pascual, aterrado por todos los sucesos que presencié y de que era factor directo; oyendo a cada instante la revelación misteriosa de Marcela; midiendo y comparando su propia conducta, estaba desesperado y quiso huir desde el primer día del teatro de sus tristes hazañas, y en las horas en que determinamos su estado mental habría querido huir de sí mismo.

La conciencia, ese gran argumento puesto en la válvula de respiración llamada corazón contra los seres desgraciados que descifran el problema de la vida con la nada de la muerte, la conciencia duerme tranquila a veces, pero ¡ay!, que al despertar golpea con martilleo incesante el alma del hombre.

El cura Pascual pudo correr del teatro del crimen, podía recorrer el universo todo; pero su juez inexorable le hablaba



a toda hora el lenguaje pavoroso del remordimiento, para el cual no hay otra réplica que la reforma.

Y en esta desoladora actitud de ánimo iba el cura, tragando leguas y devorando distancias al paso llano de su macho, cuando llegando a la ladera del «Tigre», distinguió la posta con la hermosa dueña a la puerta.

Aplicó la espuela a los ijares del bruto, y en diez minutos se apeaba pidiendo una botella de refresco, que sediento apuró no sin invitar a la posadera.

Y allí, ¡adiós ensueños de reforma! Las alegres palabras de otros días brotaron de sus labios y fueron a herir los oídos de la dueña de la posta; y el alcohol tomó posesión de su antigua residencia, y a los sueños reflexivos siguieron los delirios del beodo.

El marido de la posadera, que era maestro de postas, llegó y dijo:

— Se ha venteau este caballero y subámoslo a su jaco.

— Sí, Leoncito, que en este caso más sabe el jaco que el hombre, y se lo llevará en derecha a su querencia —repuso la posadera.

Pensado y hecho.

Cuando el cura Pascual se vio acomodado en su silla, enderezó la cintura y aplicó espuelas y correa a su cabalgadura, que siguió la ruta conocida sin oponer resistencia.

Aquella era la última posta, y en dos horas más llegaba el viajero a la esperada ciudad, cuyas elevadas torres y minaretos aparecieron para él como otros tantos fantasmas en ademán amenazante, vacilando su razón en el claroscuro de la realidad y la ilusión, cuando de súbito dio un quite su bestia y salió a corcovos descompuestos, haciendo cabriolas y dando saltos y coces.

Lo primero que voló al aire fue el sombrero del cura Pascual, renovando la nerviosidad del macho, que se espantó con los pendones de unas ventas de picante que flameaban; tambaleó el jinete por unos minutos y por fin, perdido el equilibrio, cayó por tierra privado de sentido.

Sucedía esto en las cercanías del convento de los Descalzos. Muchas gentes curiosas se agolparon, y la conmiseración condujo al desconocido hacia las puertas del convento, donde la caridad de los frailes recibió al enfermo.

El guardián era un fraile, en cuyo corazón Dios sabe qué misterios de bondad se escondían.

Este conoció al cura Pascual en repetidas veces que estuvo de tránsito en Kíllac; le prodigó su asistencia, y cuando recobró los sentidos, le dijo:

— ¡La misericordia de Dios es grande, hermano! — Y le señaló una celda para alojamiento.

En el silencio del claustro viose el cura Pascual de nuevo desnudo moralmente, solo, absolutamente solo en el mundo. ¡Ah! ¡No! Le seguían sus fantasmas y tomó al delirio calenturiento, diciendo entre sollozos y frases entrecortadas:

— ¡Sí, Dios mío...! Tú has hecho al hombre sociable; has puesto en su corazón los vínculos del amor, de la fraternidad y la familia. El que renuncia, el que huye de tu obra, execra tu ley natural y... cae abandonado... como yo en el apartado curato... ¿Quién? ¿Quiénes han salvado sin quebrantos en esa huida fatal?... ¡Aquí... en la soledad, en estos claustros de piedra...! ¿Cuántos?... ¿Uno?... ¿Mil?... ¿Han ceñido su frente con la diadema virginal, sanos o enfermos?... ¡No...! ¡No...! —Y batía las manos.

Ya eran incoherentes las palabras del cura Pascual.

Sus ojos estaban inyectados de sangre, sus labios secos, su respiración quemante como vapor que despidе la brasa sumergida por instantes en el agua. Las venas de las sienas se levantaban visiblemente, y la sed que devoraba su pecho le impulsó a apurar un vaso de agua que distinguió junto al velador de la cama.

— Este será un trago que alargue la vida — dijo tomando el vaso con sus temblorosas manos.

Y llevándolo a los labios apenas pudo beberlo en medio de ese castañeteo que produce el movimiento convulsivo de

los dientes sobre el cristal. Agotó la última gota, y sin alcanzar aún a colocar el vaso en su sitio, cayó al suelo, lanzando un grito. Tendido cuan largo era su cuerpo, agitose estertoroso, y un ¡ay! tenue y final dejó en su rostro la rigidez de la muerte.

Un lego que pasaba cerca, al oír la voz exánime del enfermo, entró en la celda, y viendo tendido al alojado, tocó una campanilla colocada hacia la puerta principal, con golpes tan acelerados, que no tardaron en presentarse varios frailes y entre ellos el guardián.

— ¡Se ha insultado! — dijo uno.

— ¡Está helado, santo Dios, absolvámosle! — dijo otro repitiendo las palabras sacramentales.

— Toquen a la comunidad; tal vez podemos prestarle los últimos auxilios —ordenó el guardián mientras los otros levantaban el cuerpo sobre la cama.

— ¿Ha muerto ya? ¡Dios misericordioso! — exclamó el guardián empalmando las manos y alzando los ojos al cielo.

— Requiescat in pace! — dijo con gravedad quien repitió la fórmula de la absolución. Mientras tanto, la comunidad ya estaba reunida; se cantó la vigilia de estilo, derramándose el agua lustral.

El guardián, llamando a un lego, dijo:

— Hermano Pedro, prepare una mortaja y váyase con el hermano Cirilo a disponer la sepultura.

Y salió de la celda mortuoria en compañía de otro fraile, ambos platicando de este modo:

— Por mucho que el materialismo pregone lo contrario en Fuerza y Materia, la verdad, reverendo padre, es que la clase de muerte del sujeto, y los respetos tributados a sus restos, forman un epílogo a la vida y a la manera de ser del individuo.

— Según esto — repuso el otro fraile calándose la capucha —, el cura Pascual ha debido ser un buen cristiano, puesto que muere tranquilo y halla manos piadosas que le sepultan; y los comentarios que se cruzan son tan diversos, padre guardián...

— Dios nos libre de muerte repentina; pero juzgando con caridad cristiana, el arrepentimiento sincero es la puerta de la salvación, y ese sacerdote acaso ha expirado en alas de la contrición — contestó el guardián colocando las manos cruzadas dentro de los manguillos de su largo hábito.

— La muerte repentina podrá ser cómoda para quien no cree en un más allá, o para el justo que a toda hora se halla dispuesto a partir; pero para los que ni estamos preparados, ni dudamos que existe en el hombre un espíritu motor e inmortal, es aterradora verdad de a folio también que se muere como se vive — reflexionó el fraile, llegando ambos a la celda de la guardianía, en cuya puerta se separaron.

Ignoraban estos filósofos los crueles momentos que pasó el cura Pascual antes de entregar su espíritu a Dios. La tortura de su alma, comprendiendo la posibilidad de haber sido un hombre moral y útil, sin las aberraciones de las leyes humanas contrarias a la ley natural; sus angustias sin una mano amiga que dulcificase tanta amargura, ni una palabra que consolase sus congojas, ¿podían constituir los dolores de una prolongada agonía?...

La muerte repentina del cura Pascual ha sido una verdadera desgracia para nosotros, que esperábamos explotar en mucho el curso de su vida. Tal es, sin embargo, la realidad humana. La muerte asalta de improviso y hiere en los momentos en que más necesaria es la existencia, cuando entregados los hilos de la vida a la urdimbre social, comenzaba a tejerse la tela humana en sus formas diversas.

La única palabra que podemos pronunciar en la solitaria tumba de aquel cura desgraciado, sin familia legal y sin los vínculos de afecto que le arrancó la ley de los hombres, es el lacónico:

¡Descanse en paz! Volvamos a Kíllac.

## CAPÍTULO IX

**A**tendida la debilidad de carácter de don Sebastián, después de la conferencia que tuvo con el subprefecto y los incidentes ocurridos con doña Petronila, era natural que su situación se complicase.

Para Manuel fueron humillantes las escenas ocurridas en el dormitorio de don Sebastián, cuando le llevó por fuerza para salvar a su madre de las torpezas de un hombre beodo.

Sin embargo, Manuel sabía que hay escenas de familia que realizadas bajo el techo paterno no humillan, y así soportó con serenidad varonil las invectivas del esposo de su madre, no tardando el sueño en cerrar los párpados de don Sebastián y poner paz entre padre e hijo.

Cuando Pancorbo se quedó completamente dormido, Manuel fue en busca de su madre, a quien encontró llorando. Besó su frente, enjugó sus lágrimas y le dijo:

— Valor, madre; guarda tus lágrimas para cuando falte yo a tu lado.

— ¡Hijo mío, es que soy muy desgraciada! — contestó entre sollozos doña Petronila.

— ¿Desgraciada tú, madre? ¡Blasfemas de Dios! ¿No te ha dado un hijo, no tienes mi corazón y la sangre de mis venas, que derramaré por ti? — repuso con calor y a la vez con cierto aire de resentimiento el joven.

— ¡Sí, sí, blasfemo, pero Dios me perdonará como me perdonas tú por haber olvidado tu nombre, hijo, Manuelito, hijo mío; sí, soy madre! —dijo doña Petronila tomando de las manos a su hijo y haciéndole sentar a su lado.

— ¡Pobre madre! — articuló Manuel lanzando un suspiro y contradiciendo su primer pensamiento.

— ¡Pobres mujeres debes decir, Manuelito!, por felices que parezcamos, para nosotras no falta un gusano que roa nuestra alma — contestó doña Petronila, ya un tanto calmada, pasando los dedos por la flecadura de su pañolón.

— Madrecita, dejémonos de quejas y hablemos con calma, tratemos de algo real.

— ¿Qué quieres? ¡Habla!

— Deseo que veamos la renta de nuestra casa. En este mundo no se puede dar un paso, madre, sin tocar una puerta que llaman de «fondos» y «entradas».

— ¡Qué! ¿Acaso quieres volverte al colegio, dejándome envuelta en esta Babilonia? — preguntó sorprendida doña Petronila.



— No te adelantes, madre. Yo, como tú dices, soy un niño, pero acuérdate que el trato con los libros y con los hombres nos envejece, dándonos experiencia y enseñándonos a pensar. ¡Yo me creo un hombre! — dijo Manuel con aire arrogante.

— ¡Vamos, eres un hombre! — afirmó doña Petronila fijando una mirada orgullosa en el rostro de su hijo.

— Sí, madre; quiero decir que, habiendo pensado con madurez, espero llevar a cabo lo que proyecto en provecho de tu porvenir y el mío; lo demás...

Iba a decir una frase dura; pero el nombre de Margarita cruzó por su mente como el suave rayo de luna que se refleja sobre la superficie de un manso lago, dejándole suspenso y arrancándole un hondo suspiro.

— ¡Qué gusto tengo de oírte hablar así, hijo mío! Sí, con razón don Fernando y doña Lucía me han felicitado tanto por ti.

Manuel cobró nuevo aliento después de ligera vacilación y repuso:

— Deseo saber, madre, a cuánto asciende nuestra renta; pero... sin contar para nada la de don Sebastián.

— ¿Nuestra renta? — repitió doña Petronila tomando de nuevo los flecos de su pañolón y jugando distraída con ellos— ¿Cómo podré calcular nuestra renta? Tenemos buenos

topos de terrenos que producen maíz, trigo, cebada, ocas, habas, papas, choclos y quinua; tenemos algunos cientos de ovejas, vacas, alpacas y yeguas cerreras que trillan la cosecha; yo cultivo los campos, reduzco vellones y graneros a plata, y parte de eso va para ti al colegio. ¿Te parece bien la cuenta?

Manuel escuchaba a su madre atento y satisfecho, y cuando llegó al final fue a besarle la frente silencioso y pensativo, llevando en su corazón la plegaria de gratitud y adoración que pedía aquella santa abnegación y amor de madre. La cuenta, en verdad, no dejaba números redondos en limpio para los cálculos que se había forjado, y con timidez volvió a preguntar:

— ¿Y no has guardado nada?

— ¿Qué? ¿Me has creído una despilfarradora? ¿No sé qué tengo hijo? ¿No te tengo a ti para cuidar tu porvenir? ¿No pienso en que alguna vez querrás tomar estado? ¡Guá! ¡Guá! Yo... he ahorrado una mitad, y ahí tengo bien escondiditas cinco talegas de a dos mil soles flamantitos; tú no pasarás vergüenzas como otros que se casan sin camisa.

— ¡Benditas sean las madres como tú! ¡Para ustedes la dicha está en el bien de los hijos! Tomaré, pues, por base de mis cálculos los diez mil soles. Pienso proponerte un plan, y... ni un segundo más — dijo Manuel con resolución.

— Eso es lo que dije, querrás dejarme...

— Recuerda, madre, que un año perdido en mis estudios sería, tal vez, la pérdida de la profesión que he abrazado; pero no partiré solo, ni tampoco iré a la Universidad menor de San Bernardo.

— Será, pues, como quieras; pero antes de nada acuérdate que soy la esposa de Sebastián, y a quien me liga... la gratitud, y a quien tú tienes que respetar como... a un padre verdadero — contestó doña Petronila bajando la vista por dos veces.

— No lo olvidaré, madre mía; y ahora vamos a descansar de tan afanoso día — repuso Manuel besando la mano de su madre como despedida nocturna.

## CAPÍTULO X

**U**na vez encerrado en la cárcel el campanero Isidro Champí, las puertas no volvieron a abrirse para restituirle la libertad.

Sepamos lo que pasó con su mujer la tarde en que se dirigió a casa de su compadre Escobedo, en demanda de apoyo y consejos.

— ¿Conque está preso mi compadre? — dijo Escobedo después de cruzados los saludos y comunicada la noticia por la india.

— Sí, compadrey, Wiracocha. ¿Y qué hacemos, pues? Socórrenos tú — repuso la mujer compungida.

A lo que Escobedo respondió, dándole una suave palmada en el hombro:

— ¡Ajá! Pero a pedir favor no se viene así... con las manos limpias.. y tú, que tienes tantos ganados, ¿eh?... ¿Comadritay?...

— Razón tienes, Wiracocha compadre, pero salí de mi casa como venteada por los brujos, y mañana, más tarde... no seré mal agradecida, como la tierra sin agua

— Bueno, comadritay, eso ya es otra cosa; mas para ir a hablar con el juez y el gobernador, debes decirme qué les ofrecemos...

— ¿Les llevaré una gallina?

— ¡Qué tonta! ¿Qué estás hablando? ¿Tú crees que por una gallina habían de despachar tanto papel? Mi compadre ya está en los expedientes por esas bullas donde murieron Yupanqui y los otros — dijo con malicia Escobedo.

— Jesús, compadritoy! ¿Qué es lo que dices? — preguntó ella estrujándose las manos.

— Claro, eso es cierto, pero habiendo empeños, lo sacaremos. Dime, ¿cuántas vacas tienes? Con unas cuatro creo que...

— ¿Con cuatro vacas saldrá libre mi Isidro? — preguntó toda confundida la mujer.

— ¿Cómo no, comadritay? Una daremos al gobernador, otra al juez, otra al subprefecto, y la última quedaría, pues, para tu compadre — distribuyó Escobedo paseando de un extremo a otro de su habitación, mientras la india, sumida en una noche de dudas y desolación, repasaba en su mente uno a uno los ganados, determinándolos por sus colores, edad y señales particulares, confundiendo a veces los nombres de sus hijos con los de sus queridas terneras.

— ¡Caray, cómo piensas, roñona! Parece que tú no quieres a tu marido — interrumpiela Escobedo.

— ¡Dios me libre de no quererlo, compadritoy, a mi Isidro con quien hemos crecido casi juntos, con quien hemos pasado tantos trabajos...! ¡Ay...! Pero...

— Bueno, dejémonos de eso, yo tengo mucho que hacer — dijo Escobedo precisando el desenlace.

— Perdóname, pues, mis majaderías. Wiracocha compadritoy, y... digo que sí, daremos las cuatro vacas, pero... serán vaquillas, ¿eh? Yo me iré a separar las dos castañitas, una negra y la otra afrijolada, ¿pero tú lo sacas bien a mi Isidro? Ahora...

— Ahora sí, ¿cómo no? Luegucito me pongo a las diligencias, y mañana, pasado, dentro de tres días, todo arreglado; mira que tengo que hablar primero con ese don Fernando Marín, que es el que sigue el pleito.

Al oír el nombre de Marín un rayo de luz cruzó por las tinieblas de la mente de la mujer del campanero, y se dijo:

— ¿Por qué no he acudido a él primero? Tal vez mañana cuando cante el gallo no será tarde. — Y salió diciendo a Escobedo: — Wiracocha compadritoy, anda, pues, sin cachaza, yo tengo que llevar los abrigos para Isidro y le contaré que tú vas a salvarnos, adiós.

— Ratón, caíste en la ratonera — díjose riendo Escobedo, y en seguida se preparó para ir en busca de Estéfano Benites, para comunicarle el negocio que había arreglado, de que

partirían por mitad, dejando las cuatro vaquillas exentas del embargo decretado, pues aparecerían como propiedad de Escobedo o de Benites.

## CAPÍTULO XI

**L**os acontecimientos políticos realizados en la capital de la República debían influir poderosa y directamente en el resultado de los negocios de reparto planteados con calor y entusiasmo por las nuevas autoridades de la provincia y de Kíllac.

El subprefecto Paredes se encontraba de visita en uno de los pequeños pueblos de su jurisdicción, y allí topó con unos ojos que colocados en peregrino rostro de mujer le miraron hasta la médula del corazón; y como en materia de batallas libradas en los verdes campos de Cupido era condecorado no sólo con cruces, sino aun con heridas que rememoraba ufano en alegres corros de hombres, y como para la autoridad había siempre fieles ejecutores, su señoría dio por ganada la brecha a muy poca costa.

Es de advertir que allí en Kíllac, como en los pueblecitos limítrofes donde reina la sencillez de costumbres, es absolutamente desconocida la carcoma social que mina las bases de la familia, alejando a la juventud del matrimonio y presentándose bajo la triste forma de la mujer perdida.



Las seducciones arteras llevan el sello del infortunio y tras de cada una aparece, casi siempre, la figura de un potentado cuya superioridad maliciosa gana a la víctima salvando al victimario.

Esta vez la escogida por el coronel para formar número en la ya larga lista de su martirologio de hombre emprendedor era, pues, una graciosa joven en cuya casa recibió sincero hospedaje la nueva autoridad.

Teodora, entrada ya en sus veinte años, era de pequeña estatura, ojos vivos y mirar sereno. Vestía un gracioso traje de percal rosado con ramajes teñidos de color café, rodeado el cuello con un pañuelo de seda color carmesí en forma de esclavina, sujeto hacia el pecho con un prendedor de oro falso con piedra imitación topacio. Sus largos cabellos, esmeradamente cuidados, estaban trenzados y sujetos al extremo con cintas de listón negro.

El corazón de Teodora no estaba desierto. Apalabrada en matrimonio, debía ir a los altares tan pronto como llegase su novio, destinado en la administración de una finca, donde ahorraba parte de sus sueldos para atender a los gastos de una boda decente, con padrinos notables, tres días de mantel largo y música de viento.

Teodora nació con carácter impetuoso y varonil. Salvada la niñez, sus pasiones se manifestaron ardientes.

Amaba a su novio, y la ausencia de éste aumentaba tal vez el calor del sol de sus ilusiones virginales, haciéndola suspirar por las cotidianas visitas y las amorosas frases repetidas a media voz en las horas de delicioso romanticismo que sirven de portada al alcázar conyugal.

Cinco días se contaban de continuo jolgorio en casa de Teodora, fomentado por el subprefecto, quien se consagró por completo a la beldad campestre, cuya resistencia no dejó de llamarle la atención, aumentando sus deseos.

Barricas de vino, cajones de cerveza, todo iba con profusión. Los dos ciegos violinistas del pueblo no cesaban de manejar el arco, arrancando mozamalas y huaisinus a las sonoras cuerdas del violín.

El coronel llamó a un lado al teniente gobernador y muy quedito le dijo algo al oído. Éste se sonrió maliciosamente y repuso a media voz:

— Prontito cazaremos a la rata, sí; sin gasto no se llega al trasto en el acto, mi usía. — Y salió apresuradamente.

Teodora, cuyos oídos habían herido ya repetidas palabras terminantes o de intimación del coronel, llamó también a su padre hacia la puerta, y más compungida que timorata, le dijo:

— ¡Padre, mi corazón padece en el purgatorio!

— ¿Por qué causa, Teoco? Más bien debías estar contenta, pues tantas visitas...

— Precisamente, esa es la causa, el subprefecto tiene malas intenciones para conmigo, y si lo sabe Mariano...

— ¿Qué dices...? ¡Mire qué diantre...! ¿Conque de esos tratos era usía? — repuso Gaspar pasándose la mano por la boca, que llevaba húmeda.

— Sí, padre: me ha dicho que a buenas o malas, pero... que me roba — dijo la muchacha poniéndose roja y bajando los ojos.

— ¡Hum! — trizó el viejo mordiéndose los labios, y dando una vuelta para inspeccionar el campo, agregó:

— El bocado se te ha de caer de los labios. ¡Qué! ¿Yo soy acaso zorro muerto?...

— ¡Padre...!

— Éntrate no más a la sala, disimula, deja que gaste un poco la plata hurtada a los pueblos, y... no apartes tu corazón de tu novio, ¿eh? Yo sabré lo que me hago después —dijo el padre de Teodora empujándola al centro de la reunión.

Uno de los convidados que vio esto, dijo entre dientes:

— ¡Viejo mañoso! ¡Vean cómo entrega a su hija!

Al poco rato llamaron a comer y todos fueron a la mesa, donde se sirvió, sobre manteles no tan blancos ni tan negros, una comida bien aderezada, sirviéndose los cuyes rellenos, asados al rescoldo, gallo nogado con almendras, papas adobadas con habas verdes y el locro colorado con queso fresco.

El subprefecto se colocó junto a Teodora, y con cierto aire de triunfo dijo, levantando a la vez los cantos del mantel sobre las faldas:

— Yo siempre busco mi comodidad, señores, junto a una buena moza.

— ¡Claro! Y ese asiento le corresponde a usía — respondieron varios con intención.

— ¿Y qué es de don Gaspar, señorita Teodora? — preguntó uno de los invitados con sorna.

— ¿Mi padre?... No tardará en venir — respondió la muchacha mirando en torno.

Dos mozos secretaron con picardía; y otro dijo a media voz:

— ¡Si el viejo sabe..., las de Quico y Caco...! No quiere hacer sombra...

Y en aquel momento apareció don Gaspar frotándose las manos, y agarrando una botella para servir, dijo con marcada alegría:

— Un abre ganitas, caballeros.

— ¡Venga! ¡Qué a tiempo hace las cosas este don Gaspar! — respondió el subprefecto.

La comida comenzó alegre y bulliciosa, dejando la amabilidad de Teodora sospechar al coronel que estaba tomada la fortaleza.

## CAPÍTULO XII

**M**anuel, después de la despedida de su madre, se fue a su cuarto, y engolfado en pensamientos esperó, desvelado, la llegada del nuevo día.

A hora competente tomó su sombrero y se dirigió a la casa de don Fernando. Entró en la sala de recibo, donde encontró a Margarita sola, leyendo en un cuaderno con láminas iluminadas los cuentos de «Juan el Pulgarcito». Al verla, se dijo Manuel con alegría:

— ¡Qué propicia ocasión para sondear su corazón y decirle mi afecto!

Y llegándose a la niña y abrazándola, dijo:

— ¡Qué solita y cuán hermosa te encuentro, Margarita!

— Manuel, ¿cómo estás? — repuso la niña colocando el cuaderno sobre la mesa.

— ¡Linda Margarita!, es la primera vez que voy a hablarte sin testigos, acaso sean minutos cortos, porque busco a don Fernando, y por lo mismo, te pido que me escuches, ¡Margarita mía! — dijo Manuel, tomando una mano de la

niña para acariciarla entre las suyas, reflejando las ilusiones de su alma en sus pupilas, que despedían rayos de ternura y de amor en cada mirada.

— ¡Guá!, Manuel, ¡qué extraño vienes! — dijo Margarita, fijando sus hermosos ojos en los de Manuel y volviéndolos a bajar candorosamente.

— No me llames extraño, Margarita, tú eres el alma de mi alma; desde que te conozco te he dado mi corazón y... ¡yo quiero ser digno de ti! — repuso Manuel, acentuando las últimas frases, porque todo el temor que Manuel abrigaba era que Margarita repudiasse al hijo del sacrificador de Marcela, idea que no podía existir en la niña de hoy, pero posible en la mujer de mañana.

La huérfana permanecía muda y ruborosa como la amapola cuyo seno guarda la adormidera.

Él acariciaba la diminuta mano de Margarita, que se perdía entre las suyas.

Hay ocasiones en que el silencio dice más que la palabra humana.

Manuel estaba ebrio de amor, contemplando a la hermosa muchacha, y volvió a decirle:

— ¡Habla! ¡Responde, Margarita mía! ¡Sí!, ¡eres aún niña, pero tú sabes ya que te amo...! Recuerda que junto a tu bendita madre te pedí ser tu hermano, hoy...

— Sí, Manuel, también yo, desde ese día, te veo en mis alegrías, en mis tristezas; serás, pues, mi hermano — repuso la niña.

Pero Manuel rectificó con calor:

— No, ángel mío, hermano es poco, y yo te amo mucho; ¡quiero ser tu esposo!

— ¿Mi esposo? — preguntó aturdida Margarita en cuya alma se acababa de descorrer el velo de las creaciones infantiles, sacudiendo su organismo, clavando en su corazón el dardo del narcotismo de la juventud que, en el sublime sopor de las almas enamoradas, le iba a hacer soñar en ese mundo de poesía, temores y confianzas, risas y lágrimas, luces y sombras, en que vive la castidad de una virgen.

Margarita sabía desde este momento que era mujer. Sabía que amaba.

Para Manuel las impresiones se sucedían con la rapidez del pensamiento, si bien con distintas emociones que Margarita, porque su alma había perdido ya esa virginidad que es la ignorancia de los misterios reales de la vida.

Manuel amaba con intención. Margarita sólo con sentimiento.

El primer ímpetu de Manuel fue sellar con sus labios la palabra esposa pronunciada por los labios de la mujer

adorada, pero la reflexión contuvo la materia como la brida detiene el corcel lanzado en la carrera, y sólo dijo:

— ¡Sí, tu esposo...! — y besó la frente de Margarita.

Ése no fue el ósculo de la brasa encendida sobre la fresca hoja de la azucena, pero su huella era indeleble.

Margarita sintió cruzar por sus venas una corriente desconocida; sus carrillos se tiñeron de grana, y salió corriendo de la habitación, diciendo a Manuel:

—Voy a llamar a mi padrino. —Y se dirigió a las viviendas de Lucía, deteniéndose instintivamente cuando llegó al pasadizo, para serenar su turbación.

Manuel continuaba en el arrobamiento del alma, que en nada se parece al sueño del cuerpo, y del cual sólo vino a sacudirlo la serena palabra de don Fernando.

Manuel era el esclavo de una mujer. De una mujer que sólo es, en suma:

Para un médico, aparato de reproducción.

Para un botánico, planta ligera.

Para un gordo, buena cocinera.

Para el Vicio, placer, sensación.

Para la Virtud, una madre.

Para un corazón noble y amante, ¡alma del alma!

Nadie irá a disputar sobre la exactitud de estas definiciones que, indudablemente, tendrán su inspirador,



pero la verdad es que la última correspondió a Manuel con legítimo derecho, y por esto al ver partir a Margarita la despidió con ese suspiro que dice ¡alma de mi alma...!

## CAPÍTULO XIII

**I**nformada Lucía de la resolución de su esposo, y encontrándose sola con Margarita, se manifestó muy complacida con la idea del viaje, y dijo a su ahijada:

— Qué contenta vas a ponerte, Margarita, con la noticia que te guardo. — ¿Madrina?... — interrumpió la niña fijando su mirada en el rostro de Lucía. — Ya no haréis solas tú y Rosalía el viaje a Lima.

— ¿Quiénes más vamos, tú? — preguntó con vivacidad la huérfana, en cuya mente revoloteaban las mil mariposas de la ansiedad, el entusiasmo y la curiosidad.

— Yo, tu padrino, toda la familia — contestó Lucía, enumerando con los dedos de las manos y moviendo la cabeza.

— ¡Tú, mi padrino, Rosalía! ¡Ay, qué gloria! ¿Y Manuel irá? — preguntó entusiasmada Margarita.

Lucía fijó su atención sobre las facciones de su ahijada para medir la impresión de su respuesta, y dijo:

— Manuel no irá; él tiene sus padres aquí.

Siguió un corto silencio.

Los ojos de Margarita se llenaron de lágrimas, que en vano trató de esconder tras el velo del disimulo, preguntando:

— ¡Qué linda ciudad debe ser Lima!, ¿no?

— Es la más linda del Perú. Mas... ¿por qué lloras, hija?

— preguntó Lucía tomando a Margarita de ambas manos, sentándola a su lado y diciéndole:

— Mira, hija mía, yo noto que te inclinas mucho a Manuel, y ahora acabo de comprender que ese joven ha impresionado tu corazón de niña, y me asaltan los temores de que mañana le pertenezca tu corazón de mujer.

— ¡Madrina! Es que Manuel es muy bueno, nunca le he visto hacer nada malo — repuso Margarita con manifiesta timidez.

— Exactamente, hija, su bondad me ha hecho caer en una red, que es preciso cortar para libertarse. Tú no puedes querer al hijo del sacrificador de tus padres. ¡Ah, me horrorizo...! ¡Pobre Manuel...!

Al terminar la frase, Lucía estaba emocionada; el temor y la duda asaltaron su corazón, variando visiblemente el timbre de su voz. Por su mente cruzaban, uno en pos de otro, pensamientos que torturaban su pecho, e interiormente se preguntaba:

— ¿He cometido una indiscreción al hablar de amor a mi ahijada? He arrojado el eterno baldón sobre la frente

de Manuel, a quien Margarita verá desde este momento como el hijo del verdugo de sus padres... ¡Y luego, Manuel...! ¡Ah...! ¡Corazón lleno de abismos...! ¡Madeja de misterios...! ¡Corazón humano!

Para Margarita, ¡cuánto decía también el silencio aparente de su madrina! Muda y temblorosa permanecía, como una azucena sobre cuyo tallo ha intentado posarse el ruiseñor sin haber plegado las alas, porque la debilidad de la planta le ha hecho continuar el vuelo en busca de mejor asilo.

Después de la entrevista que acababa de tener con Manuel, aquella declaración de su madrina era cruel, destrozaba su alma, tronchaba al nacer las flores de las esperanzas de dos corazones ligados por los lazos que constituyen la felicidad humana, de dos corazones que se amaban.

Por fin pudo rehacerse la esposa de don Fernando, y cortando el hilo de la conversación anterior, dijo a Margarita:

— Cuida, pues, de tener tu baúl listo para el jueves, y no olvides las cosas de tu hermanita, ¿no? Tú eres la mayor y debes ayudarle.

— Sí, madrina — respondió Margarita levantando maquinalmente una madeja de seda azul que vio en el suelo.

Púsola sobre la mesa y salió; Lucía, al verse sola, tornó a decir:

— ¡Pobre Manuel! ¡Lleno de prendas, dotado de aspiraciones nobles! ¡Es indudable que ama a Margarita, de quien le separa un abismo...! Pero... es verdad, en la vida práctica las aberraciones del corazón señalan el mundo insondable como la parte más poética del amor. ¿Acaso hay fuego comparable con el que alimentan los amores imposibles? ¿Acaso existe anhelo semejante al de acercarse a la posesión del objeto amado rompiendo ligaduras, traspasando cadenas de montañas formadas de espinos que han ensangrentado la planta; trepando empinadas cordilleras donde la nieve del imposible, derretida por el sol del amor, ha formado raudales de lágrimas?

¡Héroes del dolor, pobres desterrados del Paraíso de la Ventura, no sois comprendidos por el mundo! ¡Víctimas inmoladas en los altares del infortunio, las almas generosas os ofrecerán tal vez el incienso de su simpatía, y permaneceréis amando en el dolor...!

Lucía cayó sobre el sofá al terminar su soliloquio, llevándose la mano derecha a la frente bañada por un copioso sudor que resbalaba sobre sus mejillas, encendidas con el tinte de las amapolas de mayo. Después, entrelazando sus dedos y estrujándolos hasta producir el sonido del descoyuntarse los nudos, se preguntó:

—¿Qué hago, pues? Mi situación es difícil y dramática, a la par que la de Manuel y Margarita; si se aman con el primer

amor, irá éste a sublimarse con esos suspiros que, llenos del aroma del amor virginal, exhala el pecho oprimido por la nostalgia del ser amado... ¡Si acaso intentase algo directo...! ¡Ah...! Pero mi Fernando salvará mis dudas, compartiremos nuestras ideas, y brotará la luz, porque yo no puedo olvidar que Marcela murió legándome los dos pedazos de su corazón.

Tenía razón Lucía; ella compartiría con don Fernando sus dudas, sus temores y sus esperanzas, apartando las sombras del momento. Manuel podría compartir con su madre, con el más noble de los corazones, las penas que acongojaban el suyo; esconderse en el regazo maternal y llorar hoy sus lágrimas de hombre como ayer enjugó su llanto de niño.

¿Pero Margarita?

Pobre huérfana, ave sin nido, tendría que buscar sombra de árbol extraño para entonar bajo su fronda el idilio de su alma enlazada a otra; tendría que esconder sus propios pensamientos; reír con los labios y llorar con el corazón.

Lucía era, para Margarita, la mejor de las mujeres, pero ¡Lucía no era su madre!

## CAPÍTULO XIV

**V**amos a viajar por un momento en busca del coronel Paredes, a quien dejamos sentándose a la mesa en casa de Teodora.

La comida fue alegre y abundante, y no bien hubo terminado, entrada ya la noche, todos se dirigieron a la sala de recibo, donde echarían una cana al aire con el zapateo y el bailecito del pañuelo.

Don Gaspar llamó a su lado a su hija y le dijo a secas:  
— Sígueme, Teoco.

Y ambos fueron a una cerca inmediata donde había tres cabalgaduras, una de ellas con arreos de silla de gancho y todo lo concerniente al equipo femenino, custodiadas por un indio mitayo.

— ¿Adónde vamos, padre? — preguntó Teodora.

— A Kíllac, a casa de mi comadre doña Petronila, que, como sabes, es una señora a las derechas, y a su lado estarás segura como la custodia en el altar —repuso don Gaspar sin detener su paso, que era seguro y de grandes trancos a pesar de la oscuridad de la noche.

— Bueno, y vale que don Sebastián ya no es gobernador; así que estaremos en paz hasta que venga Mariano — respondió Teodora siguiendo menudamente el paso acelerado de su padre.

Un bulto alto y emponchado se destacó de la sombra en este instante.

— ¿Anselmo? — llamó don Gaspar.

— ¡Señor! — contestó el llamado a secas, y todos tres siguieron la marcha hasta llegar adonde estaban los caballos.

Los dos varones levantaron a Teodora, que, con la agilidad de la campesina, se colocó en su jaco, llamado el Chollopocochí, sin duda por ser negro y tener las patas blancas.

Cabalaron después don Gaspar y Anselmo, que era un criado de toda confianza de la casa, y el padre de Teodora dijo al mitayo con expresión de mandato:

— Vuelve a casa, atiza la candela, que no falte el té con bastante tranca; y si nos echan de menos, ya sabes, ¿eh?

— Sí, tatay — contestó el indio emprendiendo el regreso.

Sonaron tres latigazos simultáneos en las ancas de los brutos, que se lanzaron como una exhalación entre las tinieblas de la noche, llevando sus pesados jinetes, dando resoplidos por las abiertas narices y, mordiendo con rabia los frenos.

El viejo iba sumergido en meditaciones, pues el cerebro elabora sin cesar la idea, y el pensamiento no se somete de grado a la quietud del cuerpo.



— Padre, moderemos el paso — dijo Teodora refrenando su caballo.

Pero don Gaspar no prestó atención o no oyó a su hija, que volvió a decir en voz más alta:

— ¡Padre!

— ¿Eh? ¿Te has fatigado tan pronto? — contestó el viejo moderando a su vez la marcha. — ¡No estoy fatigada, qué disparate!, pero he pensado una cosa.

— ¡Habla! — repuso don Gaspar gobernando las riendas para acercarse más a Teodora.

— Sería mejor que te volvieras de aquí no más. Llegarás a casa en media hora; tu presencia alejará toda sospecha, y seguirán otro rato sin echarme de menos... y tú... al fin, darías muchas disculpas.

— ¿Y tú... seguirás... sola?... — observó don Gaspar tosiendo repetidas veces.

— No corro riesgo alguno yendo con Anselmo. Chollopocochí es manso y conoce bien el camino, la distancia es ya corta, la luna no tardará en alumbrar; y sobre todo, si a ellos se les ha ocurrido averiguar por nosotros, si por acaso descubren lo del viaje, no dudes que nos sigan, nos alcancen, nos pillen, y borrachitos...

— ¡Cataplum! Teodora, hablas como el misal de la parroquia — interrumpió el viejo deteniendo el caballo, y

agregó con sonrisa maliciosa: — Lo cierto es que las mujeres se pintan para urdir estos lances.

Don Gaspar volvió a toser con fuerza.

— Ahí está, pues, ya estás constipado; regresa no más, que si viniese alguno, con tu vuelta perderá la madeja.

— ¡Cabalorum! Y en cuanto a que yo declare en dónde estás, que me descueren —contestó don Gaspar, y dando voces al criado que estaba lejos — ¡Anselmo! ¡Anselmo! — dijo.

El sirviente asomó su caballo al grupo, y se sostuvo este diálogo entre padre e hija:

— Pues, hasta dentro de cuatro días, en que iré a buscarte.

— Adiós, padre; abrígate la boca, estás con mucha tos.

— Golpeas con tientes la casa, y cuéntale todito a mi comadre doña Petronila: sabe el sapo en qué agua se echa a nadar.

— Sí, yo le diré bien todo.

— Anselmo, cuida a la niña y... hasta pronto, ¿eh?

Al terminar esta frase, don Gaspar volvió bridas, aplicó con toda fuerza los talones desprovistos de espuelas en los ijares de su potro lobuno, en cuya anca sonaron también un par de chicotazos, que le estimularon el brío juntamente con la vuelta a la querencia.

Serían las once de la noche cuando Teodora y Anselmo se apeaban a la puerta de la casa de doña Petronila Hinojosa.

Tocaron con fuerza el leoncito de bronce que sirve de llamador, y a los golpes respondieron cuatro o cinco perros con ladrido desesperado, dejándose oír una voz soñolienta que preguntó con enfado:

— ¿Quién es?

— Yo, que vengo de parte de don Gaspar Sierra a entregar a doña Petronila una prenda que le manda.

El portero, que era el consabido pongo, no necesitó de más explicaciones; descorrió la aldaba, y las hojas de la puerta de la calle giraron sobre sus goznes, dando paso a la fugitiva Teodora, que fue recibida por doña Petronila con el cariño proverbial de la madre de Manuel.

No hubo caminado dos millas don Gaspar desde el sitio en que se separó de Teodora, cuando distinguió gritería y tropel de gente a caballo. En pocos momentos más no abrigó duda de que esa era la comitiva del subprefecto.

— Sí, bien dijo la Teoco. ¡Qué diantres! ¡Las mujeres todas son brujas! Y lo gracioso es que todos los hombres nos dejamos embrujar, a oídas y vistas, a sabiendas o a callandas — se dijo don Gaspar, y siguió caminando al paso llano de su lobuno.

## CAPÍTULO XV

**A**l poco rato de la fuga de Teodora se apercibió de ello la reunión. El teniente gobernador, dando el primer apunte, dijo:

— El viejo polilla es quien tiene la cuchara, mi coronel, porque ella estaba ya llana, por lo visto, para complacer a usía.

— ¿Se me burla así? ¿A mí? No lo consentiré, no, señor... ¡No lo consentiré a fe de militar! — decía Paredes dando paseos acelerados en la habitación.

— Vamos a buscarla, amigos — propuso el teniente, agarrando una vela encendida, y en actitud de salir.

— ¡Sí señor! He de sacar a mi huri del fondo de la tierra, ¡sí señor! — repetía con rabia el subprefecto mientras los oficiosos salieron a registrar toda la casa, sometiendo a interrogatorio inquisitorial a la servidumbre, aunque pongos, mitayos y alcaldes no discrepaban en la respuesta:

— Han salido a la calle — repetían todos ellos.

Alguno preguntó como encontrando la hebra:

— ¿Salieron a pie?

— No, señor, salieron en aguelillo — repuso uno de los alcaldes.

— Pues, usía, iremos tras ellos — dijeron en coro —, que el camino es uno, llano y ligero. — A la obra, pues, amiguitos; y al que me traiga a la niña..

— Juro que yo seré el afortunado — interrumpió el teniente gobernador.

Se nombró la comisión y los designados salieron en pos de sus caballos. La cólera del subprefecto estaba a medio estallar, porque se decía:

— ¡Canalla de viejo! Sí señor, a presentármeme en estos momentos, lo fusilo sin formar el consejo de guerra. Para algo es uno autoridad. Pero... los muchachos estos son tan listos, y... conviene descansar un momento. — Diciendo esto se echó largo a largo sobre la cama colocada en una esquina, y se puso a dormir.

A pocos momentos se oyó un tropel de caballos y, abriendo los ojos, don Bruno Paredes dijo entre dientes:

— Son ellos... ¡ya parten...! Sí señor; pronto quedaré complacido mediante la actividad de mis... subordinados. ¡Si estos muchachos valen la plata del Cerro de Pasco! ¡Uff...!

Simultáneamente salían los esbirros en pos de Teodora y llegaba un chasqui, alguacil de gobierno, que, caminando a pie por las sinuosidades de la quebrada desde la capital de la provincia, ganó terreno con rapidez prodigiosa. Ese chasqui

conducía un pliego cerrado con lacre colorado, sellado con las armas de la República, en cuyo sobrescrito se leía: «Oficial. —Urgente. —Al coronel don Bruno de Paredes».

Cuando el propio puso el papel en manos de la autoridad, ésta se puso a leer medio recostado como se encontraba, pero no bien se impuso de los primeros renglones, saltó como lanzado por una fuerza eléctrica, palideció primero y después le subió a la cara toda la sangre del corazón, quedándose suspenso por algunos momentos con el pliego abierto entre las manos.

De improviso lo arrojó sobre la cama y, dando una patada en el suelo, dijo:

— ¡Caracoles! ¡Esto huele feo...! No hay más remedio que asegurarse, sí señor... ¿A ver, alcalde...? ¡Quién vive por ahí! — dijo dando voces, a que acudieron varios indios de servicio y los nacionales de su escolta.

— ¡Mi caballo!... ¡Pronto, pronto! — gritó don Bruno, siendo obedecido como por ensalmo.

Cabalgó y, seguido de tres personas, tomó al galope del tordillo el camino de la ciudad, murmurando para su capote:

— Huir el bulto es de los prudentes; en la ciudad hallaré escondite cómodo, mientras se serena la tempestad política...

La gente que fue en seguimiento de Teodora, y topó con don Gaspar, rodeó al buen viejo, y encerrándolo en un círculo, habló así el teniente gobernador:

— Hola, compadrito, qué escapada tan fea; ¿dónde está la niña Teodora?

— ¡Cómo! — repuso don Gaspar aparentando inquietud — ¿Ustedes buscan a mi hija? ¿Qué? ¿No la dejé con ustedes en la casa? ¡Jesús...! Felizmente, ella es honrada, y... allá estará. Vamos.

Y aplicó un latigazo al lobuno que lo hizo brincar con fogosidad.

— ¡Despacito, taita! — observaron varios; torciendo las riendas de sus cabalgaduras y amenazando así el teniente:

— Vamos, pues; pero si no entregas la prenda, Gaspar, ¡tente por frito!

— Regresemos, sí — dijeron varios, y entre cuchicheos se oyó esta reflexión:

— No habrá salido la dómina, pues no hay tiempo para ir y volver de ningún pueblo vecino.

— Y si tú no saliste con Teodora, don Gaspar, ¿a qué vino por estos lugares? — observó el teniente.

— ¡Vaya, tatay!, que tú no pareces del lugar; habrás llegado de Lima con bejuco y cuello tieso; he venido a hacer la ronda de los pastales — respondió don Gaspar con mucha formalidad.

— Ha salido al rodeo — dijo uno.

— ¡Que cante el gallito! — gritaron dos, y se detuvo la comitiva.

El teniente sacó de la bolsa del pellón una botella de pisco, y de ella fueron tomando sucesivamente, midiendo la cantidad por un silbido que daba el inmediato, operación que se repitió con mucha frecuencia en el trayecto, llegando los viajeros a la casa de don Gaspar entre gallos y medianoche.

La blanca luna lucía todo su disco plateado sobre aquella planicie de Saucedo, donde se alzaban las alegres cabañas de los indios peruanos, por cuyas puertas cruzan, al rayar la aurora, el venado de pieles grises y la perdiz de codiciadas carnes.

La casa de don Gaspar estaba como la morada de un ex en toda regla: escueta y desmantelada.

Los pongos fueron los únicos que, acurrucados en el zaguán, roncaban como sochantres, siendo preciso sacudirlos para despertarlos y preguntarles algo.

— ¿Qué es del señor subprefecto?

— ¿Sin duda, duerme?

— ¡Vamos! ¿Y la niña Teodora?

— ¡Encienda un fósforo, hombre!

Estas fueron las palabras de unos y otros, cuando uno de los pongos aclaró las dudas, diciendo:

— El señor subprefecto ha salido a caballo.

— ¡Qué canarios! — exclamó el teniente.



— Sin duda hemos tardado mucho, y habrá ido tras de nosotros. — ¡Cabales! El que espera desespera, y cuando está enamorado... ¡Chist...!

Entre tales dichos penetraron en la sala, que estaba abierta. Don Gaspar encendió la vela que estaba junto a la cama. Con la luz lo primero que distinguieron fue el pliego cuya lectura hizo poner los pies en polvorosa al coronel Bruno de Paredes.

Todos se juntaron para leer en corro, y al terminar dijo el padre de Teodora:

— Se ha huido, pues, nuestro subprefecto.

— ¡Si era un papanatas el tal coronel de Guardia Nacional! — dijo el teniente gobernador.

— ¡Coronel de..., soldados de habas...!

— ¡Un cobarde! — agregó otro.

— ¿Qué? Un comerciante, un peculador, a mí me consta — dijo aquél.

— ¡Cobarde! ¡Desertor! — opinó éste.

— ¡Una ex autoridad! — aclaró don Gaspar, riendo con la risa del que ha vivido mucho y oído mucho.

Y tomando la guitarra que estaba en la esquina de la habitación, se puso a rasgar, cantando con voz acatarrada:

Pájaro que vas volando a las orillas del mar,  
¿cómo no has de ir de miedo pues vas sin atapellán?

Quedando reconciliados raptos e injuriado a los  
acordes de tan extraña cantata, nosotros regresaremos a  
Kíllac, donde los nuestros nos esperan.

## CAPÍTULO XVI

**D**on Fernando encontró a Manuel todavía abismado en las impresiones que le dejó la repentina salida de Margarita.

— ¡Hola, don Manuel! — dijo al entrar, alargando la mano al joven.

— Excuse usted mi visita, don Fernando; la hora no es aparente, pero en estos casos la urgencia de los asuntos es la carta de pase — contestó Manuel al mismo tiempo que estrechaba la mano de su amigo.

— Nada de cumplimientos, don Manuel. Usted sabe que soy su amigo, y eso basta — dijo don Fernando, arrastrando una silleta e invitando a sentarse al joven.

— Tanto lo sé, que sin la amistad de usted me habría vuelto loco; mi posición tan difícil ante usted después del asalto aquel, los acontecimientos tan íntimos y contradictorios que se desarrollan desde mi llegada a este pueblo, donde los notables no acatan la ley, no conocen religión, y todo lo que pienso y medito, no son para menos.

— Verdad, querido Manuel, que horroriza el estado actual de esta pequeña sociedad, pero más preocupado que usted me traen las noticias que acabo de recibir de la ciudad.

— ¿Serán de interés privado para usted?

— ¡No! Son de interés público. Me comunican el triste fin del cura Pascual, ese desventurado hombre a quien escuchamos palabras de dolor, echando de menos la sana influencia que ofrece la familia en su seno a los párrocos del porvenir.

— ¿Ha muerto?

— Sí, amigo, y de una manera desastrosa.

— ¿Y cómo y de qué ha muerto? — continuó preguntando Manuel con interés creciente, prestando toda su atención a la respuesta.

— Ha muerto en los Descalzos. Fue arrastrado primero por la bestia, recogido por la conmiseración de algunos y asistido por los frailes; dicen que al beber un vaso de agua sufrió el accidente final — replicó el señor Marín.

— ¿Al tomar un vaso de agua en el convento?

— Sí, y los médicos han opinado que ha sido un derrame seroso.

— ¡Pobre hombre...! ¡Descanse en paz...!

— Hay otras noticias más graves que me han hecho vacilar...

— ¿Si serán las que ya sabemos en casa? ¿Las de la tormenta política descargada en la capital, y conjurada después de un delirio horrorizador?

— ¡Exactamente, amigo Manuel! Pero... bien mirado, esto será temible en las primeras horas por las medidas violentas que imponen las situaciones anormales. Después, ¡no! Tengo fe en la administración civil de su tocayo don Manuel — dijo don Fernando, levantándose de su asiento.

— Asimismo la abrigo yo, don Fernando, porque don Manuel Pardo es un hombre de talla superior; pero lo que me abruma en estos momentos es... Diré, amigo, aunque sea brusco el cambio...

— ¿De opinión?

— No, señor, de tema; me abruma la tormenta doméstica. Veo que es imposible vivir en este pueblo sojuzgado por la tiranía de los mandones que se titulan notables.

— ¿Qué de nuevo puede usted decirme, amigo Manuel? Sé que han reducido a prisión al campanero, acusándole como culpable del asalto de mi casa...

— ¿No le digo? ¡Si esto hace perder el juicio! Y como, por otra parte, de todos modos debo terminar mis estudios y recibirme de abogado, es preciso que me marche; pero no me resuelvo a dejar a mi madre en esta jauría de lobos.

— Pues, amigo Manuel, casualmente yo acabo de resolver este grave asunto en casa en igual sentido. Dentro de breves días me retiro con mi familia.

— ¿Usted, don Fernando? — interrumpió Manuel, en cuyo semblante se pintó la sorpresa sombreada por el dolor o la duda.

— Sí, amigo; he arreglado un traspaso de mis acciones en los minerales y de los objetos de mi propiedad con unos judíos que me dan veinte por ciento, y así, salgo satisfecho.

— ¿Y adónde se dirige?

— A la capital; en Lima presumo que el domicilio tendrá garantías, y que las autoridades conocerán lo que es cumplir su misión. Quisiera sólo hacer algo, antes de salir, por la libertad del campanero.

— Don Fernando, mi brazo es suyo. Ambos haremos todo por ese indio infeliz. Ahora parece que el destino me sonrío. He venido a hablarle de algo relativo a mis proyectos.

— ¡Con cuánto gusto le escucho!

— Como dije, deseo arrancar de aquí a mi madre. He tomado todas las medidas necesarias para llevarla con pretexto de un paseo a Lima, y una vez allá, no habrá buque para regresar.

— Perfectamente. ¿Y don Sebastián? — preguntó don Fernando con curiosidad.

— Usted sabe que la madre de familia es el sol de la casa, cuyo calor busca el corazón; tras de mi madre... llevaría a don Sebastián, cuyo porvenir es también de los más tristes aquí... ¡Ah, don Fernando!, usted no adivina los actos opresivos que soporto por amor a mi madre.

— ¿Y qué? Don Manuel, su modo de expresarse respecto a su padre hace tiempo que llama mi atención — dijo don Fernando, inspirando con el tono de su voz cierta confianza al joven.

— Lo presumía, señor Marín. Mi nacimiento está envuelto en un velo misterioso, que si alguna vez se descorre por mi mano, será ante usted, que es un caballero y que es mi mejor amigo — dijo el joven turbado.

Don Fernando acababa de saber todo lo que necesitaba, porque para él no pasaron inadvertidas las recíprocas impresiones de Manuel y de Margarita. Manuel no era, no podía ser, hijo de don Sebastián.

— ¿Quién será su padre? — pensó don Fernando — Puedo interrogarle de nuevo, exigirle una confidencia de amigo a amigo, obtener el secreto y tener el campo por mío; pero es necesario respetar la prudente reserva de este joven; la ocasión llegará. — Y dirigiendo la palabra a Manuel, dijo— Gracias, don Manuel; creo ser digno de su confianza, mas... volvamos a su solicitud. Decía usted...

— Que deseo me facilite usted la traslación de unos fondos a Lima y la colocación garantizada de ellos en una casa comercial.

— Con el mayor agrado, don Manuel, adquiriremos unos libramientos para cualquiera de los Bancos: el de «La Providencia», el de «Londres, México y Sud América», en fin, el que usted elija.

— Será el de Londres.

— Bien, y ¿cuánto desea usted remitir?

— Por ahora, unos diez mil soles. Más tarde será otro tanto, porque pienso realizar todas las propiedades de acá — repuso el joven.

— Téngalo por hecho, querido don Manuel. Esta tarde puede usted dejar el dinero donde Salas, en mi nombre, y mañana tendrá usted todos sus libramientos. Ahora, permítame felicitarlo por su resolución. Muy bien pensado. Usted será un hombre útil al país como tantos otros que han ido de provincias a la capital; honrará a su familia, se lo aseguro — dijo don Fernando acentuando sus últimas frases.

Manuel inclinó la cabeza, como agradeciendo, y detuvo en sus labios una palabra inoportuna, pues iba a manifestar a don Fernando que el móvil de todas sus aspiraciones era Margarita, pero la reflexión paralizó este movimiento.



— ¿Su madre ha debido sufrir mucho? — preguntó don Fernando rompiendo el silencio momentáneo y sacando un cigarro.

— ¡Oh, cruelmente! ¡Alma de ángel en corazón de mujer...! ¡Pobre madre mía...! — respondió Manuel suspirando. Y tomando un nuevo giro su pensamiento, continuó: — Creo que usted no sabe otras noticias de bulto que se han realizado anoche como el complemento de esta situación.

— ¿Qué ocurrencias son éstas? — dijo don Fernando con curiosidad.

— Nos ha venido del pueblo vecino, de Saucedo, una joven asilada en casa por las persecuciones del subprefecto Paredes.

— ¿Esa niña pagaría algún impuesto o renta fiscal? ¿Tal vez precios?...

— Nada, don Fernando; el coronel gustó de su belleza juvenil y quiso hacerla suya sin otra bendición que la de su voluntad dictatorial — dijo Manuel riéndose con expansión.

— ¿Y?...

— Ha huido del hogar.

— ¿De modo que por estos mundos las víctimas salvadas de manos del cura caen a la hoguera de la autoridad?

— Como usted lo oye — contestó Manuel turbándose visiblemente con las palabras de don Fernando.

— ¡Esto horroriza! ¡Y si fijamos la mirada en los indígenas, el corazón tiene que desesperarse ante la opresión que éstos soportan del cura y del cacique...!

— ¡Ah, señor don Fernando! Desconciertan estas cosas al hombre honrado que viene de otra parte, ve y siente. Cuando haga mi tesis para bachiller pienso probar con todos estos datos la necesidad del matrimonio eclesiástico o de los curas.

— Tocaré usted un punto de vital importancia, punto que los progresos sociales tienen que dilucidar antes que el siglo decimonono cierre su último año con el pesado puntero que va marcando las centurias.

— Esa es mi convicción, don Fernando — dijo Manuel.

— ¿Y que me dice usted de las autoridades que vienen a gobernar estos apartados pueblos del rico y vasto Perú?

— ¡Ay, amigo! Ellas buscan empleo, sueldo y comodidad, sin que ninguno de los elegidos haya tenido noticia de las palabras de Epaminondas para saber que «es el hombre el que dignifica los destinos», cosa que nos enseñan en la escuela.

— Es que en el país impera el favor — dijo don Fernando sacando una caja de fósforos y encendiendo el cigarro que, armado, tenía hacía rato entre los dedos.

— ¿Usted podría decirme, don Fernando, en qué estado está el expediente relativo al asalto de su casa? — preguntó Manuel aprovechándose del pequeño silencio que hubo para

variar de conversación; y al preguntar aquello sus carrillos se tiñeron del carmín más encendido.

— El expediente... ni sé qué decirle, amigo... sólo ayer he preguntado algo de eso al saber que han apresado al campanero, a quien creo completamente inocente. ¿Le interesa? — contestó don Fernando arrojando una bocanada de humo.

— ¡Mucho, don Fernando! Ya hemos acordado salvar al campanero, cuyo nombre ignoro, y por otra parte, desearía que... si Margarita conoce aquellos detalles algún día... los conozca bajo otra forma...

— ¡Pif! ¡Fue tan trágico el fin de los infelices padres de la muchacha!

— ¡Cuánto daría porque conociese en su verdadero fondo ese trágico fin la digna ahijada de ustedes! ¡Margarita! Y Margarita...

Iba a decir Manuel todo el secreto de su alma, cuando apareció en la puerta doña Petronila acompañada de Teodora, a quien presentó con manifiesto cariño.

## CAPÍTULO XVII

**M**artina, la mujer de Isidro Champí, luego que salió de la casa de su compadre

Escobedo, después de sacrificar las cuatro cabezas de ganado vacuno ante la avaricia del compadre, asustada con la noticia de que la prisión de su marido era realmente por las campanadas de la asonada, fue corriendo a su casa, tomó los ponchos de abrigo de Isidro y se dirigió a la cárcel.

El carcelero le dejó entrada libre, y cuando vio a su marido se echó a llorar como una loca.

— ¡Isidro, Isidrocha! ¿dónde te veo?... ¡Ay! ¡Ay!, ¡tus manos y las mías están limpias de robo y de muerte...! ¡Ay! ¡Ay...! — decía la pobre mujer.

— Paciencia, Martica, guarda tus lágrimas y pide a la Virgen — contestó Isidro procurando calmar a la mujer que, secándose los ojos con el canto de uno de los ponchos, repuso:

— ¿Sabes, Isidro, he ido a ver a nuestro compadre Escobedo, y él dice que prontito te saca libre?

— ¿Eso ha dicho?

— Sí, y aun le he pagado.

— ¿Qué cosa le has pagado? Te habrá pedido plata, ¿no?

— ¡No! Si ha dicho que te han traído por las campanadas de esa noche de las bullas de la casa de don Fernando. ¡Jesús! ¡Y tantos muertos que hubo...! Y ese Wiracocha dice que tiene plata y nos perseguirá — dijo la india santiguándose al mentar a los muertos.

— Así dijo también don Estéfano — contestó Isidro, e insistiendo en la primera pregunta, pues hartó conocía a los notables del lugar, dijo— ¿Y qué cosa has pagado, pues, claro?

— ¡Isidrocha...! ¡Tú te enojas...! ¡Tú te estás poniendo amargo como la corteza del molle! — repuso la india con timidez.

— ¡Vamos, Martina!, tú has venido a martirizarme como el gusano que roe el corazón de las ovejas. Habla, o si no, vete y déjame solo... Yo no sé por qué no quieres decir... ¿Qué le pagaste?

— Bueno, Isidro. Yo le he dado a nuestro compadre lo que ha pedido, porque tú eres el encarcelado, porque yo soy tu paloma compañera, porque debo salvarte, aunque sea a costa de mi vida. No te enojés, tata, le he dado las dos castañitas, la negra y la afrijolada... — enumeró Martina acercándose más hacia su marido.

— ¡Las cuatro vaquillas! — dijo el indio empalmando las manos al cielo y lanzando un suspiro tan hondo, que no sabemos si le quitaba un peso horrible del corazón o le dejaba uno en cambio del otro.

— Si él quería que se le diese vacas, y apenas, como quien arranca la raíz de las gramas, le he arrancado el sí por las vaquillas, porque una es para el gobernador, una para el subprefecto, otra para el juez y la afrijolada para nuestro compadre.

El indio, al escuchar la relación, inclinó la cabeza mustio y silencioso, sin atreverse a decir nada a Martina, quien después de algunos momentos salía en pos de sus hijos, enjugando nuevas lágrimas y con el corazón repartido entre la cárcel y la choza.

Entre tanto, Escobedo, que encontró a Estéfano, le dijo: — Compañero, aseguran...

— Ratan — contestó Benites.

— Y como reza el refrán. Ya el indio Isidro aflojó cuatro vaquillonas. — ¿Eh?

— Como lo oyes; vino la mujer lloriqueando y le dije que era grave la cosa, porque la prisión era por las campanadas.

— ¿Y?...

— Me ofreció gallinas; ¿qué te parece la ratona de la campanera? — ¿Pero aflojó vaquillas?

— Sí, pues; ahora ¿cómo nos partiremos?

— Le daremos una al subprefecto, mejor ir derecho al santo, y las tres para nones — distribuyó Benites.

— Bueno, ¿y el indio sale o no sale?

— Ahora no conviene que salga; lo embromaremos unos dos meses, y después la sentencia hablará, porque primero está el cuero que la carne, hijo — opinó Benites.

— Eso es mucha verdad, que uno está antes que dos. ¿Y el embargo?

— El embargo que se notifique por fórmula y con eso sacamos cuando menos otras...

— Cuatro vaquillas, claro. Si tú sabes como un vocal, Estefito, y con razón todos te hacen su secretario — agregó Escobedo frotándose las manos.

— ¿Y para qué estudia uno en la escuela del Rebenque, sino para dictar la plana y ganar la vida, y ser hombre público y hombre de respeto? — dijo con énfasis sacando su pañuelo sin orlar y limpiándose la boca.

— ¿Cuándo hacen el embargo? — preguntó Escobedo.

— Podemos hacerlo dentro de dos días, y se me ocurre una idea. ¡Qué canarios...! Tú no vayas al embargo, cosa que al indio le hacemos creer que tú, por ser su compadre, te has empeñado en guardar los ganados, porque si es otro el depositario se los lleva.

— ¡Magnífico! Por ahora tu zorro te dicta como libro — repuso Escobedo riéndose y preguntando en seguida — ¿Qué dirá don Hilarión?

— El viejo ni lee lo que pongo. A todo dice amén, como que es sobrino de cura.

— No seas deslenguado. ¿Y don Sebastián? — advirtió y preguntó Escobedo.

— Don Sebastián dirá «francamente que así me parece bien», y nosotros de esta hecha estrenamos ropa y caballo para la Fiesta del pueblo — repuso riéndose a carcajadas Estéfano Benites, en cuyo cerebro quedaba combinado todo su plan para explotar la inocencia de Isidro Champí, con el apoyo del compadre Escobedo, padrino de pila del hijo segundo del campanero.

— Muy bien, compañerazo, y ahora que tenemos todo trazado a las claras, la lengua pide un mojanjito — opinó Escobedo.

— De ordenanza, compadrito; pediremos un par de copas, a la pasada, donde la quiquijaneña o donde la Rufa — contestó Estéfano aceptando la idea de su colega y arreglándose la falda del sombrero.



## CAPÍTULO XVIII

**T**eodora, en la plenitud de su vida, como ya la hemos descrito al llegar a su pueblo, lucía una cabellera tan abundante y larga, que a tenerla destrenzada habríale cubierto las espaldas como una ancha manta de vapor ondulado. El conjunto de su persona era tan simpático y atrayente, con esa expresión dulce que enamora, que al verla don Fernando formuló en su pensamiento una especie de disculpa al subprefecto. Invitó asiento a las recién llegadas, y llamó desde la puerta:

— ¿Lucía, Lucía? — arrojando afuera el pucho del cigarro que fumaba.

Mientras tanto, doña Petronila dijo quedito a su hijo:

— Te pillé, bribonazo, te pillé en tu querencia. — Y sonriose maliciosamente.

— ¡Madrecita! — articuló Manuel como una disculpa de niño.

Don Fernando preguntó a Teodora:

— Señorita, ¿usted es recién llegada?

— Sí, señor; soy de Saucedo, y sólo hace horas que estoy aquí — contestó la joven con desenvoltura.

Lucía no se hizo aguardar, y entrando dijo:

— ¿De dónde bueno por su casa, doña Petronila?... ¿Y esta señorita?... — y abrazó a una y a otra.

Doña Petronila, desprendiéndose el pañolón sujeto al hombro, y con aire de franqueza, exclamó:

— ¿Qué les parece a ustedes el dichoso coronel Paredes, que después de dejar el asperjes de la discordia en mi casa se fue a la de mi compadre don Gaspar a querer robarle su joya? — y señaló a Teodora.

— ¡Madre! — dijo con timidez Manuel.

— ¡Guá! ¿Por qué no he de hablar claro — continuó doña Petronila —, si don Fernando los conoce muchísimo y asimismo la señora Lucía? — y relató punto por punto todo lo ocurrido en Saucedo.

Cuando terminó su relación, que los esposos Marín escuchaban cambiando la mirada de la joven a doña Petronila y de ésta a aquélla, los carrillos de Teodora eran dos cerezas, permaneciendo ella con la mirada clavada en el suelo, sin atreverse a levantar los ojos. En esta actitud soportó uno de los momentos más difíciles de su vida, ora recogiendo los pies bajo la silleta, ora estrujando sus manos escondidas debajo de su pañolón de cachemira.

Manuel se sonreía a veces. Lucía bastillaba la orla de su fino pañuelo, encarrujándolo y volviendo a soltarlo.

— ¿Así que esta señorita es una heroína del amor a su prometido? — dijo don Fernando.

— ¡Muy bien! ¡Qué simpática! ¡Así fieles deben ser todas las mujeres cuando quieren! — expuso Lucía.

— ¡Qué felicidad la de encontrar un cariño así! Envidio a Mariano — agregó Manuel.

— ¡Pues me gusta la pasada corrida al subprefecto; bien, muy bien, señorita Teodora! — dijo don Fernando levantándose de su asiento y estrechando la mano de Teodora. — Me parece que estos pueblos se irán poniendo trabajosos día por día — continuó el señor Marín —; aquí todos abusan y nadie corrige el mal ni estimula el bien; notándose la circunstancia rarísima de que no hay parecido entre la conducta de los hombres y la de las mujeres. . .

— ¡Si también las mujeres fuesen malas, esto ya sería un infierno, Jesús! — interrumpió Lucía guardando su pañuelo en el bolsillo de la bata.

— Usted, doña Petronila, debe salvar a su esposo y a su hijo, que es un cumplido caballero — dijo don Fernando dirigiéndose a la madre de Manuel, cuyos ojos brillaron con la luz del gozo materno. Manuel sonrió inclinando la cabeza, adivinando que la intención de su amigo era prepararle campo para convencer a doña Petronila.

Lucía salió en apoyo de su esposo, diciendo:

— Efectivamente, amiga, esto ya no es para nosotras; debemos alzar el vuelo a otras regiones serenas; nosotros nos retiramos pronto.

—¿Se van?...¿Ustedes se van? — preguntó doña Petronila con interés.

— Sí, señora, lo hemos resuelto — contestó don Fernando apoyando a Lucía.

— ¡Jesús! ¡Qué noticia tan triste la que vengo a recibir! — dijo doña Petronila, a quien Manuel insinuó diciendo:

— Ahora falta que tú te resuelvas, madre, y todos quedaremos contentos.

— Eso... veremos...

— ¡Cómo! ¿Qué veremos?... ¡Ah!, pronto ha de saberse cuál de nosotros triunfa — repuso Manuel acompasando sus últimas palabras con golpecitos dados en el suelo con el tacón de sus botas.

— ¡Margarita, Margarita, ven! — gritó Lucía al ver a la huérfana que pasó junto a la puerta. Lucía tuvo el deliberado intento de ver qué impresión producía el conocimiento de la niña en el corazón de doña Petronila, pues desde la conversación que tuvo con su ahijada, en cuyo corazón existían para con Manuel mayores preferencias de las que ella alcanzó a medir, estaba preocupada con el porvenir de la huérfana.

— Presentaré a usted a mi ahijada Margarita — dijo Lucía tomando a la niña de una mano y dirigiéndose a la madre de Manuel.

— ¡Qué linda señorita!

— Simpática y amable.

Fueron las palabras que simultáneamente repitieron doña Petronila y Teodora.

— ¡Margarita! ¿No es verdad que lleva bien su nombre de flor? — agregó Manuel en momentos que su madre abrazaba a la huérfana, prodigándole palabras de alabanza que sonaron como música celestial en el corazón de Manuel, que, ebrio de felicidad, no cabía en el pecho.

A interrumpir esta escena de calma venturosa llegó una mujer despavorida, llorosa y confundida, que desde la puerta dijo entre sollozos:

— Señor, Wiracocha Fernando, ¡caridad por la Virgen!

— ¿Quién es esta infeliz? — preguntó Marín sorprendido.

— Esta es la Martina... mujer del Tapara — repuso doña Petronila, cuando Lucía se tapaba los ojos con ambas manos, murmurando para sí:

— ¡Marcela! ¡Marcela! Parece su hermana.

Don Fernando volvió a preguntarle:

— Di ¿quién eres, qué pides?

— Soy la mujer de Isidro Champí el campanero...

La última frase descorrió por completo el velo.

Don Fernando y Manuel se demudaron notablemente, y el primero dijo: — ¡Ah...! Ya lo sé, hija; tu marido está preso, ¿no?...

— Sí, Wiracochay, también ahorita se han llevado todos nuestros ganados. —¿Quién?

— ¿Quiénes?

Preguntaron a una vez Manuel y don Fernando.

— ¡Las justicias, señor! — repuso lacónicamente Martina.

— ¡Las justicias! Pero, ¿quiénes son esas justicias? — replicó Manuel.

— ¡Jesús!, ¡qué cosa! — exclamó doña Petronila mientras Lucía, muda de emoción, apenas abrió sus labios para decir a Margarita:

— Hija, anda, ve a Rosalía y pide un vaso de agua.

Manuel, que en otra circunstancia habría sentido aquella despedida, dirigió a la señora de Marín una mirada que traslucía toda su gratitud, y sin desplegar los labios permaneció mirándola por varios segundos.

— ¡El alcalde mayor y el gobernador, Wiracochay, misericordia! — dijo Martina, arrodillándose a los pies de don Fernando.

— ¡Oh! ¡Levántate...! ¡Tranquilízate...! — repitió el señor Marín dando la mano a Martina.

— ¡Por Dios! ¡Que te salvaremos: se remediará todo; sosiégate! — dijo Manuel, acercándose hacia Martina.

— Bueno, ¿tú no nos persigues? — preguntó Martina a don Fernando.

— ¡No, hija, no!

— ¿Tú nos salvas entonces, sacas de la cárcel a Isidro y nuestros ganados del corralón de embargo?

— ¡Sí, te defenderé! — ¿Sí?

— ¡Cruelles!

— ¡Descorazonados! — repitieron sucesivamente, y Martina, sin más promesa que la de don Fernando y Manuel, salió llena de esperanzas, que su amante corazón de esposa quería transmitir sin tardanza al del esposo encarcelado.

## CAPÍTULO XIX

**E**l cambio de autoridad se efectuó pacíficamente en la provincia. El nuevo subprefecto dirigió las circulares de estilo a los funcionarios de su dependencia, invocando la Ley, la Justicia, y la Equidad.

Finalizada la diversión en casa de Teodora, don Gaspar llegó a Kíllac para relatar por sí mismo a su virtuosa hija todo lo ocurrido en Saucedo después de su fuga, agradecer a su comadre doña Petronila el hospedaje, y volver en compañía de Teodora a hacer nuevamente la tranquila vida del campo, mientras se vencía el plazo señalado en los esponsales del honrado Mariano.

Nadie supo dar razón del paradero del coronel don Bruno de Paredes; porque, a pocas millas de su salida, despidió su escolta y, solo ya, buscó un refugio seguro.

Súpose, sí, en los días posteriores, que estaban bien mermadas las rentas de Predios rústicos y urbanos, y en manos de los indígenas una respetable cantidad de recibos de una contribución personal y forzosa, creada ad hoc por su señoría, titulada: «Derechos de Instrucción Popular.»



Don Sebastián, mohíno y cariacontecido, se golpeaba el pecho repitiendo:

— Francamente, mi mujer y Manuel sabían la media de la misa, francamente, me pesa, me pesa por no haber seguido sus consejos.

Tal confesión era un nuevo apoyo para que Manuel llevase a la práctica sus teorías en la casa, donde su opinión prevalecería respetada y obedecida.

Manuel pasó toda la noche en vela, lápiz en mano, marcando y borrando números sobre un pliego de papel que tenía cerca, y recorriendo su dormitorio con pasos acelerados, que de rato en rato se detenía para apuntar algo o buscar ligero descanso en el sofá.

— ¿Y por qué mi anhelo se reduce a dejar el pueblo donde he nacido — se decía — cuando es propensión innata del hombre amar el engrandecimiento del suelo donde vio la luz primera?... ¿Por qué no aspiro a vivir aquí donde nació Margarita, y donde, junto a ella, brotó lozana y bella la flor de mis amores?... ¡Ah! Mi contrariedad se explica por la palabra de una experiencia razonada. Los lugares donde no se cuenta con garantías para la propiedad y la familia, se despueblan; todos los que disponen de medios suficientes para emigrar a los centros civilizados lo hacen, y cuando uno se halla en la situación en que yo me encuentro, solo

contra dos, uno contra cinco mil... no queda otro remedio que huir y buscar en otro suelo la tranquilidad de los míos y la eterna primavera de mi corazón... ¡Margarita! ¡Margarita mía! A ti te entumecería el invierno de los desengaños en esta puna, donde se hielan los buenos sentimientos con el frío del abuso y del mal ejemplo. Tú vivirás bella y lozana donde se comprenda tu alma y se admire tu hermosura; ¡tú serás el sol que me dé calor y vida bajo la sombra del árbol extraño...!

Por la mente del hijo de doña Petronila cruzaban, revoloteando, mil aristas chispeantes, llevando un enjambre de ilusiones sostenidas en su corazón por dos fuerzas activas: nobleza de sentimiento y pureza de pasión. Dio unas cuantas vueltas por la habitación, distraído y embebido en sus pensamientos, y sacó un cigarro guardado en una cajita de caucho. Manuel fumaba en raras ocasiones. El tabaco, lejos de constituir un vicio, era un agente de pasatiempo. Armó el cigarro, y después de encenderlo a la lumbre de la vela de sebo, darle tres chupetones seguidos y arrojar humo por la boca y narices, se dijo: «¡Sí! Ellos salen pronto... ¡Yo iré a encontrarlos, así sea al confín del mundo...! Y lejos ya de Kíllac, lejos del teatro de la tragedia del 5 de agosto, abriré mi corazón ante don Fernando, pediré la mano de Margarita, y una vez aceptado, fijado un plazo, seguiré con fe y aliento el

término de la carrera que he abrazado. ¡Sí, sí! ¡Estoy resuelto...! Confiaré a don Fernando, a Lucía y a mi Margarita el secreto de mi nacimiento, porque esa confianza asegurará mi felicidad: pero... antes hablaré a mi generosa madre, sobre cuya frente no puedo yo arrojar... ni las sombras siquiera de la deshonra. ¡Madre! ¡Madre querida...! La fatalidad me colocó en tu seno, y después... ¡Ay! ¡Mi presencia torturó tu vida, reflejándose en la terquedad de un padrastro...! Y, hoy que me siento hombre, ¿por qué no es para ti todo el calor de mis afectos? ¡¡Margarita...!!

El primer rayo de aurora, apacible y sereno, penetró por los resquicios de la puerta y ventana del dormitorio de Manuel, que veló desde la tarde a la mañana, de claro en claro, con el primer insomnio del amor y el deber.

## CAPÍTULO XX

**E**l objeto de la visita de doña Petronila a la casa de los esposos Marín no era sólo presentar a Teodora y transmitir las noticias de Saucedo, sino obtener unas recomendaciones de don Fernando para la nueva autoridad. Por esto, luego que salió Martina, la mujer del campanero, dijo al señor Marín:

— He venido a molestarle, mi don Fernando, con una súplica. — Molestia no será jamás, mi doña Petronila.

— Me han dicho que usted es amigo del nuevo subprefecto.

— Le conozco, verdad, aunque muy de lejos; pero... ¿qué se ofrecía?

— ¡Lástima! Yo quería una carta de recomendación para Teodorita y mi compadre don Gaspar; después de todo lo que ha pasado, figúrese usted cómo no estarán temblando los pobres de que vaya otra vez gente de malos tratos como ese militar — dijo doña Petronila prendiendo su pañolón.

— Siento contrariedad al no complacerla; pero yo trataré de buscar la influencia de otro amigo — contestó Marín.

— Salas es pariente del nuevo subprefecto — indicó Lucía.

— Sí, pero no es él de quien pienso valerme, sino de Guzmán; porque éste me ayudará a trabajar en favor de Isidro Champí.

—También usted, doña Petronila, por su parte, vea cómo arregla don Sebastián el asunto del campanero — recomendó Lucía.

— Eso queda a mi cargo, y... hasta prontito — dijo doña Petronila despidiéndose junto con Teodora y Manuel, a quien dijo don Fernando:

— Nos veremos luego para acordar lo de Champí.

Margarita, que fue al interior de la casa en busca de Rosalía, respiró un poco de aire libre lejos de su madrina, cuyas miradas se le habían hecho sospechosas desde las confidencias que tuvo con ella y el modo como se expresó de Manuel.

El aire que la soledad brinda a los corazones que sufren en la asfixia del dolor está impregnado de melancolía, y parece entibiado por el bálsamo del consuelo.

El amor es como una planta.

Colocado en terreno fértil, exuberante y rico, crece con rapidez sorprendente.

El temperamento vigoroso y el físico robusto de Margarita abonaban el desarrollo prodigioso de sus simpatías

por Manuel, y las condiciones en que la había colocado el destino constituían un nuevo elemento motor, dándole a los catorce años los impulsos de un cerebro maduro y las fruiciones de un corazón de veinte primaveras.

Quedaban solos don Fernando y Lucía en el salón, y ésta dijo:

— No dirás, querido Fernando, que es adelantamiento de juicio femenino, pero creo saber que Margarita y Manuel se aman, y...

— Sería afecto celebrado por mí.

— ¡Cómo, Fernando! ¿Y los miramientos sociales y los deberes de conciencia? ¡Margarita es la hija de Marcela, madre heroica, víctima de don Sebastián, y Manuel es el hijo del verdugo...!

— Aquí te gané la partida, hijita mía — dijo don Fernando sonriendo y tomando la mano de Lucía. — Manuel me ha dejado entrever un misterio en su nacimiento. Esa historia espero conocerla, y te aseguro que yo no he creído jamás que ese joven tan digno sea hijo de don Sebastián. Nunca lo he pensado, ni antes de que Manuel dejase escapar algunas frases en momentos de franqueza.

— ¡Dios mío...! ¿Este viejo tan feo?... ¿Me ganarás, Fernando? Ese detalle importa la solución de un problema

que me llena de pesar; porque he sembrado la semilla de la aversión en el tierno corazón de nuestra Margarita.

— ¿Cómo, de qué modo? — preguntó con sorpresa don Fernando soltando la mano de Lucía y mirándola con atención.

— Señalándole a Manuel como el hijo del matador de su madre...

— ¡Imprudente...! — exclamó Marín con amargura; mas, como hallando reparación, agregó — Si ella le ama, no habrá brotado el odio, y será doblemente feliz el día en que sepa que Manuel no es vástago del abusivo gobernador de Kíllac.

— ¡Desde hoy trabajaré, Fernando mío, para disipar en el corazón de mi ahijada esa sombra que ha proyectado mi palabra imprudente! Sí, conozco que, en realidad, es un partido ventajoso para nuestra Margarita.

— Inmejorable, querida Lucía; yo amo a esa juventud estudiosa y seria que encuentra en su propia inspiración el aliento para el trabajo; por esto amo a Manuel y preveo que será un abogado distinguido, capaz de dar lustre al foro peruano. Fuera de esto, sabrás, Lucía, que los medios materiales de que dispone son más que suficientes para sostener con desahogo a su familia.

— ¡Tus palabras me comunican satisfacción infinita, Fernando! Es preciso que ellos sean felices.

— Coadyuvar a la ventura de Margarita es un deber para nosotros, hija mía.

— ¡Sí, amado Fernando! Yo le juré esto a Marcela cuando en los umbrales de la muerte depositó en mi alma el secreto de que Margarita es la hija de aquel hombre, y me reveló los pormenores que tú sabes. Luego, ¡Margarita será tan feliz como yo, si ella ama a Manuel como te quiero, mi Fernando!

— ¡Adulona! — dijo don Fernando con voz cariñosa abrazando a Lucía.

¿Por qué había revelado a don Fernando el secreto de Marcela? ¿Es verdad que la mujer no puede ser nunca la guardadora de un secreto?

¡No!

Lucía amaba mucho a su esposo para haberle callado nada, y es de explicarse esa intimidad inherente al matrimonio que realiza la encantadora teoría de dos almas refundidas en una, formando la dicha del esposo, que permite leer, como en un libro abierto, en el corazón de la mujer, que al dar su mano no esquivó la ternura del alma enamorada, como la ofrenda del amor perdurable jurado en el altar.

El matrimonio no debe ser lo que en general se piensa de él, concederle sólo el atributo de la propagación y conservación de la especie.



Tal será acaso la tendencia de los sentidos; pero existe algo superior en las aspiraciones del alma que busca su centro de repercusión en otra alma, como el ser espiritual unificado por las potencias de memoria, entendimiento y voluntad, y estrechado por el vínculo santo del amor.

Lucía, que nació y creció en un hogar cristiano, cuando vistió la blanca túnica de desposada aceptó para ella el nuevo hogar con los encantos ofrecidos por el cariño del esposo y los hijos, dejando para éste los negocios y las turbulencias de la vida, encariñada con aquella gran sentencia de la escritora española, que en su niñez leyó más de una vez, sentada junto a las faldas de su madre: «Olvidad, pobres mujeres, vuestros sueños de emancipación y de libertad. Esas son teorías de cabezas enfermas, que jamás se podrán practicar, porque la mujer ha nacido para poetizar la casa.»

Lucía estaba llamada al magisterio de la maternidad, y Margarita era la primera discípula en quien ejercitara la transmisión de las virtudes domésticas.

— ¡Bien, Fernando!, queda convenido que yo varíe totalmente de parecer acerca de la inconveniencia de los amores de Manuel y Margarita, para quien buscaré una explicación en los límites de la prudencia — contestó Lucía.

— ¡Bien! Pero yo tengo que ocuparme de esa pobre familia del campanero.

— ¡Fernando, Fernando mío...! Mi corazón tiembla de terror. ¡Ah...!, cuando entró Martina creí ver la imagen de Marcela, y no sabes qué lúgubres presentimientos me han asaltado. No he dicho nada, he callado porque primero eres tú, y temo...

— No temas nada, hija; no tomaré las cosas de frente, pero es imposible dejar que asesinen a otro hombre con el estoicismo del verdugo.

— ¡Quisiera ya estar lejos de Kíllac para no ver estas cosas...! ¿Y Manuel, qué hará?

— Ten paciencia, hijita; pocos momentos te quedan en este lugar ya odioso.

Manuel se encargará de todo, de acuerdo con Guzmán, y voy a escribir a éste ahora mismo — dijo don Fernando dirigiéndose a su escritorio. Lucía se retiró también de la sala.

Sentado a su pupitre escribió don Fernando las siguientes líneas:

«Kíllac, 13 de diciembre de 187... SEÑOR DON FEDERICO GUZMÁN. Aguas Claras.

*Querido amigo:*

*Estoy en vísperas de retirarme a la capital, resolución que he tomado por las razones que usted conoce.*

*Necesito de su amistad e influencia ante el nuevo subprefecto para sacar de la cárcel a Isidro Champí, campanero de este pueblo, a quien han apresado los verdaderos culpables de la asonada del 5 de agosto. Estoy perfectamente convencido de que ese indio es inocente; pero aquí nada se puede hacer contra las maquinaciones en masa de los vecinos notables que constituyen los tres poderes: eclesiástico, judicial y político. Casi me atrevería a asegurar que Estéfano Benites, Pedro Escobedo y el gobernador Pancorbo son los verdaderos culpables, habiendo desaparecido ya el cura Pascual Vargas.*

*Tal vez extrañará a usted que pida la intervención de la autoridad política en este asunto sometido al juzgado; pero si reflexiona usted por un momento sobre el personal que administra aquí la justicia, conocerá la necesidad de que una autoridad recta y bien intencionada haga cumplir las leyes.*

*No tengo interés en la prosecución del juicio. Deseo únicamente dejar salvado al campanero, cuya suerte me contrista, y es todo lo que le recomiendo.*

*Si puede usted conseguir esto, se lo agradeceré en el alma.*

*Necesito una cartita de recomendación de usted para el subprefecto, a favor de don Gaspar Sierra y su familia. Todavía por acá se presta mucha importancia, amigo, a las cartitas de recomendación; lo que para mí es buen indicio, porque todavía se cree en la amistad y los servicios desinteresados, y no se ha olido*

*que en otras partes no hay recomendación posible fuera de una onza de oro.*

*Prepáreme sus órdenes, querido amigo; acepte las memorias de mi Lucía, y disponga de la voluntad de su muy amigo y S. S.*

Fernando Marín.»

Doblada y cerrada en un sobre azul, guardó don Fernando esta carta en el bolsillo interior de la levita, y salió en dirección a la calle, donde también esperaba ver a Manuel.

## CAPÍTULO XXI

**M**artina penetró en el calabozo de su marido con paso acelerado y respiración agitada; pero la lobreguez que reinaba en ese recinto, para quien entraba de la claridad, cegó de pronto sus pupilas.

La tenue luz que se cernía por los intersticios de una ancha claraboya tapiada de adobes fue bañando la retina de la india; que al fin distinguió las paredes, el suelo, el poyo que hacía de cama, y sentado en él a su marido, el cual contemplaba a la recién llegada sin atreverse a preguntarle nada, temeroso de escuchar el anuncio de nuevas desgracias.

Martina, al distinguirle, dijo con entusiasmo:

— ¡Isidro, Isidro!, arranca de tu corazón la pena negra. El Wiracocha Fernando no nos persigue, es mentira, le he visto.

— ¿Le has visto? — repitió Isidro con indiferencia.

— ¡Sí, le he visto, le he hablado, y me ha dicho que te salva, que nos salva!

— ¿Eso ha dicho? Y tú le crees, ¿no?

— ¿Por qué no he de creer si él no es de aquí? ¡Isidro!, sólo en nuestro pueblo sacudió su poncho el diablo derramando candela y mentira.

— ¿Y qué te ha pedido en pago?

— ¡Nada! Ni siquiera me ha preguntado si tenemos ovejas.

— ¿De veras? — preguntó el indio abriendo más los ojos.

— De veritas, Isidro, y dice que él no te persigue. ¡Ay!, ¡ay!, yo creo que él nos salvará, como ha recogido a las hijas de Yupanqui; no lo dudes, Isidro, se enojaría el Machula de la oración... Las nubes tapan el sol, la tarde oscurece, pero esas nubes pasan recogidas por el mismo que las extiende, y el sol aparece y brilla y calienta de nuevo.

— ¡Acaso, acaso, Martinacha! —dijo el indio ahogando un suspiro y estirando ambos pies.

— ¡Por la Virgen, Isidro, nuestras penas pasarán también! Sin duda tú no has sabido encomendarte a la Virgen cuando tocabas las campanas del alba, y por esto nos ha caído tanta desgracia, como la helada que pone amarillas las hojas y malogra el choclo — dijo ella sentándose junto a Isidro.

— ¡Pudiera ser, Martina, pero... nunca es tarde para llorar! ¡La tierra que está un año, dos, tres, hasta cuatro sin dar fruto, de repente se sacude y... llena la troje con la cosecha.

— ¡Bueno! Reza, pues, el Alabado. Y... hasta mañana; voy, por nuestros hijos.

— ¿Qué dicen nuestros hijos? ¿Por qué no me traes siquiera a la sietemesina?

— Cuando me preguntan por ti, digo que estás en viaje. Miguel calla y se agacha, porque ya él entiende y no lo puedo engañar. ¿Que los traiga?... ¡Jesús! ¿Para qué?... ¡Ay!, basta con que tú y yo conozcamos la cárcel... hasta mañana —dijo, y besó a Isidro con el tranquilo y casto beso de las palomas.

Mientras pasaba esta escena entre Isidro y su mujer, en casa de Estéfano Benites se encontraban reunidos varios vecinos comentando los últimos sucesos entre copa y copa, cuando llegó Escobedo y dijo desde la puerta:

— ¡A ver, qué convidan! Habrá miel cuando cargan moscas.

— ¡Adelante, compadrito! — contestó Estéfano disponiéndose a servir una copa al recién llegado.

— Ni mandado llamar con alguacil de gobierno — dijo uno.

— Sus narices lo han traído, ha olido la tranquilla — aclaró otro, riendo.

— Por acá siéntese — agregó el primero invitándole asiento.

— No, amigotes, gracias; de sobre paradito no más, que estoy ocupao — contestó Escobedo recibiendo la copa de Estéfano, a quien dijo en secreto — ¡Te necesito, suena gordo!

— ¡A la salud de ustedes! — brindó Estéfano, advirtiendo a su amigo con el mismo sigilo: — Allá voy.

Y después de trincar se retiraron los dos hacia la puerta, donde tuvo lugar el siguiente diálogo sostenido a media voz:

— ¿Sabes que el tal don Fernando está dando pasos por el campanero?

— ¡Hola...! ¿Pero no dicen que se va?

— Sí, es verdad que se va, y eso no se opone a que quiera defender al indio, y si mete el brazo perdemos sogas y cabra.

— ¡Esto no es posible! ¡Dejarse despabilar cuatro... qué! ¿Por lo menos ocho vacas? ¡Eso no es posible!

— También el hijo de don Sebastián está en correteos...

— ¿Cómo?... ¡No entiendo lo que quiere ese pedante...!

Bien dijiste que sonaba gordo.

— ¿...qué ideas, pues?...

Estéfano permaneció mudo por unos segundos con la vista fija en el suelo, y de improviso dijo:

— Me oculto con el expediente.

— Me parece bien.

— Lo que importa ahora es saber qué día se marcha ese bergante de Marín. Lo que es al peruétano de Manuelito no le tengo miedo; don Sebastián está por medio, y... en último caso, le daremos una paliza.



— Así es. Yo averiguaré inmediatamente el día de la marcha, y los pasos que están dando, y...

— En el acto hago viaje al fondo de la tierra. Que me pillen... ¡Pist...! — dijo Estéfano pegando un silbido y agitando el labio inferior con el dedo índice de la derecha.

— ¡Magnífico! ¡Dicho y hecho!, y vamos a dejar pelao al entrometido de Marín.

— ¡Tomemos otro trago, y a nadar, pato! — dijo Estéfano alargando la mano a su camarada.

— Bueno, compadrito — repuso Escobedo estrechándole la mano, y ambos se llegaron a la mesa, sirvieron todas las copas, e invitando a beber, dijo Escobedo:

— ¡Salud, caballeros!, éste es el anda vete. — Vació su copa, limpió sus labios con la orla de la sobremesa, y salió a cumplir su comisión.

## CAPÍTULO XXII

**E**l transcurso de los días despejó el cielo de las nubes que lo entoldaban, y los arreglos económicos en casa de Manuel superaron todo cálculo.

Manuel iba a emprender su viaje a Lima para ingresar en San Carlos. Su alma recibió la esperanza de vivir cerca de Margarita, cuyo ingreso en uno de los mejores colegios de la capital era también cosa resuelta.

Entre tanto, todos los pasos dados por don Fernando y Manuel para arrancar de la cárcel a Isidro eran estériles, pues el juez de paz se encerró en el castillo de las fórmulas, pidió informe al promotor fiscal y se contentó con ofrecer a los interesados el despacho rápido del asunto.

Para don Fernando era imposible postergar su viaje, y dijo a su esposa:

— He ideado una forma, hija, de ver la reconciliación general entre los vecinos de acá y nosotros, pero con el solo propósito de alcanzar la libertad de Isidro.

— ¿Cuál, Fernando? ¡Oh! Dios te inspire, porque verdaderamente nos sería doloroso irnos dejando en la cárcel a ese infeliz.

— Daremos un banquete de despedida para la mañana de nuestra salida, y allí comprometeremos a todos en favor de Isidro. Creo que éstos le han encarcelado sólo para que aparezca un culpable y sincerarse ellos. Una vez que nos vamos, desaparece todo motivo para continuar ese juicio, y la libertad de Isidro será cosa resuelta.

— ¡Apruebo, querido Fernando, tu idea, y ahora mismo ordenaré que preparen todo, aunque ha de costarnos algo caro, porque he visto que aquí explotan al recién llegado y al que se va!

— ¡No importa, hija! ¡Cuánto dinero se bota en cosas inútiles! Y sobre todo, sea un capricho nuestro querer libertar a ese indio. Con cien soles tendremos de sobra, ¿no?

— No tanto, hijo; ¿no sabes que una gallina vale veinte centavos, un par de pichones de paloma diez centavos, y un carnero sesenta centavos?...

— ¡Qué baratura, por Dios! ¿Y así hay quienes le roban al indio?

— ¡Admírate, hijito! ¡Oh! ¡Pobres indios! ¡Pobre raza! ¡Si pudiéramos libertar a toda ella como vamos a salvar a Isidro...!

Decía esto la señora Marín cuando tocaron a la puerta.

Era Manuel que llegaba con un rollo de papeles en la mano. Saludó, puso su sombrero sobre una silleta, y dirigiéndose a don Fernando, dijo:

— Vengo con el ánimo contrariado, señor Marín. Después de tantas andanzas y haber presentado estos dos recursos que están con decreto, resulta que el expediente lo tiene Estéfano Benites, y éste no se halla en el pueblo. Su mujer me ha asegurado que ha ido a Saucedo, de donde volverá dentro de tres o cuatro días.

— ¡Qué contrariedad, amigo Manuel! — contestó don Fernando.

— Tal vez se habrá escondido. Ese mocito tiene una cara de Pilatos... — opinó Lucía.

— Eso no lo creo, señora, porque aquí no media interés privado — repuso Manuel.

— Lo peor es que no puedo postergar el día de la marcha. Esto de estar sujeto al silbato del tren... — dijo don Fernando moviendo la cabeza.

— ¿Es mañana el viaje? — preguntó Manuel.

— Mañana, amigo; todo está listo, y de quedarse habría que postergar quince días la marcha; tenemos cinco días de a caballo, el tren viene sólo quincenalmente a la estación de los Andes, la última de la línea... en fin, usted que se queda...

— Sí, señor Marín, yo haré los esfuerzos posibles.

— Tal vez se arregle con tu plan — dijo Lucía.

— Veremos; he pensado invitar mañana a un almuerzo de despedida al vecindario, y allí hablar a todos por Isidro, comprometerlos, suplicarles...

— Encuentro feliz la idea, señor Marín, y concibo esperanzas de buen resultado.

— Se me ocurre una cosa, Fernando. Mándale una esquelita de invitación a Pilatos, y si está aquí, viene con seguridad — dijo Lucía.

— Vaya que lo has rebautizado al hombre — contestó riendo Marín, Manuel agregó:

— No será de más, porque a su regreso verá que usted no le ha excluido de la invitación, y tal vez se preste a servirnos.

— Sí, está bien; ocupémonos de invitarlos, porque otros quehaceres no me quedan ya; ¡felizmente estoy libre!  
— dijo Marín.

— Yo también voy a inspeccionar el campo de la cocina, porque las cosas preparadas con calma son sabrosas y sustanciosas — dijo Lucía, y salió.

— Pues la ocurrencia de la señora no ha podido ser más feliz, señor Marín. ¿Sabe usted que esa invitación a Benites o Pilatos, como ha dicho con tanta gracia su esposa, es muy importante? — observó Manuel a don Fernando.

— ¡Oh, amigo!, las mujeres siempre nos ganarán en perspicacia y en imaginación. ¡Lucía tiene ocurrencias que me encantan! Le aseguro que cada día me siento más enamorado de mi mujer. Manuel, deseo que usted cuando se case sea tan feliz como yo — dijo Marín.

Manuel bajó los ojos, tomando sus carrillos el tinte de la grana, y el nombre de Margarita cruzó por su mente envuelto en el vaporoso tul de las ilusiones, y disimulando preguntó:

— ¿En qué términos redactamos la invitación a Estéfano?

— Eso es sencillo; aquí hay recados de escribir — dijo don Fernando sentándose a la mesa, y después de trazar varios renglones alargó a Manuel el papel, donde leyó lo siguiente:

*«Casa de usted a 15...*

*Estimado amigo:*

*Debiendo retirarme mañana a la capital, y deseando despedirme de los vecinos notables del lugar del modo más cordial, espero almorzar mañana en unión de todos: y siendo usted uno de los vecinos que deseo abrazar al separarme de Killac, tal vez para siempre, ruégole quiera honrarme aceptando el insinuado almuerzo, a su muy atento y S. S.*

*Fernando Marín...*

*Al señor don Estéfano Benites.*

*Presente.»*

— Está muy bien, señor Marín, aquí viene bien aquello de que estrechamos manos que quisiéramos ver cortadas — dijo Manuel doblando el papel.

— ¡Exactamente! Cuánta farsa hay en la vida, ¿no?

— ¿Y qué se va a hacer, don Fernando? Bien; yo me encargo de remitir esta esquila con un sirviente.

— Gracias, amigo; y diga también a don Sebastián y doña Petronila que no falten, ¿eh? — Así lo haré. Hasta pronto — dijo Manuel tomando su sombrero y saliendo.

## CAPÍTULO XXIII

**E**n el patio de la casa blanca se encontraban más de veinte caballos ensillados, pues los vecinos, al recibir la invitación de don Fernando, desearon hacerle los honores de costumbre, acompañándolo en su salida hasta una legua de la población.

Doce mulas, con sus aparejos y arreos de marcha, recibían carga de varios capataces que levantaban ya maletones, ya baúles, ya almofreces de cuero.

Transcurrían las últimas horas de permanencia de don Fernando Marín en Kíllac.

Los invitados fueron recibidos con amabilidad según iban llegando, siendo de los primeros Manuel y su familia.

La mesa, arreglada en el espacioso comedor, ofrecía como novedad de estación las olorosas frutillas y las ciruelas moradas, artísticamente colocadas en frutereros de loza blanca, y enormes fuentes repletas de pichones, aderezados con el vinagre de manzana y ramos de perejil en el pico, incitaban el apetito.



La sala de recibo estaba llena de gente, y el judío a quien traspasó la estancia don Fernando paseaba de un lado a otro con el semblante contraído, como vigilando que no sufriese más deterioro la que, mediante el contrato, pasó a ser su propiedad.

Por en medio del barullo de bestias y cargadores que invadían el patio, pasaron vestidas de riguroso luto Margarita y Rosalía, conducidas por una sirvienta, y se dirigieron al cementerio, donde iban a orar por la postrera vez sobre la tumba de sus padres; a verter unas lágrimas de adiós, cuyo precio ignoraban ellas mismas.

Lucía cuidaba de que las huérfanas mantuvieran en su corazón la reliquia del amor filial. El camposanto de Kíllac es un lugar desmantelado y pobre.

Allí no existen ni mausoleos que pregonen vanidad ni inscripciones que señalen virtudes. Sólo pequeñas prominencias de tierra, señaladas con una tosca cruz de palo o de espino, indican la existencia de restos humanos bajo su seno.

Pero los esposos Marín, solícitos y buenos hasta para el sepulcro de Juan y Marcela, hicieron colocar una cruz de piedra blanca. Al pie de ella se arrodilló Margarita, cuyo corazón estaba preparado para todas las escenas en que la ternura ofrece mayor caudal.

Margarita, que al separarse de su madre muerta quedó en el mundo como el ruiseñor sin alas expertas para buscar su alimento y el árbol donde colgar su nido, se llegaba hoy ante los mismos despojos con el corazón ocupado por el amor de los amores.

— ¡Madre! ¡Padre...! ¡Adiós...! — dijo Margarita después de recitar el padrenuestro y avemaría cuyas palabras, aprendidas de Lucía, hizo repetir una a una a Rosalía.

¿Saben acaso las niñas de la edad de Rosalía lo que es despedirse para siempre del sepulcro de una madre, urna sagrada que guarda las cenizas del supremo amor? ¡Dolor de los dolores! ¡Él podía resarcir los desvíos del corazón desnudo de afectos...!

Mientras las huérfanas hacen esta visita, veamos lo que pasa en la casa blanca.

En momentos de ir al comedor, se presentó Estéfano Benites.

Al verlo, don Fernando, Lucía y Manuel cambiaron una mirada que encerraba un libro de filosofía moral, y Lucía sonrió con la sonrisa del triunfo.

— Señora, señor — se apresuró a decir Estéfano, y dirigiéndose a Marín, agregó—: Yo solo, esta mañana, he llegado de un viajecito que hice a Saucedo, y recibiendo su cartita en el acto, me he pasado, aun en el mismo caballo, porque deseo acompañar a ustedes.

— Tantas gracias, don Estéfano; eso esperaba de su amabilidad — repuso don Fernando. En aquellos momentos llamaron a la mesa.

— A la cabecera la señora Petronila — indicó don Fernando.

— No, señor; ¡qué disparate! Estando aquí el señor cura inter... — replicó ella.

— Sí, es el señor cura quien debe presidirnos — opinaron varios.

— Como ustedes gusten; yo lo hacía porque las señoras...

— Sí, mi don Fernando, dice usted bien; la señora Petronila que se siente ahí: yo aquí me arrellano — resolvió el inter.

— Don Sebastián por este lado.

— Para mí, francamente, cualquier punto es de comodidá.

— ¿Todos están instalados?

— Sí, señor, todos — dijeron varios.

— ¿Tomarán una copita de biter? — preguntó don Fernando.

— Cualquier cosa, señor; para abrir mañas todas son iguales — dijo el inter.

— Para mí, francamente, no hay como el purito; yo tomaré blanquito no más — pidió don Sebastián, que había

cambiado la capa por un poncho de vicuña con fajas de seda color aroma.

— Gabino, sirve a todos — ordenó don Fernando al mayordomo.

— ¿Y la señora Lucía, tomará algo? — propuso Manuel.

— Yo tomaré un poquito de vino y nos acompañará su mamá — contestó Lucía. Estando todos servidos, don Fernando se puso de pie y dijo:

— Señores, no he querido irme de este generoso pueblo, que me brindó su hospitalidad, sin despedirme de sus buenos y notables habitantes, y me he permitido reunirlos en este modestísimo almuerzo. Brindaré la primera copa por la salud y la prosperidad de los habitantes de Kíllac.

— ¡Muy bien!

— ¡Bravo! ¡Bravo! — repitieron todas las voces masculinas y siguió el almuerzo en íntimo regocijo, sirviéndose buenas y variadas viandas, sin faltar el cabrito al horno.

Manuel estaba próximo a Lucía, y le preguntó a media voz:

— ¿Qué es de su ahijada, señora?

— Margarita y Rosalía han ido a cumplir un deber de despedida; las niñas almorzaron temprano...

— Día de viaje no era posible de otro modo.

— Pero no tardarán mucho.

La bulla aumentaba por grados, y la confianza, por supuesto.

Don Fernando, que todo lo medía y calculaba, volvió a ponerse de pie y dijo:

— Señores: todavía pido la atención de ustedes. Ruego que mis amigos me den una muestra de afecto; quiero irme de Kíllac llevando sólo impresiones gratas, sin dejar tras de mí infortunio alguno. Creo que en la cárcel existe un preso, parece que es el campanero, y aguardo que trabajen todos por la libertad del preso.

— ¡Bravo! — gritaron muchos entre nutrido palmoteo, que duró algunos segundos.

Restablecida la calma y pasando al sirviente el plato que acababa de despachar, don Sebastián dijo:

— Mi cura-inter que hable; francamente, a él le toca contestar.

El cura-inter, cruzando el tenedor y cuchillo sobre el plato, limpióse los labios con la servilleta.

— ¡Sí, el señor cura tiene la palabra! — vocearon varios, chocando las copas sobre los platos.

— Aquí al señor juez le toca — repuso el inter, dirigiéndose a Verdejo.

Estéfano y Escobedo se miraron con intención y el aludido respondió:

— Loqués yo ojalás soltara toitos los presos, que me dan más dolores de cabeza que mi mujer.

— ¡Jaaa! — exclamó a carcajadas la reunión, encontrándole gracia al chiste de don Hilarión, y Escobedo dijo a media voz a Estéfano:

— Compadrito, aviente por acá esa fuente de alcachofas.

— Allá va, que mal gusto tienes — repuso Benites, pasando la fuente.

— ¿Entonces, por dada la libertad?... — preguntó Manuel que hubo disminuido la algazara.

— En lo que me toca, ¿comoede decir que no, don Manuelito? — dijo el juez.

— Pues entonces, por la libertad de mi compañero — propuso el inter.

— Sí, señores, copa llena, y... pensar en la marcha — dijo don Fernando, dirigiendo sus últimas frases a Lucía, quien repuso:

— Sí, hijo, vamos; es más de la una. — ¡Salud, señores!

— ¡Buen viaje, señor Marín!

— ¡Qué desayuno tan suculento! Pero así, así, yo no perdono el chocolate, que será del Cuzco — dijo el cura-inter, colocando la copa que acababa de vaciar, y limpiándose la boca con la servilleta.

Margarita y Rosalía, que acababan de dejar una lágrima y una plegaria en el altar de sus afectos, volvieron a la casa

blanca, donde todo estaba listo para la marcha, cuando los concurrentes comenzaban a salir del comedor.

Manuel fue a recibir en sus brazos a la huérfana, rebotando de felicidad, porque, allanadas por ensalmo las dificultades, los sueños de rosa, como los tornasolados celajes que se apiñan en el horizonte, embargaron aquellos corazones juveniles, anunciando también venturosos días a los esposos Marín, interesados ya en tejer la cadena de flores que ligase para siempre aquella linda pareja.

¡Manuel! ¡Margarita!

Pluguera al cielo que esos celajes de rubí no se tornasen nunca plomizos ni tétricos.

¡La virtud! Ese dorado sol de verano que todo lo embellece con su cabellera de oro extendida de los cielos a la tierra, que todo lo calienta y vivifica en los horizontes de la juventud, haciendo que el universo sonría de contento para quien ama y espera, no había plegado sus alas en el hogar de Lucía, pero la lucha es necesidad imperiosa de la vida para la perfecta armonía de lo creado.

Manuel y su madre tenían acordado ya su viaje a Lima, pero el primero iría antes a hacer los arreglos convenientes de casa, colocación de fondos y demás, estando ya resuelto que tomaría el inmediato tren para reunirse con don Fernando y su familia, quienes lo esperarían en el Gran Hotel, para seguir juntos el viaje hasta llegar a las playas del Callao.

— ¡Señora Lucía, adiós! — ¡Adiós, amigo! — ¡Margarita mía!

— ¡Un abrazo, don Fernando! — ¡Hasta la vuelta!

— ¡No se olviden de Kíllac!

— ¡Dichosos los que se van!

— ¡Quien se va olvida, y quien se queda llora! — ¡Adiós, adiós!

Tales fueron las palabras que se cambiaron, rápidas unas, expresivas otras.

Lucía, vestida con su elegante bata de montar, sus guantes de cuero de Rusia y su sombrero de paja de Guayaquil con velo azul, iba a tomar la estribera cuando dejó caer su elegante chicotillo con puño de marfil.

Don Sebastián, que estaba próximo, se apresuró a levantarlo.

En este instante apareció por el zaguán de la calle una partida de hombres armados, al mando de un teniente de caballería llamado José López que, dirigiéndose a don Sebastián y mientras la tropa rodeaba la casa, dijo:

— ¡De orden de la autoridad, dése usted preso, caballero!

Un rayo caído en medio de aquella gente no habría producido el efecto que causó la palabra del teniente López, quien sacando un papel del bolsillo del talismán, desdoblándolo y leyendo, agregó:

— Estéfano Benites, Pedro Escobedo, Hilarión Verdejo, se darán igualmente presos. — ¡Traición! ¡Don Fernando nos



ha tendido una red! — gritó colérico Benites. — ¡Miserable traición! — repitieron Verdejo y Escobedo dando un brinco.

— ¿Y por qué me aprisionan a mí, francamente? — dijo don Sebastián, mientras que el pánico cundía entre los presentes, que no alcanzaban a explicarse el origen de las prisiones, pues ni memoria hacían del asalto de la noche del 5 de agosto y olvidaban el derecho que asiste a una autoridad nueva para hacer justicia desde los primeros días.

Don Fernando, sin hacer mérito de las palabras de Benites, llamó al teniente López y le dijo:

— Señor oficial, ¿puedo saber a qué orden obedecen estas prisiones?

— No hay inconveniente en ello — repuso López alargando a Marín el pliego que aún tenía entre las manos.

Don Fernando, a quien se acercó Manuel lleno de ansiedad, tenía ante sí una resolución judicial, expedida a pedimento de la autoridad política, que mandaba capturar a los de la referencia. En seguida dijo a Manuel:

— Guarde usted; Manuel, su serenidad de hombre. La peor venda para los ojos de la razón es el acaloramiento, y con la frialdad necesaria proceda usted de frente. Póngase usted al habla con Guzmán, a quien escribiré por la primera posta.

— ¡Jesús! ¡Si parece todo tramao! — decía Verdejo.

— ¡No! ¿Cómo, a la cárcel? — gritaban Escobedo y Benites.

— Supongo que este incidente demorará la salida de usted —dijo don Fernando a Manuel, quien repuso, pálido como un convaleciente:

— Yo sabré salir del atolladero.

— Suplico a ustedes que no se alarmen tanto; esto se allanará en pocos días; yo respondo — dijo don Fernando intentando calmar los ánimos.

— No hay para qué desesperar — agregó Lucía queriendo también moderar la excitación general.

— Tomen sus cabalgaduras; ¡es hora de marchar! — ordenó en voz alta don Fernando; y salieron de la casa dos grupos con destinos muy opuestos. Uno a la cárcel y otro al camino real.

Manuel contempló a Margarita, que estaba conmovida y anegada en llanto. Sus lágrimas eran las valiosas perlas de mujer con que sembraba el camino desconocido que comenzaba a cruzar aquel día, dejando su mundo todo entre las playas donde se mecía su cuna y nació su amor.

¡Triste del que sale como Margarita!

¡Más triste aún del que queda como Manuel, libando gota a gota el acíbar de la ausencia con los suspiros que arranca al corazón la nostalgia del alma que llora por otra alma!

## CAPÍTULO XXIV

**U**na escena de prisión en los pueblos chicos es como la de un incendio en los pueblos grandes.

Cuando los soldados salieron de la casa de don Fernando conduciendo en el centro a don Sebastián, Estéfano y demás, todos los vecinos salían a las puertas de sus casas, los muchachos se agolpaban en multitud sorprendente, y por todas direcciones se oía decir:

— ¡Jesús, María y José!

— ¡Jesús mampare! ¿Es verdad?

— ¿Don Chapaco, Estefito?...

— ¿Ques lo que ven estos ojos que se van a volver tierra?

— Diz que es traición de don Fernando, que los había convidao para hacerlos prender — notició una vieja.

— No, diz que más bien él ha salío fiador — afirmó un hombre recogiendo su poncho sobre el hombro derecho.

— ¡Qué fiador! Así son estos forasteros, meten candela y se largan — dijo otro.

— Pa eso no leí comíu ni un pan — repuso la vieja dando una vuelta y mirando a su rededor.

— ¡Valor, madre! No hay que asustarse; la confianza en Dios — dijo Manuel a doña Petronila, sobreponiéndose con toda su fortaleza viril al trance que torturaba su alma. Le ofreció el brazo y le condujo a su casa, tomando las calles más apartadas de la bulla.

Doña Petronila, que era reflexiva y serena, vertió algunas lágrimas, y en silencio siguió con paso firme a su hijo. Una vez en la casa, dijo a éste:

— ¡Déjame, Manuel, y anda, haz tu deber!

Manuel, que ya tenía algunos conocimientos generales de Derecho, redactó inmediatamente un recurso de excepción y personería probando la inculpabilidad de su padre y ofreciendo en el otro sí la información de los testigos, cuya lista acompañaba en pliego separado, así como las preguntas que éstos debían absolver en el término probatorio del artículo.

En seguida fue personalmente adonde el juez de primera instancia que debía actuar en la causa, y se puso al habla con diferentes personas.

Aquella noche Manuel la pasó íntegra en vela consultando el Código de Enjuiciamientos, anotando artículos con lápiz y haciendo extensos borradores en grandes pliegos de papel.

Abrió el cajón de su mesa de escribir, y sacando algunos papeles se puso a revisarlos.

— Esta es la defensa de Isidro Champí; ¿hoy la abordaré en conjunto para defender a la vez al inocente y al culpable? — se preguntó.

— ¡Aberraciones de la vida! ¡Este es el tejido misterioso del bien y del mal! Entretanto, ¿hasta cuándo no podré salir de Kíllac? ¿Cuántos meses, pasados como siglos, estaré lejos de mi Margarita? — volvía a preguntarse Manuel cayendo de plano sobre el sofá, descansando cortos momentos y tornando a su labor y a su soliloquio.

— Ante todo, es preciso sacar a don Sebastián y a Isidro; redactaré dos distintos recursos con un mismo fin, pidiendo la libertad bajo fianza de haz. ¡Sí! Pero quién podrá garantizar a Isidro. Necesito buscar un fiador, y lo haré, pues, mañana. A don Sebastián lo puedo fiar yo... Ahora que recuerdo, don Femando me ha encargado ponerme de acuerdo con el señor Guzmán. Iré adonde Guzmán y no daré descanso a mi cuerpo mientras todo no quede allanado y pueda mi alma volar en busca de su centro... ¡Margarita! ¡Margarita!

Aquella invocación del joven fue la oración elevada al dios del sueño, y recibida por el ángel de la noche que, batiendo sus vaporosas alas sobre la ardorosa frente del estudiante de Derecho, le dejó profundamente dormido

sobre el sofá de su habitación, teniendo un libro entre las manos.

Doña Petronila lloraba y rezaba elevando al cielo su cuidado por su esposo y su hijo; parecía resignada a todo género de calamidades, con esa resignación cristiana que lleva al hombre por encima de las desgracias a la cumbre del heroísmo.

— ¡Tener fe y esperanza! — se dijo doña Petronila, y esperó el día de calma después de las horribles horas de tempestad.

## CAPÍTULO XXV

**L**os viajeros ganaban terreno, dejando tras sí la tormenta desencadenada.

La Naturaleza, indiferente a las escenas dolorosas de Kíllac y sin armonizarse con la tristeza de algunos de los corazones, mostraba sus panoramas rientes y variados.

Al trote de los caballos cruzaba la comitiva de don Fernando pampas interminables cubiertas de ganados; doblaba colinas sombreadas por árboles corpulentos, o trepaba rocas escarpadas, cuya aridez, semejante a la calvicie del hombre pensador, nos habla del tiempo y nos sugiere la meditación. En cinco días que hay de Kíllac hasta la estación del tren, el viajero va hollando las flores de la campiña, cuyo aroma embalsama el aire que se respira; luego toca la empinada cordillera de los Andes, cubierta de algodón escarmenado, donde se refleja el sol derritiendo las nieves, que se precipitan en corrientes cristalinas; luego desciende nuevamente a la llanura, donde la paja repite el lenguaje murmurador de los vientos que la mecen.

— ¡Fernando! ¿Qué te parecen las cosas que suceden?  
— preguntó Lucía a su esposo, después de caminar un buen trecho en silencio.

— Hija mía, estoy abismado contemplando las coincidencias. ¡Ah!, la vida es una novela — contestó el señor Marín deteniendo un poco su caballo.

— Dios no ha querido que saliéramos de Kíllac sin ver el castigo de los culpables — tornó a decir Lucía.

— En efecto, hijita; jamás debemos dudar de la Providencia justiciera, cuya acción tarda a veces, pero al fin llega.

— ¡Cierto, Fernando; con razón se dice que para verdades el tiempo y para justicia Dios! ¿Cómo saldrá Isidro Champí?

— Espero que bien. Ese indio es inocente, no lo dudes.

— ¿Yo? Jamás lo he dudado; sé que cuando hace algo malo el infeliz indio peruano, es obligado por la opresión, desesperado por los abusos.

— ¡Cuidado con esa zanja...! Tuerce la rienda sobre la derecha — advirtió Marín.

— ¡Jesús! Si no me adviertes me habría llevado un susto con el brinco.

— Eso es si no caes a tomar posesión del sitio.

— A ese punto no, pues que no soy tan chambona para viajar a caballo. ¿Cuánto dista a la posta?



— Todavía algo; a las siete de la noche estaremos acampando, esto es, si apuramos el paso y no nos detenemos a conversar.

— Entonces... punto en boca y... ¡adelante! — dijo Lucía pegando un chicotillazo a su caballo...

En estas llanuras inconmensurables serpentea a las veces el rayo que, terrorífico, lleva en cintas de fuego la destrucción a la cabaña, o la muerte al ganado, que huye despavorido en pos de refugio escondido.

Y en medio de esas imponentes soledades, de improviso se distinguen dos sierpes de acero reverberantes extendidas sobre la amarillenta grama, y sobre ellas el humo del vapor que, como la potente respiración de un gigante, da vida y movimiento a grandes vagones. De súbito se oye el resoplido de la locomotora, que con su silbato anuncia el progreso llevado por los rieles a los umbrales donde se detuvo Manco Capac.

— ¡El ferrocarril! — gritaron varias voces.

Era, en efecto, el tren que llegaba a la última estación del Sur, situada en un pueblecito compuesto en su mayor parte de caseríos con techumbre de paja y paredes de adobe, sin ninguna pintura exterior, que ofrecen un aspecto tétrico al caminante.

Pocas horas después de distinguir el tren, y apeados de sus cabalgaduras, los viajeros se dirigieron a un pequeño salón situado en la misma estación.

Lucía, del brazo con su esposo, levantando las largas faldas de la bata con la correa pendiente de la cintura; las dos niñas por delante, y en seguida varios sirvientes.

— Ustedes entren acá a arreglarse: yo voy a ver el regreso de los caballos, el embarque de los bultos y el pago de pasajes —dijo don Fernando soltando el brazo de su esposa y señalando el salón.

— A ver; ese maletón verde que venga por acá, Gabino — dijo Lucía dirigiéndose al sirviente que cargaba.

— ¿Madrina, nos cambiamos el traje? — preguntó Margarita aflojando las cintas de su sombrero.

— Claro, hija; desde aquí ya no nos sirven las batas de montar — repuso Lucía sacando de su bolsillo un manojito de llaves con que fue a abrir el maletón, diciendo a su ahijada:

— Ponte el vestido gris con lazos azules, Margarita. Ese te sienta bien, y el color es aparente para viaje.

— Sí, madrina; ¿y tú cuál te pones? — preguntó la huérfana.

— Para mí, siempre el negro; no hay vestido más elegante que el negro para una señora.

— ¡Y a ti que te viene tan bonito!

— ¡Lisonjera! A ver ese sombrero.

En estos momentos llegaba un tren de carga previniendo paso limpio con la voz de la campana.

Al verlo, Gabino comenzó a santiguarse diciendo:

—¡Santísima Trinidad...! ¡Allí va el diablo...! ¿Quién otro puede mover esto?... ¡Supay! ¡Supay!

Don Fernando, que regresaba, tocó la puerta y dijo:

— ¡Apurarse mucho! Señora, el tren no espera a nadie.

— ¡Jesús! ¡No vaya a dejarnos! — exclamó Lucía echando dentro del maletón la ropa cambiada, que estaba en desorden por el suelo.

— ¿La botellita de elixir de coca? Hay que llevarla a la mano, porque es importante para precaverse del mareo y el soroche — dijo don Fernando entrando a la sala.

— Cabales, aquí está el elixir de coca — repuso Lucía después de escudriñar el maletón, y alcanzando a su esposo un frasco cuidadosamente envuelto en una hoja de papel rosado con las etiquetas verdes de la imprenta de «La Bolsa» de Arequipa.

— Tampoco olvides los libros, Lucía; el tren sin lectura es un tormento, ya lo verás — previno don Fernando; y al oírle, Margarita sacó un paquete liado con cintas de algodón color café, forrado con un número de El Comercio, y lo alcanzó a don Fernando diciendo:

— Padrino, aquí van los libros; tómalos tú, porque yo voy a llevar de la mano a mi hermanita.

Don Fernando recibió el paquete de la niña, lo colocó bajo el brazo y dijo:

— Esta es importante bucólica espiritual. Gabino, toma la maleta... — Y todos se encaminaron hacia el coche del tren, donde iban a viajar por primera vez las mujeres de esta comitiva.

## CAPÍTULO XXVI

**N**o obstante las recargadas tareas que tenía para sí Manuel, lo que podía ser fuente de distracción, la tristeza invadió su semblante y el silencio selló sus labios, antes expansivos, sin dar paso más que a sus suspiros de honda pena.

En su corazón se levantaban olas de sangre, para él desconocidas, que el de una mujer habría interpretado como presagio de desgracia.

Manuel comenzaba a desconfiar del porvenir, dudaba de la posibilidad de volver a ver a Margarita; pero perseguía su propósito de arreglar los asuntos de don Sebastián y de Isidro, y salir después a cualquier costa.

Sus entrevistas con el juez de primera instancia, con el nuevo subprefecto y con el señor Guzmán tuvieron, al fin, un resultado, agregándose a esto los diversos empeños que corrían las familias de Estéfano, Verdejo y Escobedo.

Un día volvió a la casa y dijo a doña Petronila:

— ¡Madre! He conseguido que se acepte la fianza de haz, y hoy saldrá don Sebastián. —¿Ha decretado ya el juez?  
— preguntó ella con interés.

— Sí, madre, están todas las diligencias corridas, y a las doce lo tendremos en casa. — Bendito seas, hijo de mi corazón. ¿Y los otros?

— No sé nada de los otros; no me cuido de ellos; sólo he hecho algo por Isidro, que también saldrá pronto. Ya lo hubiese sacado sin ese auto de prisión y de embargo, que hay que allanar y requiere paciencia.

Doña Petronila, que sumida en dolor contemplaba la actitud diaria de su hijo, después de recibir la noticia de la próxima libertad de don Sebastián, lo atrajo hacia sí y le dijo:

— Aparte de estas cosas del juzgado, ¡tú sufres, Manuelito; tu corazón está roído por un gusano que te llevará al amartelo y a la muerte...! — y gruesas lágrimas resbalaron por sus mejillas.

— ¡Madre! ¡Madre mía! ¿Por qué lloras?

— ¡Porque callas...! Mi corazón es el corazón de tu madre... ¡Acuérdate bien, Manuelito: mi vida es para ti...!

Manuel no pudo resistir. Estaba débil como una mujer. ¡Había sufrido tanto!

¡Se arrojó entre los brazos de su madre y escondió sus lágrimas de hombre, como en otra época ocultaba sus juguetes de niño en aquel mismo regazo!

— ¡Madre! ¡Madre del alma! ¡Bendita seas...! Pero..., ¡yo me siento morir...! — repuso entre sollozos el joven que, tímido para las escenas del hogar y del corazón, sabía mostrarse héroe en los momentos de combate.

— ¡Manuelito, hijo mío, si yo sé, yo he adivinado qué gusano roe tu alma; sí, tú amas a Margarita y lloras porque te has separado, porque temes no verla más...!

— ¡Madre bendita...! Perdona si mi corazón no es hoy todo para ti; pero ese ángel cuyo nombre has pronunciado es el ángel de mi vida... Yo la amo, sí, y tal vez...

— ¿Por qué te desesperas, Manuel? ¿Por qué no te casarás con ella? ¿Por qué no seré feliz teniendo dos hijos en lugar de uno?...

— ¡Madre mía! ¡Tú eres mi Providencia; pero acuérdate que Margarita verá en mí al hijo del verdugo de sus padres, y me rehusará su mano, y me echará de su corazón!

— ¡Qué herejía, Dios mío! ¿A ti? — repuso doña Petronila empalmando las manos al cielo y quedándose muda y cavilosa por unos momentos, contemplada por la cariñosa mirada de su hijo. Y como quien vuelve de un éxtasis de lucha, agregó:

— Eso to allanarás fácilmente; habla con don Fernando, y... revélale el nombre de tu verdadero padre.

— ¡Madre mía!

— Sí, y ¿qué culpa tenemos nosotros? Fue una desgracia, y ¿por qué no he de pasar yo un bochorno por la felicidad eterna de mi hijo querido, por tu felicidad, Manuelito?

Doña Petronila hacía en este momento el último sacrificio de una madre amante y de una mujer engañada.

— ¡Anda! — continuó doña Petronila. — Alcánzalos en su viaje; ¿tienes cómo hacerlo? No te faltan caballos ni plata; arregla tu casamiento y regresa tranquilo, para que puedas atender con razón cabal los asuntos de nuestra casa y del otro viaje. Ahora estás fuera de juicio.

Manuel besó una y cien veces, ya la frente, ya las manos de doña Petronila, con tal emoción, que por muchos segundos no se oyó otro ruido que el producido por los labios de Manuel al contacto de su madre, por cuyas mejillas encendidas resbalaron gruesas lágrimas, como el agua lustral que bendeciría el próximo enlace de Manuel y Margarita.

Doña Petronila, rompiendo aquel silencio de sublime fruición, dijo: —Basta, querido Manuelito.

El joven, alzando la cabeza con arrogancia viril, repuso:

— Hoy te juro, madre adorada, sacrificar el último aliento de mi vida por labrar tu felicidad y la de mi Margarita. Voy ahora a terminar todos los arreglos pendientes, y mañana, al rayar la aurora, tomaré el camino para alcanzar a don Fernando, cuyo escrito de desistimiento y perdón ya no es



tan urgente, y pedirle la mano de su ahijada — dijo, y salió apresuradamente, dejando a su madre entregada a tiernas meditaciones, que interrumpió ella exclamando:

— ¡Virgen misericordiosa, ruega tú por él, que es tan bueno, y pide perdón para mí...! ¡Manuel...! ¡Yo...! ¿Somos culpables, acaso, ni el uno ni el otro?... ¿No fue el peso de la fatalidad negra, negra como la noche sin luna, que me condujo a los brazos vedados de un hombre sin fe?...

Doña Petronila cayó de rodillas sumergida en llanto, repitiendo entre sus sollozos un nombre y tapándose la cara con ambas manos...

Su corazón manaba sangre, sangre del alma, rememorando las escenas de veinte años atrás...

## CAPÍTULO XXVII

**U**n elegante coche de la máquina, bautizada con champaña bajo el nombre de Socabón, estaba listo a partir fuego que sonase la señal dada por el silbato del tren.

Mientras tanto los pasajeros de primera recorrían las mercaderías colocadas a izquierda y derecha de la línea, cuyas vendedoras indias ofrecían guantes de vicuña, duraznos en conserva, mantequillas, quesos y chicharrones de las acreditadas ganaderías del interior o sierra del Perú.

Don Fernando, después de acomodar a Lucía y las niñas, se arrellanó muellemente al lado de su esposa en una butaca de dos plazas, forrada con pana granate. Sacó un cigarro, lo armó en silencio, y después de encenderlo guardó su caja de fósforos, arrojó unas cuantas bocanadas de humo, colocó el cigarro en los labios y desató el paquete de libros; volvió a dar dos chupetones al cigarro y dijo a su esposa:

— ¿Cuál quieres leer tú, querida Lucía?

— Dame las Poesías de Salaverry — respondió ella con una sonrisa de satisfacción.

— Bien, yo gozaré con las Tradiciones de Palma; son relatos muy peruanos y me encantan —dijo don Fernando alargando al mismo tiempo un volumen a su esposa.

Y en seguida cruzó las piernas sostenidas en la tablilla del asiento inmediato, arrimó la espalda a la butaca y abrió su libro, que era la segunda serie, en momentos en que el tren empezaba a caminar con la velocidad de quince millas por hora, tragando las distancias, dejando atrás llanuras, chozas, vaquerías y praderas con rapidez vertiginosa.

Los distintos pasajeros que ocupaban sus asientos y a quienes Lucía pasó revista con una mirada curiosa, principiaron también a buscar entretenimiento.

Iba un militar flaco, trigueño y barbudo, junto a dos paisanos entrados ya en años, antiguos comerciantes en cochinilla y azúcar, a quienes invitó el militar, diciendo:

— ¿Vamos matando el tiempo con una manita de rocambor?

— No sería malo, mi capitán; pero aquí, ¿de dónde diantres sacamos naipes? — contestó uno de los paisanos que estaba envuelto con una bufanda de vicuña.

El capitán, sacando un juego de barajas de bolsillo, dijo:

— Salte la liebre, don Prudencio: militar que no juega, bebe y enamora, que se meta a fraile.

Frente a éstos iba un mercedario que, teniéndose por aludido, retó con airados ojos a los jugadores, que sin parar mientes en ello voltearon sobre la izquierda el espaldar del asiento inmediato, instalando así su mesa de rocambor.

El mercedario sacó a la vez un libro, y tres mujeres que estaban inmediatas se pusieron al habla con Margarita y Rosalía, convidándolas manzanas peladas con una cuchilla.

Media hora después, las muchachas y las mujeres dormían como palomas acurrucadas en un mismo asiento, y el padre mercedario roncaba como un bendito, sin que las voces de: Más, solo, codillo y voltereta, repetidas con entusiasmo por los rocamboristas, interrumpiesen aquel dormir a pierna suelta; hasta que, abriéndose la portezuela del coche, se presentó un sujeto como de treinta años, alto, grueso, de tez tostada por el aire frío de las cordilleras, bigote atusado y lunar de carne en la oreja derecha.

Vestía pantalón y saco grises; cubríale la cabeza una cachucha de visera de hule negro y llevaba unas tenazas — tijeras en la mano.

— ¿El boleto, mi reverendo? — dijo llegándose lo suficiente y levantando su voz de contralto, hasta que el

padre abrió los ojos soñolientos, y sacando con aire perezoso de entre su libro el boleto amarillo lo alargó a su interlocutor sin desplegar los labios.

El conductor del tren pegó su tijeretazo al cartoncillo y volvió a entregarlo, pasando donde los rocamboristas.

Los dos paisanos alcanzaron sus boletos respectivamente, y el militar desabrochándose el talismán sacó del bolsillo un papel que enseñó al conductor. Este, después de examinar las firmas, lo devolvió murmurando para sí:

— Estos siempre andan con papeletitas.

Cuando se llegó hacia don Fernando, y mientras picaba los boletos, le dijo Lucía:

— ¿Puede usted hacerme el favor de decir cuánto hemos andado?

— Cuatro horas, señora, es decir, dieciséis leguas, y nos resta otro tanto — respondió el conductor, y pasó de largo.

— ¿Qué prodigio de viaje, no? Y sin penurias ni molestias, pronto estaremos en la ciudad — dijo don Fernando a su esposa, cerrando su libro.

Lucía, que miraba a las chiquillas, repuso:

— ¡Mucho prodigio, hijito...! Mira, Fernando, ¡qué preciosas están dormidas...! ¡Parecen dos ángeles de paz...!

— Cierto que son angelitos americanos, con toda la sangre peruana que colora sus mejillas.

— ¿Margarita soñará con Manuel?... Todavía no soñará...

Y en aquel momento, los grandes ojos de su ahijada levantaron sus arqueadas pestañas, fijando la mirada en su madrina.

En ese trecho del camino se alzaba un puente de madera y hierro, artísticamente colocado sobre un río vadeable.

El silbato dio la voz de alarma con repetidos resoplidos, pues al centro mismo del puente se encontraba una tropa de vacas, cuya presencia no fue notada por los maquinistas sino cuando ellas huían despavoridas, mas no con la rapidez que la velocidad del tren exigía.

Las maniobras del primer maquinista, los esfuerzos de los palanqueros y el galope de la vacada no fueron bastantes a impedir un choque, y el siniestro llegó a ser inevitable.

El animal rodado, exhalando bufidos como el resoplido de la fiera, llevó la confusión primero y la consternación después a los pasajeros, cuya muerte era casi segura.

— ¡Misericordia!

— ¡Favor! ¡Dios mío!

— ¡Esposo mío!

— ¡Lucía! ¡Hijas!

— ¡Madrina!

— ¡Padrino!

— ¡Ay, qué va a ser!

— ¡Bestias!

— ¡Misericordia!

Tales fueron las palabras pronunciadas en distintos tonos en medio de la confusión y gritería espantosa levantada en los coches.

Mas, ¿adónde huir embodegados?

Todo el convoy iba con la destructora velocidad del rayo, y alcanzando a los ganados, pasó sobre ellos, triturando sus huesos y abandonando su vía trazada por los rieles.

¡Iba a precipitarse al río!

Míster Smith, el valiente maquinista, prefirió el sacrificio de su vida al de tantas existencias confiadas a su vigilancia, y quiso reventar los calderos con los tiros de su revólver, mas era tarde, y el coche de primera, desabracado por el brequero, fue a encallar en las arenas mojadas de la ribera izquierda del río.

## CAPÍTULO XXVIII

**L**a actividad de Manuel se había centuplicado durante el día.

Volvió a casa y dijo a su madre:

—Toda va bien, madre. Parece que Dios protege mis esperanzas. Don Sebastián y Champí ya están libres. Se acaba de pasar la orden al alcaide de la cárcel, y calculando el momento iré a traer personalmente a don Sebastián.

— Conque aceptó el juez... Y, ¿qué condiciones ha dictado? — preguntó doña Petronila.

— Nada más sino que esté a derecho y tenga por prisión el pueblo.

— ¿De modo que no podremos salir de aquí?

— Ustedes no; pero yo me marcho mañana mismo, para tomar el tren del jueves y poder alcanzar a don Fernando y mi Margarita.

— Pero hijo, si el juicio sigue todavía, y tu padre no sabrá dirigirlo.



— Todo lo he prevenido para los pocos días de mi ausencia, y sobre esto, como a mi regreso he de traer el recurso de transacción, nada importaría — repuso Manuel dando paseos.

— ¿O sería mejor que pidieses la mano de Margarita y esos papeles por carta? —dijo doña Petronila, como arrepentida de haber consentido en la partida inmediata de su hijo.

— ¡Madre, madre! En otras circunstancias sería correcto el escribir una carta, pero recuerda que tengo que aclarar algo... — observó Manuel.

— Sí, sí, te entiendo, pero...

— ¡Madre!, el corazón de veinte años, fogoso y apasionado, no retrocede ante el peligro y la dilación le asesina. Yo marchó; ajustaré mi compromiso y volveré sin detenerme, a tu lado.

— ¡Qué he de hacer...! — repuso ella, moviendo la cabeza.

— ¡Madre! ¿Confías en mí?

— Del todo, hijo; ¿por qué me preguntas eso?

— Porque te veo vacilante; porque tú debes comprender que, aparte de mi amor a Margarita, está mi deber para contigo y mi interés respecto a don Sebastián, aun cuando él fue conmigo, en la niñez, un verdadero padrastro.

— ¡Para qué recuerdas esas cosas! Ahora se maneja bien contigo... — decía doña Petronila, cuando se presentó don Sebastián acompañado de un sirviente de la casa.

— ¡Chapaco! — dijo doña Petronila, echándole sus brazos al esposo. — Me ha ganado usted — exclamó Manuel.

— ¿Petruca? — dijo don Sebastián, correspondiendo al abrazo de su mujer, y dirigiéndose a Manuel, agregó:

— ¿Conque no regresaste, no? Francamente, yo esperaba que fueras a traerme.

— Don Sebastián, usted me ha ganado, pues vine a dar la noticia a mi madre para que no se sorprendiese al verle de repente y ya estaba para ir.

— Bueno, bueno; ¿qué convidas, Petruca? Francamente, que tengo una sé...

— Te haré una chabela; hay buena chicha y buen vino.

— Más que sea.

— Ya que está usted en casa, le pediré su bendición y su permiso, don Sebastián. — ¿Cómo? No te entiendo, francamente.

— Es usted mi segundo padre. Pienso pedir la mano de Margarita, lo que cortará más de raíz estas desavenencias — dijo con estudiada intención Manuel.

— No desapruobo tus intenciones, Manuelito, francamente; la niña es una perla, pero todavía es muy huahua, y en estos tiempos... bonitos están los tiempos para casaca, francamente — repuso don Sebastián.

— No trato de casarme en el día, don Sebastián; quiero pedirla, y una vez comprometido, seguir mis estudios, recibirme de abogado, y cumplir...

— Ese es otro cuento, hijo; francamente me das gusto.

— Quiere ir en alcance de don Fernando — dijo doña Petronila desde un extremo de la sala.

— ¡Qué disparates! Francamente, te digo, Manuel, que esa es una... descabellada de colegial, ¿qué?

— Don Sebastián, es una necesidad mi viaje. Mi presencia aquí no hace falta, y tengo que sacarle a don Fernando el recurso de transacción y desistimiento, para que este juicio quede fenecido y no nos vuelvan a molestar. De otro modo, estaremos pleiteando hasta el día del Juicio.

— Esa es otra cosa; francamente, yo no me opongo a que marche Manuel, y dale mi reloj de oro y mi poncho de vicuña con fajas azules — contestó don Sebastián, dirigiéndose a doña Petronila, que se aproximaba con un vaso conteniendo un líquido mixto y curioso con el fondo amarillo y la superficie roja.

— Está visto, Chapaco, que una cosa es hablar de uno y otra cosa hablar de otro — dijo doña Petronila, alcanzando el vaso a su marido.

— ¡Ajá! ¡Ajá! ¡Ajá! Como que el dolor de la barriga, francamente, no es lo mismo que el dolor de muelas — dijo tosiendo don Sebastián y recibiendo el vaso.

— ¡Jesús! ¡Qué tos! ¡Te habrás constipado en la cárcel!  
¡Pobrecito...!

Don Sebastián consumió la última gota de la chabela, paladeándola con sonido parecido a un beso, limpió sus labios y dijo:

— ¡Qué chabela tan rica! Petruca, con esto, francamente, engorda un ético. —Y después preguntó a Manuel: — ¿Y cómo, cuándo quieres marchar?

— Mañana temprano, señor.

— Bueno: dale, pues, todo, Petruca, y que escoja caballos y demás, francamente, que en otras tierras como nos ven nos tratan.

— ¡Gracias, señor! Usted me colma de favores —repuso Manuel, y salió a preparar su marcha.

Eran las nueve de la noche cuando volvió Manuel y entró en el cuarto de doña Petronila; encontró allí a don Sebastián platicando íntimamente con su madre.

— Buenas noches, don Sebastián; madre mía, vengo a despedirme; todo queda arreglado definitivamente con el auxilio de Dios — dijo Manuel.

— ¡Hijo mío! Que la Virgen te lleve con vida y salud y me devuelva mi hijo — contestó doña Petronila sacándose un escapulario del Carmen que llevaba puesto al cuello y colocándolo en el pecho de Manuel, a quien abrazó enternecida.

— ¡Don Sebastián, tenga usted mucha prudencia... solo... en silencio! Nadie le molestará. Ustedes no tengan cuidado por mí. A ver, un abrazo... ¡Adiós!

— Que no tardes, que no tardes... Francamente, muchas esperanzas me da tu marcha... ¿Llevas el reloj? — contestó don Sebastián despidiendo a Manuel, que salió para ir a descansar en su cuarto, pues al rayar la aurora, en las alas de sus esperanzas y con el brío de su edad, iba a emprender el mismo camino por donde días antes vio partir a su gentil Margarita.

Isidro Champí, acompañado de su fiel Martina y seguido por Zambito y Desertor, llegó también aquel día a su casa, pálido y triste.

Al verlo, sus hijos corrieron hacia él, como la bandada de perdices que distingue a su madre.

El corazón del campanero, que estaba lóbrego como el boquerón de que hablan los cuentos de brujas, recibió luz y calor al beso de sus hijos, a quienes acariciaba silencioso.

Martina penetró con paso lento en la choza; se arrodilló en el centro de la habitación levantando sus manos empalmadas al cielo.

— ¡Allpa mama! — exclamó ahogando en su pecho, con una palabra, todos los cargos que su alma herida podía abrir a la humanidad injusta representada por los notables de Kíllac, y sus ojos vertieron copiosas lágrimas.

— ¿Lloras, Martinacu? ¿Aún no cesó la lluvia en tu corazón? — preguntó Isidro fijándose en su mujer.

— ¡Ay, compañero! — repuso Martina, levantándose —; el dolor nada en el llanto como la gaviota en el remanso de las lagunas, y como aquélla, moja las plumas, pero refresca el pecho; ¡ay!, ¡ay!

Isidro parecía consolado con la presencia de sus hijos; pero al pasar revista llamándolos por sus nombres, su mente se fijó en el recuerdo de sus vaquillas, perdidas, y dijo suspirando:

— ¡La castañita! ¡La negra...!

— ¡Guay, Isidro! En la noche la tormenta, cuando relampaguea el rayo y truena en la roca, el hombre se esconde en su cabaña y salen de la guarida el puma y los zorros a robar los corderos. Para nosotros sonó la fiera tempestad —dijo Martina, sentando en la cama del poyo a su hija la sietemesina.

— Dices bien, ¿qué vamos a hacer? Los zorros de camisa blanca han robado nuestros ganados, como robaron mi libertad, como nos roban el trabajo de cada día — dijo Isidro convencido y aun entusiasmado por las palabras de su mujer, echándose en la cama junto a la chiquilla sietemesina.

— Para el puma y el zorro tenemos la trampa de la piedra amarilla; pero de éstos no hay cómo libertarse. Paciencia,

paciencia, Isidro, que la muerte es dulce para el triste —agregó Martina volviendo a tomar su actitud melancólica.

— ¡La tumba debe ser tranquila como la noche de luna en que se oye la quena del pastor! ¡Ay!, si no tuviésemos estos pollitos, qué dichosos moriríamos, ¿eh? —preguntó Isidro, señalando a los muchachos, que daban vueltas y brincos junto a Miguel el primogénito.

Martina contestó:

— Nacimos indios, esclavos del cura, esclavos del gobernador, esclavos del cacique, esclavos de todos los que agarran la vara del mandón.

Isidro Champí, acomodando un poncho doblado en cuatro bajo su cabeza, como un almohadón, repitió:

— ¡Indios, sí! ¡La muerte es nuestra dulce esperanza de libertad!

Martina se había llegado junto a su marido, y deseando apartar de él la negra pena, le preguntó pasándole la mano por entre los cabellos:

— ¿Volverás a subir a la torre?

—Tal vez —repuso el indio—, mañana volveré a tocar esas malditas campanas que, desde ahora, aborrezco.

## CAPÍTULO XXIX

**E**l primero que se lanzó en tierra, enfangándose hasta las rodillas, fue míster Smith, y gritó con toda la fuerza de sus pulmones:

— ¿Eh? Nadi se muve, ¿eh? Todos quieta, ¡no más!

Y al punto asomaron multitud de cabezas por las ventanillas del coche, que habían quedado sin un vidrio.

El choque que hizo salir de quicio el wagon ocasionó heridas felizmente leves.

— ¡El susto ha helado toda nuestra sangre! Hijita, ¿tú te has asustado mucho? — dijo don Fernando a Lucía.

— Mucho, hijo; ¡sólo Dios nos ha salvado!

— Estás muy pálida. ¿Si se habrá roto la botellita de la coca? — preguntó Marín buscando una maletita de mano.

— ¡Dios mío! — volvió a exclamar Lucía asomando la cabeza por la ventanilla del tren para ver en qué región se hallaban, sin atender a los gritos de Margarita, que levantaba a Rosalía bañada en sangre, ni a los comentarios de los demás.

— ¡Caracoles, de lo que escapamos! — dijo el militar.



— ¡Hemos vuelto a nacer! ¡Bendito sea Dios! — articuló el mercedario.

— ¡Si estos gringos brutos son capaces de llevarnos a los profundos! — dijo uno de los rocamboristas; a lo que otro agregó:

— Me lo temía desde que vi subir al reverendo. — ¡Chist...! Que hay señoras, ¿eh? —observó aquél.

— A todo esto, ¿cómo salimos?

— Pues ha salvado el elixir de coca; voy a darte un poquito, hija — dijo don Fernando buscando en su bolsillo una cuchilla con tirabuzón.

— Felizmente ha sido un descarrilamiento ya pasado el puente, que se remediará — dijo un brequero corriendo de un extremo al otro del coche con un rollo de piolas, y a quien interpelaron varias voces:

— Hombre, ¿qué hacemos?

— Na, mi patrón, no es na, que ya too ha pasao — respondió el brequero.

Mientras esto pasaba en el coche de primera, los pasajeros de segunda, que quedaron al otro extremo desenganchados con oportunidad, corrían hacia el primero, encallado, dando voces:

— ¡Paulino!

— ¡Indalecio!

— Por acá, hombre. — ¡Con siete mil diablos!

— Calma, señora pasajera; el culpa no es mí, ¿entiende? Culpa los vacas, e fácilmente se remedio — dijo el maquinista Smith, ilustrando el habla de Castilla con el modismo del hijo de la América del Norte, cuya palabra llevó la confianza a los atribulados espíritus de los pasajeros de primera.

— Míster Smith, ¿cuándo llegaremos? Casi nos despachamos — dijo don Fernando dirigiéndose al maquinista, que era su conocido.

— ¡Oh, señor Marín, mucho fatalidad el mí! Pero llegará tren a la mañana, tener paciense — repuso míster Smith dirigiendo la maniobra que había ordenado.

Y con la energía que distingue a la raza, se practicaron evoluciones de ruedas y chumaceras que, en constante trabajo de dos horas, sacaron el coche encallado, colocándolo sobre los rieles en disposición de continuar la marcha.

— Verdaderamente, hemos vuelto a nacer; ¡pobres hijas mías! — dijo Lucía limpiando con su pañuelo la sangre que brotaba de los labios de Rosalía a causa de un golpe recibido en la boca.

— ¡Oh, por Dios! ¡Calla, hija mía!... ¡Pobrecita...! — agregó don Fernando llegándose a la chiquilla con un paquetito de galletas de Arturo Field, que puso en sus manos.

— Todavía tardaremos cinco horas — dijo el capitán de artillería.

— Estas cosas sólo en el Perú pasan; en otra parte lo desuellan al gringo — observó el comerciante en cochinilla.

— No me ha vuelto aún el alma al cuerpo.

— Ni a mí, ¡Jesús! — dijeron las dos mujeres.

Y el tren seguía su marcha rápida y acompasada, como antes de sufrir la catástrofe aquella.

El silbato se dejó oír otra vez con insistencia.

— ¿Otro siniestro? — preguntaron varias personas sorprendidas.

— No, ésta es la segunda estación de la ciudad; dan la señal de llegada — aclaró el militar.

— ¡Jesús! ¡Cómo se pone el cuerpo nervioso con los sustos! — observó Lucía.

— Es que la cosa ha sido seria — contestó don Fernando.

Al poco momento los viajeros señalaban por las rotas ventanillas un punto blanco en medio de un panorama de verdor vivo y alegre.

— ¡La ciudad! — exclamaron varios.

Y el silbato volvió a gritar, como el animal aguijoneado por una arma punzante.

— ¡Qué hermosa campiña! ¡Qué linda ciudad! — dijo Lucía asomando más la cabeza a las ventanillas.

— Parece una paloma blanca reposando en su nido de sauces y moreras — agregó el señor Marín, a quien preguntó su esposa:

— Fernando, ¿es la segunda ciudad del Perú? ¿Qué tales serán sus habitantes?

— Sí, hija, la segunda; y su belleza sólo es comparable con la bondad de sus hijas; gozarás mucho durante los días que hemos de quedarnos — contestó don Fernando.

Y la campana, con su toque de esquilón, avisaba que entraba el convoy en la estación principal, donde aguardaba un gentío considerable, pues el alambre telegráfico ya había comunicado la noticia del siniestro y la curiosidad convocó centenares de personas.

Abiertos los coches, bandadas de granujas se precipitaron sobre ellos en demanda de equipajes, confundiéndose los pasajeros del tren con los del ferrocarril de sangre, que

recorriendo una línea conveniente condujo a don Fernando Marín y su familia hasta la puerta misma del Gran Hotel Imperial, donde se apearon todos.

## CAPÍTULO XXX

**E**ntraron en una sala espaciosa, cuyas paredes estaban empapeladas con un papel color sangre de toro con dorados y grandes pilastras de oro también formando esquinas; las puertas y ventanas, cubiertas con cortinajes blancos como el armiño, coronados por su sobrepuesto de brocatel grana y cenefa dorada, recogida por cordones de seda. El piso, cubierto con ricos alfombrados de Bruselas, formaba un contraste agradable con los muebles, estilo Luis XV, entapizados con borlón de seda azul opaco, multiplicados por dos enormes espejos que cubrían casi el total de la testera derecha.

— Esta es la sala de recibo; ¿agrada a la señora? — dijo monsieur Petit, inclinándose con reverencia exagerada.

— Sí, el azul es mi color favorito; yo estaré contenta acá — respondió Lucía al hotelero, que era monsieur Petit.

— ¿Ese debe ser el dormitorio? — preguntó don Fernando señalando una puerta de comunicación.

— Exactamente, mi señor; aquí hallan toda comodidad y buen servicio los pasajeros que hacen la gracia de honrar

el Hotel Imperial — contestó monsieur Petit con toda la urbanidad de un francés, recomendando su hospedaje.

— Así lo esperamos.

— Si algo necesitan, mi señor, mi señorita, ese cordón es del llamador — advirtió el hotelero, se inclinó y salió.

Margarita, que escudriñaba cuanto veía, preguntó con candorosa sencillez:

— Madrina, ¿qué habría dicho de esto Manuel?

Lucía se sonrió con la sonrisa de la madre que goza con el ardor de los sentimientos, leyendo en esa pregunta todo el poema de los recuerdos del corazón virginal, y contestó:

— Él mismo te lo dirá cuando llegue.

— ¿Aquí lo esperamos?

— Sí, pues, hija — aseguró don Fernando, tomando parte en las confidencias de la madrina y la ahijada.

Rosalía fue a abrazar las rodillas del señor Marín, diciendo:

— Dame, pues, otra galleta.

El sirviente apareció en la puerta, conduciendo al carretero con los equipajes...

Ocho días fueron suficientes para que los viajeros conocieran la gran ciudad, observándolo todo, escudriñando sus tendencias y costumbres, con la prolijidad propia del que viaja con aquellos conocimientos rudimentarios, pero

de propia convicción, que van a explayarse ante el libro abierto de la instrucción, adquirida en la escuela práctica del gran mundo.

Calles anchas y rectas mal empedradas; templos de construcción morisca y variada, de asfaltos y traquitas enfriadas o petrificadas por el transcurso de los años; mujeres bellas como una leyenda de oro; campesinas robustas con todo el candor de su alma pintado en el semblante; casas de judíos con anuncios de compra y venta; teatros en camino de su ensanche civilizador; todo vieron y juzgaron. Nada escapó a la microscópica observación de Lucía, ilustrada a cada paso por la autorizada palabra de don Fernando, a quien ésta dijo:

— Te declaro, Fernando mío, que ésta sería mansión celestial sin los inconvenientes morales que he notado con mi simple experiencia.

— Lo sé, hijita; de antemano lo sabía, el inconveniente que presenta en el espíritu, para quedarse en cualquier parte, la ansiedad de llegar a Lima, a ese foco de luz que cautiva a todas las mariposas del Perú; verdad que es invencible.

— Me gusta tu lógica, Fernando, pero no has dado en la clave — repuso Lucía riendo y dándole una palmada en el hombro.

— ¿No?... Pues dime en tal caso, ¿qué es lo que más ha cautivado tu atención?

— A mí dos cosas me han llamado la atención — repuso Lucía con llaneza, llevándose el pañuelo para enjugar sus labios ligeramente humedecidos por su risa.

— ¡Ah...! ¡Ya las sé... Picarona! — contestó don Fernando, devolviendo la palmadita de afecto.

— ¿Di, cuáles?... Y cuenta que... no adivinas.

— Será la cantidad de frailes de todos colores que transitan por las calles. — Pues te fuiste a Roma, hijo.

— ¿Y qué?...

Lucía se puso grave, reconcentró su espíritu como evocando algo lejano, lanzó un suspiro del fondo de su corazón, y dijo:

— ¡Lo que más ha llamado mi atención es el número sorprendente de huérfanos en la casa de expósitos! ¡Ah! ¡Fernando mío! Yo sé que la mujer del pueblo no arroja así a los pedazos de sus entrañas... sé que no tiene necesidad de arrojarlos, porque esos miramientos sociales que ponen la careta de la virtud fingida, nada, nada de familiar tienen entre la madre del pueblo y el hijo nacido del acaso... o del crimen. ¡Fernando, perdone Dios mi mal pensamiento; pero esta idea ha sugerido en mí tristes, tristísimos pensamientos, recordando, sin quererlo yo, el secreto de Marcela...!

Don Fernando escuchaba sorprendido aquel razonamiento de moral filosófica. Estaba abismado por la



lucidez de un alma grande, cuya superioridad acaso ignoraba hasta aquel momento; reinó el silencio junto a los esposos, hasta que él suspiró con igual pena que Lucía, diciendo:

— ¡También la miseria abre a veces los buzones de las casas de expósitos! — se acercó a su esposa y besó la frente de la que pronto iba a ser madre de su primogénito.

## CAPÍTULO XXXI

**M**anuel hizo un viaje de todo punto feliz. Parecía que los dioses alados del Amor y el Himeneo hubiesen soplado su aliento de ámbar sobre los nevados y los pajonales que recorrió en el ferrocarril, ignorando los peligros en que días antes se encontró la familia Marín y con ella su Margarita, ese poema de ternura entonado para él con las notas arrancadas a las fibras más delicadas de su corazón, como el arpa eólica pulsada por los ángeles de la Felicidad al batir sus vaporosas alas en la inmensa llanura.

También él distinguió la deseada ciudad de los valles andinos, para él entonces la sultana del mundo, porque hospedaba a la reina de su corazón. Llegó; fue a tomar alojamiento en el Casino Rosado, aligeró sus afeites indispensables, cambió de ropa, y se lanzó a la calle en dirección al Imperial, diciéndose:

— ¡Dios mío, gracias! ¡Voy a verla! ¡Es tan cierto que a los veinte años la sangre quema y la tardanza exaspera! Yo no puedo retardar ni un día más la realidad de mi ventura...

pero... hablaré en seguida a don Fernando... Esta exigida prudencia que refrena los ímpetus del alma. Ya los celos me han picado con su aguijón envenenado en los días de su ausencia... ¡Oh! ¿Cómo no pensar que la hermosura peruana de Margarita, la belleza de su alma virgen de las frases del mundo, no la rodee de adoradores, que aturdiendo sus oídos manchen el corazón de la mujer que yo amo?...

Manuel caminaba como un ebrio, sin fijarse en nada de las calles que transitaba por primera vez, obedeciendo maquinalmente a la dirección que le dio el portero del Casino.

— Los celos son ruines y son nobles a la vez — tornó a decirse —; en el fondo del amor supremo y satisfecho duermen enroscados como una víbora; en la superficie de un amor vulgar se arrastran y muerden con su veneno. ¡Que no despierten mis celos! ¡No, no! ¡Yo amo mucho a Margarita...!

Los pasos de Manuel resonaron en el patio del Hotel Imperial, y aquel sonido hizo estremecer el alma de Margarita.

¿Por qué razón la mujer que ama conoce no sólo el sonido de los pasos de su amante, sino que siente el perfume de su aliento a la distancia y el eco de su voz vibra sonoro entre multitud de otras voces?

¡Misterios de esa corriente magnética que une las almas sacudiendo el organismo!

El portón de vidrios giró sobre sus bisagras; el viento agitó ligeramente los finos cortinajes, y Manuel apareció en la sala azul, con el porte más distinguido y simpático.

— ¡Sí, era él! — se dijo Margarita, que estaba parada junto a una mesa con tablero de mármol, sobre la que se alzaba un enorme jarrón de porcelana de la China lleno de juncos y jazmines que perfumaban la atmósfera.

— ¡Señora! ¡Señor! — dijo Manuel alargando la mano a quienes se dirigía.

— ¡Don Manuel! — respondieron casi a una voz los esposos Marín, estrechándole la mano a su vez.

— ¡Margarita mía...

— Manuel, ¿has llegado?...

Los dos jóvenes iban a abrazarse, y un algo los detuvo. Sin embargo, sus pupilas tradujeron el abrazo de dos almas que sueñan en confundirse para siempre.

— Siéntese, pues, y... ¿cómo quedan los de Kíllac? — preguntó Marín. — Bien, señor.

— ¿Se arregló el asunto de su padre? ¿Salió Isidro, el pobre campanero?

— Don Sebastián ha salido libre sin muchos trabajos; sólo para Isidro necesité de otras diligencias por haber mediado auto de prisión, embargo y qué sé yo; así es que

vengo con el corazón feliz después de dejar cumplido su encargo, don Fernando — contestó Manuel.

— ¡Hombre!, es usted un cumplido caballero. No pude mandarle la carta para Guzmán por no haber encontrado ni un correo en las postas del tránsito. Y la autoridad política sigue...

— Mal, muy mal, don Fernando. Los primeros días, como cedacito nuevo. Después sé que para la libertad de Estéfano, de Escobedo y de Verdejo ha recibido unas vaquillas.

— Está visto, amigo, no hay remedio — dijo don Fernando levantándose.

— ¿Y qué le pareció mi perspicacia respecto al viaje fingido de Estéfano? — reguntó Lucía a Manuel.

— ¡Ah! ¡Señora! Ustedes nos ganarán siempre la partida en tratándose de malicia y conocimiento de las gentes. Para mí se ha hecho insoportable el tal sujeto — repuso Manuel.

— Esos tinterillos, con ilustración a medias y aspiración no definida, son la verdadera plaga de aquellos pobres pueblos — dijo don Fernando.

— Son... Pilatos, como los bautizó la señora — agregó sonriendo Manuel.

— ¡Jesús!, es el primer día que me río desde el susto — observó Lucía, mirando a Margarita, que también se sonreía.

— ¿Usted no sabe los percances que pasamos en el tren? — preguntó don Fernando a Manuel.

— No, señor; ¿qué hubo?

— Pues hemos salvado en un hilo de morir triturados.

— ¿Cómo? — preguntó Manuel estremeciéndose y mirando a Margarita.

— Se descarriló el tren. ¿No le han dicho nada en el camino?

— Sí, ahora que recuerdo, algo oí a dos pasajeros que conversaban, pero creí que se referían a época muy anterior.

— Jesús, qué escenas! — interrumpió Lucía.

— Rosalía salió herida — dijo Margarita.

— ¿Y ustedes?

— No hubo más, felizmente, y todo pasó. No hablemos de esto, porque se le sublevaran los nervios a Lucía — opinó don Fernando.

— No es para menos, señor Marín.

— ¿Y qué dice usted que exigió el juez para la libertad de Isidro? — preguntó don Fernando.

— Para sobreeser la causa, se necesita que usted presente un escrito manifestando que el asalto de su casa fue un error de concepto, persiguiendo a unos asaltadores que se creían refugiados, y que ha sido una poblada y demás. Yo volveré inmediatamente para arreglar todo, asegurar la tranquilidad de don Sebastián y mi viaje definitivo a Lima —instruyó Manuel.

— Pues voy a redactar el recurso claro y terminante, amigo mío. Yo no regreso a Kíllac y deseo asegurar al pobre del indio inocente, que algún día podría ser molestado con este pretexto. ¿Cree usted que se acabe todo con mi recurso? — dijo el señor Marín.

— Sí, don Fernando, aunque sin él la acción sería del ministerio Fiscal, y... llamémosle cero.

— Así es que usted ha libertado a Isidro Champí, ¡oh! Y, ¿quién libertará a toda su desheredada raza?

— ¡Esta pregunta habría que hacerla a todos los hombres del Perú, querido amigo...!

— ¿De modo que usted regresa a Kíllac? — preguntó Lucía.

— Sí, señora.

— ¿Y no seguimos a Lima? — dijo a su vez Margarita, estrujando un jazmín que había arrancado del ramo.

— Sí, Margarita, yo voy y vuelvo; los viajes son muy sencillos para un hombre — repuso Manuel.

— ¿Y doña Petronila, cómo está? — preguntó Lucía.

— ¡Considere usted, señora, cómo habrá quedado con mi ausencia la pobre...!

— Bien, pues, mañana sale correo; luego estará listo el recurso que he de dirigirle a Guzmán para que llegue antes que usted; ahora tengo que hacer unas diligencias en la calle, y usted dispensará — dijo don Fernando poniéndose de pie.

— Perfectamente, señor Marín; me parece abreviar el tiempo mandando el pliego al señor Guzmán; pero... tengo también otro asunto muy importante de que hablar a usted. ¿Cuándo podrá atenderme? — preguntó Manuel, visiblemente emocionado, alzando su sombrero.

— Esta noche, amigo, de ocho para adelante estoy a su disposición.

— Véngase a tomar el chocolate con nosotros — invitó Lucía.

— Gracias, señora, no faltaré — contestó el joven despidiéndose cortésmente, y tras él se cerró el portón de vidrios que le separaba de la soberana de su existencia.

Una vez en la calle púsose a recorrer la ciudad, y al pasar por una joyería, vio una preciosa cruz de ágata, delicadamente engastada en oro y puesta en su caja de terciopelo morado.

— ¡Qué bonita prenda! ¡Cómo luciría en el pecho de Margarita! — pensó Manuel; y se detuvo a examinarla. — ¡Pues la compro! — resolvió entrando a la joyería, trató y pagó con tres gruesos billetes del Banco de Arequipa, y guardando la cajita en el bolsillo siguió su camino, absorbido por pensamientos que revoloteaban en su mente, ora como lucientes aristas, ora como golondrinas que pasan rozando las veredas con sus negras alas.



## CAPÍTULO XXXII

**L**a luna, en sus primeras horas de menguante, suspendida en un cielo sin nubes, derramaba su plateada luz, que si no da calor ni hiera la pupila como los rayos solares, empapa la Naturaleza de una melancolía dulce y serena, y brinda atmósfera tibia y olorosa en esas noches de diciembre, creadas para los coloquios del amor.

Manuel consultaba con frecuencia su reloj de oro, inquieto y pensativo.

Los punteros marcaban la hora, y tomando su sombrero salió con paso acelerado.

La sala azul del Imperial, profundamente iluminada por elegantes arañas de cristal, tenía las mamparas de la puerta abiertas de par en par.

Margarita, recostada en uno de los asientos inmediatos a la mesa y las flores, jugaba con la orla de un pañuelo blanco, con el pensamiento transportado al cielo de sus ilusiones, y el silencio más imponente reinaba en su rededor.

Cuando asomó Manuel a la puerta, ella cambió de posición con ligereza, y su primera mirada se dirigió a la alcoba, donde sin duda estaba Lucía.

— ¡Margarita, alma de mi alma! Yo vengo, yo he venido por ti — dijo Manuel tomando la mano de la niña y sentándose a su lado.

— ¿De veras? Pero tú te vuelves — replicó ella sin apartar su mano, que oprimía suavemente la de Manuel.

— ¡No dudes ni un punto, querida Margarita; voy a pedirte por mi esposa a don Fernando...!

— ¿Y sabrá mi madrina? — interrumpió la muchacha.

— A los dos; tú... vas a ser mía — dijo el joven clavando su mirada en los ojos de Margarita a la vez que llevaba la mano de ésta a sus labios.

— ¿Y si no quieren ellos? — observó con inocencia Margarita bajando su mirada ruborosa.

— ¿Pero tú me quieres?... ¡Margarita!... ¿Tú me quieres?... ¡Respóndeme, por Dios! — insistió Manuel dominado por la ansiedad de los ojos: su mirada lo devoraba todo.

— Sí — dijo con tímido acento la hija de Marcela, y Manuel, en el vértigo de la dicha, acercó sus labios a los labios de su amada y recibió su aliento, y bebió la purísima gota del rocío de las almas en el cáliz de la ventura para quedar más sediento que antes.

Margarita dijo conmovida:

— ¡Manuel...!

Por la mente de Manuel cruzó un recuerdo con oportunidad novelesca, llevó la mano al bolsillo, sacó la cajita de terciopelo, la abrió, y presentándole la joya, dijo:

— ¡Margarita, por ésta, te juro que mi primer beso de amor no ha de mancharte...! ¡Guárdala, querida mía; el ágata tiene la virtud de fortificar el corazón...!

Margarita tomó casi maquinalmente la cruz, cerró la caja y la guardó en su seno con la ligereza del hurto, pues crujieron las mamparas de la alcoba y salieron Lucía y don Fernando.

Manuel apenas podía moderar sus impresiones.

Su semblante tenía el tinte de las flores del granado, y un ligero temblor agitó su organismo. Si hubiésemos podido tomarle la mano, la habríamos encontrado humedecida por un sudor frío; penetrando en su pensamiento, habríamos visto cien ideas agolpadas como abejas, disputándose la primacía para brotar moduladas por la palabra.

Margarita, como aturdida por todo lo nuevo que pasaba en su corazón, mal podía disimular su estado.

— Algo grave pasa a usted, Manuel — dijo don Fernando fijándose en el joven.

— Señor Marín — repuso él con voz temblorosa y frase entrecortada.— ¡Es... lo más grave que espero... en mi vida...!

Amo a Margarita y he venido... a pedirle su mano... con... un plazo de... tres años.

— Manuel, tendría yo sumo placer, pero don Sebastián...

— Señor, ya sé su argumento, y es necesario que comience por destruirlo. Yo no soy hijo de don Sebastián Pancorbo. Una desgracia, el abuso de un hombre sobre la debilidad de mi madre, me dio el ser. Estoy ligado a don Sebastián por la gratitud, porque al casarse con mi madre estando yo en su seno, le dio a ella el honor y a mí... me prestó su apellido.

— ¡Bendito seas! — dijo Margarita elevando las manos al cielo sin poder conservar su silencio.

— ¡Hija mía! — articuló Lucía.

— La hidalguía de usted nos obliga a usar del derecho que legó Marcela, antes de su muerte, en el secreto que confió a Lucía — respondió don Fernando con gravedad.

— Me place, don Fernando; el hijo no es responsable en estos casos, y debemos culpar a las leyes de los hombres, y en ningún caso a Dios.

— Así es.

Manuel, bajando algo la voz y aún la mirada avergonzada, dijo:

— Don Fernando, mi padre fue el obispo don Pedro Miranda y Claro, antiguo cura de Kíllac.

Don Fernando y Lucía palidieron como sacudidos por una sola corriente eléctrica; la sorpresa anudó la palabra en la garganta de ambos, y reinó un silencio absoluto por algunos momentos, silencio que rompió Lucía exclamando:

— ¡Dios mío...! — y las coyunturas de sus manos entrelazadas crujieron bajo la forma con que la emoción las unió.

Por la mente de don Fernando pasó como una ráfaga el nombre y la vida del cura Pascual, y se dijo:

— ¿La culpa del padre tronchará la dicha de dos ángeles de bondad? — y como dudando aún de lo que había oído, preguntó de nuevo— ¿Quién ha dicho usted?

Manuel se apresuró a decir, menos turbado ya:

— El obispo Claro, señor.

Don Fernando, acercándose al joven y estrechándole contra su pecho, agregó:

— Usted lo ha dicho, don Manuel; ¡no culpemos a Dios, culpemos a las leyes inhumanas de los hombres que quitan el padre al hijo, el nido al ave, el tallo a la flor...!

— ¡Manuel! ¡Margarita...! ¡Aves sin nido...! — interrumpió Lucía, pálida como la flor del almendro, sin poderse contener, y gruesas gotas de lágrimas resbalaron por sus mejillas.

Manuel no alcanzaba a explicarse aquel cuadro donde Margarita, muda, temblaba como la azucena juguete del vendaval.

La palabra de don Fernando debía finalizar aquella situación de agonía, pero su voz viril, siempre firme y franca, estaba temblorosa como la de un niño. El sudor invadía su frente noble y levantada, y sacudía la cabeza en ademán ya de duda, ya de asombro.

Por fin, señalando a Margarita con la acción, como recomendándola a los cuidados de su esposa, y dirigiéndose a Manuel, continuó:

— ¡Hay cosas que anonadan en la vida...! ¡Valor, joven...! ¡Infortunado joven...! Marcela, en los bordes del sepulcro, confió a Lucía el secreto del nacimiento de Margarita, quien no es la hija del indio Juan Yupanqui, sino... del obispo Claro.

— ¡Mi hermana!

— ¡Mi hermano!

Dijeron a una voz Manuel y Margarita, cayendo ésta en los brazos de su madrina, cuyos sollozos acompañaban el dolor de aquellas tiernas aves sin nido.

# PÁSSAROS SEM NINHO

<b>Pássaros sem ninho</b> .....	<b>3</b>
Prefácio .....	5
<b>Primeira parte</b> .....	<b>9</b>
Capítulo I .....	11
Capítulo II .....	14
Capítulo III .....	21
Capítulo IV .....	24
Capítulo V .....	27
Capítulo VI .....	35
Capítulo VII .....	40
Capítulo VIII .....	44
Capítulo IX .....	52
Capítulo X .....	58
Capítulo XI .....	64
Capítulo XII .....	66
Capítulo XIII .....	70
Capítulo XIV .....	77
Capítulo XV .....	88
Capítulo XVI .....	95
Capítulo XVII .....	99
Capítulo XVIII .....	103
Capítulo XIX .....	107
Capítulo XX .....	113
Capítulo XXI .....	119
Capítulo XXII .....	125
Capítulo XXIII .....	133
Capítulo XXIV .....	141
Capítulo XXV .....	148
Capítulo XXVI .....	152

<b>Segunda parte</b> .....		<b>155</b>
Capítulo I .....	157	
Capítulo II .....	163	
Capítulo III .....	169	
Capítulo IV .....	175	
Capítulo V .....	181	
Capítulo VI .....	191	
Capítulo VII .....	194	
Capítulo VIII .....	200	
Capítulo IX .....	209	
Capítulo X .....	214	
Capítulo XI .....	218	
Capítulo XII .....	224	
Capítulo XIII .....	229	
Capítulo XIV .....	234	
Capítulo XV .....	240	
Capítulo XVI .....	247	
Capítulo XVII .....		256
Capítulo XVIII .....		261
Capítulo XIX .....		268
Capítulo XX .....		272
Capítulo XXI .....		281
Capítulo XXII .....		286
Capítulo XXIII .....		292
Capítulo XXIV .....		304
Capítulo XXV .....		308
Capítulo XXVI .....		314
Capítulo XXVII .....		319
Capítulo XXVIII .....		325
Capítulo XXIX .....		334
Capítulo XXX .....		339
Capítulo XXXI .....		344
Capítulo XXXII .....		351



<b>Aves sin nido</b> .....	<b>361</b>
Proemio .....	363
<b>Primera parte</b> .....	<b>367</b>
Capítulo I .....	369
Capítulo II .....	372
Capítulo III .....	379
Capítulo IV .....	382
Capítulo V .....	385
Capítulo VI .....	393
Capítulo VII .....	398
Capítulo VIII .....	402
Capítulo IX .....	409
Capítulo X .....	415
Capítulo XI .....	421
Capítulo XII .....	423
Capítulo XIII .....	427
Capítulo XIV .....	434
Capítulo XV .....	444
Capítulo XVI .....	451
Capítulo XVII .....	455
Capítulo XVIII .....	459
Capítulo XIX .....	463
Capítulo XX .....	469
Capítulo XXI .....	475
Capítulo XXII .....	481
Capítulo XXIII .....	489
Capítulo XXIV .....	498
Capítulo XXV .....	505
Capítulo XXVI .....	509

<b>Segunda parte</b> .....	<b>511</b>
Capítulo I .....	513
Capítulo II .....	519
Capítulo III .....	525
Capítulo IV .....	531
Capítulo V .....	537
Capítulo VI .....	547
Capítulo VII .....	550
Capítulo VIII .....	556
Capítulo IX .....	565
Capítulo X .....	570
Capítulo XI .....	574
Capítulo XII .....	579
Capítulo XIII .....	584
Capítulo XIV .....	589
Capítulo XV .....	594
Capítulo XVI .....	601
Capítulo XVII .....	610
Capítulo XVIII .....	615
Capítulo XIX .....	622
Capítulo XX .....	626
Capítulo XXI .....	635
Capítulo XXII .....	640
Capítulo XXIII .....	646
Capítulo XXIV .....	657
Capítulo XXV .....	661
Capítulo XXVI .....	667
Capítulo XXVII .....	672
Capítulo XXVIII .....	678
Capítulo XXIX .....	686
Capítulo XXX .....	691
Capítulo XXXI .....	696
Capítulo XXXII .....	703
Literatura Livre .....	713
Ficha técnica .....	720
Instituto Mojo .....	723

# LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dermistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da Europa oriental, do Oriente Médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas malas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seus filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.

Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!

— •

# literatura livre

## **obras** [works]

*O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);  
Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;  
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern  
Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk); Os miseráveis  
(Albukhalâ); Sra. Fragrância Primavera (Mrs. Spring Fragrance);  
Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas  
fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti  
Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart  
of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South  
African Folk-Lore Tales).*

## **tradutores**

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,  
Lica Hashimoto, Luis S. Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,  
Ricardo Giassetti, Safa Jubran.



**produtor executivo**

[executive producer]

Ricardo Giassetti

**editores**

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

**revisores**

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

**diretora de arte**

[art director]

Larissa Meneghini

**ilustrações**

[illustrations]

André Ducci

**editoração digital**

[digital art]

Fernando Ribeiro

# FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração regional no

Estado de São Paulo

[regional administration of São Paulo state]

**presidente do conselho regional**

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

**diretor do departamento regional**

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

**superintendentes**

[assistant directors]

**técnico-social**

[social technician]

**JOEL NAIMAYER PADULA**

**comunicação social**

[social communication]

**IVAN GIANNINI**

**gerentes**

[departments]

**sesc digital**

**GILBERTO PASCHOAL**

**assessoria de relações internacionais**

[international affairs]

**AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA**

**ação cultural**

[cultural action]

**ROSANA PAULO DA CUNHA**



**INSTITUTO MOJO  
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

**presidente**

[president]

Ricardo Giassetti

**diretores**

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,  
Renato Roschel, Tatiana Bornato

# INSTITUTO MOJO

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso o esforço de reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre com versões bilíngues.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

---

**M444** Matto de Turner, Clorinda (1853 -1909)

Pássaros sem ninho / Clorinda Matto de Turner. Tradução de Nina Rizzi. – São Paulo: SESC, Instituto Mojo, 2019. (Coleção Literatura Livre).

E-Book: PDF, ePUB, MOBI; 726 p.

Disponível em:

<https://mojo.org.br>

<https://literaturalivre.secsp.org.br>

*Título Original: Aves sin nido (1889) Edição bilingue Português / Espanhol-Quechua.*

**ISBN 978-65-990752-4-7**

1. Literatura Latino-americana. 2. Literatura Peruana. 3. Romance.  
3. Identidade Cultural. I. Título. II. Série. III. Rizzi, Nina, Tradutora.  
III. SESC – Serviço Social do Comércio. IV. Instituto Mojo de  
Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre.

**CDU 821.13.2(85)**

**CDD 860**

---

**Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154**

A fonte original desta obra foi fornecida pela Biblioteca Virtual Universal:

<https://www.biblioteca.org.ar>

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>